



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ANTÔNIO FERREIRA FÉLIX

**A EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO: LIÇÕES DA
LUTA DE CLASSES E DO INTERNACIONALISMO**

FORTALEZA

2019

ANTÔNIO FERREIRA FÉLIX

A EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO: LIÇÕES DA
LUTA DE CLASSES E DO INTERNACIONALISMO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito final para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Josefa Jackline Rabelo.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F36e Félix, Antonio Ferreira.
A educação no horizonte da transição ao socialismo: lições da luta de classes e do internacionalismo /
Antonio Ferreira Félix. – 2019.
208 f.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo..
1. Homem. 2. Natureza. 3. Trabalho. 4. Revolução. 5. Socialismo. I. Título.

CDD 370

ANTÔNIO FERREIRA FÉLIX

A EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO: LIÇÕES DA
LUTA DE CLASSES E DO INTERNACIONALISMO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito final para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Educação.
Orientadora: Prof.^a Dra. Josefa Jackline Rabelo.

Aprovada em: 30/07/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Josefa Jackline Rabelo (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Maria das Dores Mendes Segundo
(UECE-UFC)

Prof.^a Dra. Maurilene do Carmo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof.^a Dra. Betânia Moreira Moraes
(UECE-UVA)

Aos meus pais, João Sebastião e Rita F. Félix.

“[...] este comunismo não nasce do florescimento das forças produtivas, mas de seu naufrágio. Não é nada mais do que a igualdade na miséria, próximo do retorno a barbárie. É preciso toda a energia revolucionária dos bolcheviques para entrever, atrás das chamas cruéis da enorme fornalha, como dissera Trotsky aos jovens comunistas, a luta do Homem para se tornar senhor de sua própria vida” (PIERRE BROUÉ, 2007).

“A Revolução, antes de tudo, conquistará para cada indivíduo, em duras lutas, o direito à poesia, e não somente ao pão” (TROTSKY, 2007).

RESUMO

Dos seres que se desenvolveram no Planeta Terra, o homem, por se distanciar, e não se separar da natureza, localiza-se na esfera do ser social. Dotado de consciência e vontade, pode ser considerado o único que, por um conjunto de fatores objetivos e subjetivos suscitados pelo progresso histórico de manutenção da vida pelo trabalho, junto com a sua interação com a natureza, submete esta à técnica para melhor atender às suas necessidades, atenuando os seus esforços, podendo alcançar um domínio bem próximo ao absoluto na produção dos elementos que garantem a sua existência. A vida, por sua vez, segue igual a natureza, em permanente processo de transformação. O mundo humano se comporta como a natureza ao atuar com o seu corpo social, uma vez que não se separa de sua composição orgânica natural. Com a natureza em movimento, e o ser humano em permanente mobilidade pelas exigências da vida em uma sociabilidade dividida em classes antagônicas, privilegiados e deserdados, destacaremos a função da educação, a partir da qual os deseducados podem e devem, em determinadas circunstâncias, educar os educados. Em nosso objeto, discorreremos sobre a evolução da vida, passando pelos modos de produção antiga, escravista, feudal e capitalista, além da transição ao socialismo via Revolução de Outubro, que ocorreu na União Soviética em 1917. Nosso intento é destacar a importância da educação como instrumento auxiliar da classe operária na luta pela superação da exploração do capital e a sua jornada de transição ao socialismo. Destacamos em nossa pesquisa, com base em estudos da primeira ciência, a História da Humanidade, que a educação se impõe como necessária à condição humana e, sobretudo, como elemento primordial ao se incorporar às forças produtivas nas revoluções, essencialmente na superação do capitalismo em uma jornada de transição ao socialismo, permeada de embates entre as classes antagônicas. Trata-se de uma educação violenta e interessada aos poucos pela sua ligação com a classe que produz a riqueza, podendo se converter em uma educação humana, desinteressada, a serviço do desenvolvimento, da igualdade e da formação da personalidade humana, livre da sombria ambição por riquezas individuais. Para tanto, valemo-nos de uma pesquisa teórico-bibliográfica ancorada no materialismo histórico dialético da escola de Marx e Engels, tão bem interpretada por Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo. Destacam-se as seguintes obras: Marx e Engels em *O Capital* (2013), *A Ideologia Alemã* (2007), *Manifesto Comunista* (2005); Aníbal Ponce em *Educação e Luta de Classes* (2007); Trotsky, nas seguintes obras: *História da Revolução Russa* (Tomo I e II, 2007); *A Teoria da Revolução Permanente* (2011), *O Programa de Transição para Revolução Socialista* (2008), *Questões do modo de vida. A moral deles e a nossa* (2009);

Pierre Broué em *História da Internacional Comunista* (Tomo I e II). Destacamos a luta de classes, as Internacionais, a crise de direção do proletariado mundial, a revolução permanente, a transição ao socialismo e a função da educação inserida em um programa de transição para superação do capitalismo, demonstrando as revoluções como instrumento de transformação e construção do novo.

Palavras-chave: Homem. Natureza. Trabalho. Educação. Revolução. Socialismo.

ABSTRACT

Of the beings that developed on the face of planet earth, man to some extent, by distancing himself and not separating himself from nature, is located in the sphere of social being. Endowed with conscience and will can be considered the only one that by a set of objective and subjective factors aroused by the historical progress of life maintenance through work, interaction between man and nature, submits this technique to better meet their needs and mitigate their efforts. achieve a domain very close to the absolute in the production of the elements that guarantee their existence. Life, in turn, goes on like nature in a permanent process of transformation. The human world behaves like nature by acting with its social body at a time when it does not separate from its natural organic composition. With nature in motion and the human being in permanent mobility for the demands of life in a sociability divided into antagonistic, privileged and disinherited classes, we will highlight the role of education, where the uneducated can and should in certain circumstances educate the educated. In our object, we discuss the evolution of life, passing through the old, slave, feudal and capitalist modes of production and the transition to socialism via the October Revolution that took place in the Soviet Union in 1917. Our intention is to highlight the importance of education as auxiliary instrument of the working class in the struggle to overcome the exploitation of capital and its journey of transition to socialism. We emphasize based on studies of the first science, the History of humanity, in our research that education imposes itself as necessary the human condition, and, above all as a primordial element in incorporating the productive forces in revolutions and essentially in overcoming capitalism in a journey of transition to socialism when, through the clashes of the antagonistic classes, a violent education gradually interested in its connection with the wealth-producing class can become a disinterested human education in the service of development, equality and formation. human personality free from the dark ambition for individual riches. To this end, we draw on a theoretical-bibliographical research anchored in the dialectical historical materialism of the Marx and Engels school so well interpreted by Lenin, Trotsky and Rosa Luxemburg of the following works: Marx and Engels in the Capital (2013); The German Ideology (2007); Communist Manifesto (2005); Aníbal Ponce in Education and Class Fight (2007); Trotsky in the following works: History of the Russian Revolution (Tome I and II, 2007); The Theory of Permanent Revolution (2011); The Transition Program for Socialist Revolution (2008); Way of life issues. Their morals and ours (2009); Pierre Broué in History of the Communist International (Tome I and II). We highlight the class struggle, the

International, the leadership crisis of the world proletariat, the permanent revolution, the transition to socialism and the role of education inserted in a transition program to overcome capitalism, demonstrating revolutions as an instrument of transformation and construction. of the new.

Keywords: Man. Nature. Work. Education. Revolution. Socialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SOBRE NOSSA TEMÁTICA —LIÇÕES DA HISTÓRIA PARA SE PENSAR A EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO.....	18
3 A CLASSE OPERÁRIA E O INTERNACIONALISMO.....	36
3.1 O movimento da natureza e da humanidade no curso da vida: quando os deseducados educam os educados.....	57
3.2 Os embates entre as classes educadas e as deseducadas pela direção do destino da humanidade	102
4 A CRISE DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES E A NECESSIDADE DA UNIDADE DOS DESEDUCADOS (CAMPONESES E OPERÁRIOS DAS CIDADES).....	114
4.1 O curso da vida moldando as massas.....	124
5 A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO: AS JORNADAS QUE EDUCAM.....	132
5.1 Educação e a conduta das massas na revolução.....	142
5.2 A Insurreição toma seu lugar na História.....	171
5.3 Os limites do economicismo e da democracia burguesa: lições aprendidas na história da luta de classes.....	178
5.4 Revolução, educação e a transição ao socialismo: os testemunhos da História.....	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
REFERÊNCIAS.....	209

1 INTRODUÇÃO

[...] aprofundam-se os mecanismos exploratórios do trabalho, através, por exemplo, do desemprego crônico-estrutural e do agravamento das condições trabalhistas em geral; aplica-se o princípio da produção destrutiva levado ao limite; e se dilatam os espaços da especulação privada, entregando-se abertamente ao mercado, o conjunto das atividades sociais. Por outro lado, reedita-se, do histórico repertório de lugares comuns que servem à manipulação da consciência do trabalhador, a retórica que mais eficazmente poderá mascarar a barbárie crescente [...](SUSANA JIMENEZ).

Antes, dizer do nosso tema e do interesse por ele, que são duas coisas em unidade, o autor que nos norteia é um velho revolucionário ucraniano nascido em 1879 e assassinado, a mando de Stalin, aos sessenta anos de idade, em 1940, no México. Seu nome é Leon Trotsky, marxista e bolchevique, organizador do Exército Vermelho, comandante das tropas vitoriosas da Guerra Civil após a Revolução Russa de 1917, contra os ataques da burguesia russa e mundial. Desceremos os *degraus* de nossa história para procurar entender como chegamos ao tema *A educação no horizonte da transição ao socialismo: lições da luta de classes e do internacionalismo*.

No curso da história humana já existiram cinco Estados e, abraçados a eles, regimes sociais correspondentes: Estado Teocrático, servindo a casta dos faraós, os quais invocavam o direito divino ao poder; Estado Escravista, a serviço do senhor de escravos; Estado Feudal, a serviço dos senhores feudais; o Estado Burguês, guardião da desigualdade e da democracia burguesa, vigente na contemporaneidade; e o Estado operário, transitório, guardião da igualdade social e da democracia operária, que não chegou a se desenvolver, portanto, não pôde cumprir a sua tarefa histórica. Contudo, como nos ensina Trotsky, engana-se quem pensa que o aborto não pode ensinar nada sobre o nascimento da vida. Assim como o Estado operário, com sua morte prematura, pode nos revelar por quais caprichos da história ele não pôde *levar a cabo* a tarefa para a qual foi concebido.

Trotsky costumava lembrar que o pensamento brota dos desejos, assim como a ação brota das necessidades, embora compreendamos que o desejo revele as pretensões dos indivíduos. Ao fim e ao cabo esses só poderão ser julgados pelas suas ações. Portanto, o seu modo de vida, as suas condições materiais, vão ser o guia de suas existências.

A canção belíssima — “Disparada”, escrita por Geraldo Vandré e Théo Barros, e imortalizada na voz de Jair Rodrigues, vencedora do Festival de Música Popular Brasileira em 1966, ano em que nascemos, ajudar-nos-á a descer os degraus da história para revermos o passado e compreendermos onde chegamos. “[...] Mas o mundo foi rodando nas patas do meu

cavalo. E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando. As visões se clareando até que um dia acordei [...]”.

Com um pouco mais de meio século de existência, dos quais quase a metade exercendo atividades econômicas como a caça, a pesca, a agricultura e a coleta, nos era imposta a figura do dono das terras, pois, ou pedimos ao dono para usar ou fazíamos por nossa conta e risco. Quando essas atividades foram escasseando, exercemos outras, tais como: operário, marceneiro, carpinteiro, padeiro e operário na indústria de alimentos. Em todas, também havia a figura do patrão e a forma de pagamento, o salário mínimo. Mesmo com as dificuldades na luta pela sobrevivência, nunca deixamos de estudar.

Essa exploração, por toda a diversidade de lugares por onde colocávamos os pés, sempre nos incomodou o que nos aproximou da política, primeiro junto à direita, no início dos anos 1990, em seguida, ao ingressar a universidade, momento em que tivemos acesso à literatura marxista e ao movimento estudantil no final dos anos 1990. Tais experiências nos fizeram abandonar a direita, no início dos anos 2000. Assim como um vaqueiro se veste com o seu gibão de couro para se proteger dos perigos da lida com o gado, nós também nos vestimos com a couraça do marxismo. Nossa procura não é só por entender, mas, ajudar na construção de uma sociabilidade melhor e superior à que temos. Tal movimento nos impeliu na medida em que não aceitávamos o que estava posto, em busca de entender o que existia com o intuito de dizermos sobre ele e buscarmos caminhos para fazer algo novo. Tudo isso nos conduziu não só ao entendimento da realidade, mas, ao mesmo tempo, a uma exigência de prepará-la.

Vivemos sob o capitalismo com todas as suas mazelas, classes sociais, propriedade privada dos meios de produção, divisão do trabalho, apropriação do lucro, acumulação individual das riquezas e suas consequências: exploração, opressão, miséria, violência e brutalidade, a barbárie sufocando o que há de humano. Ao tempo promessas de paraísos para aqueles que, pelo esforço individual, estudando e trabalhando *duro*, pela meritocracia, possa chegar a tal paraíso.

Para se contrapor a isso, temos o socialismo científico, aquele defendido por Marx e Engels no século XIX, no qual não haja mais classes sociais, tampouco propriedade privada, quando a produção da riqueza seja direcionada para satisfazer as necessidades humanas, momento em que a solidariedade da harmoniosa satisfação das necessidades possa preencher os espaços da felicidade humana.

Diante disso, construímos nosso interesse sobre a temática da transição ao socialismo, e o papel da educação nessa tarefa e, assim como Riobaldo¹, o *lagarto de fogo*, sabia dos perigos da travessia do *Liso do Sussuarão*, mesmo sendo temido fazê-lo, e os desafios enormes se impunham como destino inevitável e incontornável para o qual se dirigia.

Nós imaginamos os perigos dessa travessia e sabemos os limites do que conhecemos. Haverá caminhos que a própria história hesitará em seguir porque ainda não foram testados, os quais serão desbravados às custas de muitas vidas. As andorinhas de bandos pela necessidade da procriação são obrigadas a atravessarem o Deserto do Saara porque a região se impõe incontornável. Da mesma forma, a humanidade precisará atravessar a ponte do capitalismo ao socialismo, pois, assim como o Deserto do Saara se impõe às andorinhas, essa travessia incontornável se impõe à humanidade.

Quando falamos em educação logo pensamos no espaço escolar, nas questões pedagógicas e, também, na didática, compreendida como método de racionalização do tempo, do espaço e dos recursos humanos e materiais no processo de ensino-aprendizagem.

Compreendemos que o trabalho é o marco divisório que distingue a reprodução humana das dos outros seres da natureza. E, também, a educação como processo de racionalização da organização social que necessita se planejar, permanentemente, por estar em constantes transformações, e ao mesmo tempo, a ideologia como elaboração ideal da realidade, a qual possibilita a prática ser guiada pela teoria dos homens sobre o mundo, tornando-a operativa e objetiva. Isso existirá em qualquer sociabilidade humana.

Partindo desses pressupostos, torna-se compreensível que a educação, pelo papel que cumpre na reprodução da existência humana, seja quase sempre elevada ao status de redentora da humanidade, aquela que, por si só, seria capaz de resolver quase todos os problemas que afligem a humanidade na contemporaneidade.

É possível perceber que os planos educacionais sob os ditames do capital não levam em consideração toda a complexidade social, mas, restringem-se ao domínio especializado, segregando, portanto, uma parte do todo, ou seja, há uma constante busca para desvincular a educação da economia, da política e, também, da luta de classes, e, mesmo assim, é concebida como sendo, ainda, por si só, capaz de promover o desenvolvimento e a igualdade social.

O tempo pode ser considerado como uma expressão do movimento. Deixando para trás o mundo antigo, a Idade Média, passando pela Modernidade e chegando à

¹ Personagem do romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956)

Contemporaneidade, onde há o predomínio do modo de vida burguês, sob o domínio do todo poderoso mercado mundial, a educação se põe a serviço desse senhor poderoso, e, como tal, deixa de ser um direito essencial de todos, um dos instrumentos que possibilita o domínio consciente das relações sociais e da mediação com a natureza, convertendo-se em mercadoria acessível àqueles que podem pagar.

A mercantilização da educação, o controle do conhecimento e a manipulação das consciências são os trilhos por onde correm quase toda a produção da intelectualidade contemporânea, que é paga a *peso de ouro* para defender, com enorme resistência, a preservação do capital e do seu modo de vida decadente.

O individualismo, o egoísmo e o consumismo exacerbado são marcas da sociabilidade engendrada pelo acúmulo individual de riquezas, promovido pelo trabalho assalariado e pela propriedade privada dos meios de produção, onde não só a acumulação de riquezas, mas, também, o culto ao prazer, à beleza e ao poder são as referências para “os esforçados”, os “competentes” e negados aos “fracos” e aos que não “perseveram”.

A ideologia de que a educação por si só pode ser capaz de redimir a humanidade de todos os seus males não é gratuita, propagada e defendida somente por inocentes e ingênuos bem intencionados, mas, sobretudo, por aqueles que são formados e pagos para realizar tarefa de distorcer a realidade, negar os determinantes do mundo objetivo, escamoteando e falseando a compreensão do mundo real ao defender, com veemência, a manutenção da ordem do capital.

Não negamos a importância da educação para as transformações sociais, pelo contrário, acreditamos na sua força como instrumento de mobilização e conscientização dos trabalhadores. Contudo, não somos ingênuos de acreditar que ela, sozinha, possa transformar a sociedade. Porém, em conjunto com as lutas da classe, explorada e oprimida, na busca de sua libertação, pode e deve, ao mesmo tempo, cumprir um papel fundamental como, também, desafiador, numa época de transição ao socialismo.

Neste trabalho destacamos a importância da educação como instrumento auxiliar da classe operária na luta pela superação da exploração do capital em sua jornada de transição ao socialismo. Para tal intento, utilizamos a revisão bibliográfica, principalmente das seguintes obras: Marx e Engels, em *o Capital* (2013); *A Ideologia Alemã* (2007); *Manifesto Comunista* (2005); Aníbal Ponce, em *Educação e luta de Classes* (2007); Trotsky, nas seguintes obras: *História da Revolução Russa* (Tomo I e II, 2007); *A Teoria da Revolução Permanente* (2011); *O Programa de Transição para Revolução Socialista* (2008); *Questões do*

modo de vida. A moral deles e a nossa (2009); a Revolução Traída (2005); Pierre Broué, em História da Internacional Comunista (Tomo I e II)

Destacamos a luta de classes, as Internacionais, a crise de direção do proletariado mundial, a revolução permanente, a transição ao socialismo e o papel da educação inserido em um programa de transição para superação do capitalismo, demonstrando as revoluções como instrumentos de transformação e construção do novo.

No **primeiro capítulo**, nosso objetivo é destacar o domínio do homem sobre a natureza pelo trabalho com o desenvolvimento da técnica, com o conhecimento científico, e a evolução da educação e da cultura como elementos de potencialidade dos seres humanos ao longo de sua existência. Explicitamos nossa temática, destacando as lições da história para poder, assim, encontrar elementos para pensar a educação no horizonte da transição ao socialismo. Registramos, de forma breve, a evolução humana, da barbárie à civilização, uma análise dos modos de produção desde o primitivismo até a chegada do capitalismo, enfatizado o avanço da técnica para o domínio da natureza e atenuação do esforço humano, o que proporcionou as bases materiais para o avanço da ciência, da educação e da cultura, resultando em um progresso nunca antes experimentado pela humanidade.

No **segundo capítulo**, buscamos evidenciar que as ideias do socialismo brotam do *chão* da luta de classes, onde os operários se educam na luta contra a exploração dos privilegiados, educados, donos do capital, e, por dentro desses embates entre os deseducados e os possuidores, a importância das organizações da classe operária como instrumento nas trincheiras do proletariado para auxiliá-lo na construção de uma nova sociedade sem classes e sem exploração.

Tratamos sobre a classe operária e o internacionalismo. Nele, relatamos as lutas da classe operária para se libertar do jugo do capital. Para tanto, destacamos os embates das classes educadas (os possuidores) contra os deseducados (os despossuídos). Nesse percurso ressaltamos o valor do primeiro programa construído como arma de enfrentamento contra a exploração capitalista, redigido por Marx e Engels em 1848, a partir do qual destacamos a sua validade na atualidade, ao tempo em que afirmamos a validade teórica, política e histórica das internacionais comunistas como principal instrumento para guiar a classe operária mundial contra a barbárie capitalista.

No **terceiro capítulo**, pretendemos situar a importância do Partido Bolchevique na condução da revolução. Sob o comando de Lênin, e a cooperação indubitável de Trotsky, a luta foi conduzida liderando a tomada do poder pela classe operária em unidade com os

camponeses e soldados, abrindo um novo horizonte para a História da Humanidade. Tratamos sobre a crise da conciliação de classes e a necessidade da unidade da classe operária com camponeses e soldados para resistir aos ataques da burguesia e fortalecer as suas organizações de luta, tais como os Sovietes, na Rússia, que se opunham ao parlamento, demonstrando haver um profundo antagonismo entre as classes, levado às últimas consequências pelas guerras e revoluções, como a que ocorreu na Rússia em fevereiro de 1917, derrubando os tzares e que, em seu desenvolvimento, culminou com a tomada do poder político pela classe operária, sob a liderança do Partido Bolchevique, o qual tinha como principais dirigentes Lênin e Trotsky.

No **quarto capítulo**, destacamos a revolução como um processo vivo da história humana, que, por via direta da ação das massas em luta, revela-nos a necessidade e a possibilidade da construção de uma nova época. Ao registrarmos os eventos revolucionários, compreendemos que a História é uma boa *professora* a nos educar, muitas vezes, severa como uma *palmatória*² dolorosa, resultante das correções do comportamento humano. Compreendendo que a existência humana é permeada por alegria, tristeza, prazer, sofrimento, fluidez e privações, e, apesar disso, segue o seu curso, esse drama pode, por vezes, intensificar-se aos limites do insuportável quando a decomposição da velha sociedade fundada na exploração dos homens nos dá o alerta, fazendo milhões de indivíduos anônimos e invisíveis se levantarem na tentativa transformar seu modo de vida, alterando, de forma decisiva, a vida do conjunto da humanidade.

Sobre a conduta humana nas revoluções, registramos ora o avanço, ora o retrocesso da consciência, o que resulta na intensificação da luta pela construção do novo ou na resistência pela preservação do velho. Esses embates, entre, avanços e retrocessos nos permitem aprender com a história, com os erros, principalmente, a fazer previsões e se educar com os eventos passados.

Desse modo, o conteúdo de nossa pesquisa se fundamentou dentro do contexto da luta de classes com o olhar voltado para a grande experiência da Revolução Russa e construção do primeiro Estado Operário no mundo. Observar a educação como instrumento auxiliar da classe operária na luta pela superação da exploração do capital rumo à jornada de transição ao socialismo, tomando como referência esse grandioso fato histórico vivido por uma parte da humanidade, e sob a ótica de um homem que, além de militante do Partido Bolchevique, lutador da causa operária e camponesa, dos oprimidos e explorados, teve sua

² Nessa expressão fazemos uma comparação entre o método equivocada da educação tradicional ao punir os alunos com castigos físicos e ao fato da história também ser severa e dura ao cobrar os erros da humanidade.

vida marcada por prisões, exílios, deportações, perseguições e morte de seus filhos e se manteve firme, determinado na luta pelo socialismo.

Liderou a primeira revolução em 1905, comandando a insurreição e tomada do poder em 1917, juntamente com Lênin, planejou e criou o Exército Vermelho com o qual venceu a Guerra Civil contra a burguesia russa, a qual teve o apoio de várias potências mundiais. O mesmo exército, que estando sob o comando do Estado burocratizado, ainda nutrindo a força da Revolução de 1917, foi a principal força militar na derrota do Nazismo na Segunda Guerra Mundial. Além de todos esses feitos, também deixou uma vasta literatura marxista para educar a luta do proletariado mundial.

Adotamos como principal fonte teórica para tratar do objetivo pretendido em nossa temática, o militante Leon Trotsky. Realizamos a leitura das obras: *Stalin, o grande organizador de derrotas— A III Internacional depois de Lênin*, onde o autor demonstra como o stalinismo conduziu a Internacional, a política de derrota na Revolução Alemã de 1923, a Chinesa, de 1925-1927, a prostração do partido alemão frente ao Nazismo e a ascensão de Hitler.

Na obra *As Lições de Outubro* registra a crise de direção na tomada do poder e a importância do partido; Em *Teoria da Revolução Permanente* Trotsky formula junto ao Programa de Transição duas de suas obras fundamentais de como conduzir a resistência contra o capital e a luta pelo socialismo. A primeira, quando se confronta com o socialismo em um só país, formulação reacionária de Stalin para barrar a revolução mundial, e a segunda, o Programa de Transição, momento de fundação da IV Internacional (1938), pouco antes de seu assassinato, onde aponta as táticas e as estratégias da transição ao socialismo.

Nesse percurso, além das obras acima citadas, utilizamos como nossa principal fonte a História da Revolução Russa em seus tomos I e II. De modo brilhante, o autor-militante, ou escritor-personagem, narra, de forma precisa com metáforas, bem ao sabor das coisas simples da vida diária do proletariado, todo o processo de idas e vindas das massas em lutas antes da tomada do poder.

Procuramos destacar momentos ilustrativos de educação dos oprimidos ou deseducados, denominação que utilizamos por sua resistência à exploração burguesa, a exemplo do fato relatado por Trotsky sobre o soldado do *front* que, com enorme dificuldade em expressar as suas ideias pela dura vida que levava como camponês, foi o que melhor disse da revolução, e outro momento em que operários, ao pedir armas ao comitê do partido, ouviram de Trotsky que não havia armas no partido, e esses disseram que já haviam

conversado com os operários da indústria de armas e eles disseram que, se o partido precisasse de armas, poderiam pegar com eles. Trotsky ainda surpreso como quem não acreditara, autorizou a vinda. Em pouco tempo chegaram as armas ao partido. Nesses dois fatos temos as seguintes lições: os deseducados já haviam aprendido que teriam que usar a força das armas para derrotar os inimigos e a outra foi que os deseducados ensinavam ao partido a também seguir os seus passos.

Mesmo não tendo o devido destaque em nosso trabalho, a pequena obra em seu volume, mas grandiosa em seus ensinamentos, que é o livro *Questões do modo de vida. A Moral Deles e a Nossa* (2009), permeou nossa compreensão nesse trajeto pela importância de suas lições, e aqui fazemos *mea culpa*. Nessa obra, Trotsky, em um primeiro momento, destaca os conselhos de Lênin sobre o militantismo cultural, ou seja, a necessidade de o povo ter formação, educação e cultura voltadas para a construção da transição ao socialismo, aprendendo a edificar um mundo ao seu modo. Em um segundo momento, Trotsky rebate acusações da burguesia e seus asseclas concernentes ao amoralismo do marxismo militante. Para concluir, colocamos aqui a obra *A Revolução Traída*, que, mesmo não sendo usada a contento, ajudou-nos na compreensão de como o stalinismo conduziu a degeneração do Estado Operário, as derrotas da classe operária internacional e o que culminou com a restauração do capitalismo na Rússia e nos demais países do Leste Europeu.

2 SOBRE NOSSA TEMÁTICA —LIÇÕES DA HISTÓRIA PARA SE PENSAR A EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO

[...] Mas no momento em que o homem se separou do reino animal — e isto aconteceu quando segurou pela primeira vez os instrumentos primitivos de pedra e de madeira — naquele momento começou a criação e acumulação de cultura, isto é, do conhecimento e da capacidade de todos os tipos para enfrentar e subjugar a natureza (TROTSKY, 2007).

Dos seres que se desenvolveram na face do Planeta Terra, o homem, em certa medida, por se distanciar e, ao mesmo tempo, não se separar da natureza, localizando-se na esfera do ser social (LUKÁCS, 2010), isto é, dotado de consciência e desejo, pode ser considerado o único que, por um conjunto de fatores, objetivos e subjetivos suscitados pelo progresso histórico de manutenção da vida pelo trabalho, homem e natureza em unidade, com a melhor forma de preparação e execução desse trabalho para garantir o atendimento das necessidades, pôde alcançar um domínio bem próximo do absoluto na produção dos elementos que garantem a sua existência. E isso não é qualquer coisa, pois, tendo como base

que todos, ou quase todos, os progressos da humanidade estão relacionados direta ou indiretamente com as formas de desenvolvimento e ampliação das fontes de existência diante do domínio do homem sobre a natureza.

Desse modo, registramos que a selvageria, período de predominância da caça e da pesca, sendo os esforços de produção no sentido de assegurar essas atividades, onde a invenção do arco, da flecha e da canoa, somados a outros instrumentos que serviram à caça e à pesca, tornou possível a superação da selvageria, assim como a agricultura, a domesticação de animais e o domínio da metalurgia forneceram as condições para a superação da barbárie. Da mesma forma, a chegada à civilização é marcada pela criação da agricultura irrigada, do arado de ferro, da arma de fogo e da escrita, embora saibamos que a passagem de um estágio a outro não se deu de forma absoluta e em todos os lugares ao mesmo tempo, pois, esses três estágios pelos quais a humanidade registra a sua luta permanente para produzir e reproduzir a sua existência em confronto com a natureza tem o firme propósito de coexistir.

Assim, destacamos que, diante do enorme domínio do homem sobre a natureza, com a possibilidade e, ao mesmo tempo, capacidade de mobilizar um parque industrial sem igual, distanciando-se e superando as relações dos períodos de coleta de alimentos, como, também, da domesticação de animais e agricultura (ENGELS, 1987), ainda exista, atualmente, práticas sociais engendradas sob os limites impostos pela força da natureza aos exíguos recursos desenvolvidos pela ação humana, mas, inconcebíveis na contemporaneidade, devido ao tamanho domínio da técnica e da ciência. Contudo, ainda convivemos com a fome, as guerras e as doenças curáveis que se abatem sobre a humanidade.

Quando a escravidão do mundo antigo se desintegra, deixando de ser o modo de produção dominante, já que esse não mais se adequava às mudanças engendradas por um modo de vida que não suportava mais o sistema escravista, pelo fato dessa organização não garantir nem mesmo a vida dos escravos, surge o feudalismo, o qual, por sua vez, ao se fragmentar em pequenos Estados com uma economia estanque de autossuficiência, dificultava os avanços econômicos e sociais, impedindo, dessa forma, o desenvolvimento das forças produtivas forjadas pelo curso do progresso advindo do aperfeiçoamento das técnicas de produção, e que ganhariam supremacia com o modo de produção capitalista a partir do século XV, sobretudo na Europa, atingindo o seu maior salto qualitativo na Inglaterra no século XVIII, com a primeira Revolução Industrial. Portanto, somados quase três séculos, esse modo de produção alça um voo mais alto na economia, mas, ainda não tem plumagem suficiente

para alcançar o poder político, o que se tornaria possível em uma escala continental somente após a Revolução Francesa (1789).

Esse deslocamento do artesanato, passando pela manufatura e atingindo a indústria, avança para toda a Europa e os demais continentes, porém, em proporções convenientes aos anseios dos países precursores da industrialização, assumindo os métodos organizacionais que convergiam para os interesses dos países mais desenvolvidos, sendo, ainda, moldados pelos limites históricos de cada região.

A produção artesanal, onde o produtor era dono dos meios de produção e do produto, isto é, o trabalhador detinha em suas mãos os resultados do seu trabalho, foi substituído pela manufatura, momento em que o produto não pertence mais ao seu produtor, e sim a outro, aquele que organiza e controla o processo de produção. Essas mudanças imprimiram uma nova dinâmica social, na qual o modo de produção que tinha como fator determinante o próprio indivíduo avançaria, cada vez mais, para a produção coletiva ao tempo das máquinas.

A primeira revolução industrial introduziu as máquinas a vapor, tendo como combustível o carvão mineral. Com a expansão da industrialização e da escala produtiva, novas formas de energias foram incorporadas, como o petróleo e a energia elétrica. Mais tarde, a automação, a robótica e a cibernética ocuparam os espaços produtivos, passando a ditar o ritmo da produção, exercendo controle sobre o tempo e sobre as ações humanas.

Até aqui, narramos milênios da história humana na Terra. Contudo, é preciso registrar que, com exceção do Período Primitivo, marcado pela divisão comum dos meios de sobrevivência e da não existência de classes sociais e da propriedade privada, toda a História da Humanidade é marcada pela luta de classes, desde o mundo antigo, com a escravidão, passando pela servidão feudal, ao modo de produção capitalista na contemporaneidade, isto é o que nos asseguram Marx e Engels (2005) no Manifesto Comunista:

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito (p.40).

Até as primeiras décadas do século XIX não existiam estudos voltados para a explicação do passado da humanidade em seu funcionamento social, progresso e passagem de uma forma societária à outra. Os modos recorrentes de interpretar a dinâmica social eram, por um lado, a justificativa divina, isto é, a vontade de Deus comandando os desígnios do homem,

e, por outro, era obra de grandes homens ou de grandes ideias, como os determinantes do existir e do devir social.

Essa situação muda completamente com Marx e Engels nos anos 1840 do século XIX, ao formularem a primeira interpretação materialista e científica da humanidade, a na qual, partia-se da compreensão das condições materiais da existência dos homens em suas vidas concretas, como comiam, bebiam, vestiam e moravam, ou seja, como produziam o que necessitavam, como se relacionavam uns com os outros e com a natureza na produção dos elementos garantidores de sua existência, e, por fim, como e por qual mecanismo funciona a sociedade sob a égide do capital e da produção de mercado imperante em seu tempo.

A partir desse momento, tem-se não somente explicação científica para o suceder das sociedades ao longo do passado, como, também, a elaboração de uma alternativa ao capitalismo: o socialismo. Essa alternativa não brotara pura e simplesmente da vontade, do desejo, da imaginação e das fantasias da mente humana, mas, da realidade dominada pelo antagonismo entre as classes: possuidora e despossuída; exploradora e explorada, pois, a burguesia ao ascender como classe dominante, como classe revolucionária, arrastou consigo outra classe, o proletariado, aqueles que levam o mundo capitalista nos *ombros*, da mesma forma que os escravos sustentavam o mundo antigo e os servos o feudal.

O homem se revela como um ser capaz de produzir a sua própria existência pelo trabalho e o faz com o esplendor revolucionário quando converte a produção individual em produção social depois de passar pela condição de coletor e caçador, situação na qual dependia totalmente do meio ambiente (primitivismo), criando a agricultura e a domesticação dos animais, com o domínio das técnicas de irrigação, da metalurgia e da escrita (civilização), portanto, saindo da dependência total do meio ambiente, transpassando o estágio da cooperação simples artesanal à manufatura, e, por fim, à grande indústria. Isso significa que a produção das condições de existência saltará da utilização de meios individuais para meios sociais, produção coletiva como força social concentrada. Assim:

[...] os meios de produção e a produção foram convertidos essencialmente em fatores sociais. E, no entanto, viam-se submetidos a uma forma de apropriação que pressupõe a produção privada individual, isto é, aquela em que cada qual é dono de seu próprio produto e, como tal, comparece com ele ao mercado. O modo de produção se vê sujeito a essa forma de apropriação, apesar de destruir o pressuposto sobre o qual repousa. [...] (ENGELS, 2008, p.98).

É possível perceber que, mesmo mudando de forma espetacular o modo de produção, não se alterou o modo de apropriação que se manteve individualizado. Porém, uma coisa é se apropriar do que você produziu, outra é se apropriar do resultado do trabalho alheio.

Portanto, os dois momentos estão em unidade, no entanto, distintos. Compõem o mesmo processo da produção se alterando radicalmente ao tempo que encerram uma contradição de proporções astronômicas, contendo em seu cerne as raízes de quase todos os conflitos do nosso tempo, de forma que:

[...] quanto mais o novo modo de produção se impõe e impera em todos os campos fundamentais da produção e em todos os países economicamente importantes, afastando a produção individual, salvo vestígios insignificantes, maior é a evidência com que se revela a incompatibilidade entre a produção social e apropriação capitalista (ENGELS, 2008, p.99).

A sociabilidade humana no atual estágio pelo domínio das ciências, das tecnologias, pela evolução cultural e, sobretudo, pelo desenvolvimento das forças produtivas com amplo domínio sobre a natureza, pode, considerando os limites históricos, produzir comida, bebida, vestimentas e moradias em quantidade e qualidade para toda a espécie humana na face da terra, e, assim, dar os primeiros passos para o reino da liberdade.

Por que então isso não se materializa, não se torna efetivo na vida das pessoas? Pelo contrário, no momento atual vivemos afogados na mais brutal degradação humana devido às guerras, à violência urbana, à fome, à miséria, à corrupção, ao alcoolismo, ao infanticídio, ao feminicídio, à prostituição adulta e infantil, ao suicídio, à demência e à mendicância. Estamos expostos a uma infinidade de crimes e vícios que a todo o momento são engendrados pela forma organizacional que contém, em sua essência, a atenção aos ditames da acumulação privada da riqueza.

Como transformar essa realidade inaceitável? Até agora nos referimos ao momento das relações do homem, principal força produtiva com a natureza, com as forças produtivas. Consideramos as relações de produção que trazem em sua essência a sociedade dividida em classes, a propriedade privada dos meios de produção e trabalho assalariado, onde uma classe detém o poder econômico, material e espiritual, e a outra, que pela sua condição é obrigada a vender a sua força de trabalho para garantir a sua sobrevivência.

Os complexos sociais, que mesmo estando em unidade com o trabalho em que se localizam as forças produtivas centrais homem-natureza, e com as relações de produção, lócus das relações dos homens entre si, divididos em classes, como: lavradores e latifundiários; operários e industriais. São formados por indivíduos que não estão diretamente ligados à produção, mas, em administrar as vidas dos próprios indivíduos. Daí a existência dos governos, dos militares, dos padres, dos professores, dos juizes e dos políticos, todos em suas respectivas instituições: exército; partido; igreja e sindicatos. Tudo para organizar e

desenvolver as suas funções que não são apenas econômicas, mas, que envolvem o funcionamento de toda a sociedade com suas atividades econômicas, políticas, sociais e culturais.

Puxando o *espinhel* da história, vejo *abala* que silenciou Robespierre, o grande eloquente do radicalismo jacobino, e tão fundamental para a Revolução Francesa nos seus princípios de ruptura e ascensão da burguesia como classe politicamente dominante, *bala* que, assim como a guilhotina que ceifou a sua vida, ações que não foram postas somente pelo exercício da razão, mas, por forças contrarrevolucionárias e conservadoras presentes no palco revolucionário. Assim como, as *marretas* que derrubaram o Muro de Berlim, acontecimento que propiciou a confusão entre o fim da União Soviética e o fim da proposta marxista. Também não posso deixar de ver nas barricadas de 1830, na França, o sangue dos *Communards* de 1871, em Paris, e o assalto ao Palácio de Inverno do czar pelos Bolcheviques na Revolução Russa de 1917, que permitiu a criação do primeiro Estado Operário da história.

Os bombardeios das duas Grandes Guerras, e, por fim, a onda revolucionária que sacudiu o Norte da África e o Oriente Médio, conhecida como *Primavera Árabe*, resultando na *queda* de ditaduras que já perduravam por décadas. Contudo, essa onda, sem uma direção forte e isolada pelo imperialismo americano e europeu, fez os levantes perderem força, o que culminou na sangrenta Guerra Síria, a qual se *arrasta* por seis anos diante da Ditadura de Bashar AL Assad.

Do resultado dessa *pescaria* histórica, dois momentos precisam transcorrer em *águas límpidas*, mesmo que de forma breve. Isso porque eles nos ajudarão a entender a nossa *pescaria*, pois, todos os *peixes*, tanto os grandes quanto os pequenos, são produtos do mesmo oceano, a existência da humanidade dividida em classes e a luta resultante dessa divisão pela apropriação da riqueza.

Começaremos pela Revolução Francesa (1789), momento em que a burguesia, fortalecida pelos séculos de acumulação primitiva de capital, sente-se suficientemente aguerrida para dirigir os camponeses e os operários na tomada da Bastilha, símbolo do absolutismo e contra o Antigo Regime de práticas feudais, imprimindo os seus objetivos ao curso revolucionário. Porém, depois de pesadas e medidas as forças revolucionárias, *deságuam* novamente na concentração de poderes nas mãos de um monarca absoluto, Napoleão Bonaparte, um jovem general que assumiu o poder com o lema *pacificar, organizar e desenvolver*, projeto que veio ao encontro dos interesses burgueses, ao mesmo tempo em que continha a sanha das massas populares.

Que explicação a história nos traz para a incompatibilidade entre o dispêndio de tamanhos esforços e o resultado da revolução que pareceu terminar no mesmo ponto em que partiu? Na *arena da luta* de classes, no momento da Revolução Francesa, podíamos encontrar: os conservadores que lutavam pela manutenção das condições econômicas e políticas do feudalismo e pela segurança da autoridade de origem divina encarnada nos reis; os revolucionários radicais jacobinos, que pretendiam conduzir a revolução em conformidade com os anseios dos camponeses e operários; e, por fim, a burguesia, classe dirigente que tinha a pretensão de se desvencilhar somente dos obstáculos que dificultavam o seu domínio como classe hegemônica.

Perante a revolução, a burguesia contou com uma enorme contribuição dos revolucionários jacobinos, que, em seu radicalismo, pôde romper com as estruturas do Antigo Regime, como a economia estanque e fragmentada, baseada na produção artesanal individualizada ou, no máximo, nas limitadas manufaturas dentro de uma sociedade estática, dividida em clero, nobreza e servos. Contudo, precisou conter, ao mesmo tempo, essas forças radicais jacobinas de modo a impedir que impulsionassem a revolução para além da superação daqueles obstáculos, que impediam a sua dominação, e, dessa forma, oferecessem um caminho alternativo para revolução social com as massas no controle.

Do choque dessas forças em luta, a burguesia, classe que no momento histórico continha o cerne das transformações, levou, novamente, todas as outras junto consigo para o absolutismo, um tipo de absolutismo diferente, o burguês. Por conseguinte, às transformações implementadas por Napoleão, a indústria como produção social tomou a dianteira na economia, afastando-se do artesanato e da manufatura, os quais passaram a atuar como complementos produtivos, deixando de ser as formas predominantes de produção, como o eram até o século XVIII no continente europeu.

Seguindo o curso, o poder burguês se consolidou no século XIX depois das revoluções de 1830 e 1848, com a ascensão da burguesia, não só no campo econômico, como, também, no campo político e cultural com o poder da ciência e da razão. Na ciência, predomina o empirismo inglês, a experiência prática como um guia, mas, ao mesmo tempo em que a realidade é submetida também à razão, que, por sua vez, é fundamentada pelo iluminismo racionalista da França e da Alemanha com Immanuel Kant, que mais tarde teria algumas de suas ideias incorporadas por Hegel, onde logo foram postas à prova pelo materialismo dialético de Marx e Engels, os formuladores do socialismo científico, como projeto de transição ao comunismo que surgia como a forma de organização alternativa ao

capitalismo que no século XIX, apresentava sinais de esgotamento, mas que ainda hoje resiste, mesmo diante de tantas contradições em pleno século XXI.

Depois da Revolução Francesa, vamos ao outro resultado importante da *pescaria*, a Revolução Russa de 1917. Os camponeses e os operários, diante da fome, das tensões da Primeira Guerra Mundial e da concentração de terras nas *mãos* das oligarquias latifundiárias, iniciaram um combate pela defesa do pão, da paz e da terra, o que pôs o proletariado em luta sob o comando do Partido Bolchevique até a vitória da Revolução, dando, assim, os primeiros passos na construção do socialismo e na superação do capitalismo.

Porém, depois de três quartos de século, em 1989, com a queda do Muro de Berlim, essa revolução volta novamente ao ponto de partida, diante da restauração do capitalismo pelas *mãos do stalinismo*, o que passou à história como a morte do socialismo real e o triunfo da organização capitalista, que, portanto, teria confirmado a sua superioridade e, ao mesmo tempo em que lançava para sociedade a confirmação de que esse modelo de organização social passaria a ser o fim da história, ou seja, a espécie humana teria que se adaptar, acomodar e se adequar, de uma vez por todas, ao capitalismo e ao seu deus todo-poderoso, o mercado mundial.

Nesse contexto, será *posto em xeque* a validade da luta de classes, dos partidos revolucionários e da luta pelo poder, pois, no horizonte temos apenas uma perspectiva: a produção social e a apropriação individual da riqueza, coma sociedade dividida em classes e a predominância da propriedade privada e do trabalho assalariado com um Estado coercitivo funcionando para manter os interesses burgueses.

Essas ideias do capitalismo como estágio supremo da humanidade não encontram respaldo na história concreta, uma vez que, assim como na Revolução Francesa, as forças em luta, movidas pelas contradições sociais, não avançaram para o triunfo dos radicais porque os elementos da realidade não estavam colocados de forma que pudessem comportar tal desfecho, como, também, a permanência das condições feudais não tinha bases para continuar. Dessa forma, as forças em luta encontraram um caminho com o bonapartismo, sistema em que não era diretamente observável a hegemonia política de uma classe, mas, um governo personalista despótico que com o seu autoritarismo realizou uma transição ao regime liberal burguês.

As forças postas em movimento pelas contradições sociais existentes no mundo real incorreram na superação do modo primitivo de vida nos primórdios do desenvolvimento humano quando o escravismo se mostrou com força para dirigir a sociedade. Da mesma

maneira ocorre quando a escravidão não consegue mais dirigir os processos sociais e é suplantada pelo sistema feudal que, por sua vez, pelas forças em luta empurradas pelas contradições internas a esse sistema, entra em decadência e cede lugar ao capitalismo, primeiro o comercial, depois o industrial e, por fim, o financeiro, sendo a resultante dos dois primeiros acrescida da especulação econômica.

Na Revolução Russa vamos recorrer ao materialismo histórico-dialético para demonstrar a permanência do movimento, o que nos garante que tudo que existe nem sempre existiu da forma que se apresenta, e que deixará de existir da forma como está, passando a ser outra coisa que contém em sua essência os elementos das transformações necessárias para continuarem existindo em permanente mudança.

Na Rússia, duas forças se enfrentavam após a morte de Lênin: o Stalinismo, com a sua máxima expressão na defesa do socialismo em um só país, portanto, negando o internacionalismo e o Trotskismo, com a revolução permanente, e um programa de transição assegurando que o socialismo só poderia triunfar de forma internacional, ou seja, expandindo-se mundialmente.

A União Soviética não estava isolada do mundo, nem antes, nem depois da revolução, sendo que o Stalinismo e o Trotskismo se revelaram como resultantes dos confrontos do capitalismo com o Estado Operário em construção, quando este ainda colocava as primeiras *pedras do edifício* socialista. Diante das circunstâncias, o capitalismo coexistia na figura de Stalin e na sua política de burocratização e degeneração do Estado Operário, enquanto que, ao mesmo tempo, as forças da revolução socialista ainda resistiam na figura de Trotsky com sua defesa da revolução permanente. Infelizmente, o capitalismo venceu ao ser restaurado, colocando, de certa forma, a revolução em condições análogas às que motivaram a sua existência.

O interessante é que podemos dizer que, de certa forma, e somente de certa forma, as duas maiores revoluções políticas que colocaram no centro a luta pelo poder e qual classe dirigiria os comandos da sociedade, começaram e terminaram no mesmo ponto: afrancesa no absolutismo e a russa no capitalismo. Quando afirmamos que isso se deu de certa forma procuramos somente não nos esquecer da máxima do clássico mundo grego vindo de Heráclito, que ninguém entra em um mesmo rio duas vezes, quando isso acontece, já não se é o mesmo, tampouco as águas são as mesmas.

Significa que o absolutismo que deu início à Revolução Francesa não é o mesmo forjado pela burguesia para assegurar os seus planos de se transformar em classe dominante,

assim como o capitalismo restaurado na Rússia e no Leste Europeu não é o mesmo que alimentou a revolução no início do século XX, porque as *águas* dessa revolução trouxeram um Estado diferente do teocrático, do escravista, do feudal e do capitalista. O Estado Operário, que sob a ditadura da classe operária se situava como transicional, ou seja, um Estado autoritário, que talhado com esmero desapareceria com a sua couraça autoritária e asseguraria a liberdade, não como por encanto, mas, construído a duras penas, pois, como nos lembra o velho revolucionário Leon Trotsky, a liberdade não é uma abstração supra histórica, não está acima da história, sendo, portanto, uma construção humana que, pela via da autoridade e da violência, faria nascer a paz e a liberdade, do jeito que dos espinhos pontiagudos, que ferem e machucam quem os tocam, podem nascer rosas suaves e belas que alimentam e embelezam a vida.

É preciso buscar na história o entendimento do passado, a compreensão do presente e as possíveis tendências para o futuro. Compreender o movimento da história iniciando pela escravidão do mundo antigo, passando pelo feudalismo até a predominância do capitalismo na contemporaneidade, colocando a possibilidade e a necessidade de superação desse pelo socialismo em uma transição ao comunismo.

Temos que recorrer à história da luta de classes, e, assim como nada está dado *a priori*, não é possível assegurar que a humanidade caminhará no sentido do progresso permanente e linear, isto é, também pode haver retrocessos, destruição e degeneração da humanidade, dependendo das forças em luta e das escolhas entre alternativas postas pelas condições materiais objetivas e subjetivas da luta de classes.

Os escravos lutaram de forma tenaz para se libertar do jugo da escravidão. Os servos, da mesma forma, resistiram à opressão e à dominação, assim como a classe operária e trabalhadora de todo o mundo luta em toda a parte contra a exploração econômica, a opressão social e a dominação política exercida pela burguesia que se aprofundam no atual estágio da história contemporânea do capital em crise (MÉSZÁROS, 2002).

A sociedade feudal era marcada por sua condição fragmentada em pequenos Estados, o que determinava os seus limites, tanto sociais e políticos quanto econômicos, impondo barreiras às possibilidades de expansão das forças produtivas. Todos esses entraves impostos pela fragmentação social colocaram a possibilidade e a necessidade da revolução burguesa, que, ao triunfar sobre o modo de produção feudal, pôde superar as formas fragmentárias e se consolidar como classe hegemônica mundial. Portanto, estabelecendo a primeira economia universal em um mercado globalizado, marcado pela divisão internacional

do trabalho e de intercâmbios de mercadorias. Tudo isso permitiu um gigantesco progresso da humanidade.

Contudo, apesar do enorme desenvolvimento, essa forma organizativa se sustenta na exploração, na opressão e na dominação por parte de uma minoria possuidora dos meios de produção sobre uma imensa maioria despossuída, o que não é razoável, tampouco aceitável, daí a resistência dos explorados. Como o capitalismo é mundial, não sendo possível que um país se isole economicamente, empurra, forçosamente, a uma resistência internacional por todo o mundo por parte dos explorados.

A dominação da economia capitalista em todo o mundo, que aumenta cada vez mais, avançando por outro lado com a sua atual fase de decadência imperialista, leva à necessidade da construção de uma organização em todo mundo pelos trabalhadores, assim como foi a III Internacional, ou seja, exige uma resistência internacional.

Por mais de um século e meio a resistência da classe operária forjou organizações de combate para a superação do capitalismo em escala mundial e para a construção do socialismo no mundo. Porém, as forças nesse sentido, ainda não foram suficientes para esse feito e o capitalismo ainda resiste mesmo em crise. Contudo, isso não significa que a classe operária foi derrotada ou desistiu dos meios para transformar o mundo para uma condição social superior.

No entanto, a falta de uma organização mundial forte para a revolução e a crise de direção precisa ser entendida nos marcos dos últimos acontecimentos, o que perpassa pela história das Internacionais Comunistas. Assim, temos a fundação da primeira, em 1864, com Marx e Engels, unidade de coesão operária que não surgiu do nada, ou seja, veio de organizações como “Sociedade dos Democratas Fraternalistas” (1845); “Liga Comunista” (1848) e “Comitê Internacional” (1850). Porém, tendo que organizar a luta contra os inimigos de classe, e ainda combater os opositores dentro da Internacional, os quais defendiam ideologias pequeno-burguesas com atuações sectárias e oportunistas, essa primeira organização sucumbiu, sendo dissolvida em 1878, depois de enfrentar os anarquistas e o peso da derrota da Comuna de Paris de 1871.

A II Internacional, fundada por Engels em 1889 (Marx já havia morrido em 1883), também teve que enfrentar o oportunismo e o sectarismo. Contudo, foi com a derrota da revolução de 1905, na Rússia, e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em que os partidos operários formalizaram uma aliança com a burguesia de seus países, isso por uma defesa patriótica e nacionalista que culminou na degeneração da II Internacional em 1914.

A III Internacional, fundada em 1919, tendo à frente Lênin e Trotsky, resistiu até 1943 quando foi dissolvida por Stalin, a pedido de Winston Churchill, na época 1º ministro da Inglaterra. Essa organização, tendo como base a Revolução de 1917, passou por momentos como a Guerra Civil Russa (1918-1920), a derrota da Revolução Alemã, em 1923, a derrota da Revolução Chinesa, em 1927, e pela ascensão de Hitler, em 1933, sem falar do assassinato de Rosa Luxemburgo, Karl Leibcknecht e Trotsky, além da morte prematura de Lênin (BROUÉ, 2007).

A IV Internacional foi fundada em 1938, sobre os escombros da III Internacional, e diante dos processos de Moscou, da Guerra Civil Espanhola e do avanço do nazismo na Alemanha, às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Depois do assassinato de Trotsky, em 1940, principal personagem da fundação da IV Internacional, a mando de Stalin, e depois do fortalecimento do stalinismo após a vitória sobre os nazistas, em Stalingrado, conhecida como a derrota histórica do nazismo, na Segunda Guerra Mundial, a Internacional Comunista passou a trilhar por políticas capituladoras e métodos organizativos alheios ao marxismo revolucionário, o que culminou em rupturas e dispersões, portanto, para um processo de destruição do partido mundial da revolução socialista. Porém, ao mesmo tempo surge a necessidade de sua reconstrução para assim *colocar de pé* o único instrumento capaz de garantir uma revolução vitoriosa do proletariado e dos primeiros passos para edificação do socialismo em escala mundial.

Discorreremos sobre três momentos ou fases da história, tendo como referência a existência do modo de produção capitalista: uma primeira, marcada pelas revoluções burguesa, momento em que a burguesia buscava se afirmar com o seu sistema de produção capitalista; uma segunda, quando o capitalismo busca se acomodar por meio de reformas, onde há uma predominância do capitalismo de livre concorrência, o que possibilitou o desenvolvimento das forças produtivas, permitindo conquistas por reformas pelos trabalhadores em luta, desde que essas concessões não pusessem em perigo a própria sobrevivência do sistema; e, finalmente, uma terceira fase que se inicia com a Primeira Guerra Mundial em 1914, denominada por Lênin como o estágio superior do capitalismo ou imperialismo. Esse é o momento em que o mundo entra em decadência, as forças de produção se tornam forças de destruição, ou seja, as forças produtivas se chocam com as relações de produção capitalistas:

[...] Na impossibilidade de socializar os benefícios advindos do desenvolvimento das forças produtivas, na forma de uma sistemática redução da jornada de trabalho e da subordinação da produção ao atendimento das necessidades dos trabalhadores, a

destruição de riqueza impõe-se como único meio de restaurar as condições para a retomada do processo de acumulação (SAMPAIO JÚNIOR, 2009, p. 8).

O capitalismo não pode mais realizar reformas de maiores durações, o que tem como consequência a piora das condições de vida da classe trabalhadora e do povo pobre em todo o mundo. E a tudo isso se soma uma destruição brutal da natureza e da vida no Planeta.

Marx, em sua obra basilar *O Capital* (2013), busca compreender a estrutura e o funcionamento das leis fundamentais que regem o capitalismo, e, portanto, a sociedade burguesa. Ou seja, o autor não busca somente entendê-las, mas, sobretudo, encontrar provas de que esse modo de produção contém, em sua essência, as possibilidades e, ao mesmo tempo, a necessidade de sua superação.

O método materialista dialético de Marx, que busca captar o movimento social em sua plenitude, abarcando os fenômenos no devir, na sua essência e no seu desaparecimento assegura que existiram modos de produção anteriores, ou seja, que não existiam historicamente. Passaram a existir e deixaram de existir e que, portanto, com estudo e observação será possível perceber elementos que apontam para o surgimento do novo, o que sinaliza com formas nascentes para o futuro de mudanças:

[...] Se, de um lado, as fases pré-burguesas se apresentam como pressupostos puramente históricos – ou seja, abolidos –, de outro as condições atuais da produção se apresentam como em via de abolir a si mesmas e, portanto, como em via de criar os pressupostos históricos para um novo ordenamento da sociedade (ROSDOLSKY, 2001, p. 346).

A existência do modo de produção capitalista se choca tanto com os modos predecessores, escravo e feudal, como com uma futura organização socialista. Assim, dessa forma, prevalecerem-se os ensinamentos do materialismo histórico-dialético de que as formas mais desenvolvidas superam as menos desenvolvidas. Da mesma forma que o escravismo sucumbiu ao feudalismo por este demonstrar força e razão para predominar, ao tempo que o feudalismo entrou em decadência frente ao capitalismo, o qual se mostrou superior para assegurar a sua existência. Esse, ao se confrontar com formas nascentes do seu processo de contradição, aponta para a construção do novo, portanto, para se transformar em algo qualitativamente superior. Assim temos que:

[...] A história da humanidade divide-se em três etapas, na forma de uma tríade dialética: As relações de dependência pessoal [...] são as primeiras formas sociais; nelas, a capacidade produtiva humana só se desenvolve em âmbito restrito e em lugares isolados. A independência pessoal, construída com base na dependência em relação às coisas, é a segunda forma importante; nela, constitui-se pela primeira vez um metabolismo social geral, um sistema de relações universais, necessidades

universais e capacidades universais. A livre individualidade, baseada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na produtividade coletiva, social, considerada como patrimônio social, constitui o terceiro estágio. O segundo cria as condições do terceiro (ROSDOLSKY, 2001, p. 346).

Essa compreensão, que capta a essência da história humana centrada na formação de sua personalidade e de sua liberdade, não pode se limitar à simples compreensão do processo, mas, sobretudo, assentá-lo sobre as bases do real e do existente, ou seja, por dentro do desenvolvimento das relações sociais de produção, portanto, da produção da vida, tanto material quanto espiritual.

Não se trata de conceber a história como uma sucessão de fatos, em que um prepara as bases para o outro que vem em seguida e, assim, sucessivamente, como se a história tivesse finalidade, (MARX; ENGELS, 2009) isto é, predeterminações evolutivas, o que rejeita as definições *a priori* da inevitabilidade do socialismo e que, portanto, a sua construção não estaria dada como certa, como a próxima fase da vida humana na Terra, superando “naturalmente” o capitalismo, ou seja, o socialismo virá tão somente se for construído. Aqui não é simplesmente captar e fixar o existente na consciência e entendê-lo como um curso natural da história, mas, sobretudo, de transformá-lo revolucionariamente, situando-o como produto da ação dos homens no mundo real em permanente transformação.

Compreendemos que a escravidão não tinha como fim a servidão e/ou o capitalismo, ao tempo que este não contém o socialismo. A história não é e não pode ser um suceder natural de fatos, mas, um desencadear de ações humanas diante das necessidades e das possibilidades de transformações sociais que podem ter as previsões confirmadas ou negadas.

Afirmar que o capitalismo fornece as bases para a construção do socialismo somente nos autoriza a dizer que, até o momento, a humanidade se encontra em um estágio em que as forças produtivas possibilitam e, ao mesmo tempo, colocam a necessidade de superação do atual estágio de exploração e destruição da vida, realizada pelo modo de produção capitalista.

Uma coisa é o canavial, outra, o álcool, a rapadura e o açúcar que se originaram do mesmo, mas, para isso acontecer, uma série de intervenções dos homens organizados no mundo real teve que acontecer, ou seja, foi necessário pôr em curso, além das ideias, ações conscientes e organizadas para com os meios atingir os fins.

Como bem disse o velho Trotsky (2007), nem todas as crisálidas serão borboletas. Uma compreensão simples de que a possibilidade e a necessidade do canavial vir

a se tornar álcool e/ou açúcar não assegura que isso se dará na prática sem um direcionamento organizado por contingentes humanos com a preparação correta nessa direção.

Que estão dadas as possibilidades e as necessidades do socialismo, e que as bases da sociedade capitalista podem garantir essa construção, não significa que isso estará dado, mas, que é possível trilhar nessa direção. Se isso ocorrerá ou não, só a história confirmará sob a ação das classes em luta diante das alternativas colocadas pelas circunstâncias do capital em crise.

Há uma batalha em curso, não temos dúvida: por um lado, forças conservadoras que concentram suas energias na defesa da organização regida pelo mercado; do outro, forças conscientes e inconscientes buscam construir uma alternativa a essa anarquia, tentando colocar os esforços humanos no sentido de atender às necessidades da coletividade, o que se choca frontalmente com os interesses do mercado e com a existência do capitalismo.

Essa batalha pode ser mais intensa do que a dos hunos no século V, nos campos da Catalunha, tão brilhantemente retratada por um pintor alemão Welherlm Von Kaulbach, no século XIX, onde os guerreiros em luta prosseguiram em combate mesmo depois de mortos, subindo aos céus. Assim como os espíritos dos guerreiros Hunos dos campos da Catalunha, os quais continuaram resistindo em combate, acreditamos que os espíritos dos marxistas revolucionários, tais como Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo e Karl Lierbcknecht, estarão conosco na luta pela emancipação da classe trabalhadora de todo o mundo.

Para isso, os trabalhadores precisam construir uma direção unificada, capaz de organizar e conduzir a batalha das batalhas de todos os tempos: a revolução socialista internacional. Os elementos que podem alimentar essa revolução já foram forjados com o movimento operário no início do século XIX: a consciência de classe, a ambição dessa classe pelo poder com o propósito de dirigir os seus destinos na construção de outra sociabilidade, na qual toda a riqueza e todo o conhecimento, enfim, as forças produtivas desenvolvidas até então se coloquem à disposição das necessidades humanas em quantidade e qualidade para que, assim, toda a humanidade emerja do reino da necessidade para o reino da liberdade.

Liberdade tão desejada e retratada em romances e pinturas como no quadro *A Barricada*, de Delacroix (1789-1863), representando uma visão romântica da revolução de 1830 na França, a liberdade guiando o povo, no qual no centro da pintura há uma mulher com os seios nus portando a bandeira da França na mão direita e um rifle na outra. A bandeira indica que a revolta tem causa, a arma, a permanente vigilância pela liberdade, os seios da

liberdade nutrirão o futuro da humanidade, portanto, a liberdade personificada em uma mulher guia os revoltosos que não têm uma direção organizada, mas, somente a liberdade como horizonte. Ora, por mais bela e sublime que seja a luta pela liberdade, sem uma direção consciente com organização, método, programa e disciplina, todos os esforços podem ser em vão. Tomando como referência a fundação da I Internacional em 1864, já faz mais de um século e meio que as responsabilidades colocadas pela história superam as direções construídas pelos trabalhadores, ou seja, até o momento nenhuma das direções esteve à altura das tarefas históricas colocadas pelo proletariado mundial. Já são quatro tentativas, com a última ainda em curso, a IV Internacional, que por desgaste ou traição não foi capaz de assegurar uma resposta à altura das exigências históricas da luta pela superação da exploração de classe e pela emancipação dos trabalhadores.

Mas, também, é verdade que a cada fracasso dessas direções outras são construídas, mesmo sobre condições adversas e desfavoráveis. Uma nova geração de lutadores se ergue e toma a responsabilidade pela continuidade da luta, reconstruindo a solidariedade socialista e dando impulso a uma nova Internacional. Foi assim diante do fracasso da I Internacional com a derrota da Comuna de Paris em 1871; com a segunda, quando da eclosão da primeira Guerra, em 1914; com a terceira, diante da ascensão do nazismo com a chegada de Hitler ao poder, em 1933; está sendo assim com a reconstrução da quarta na atualidade.

De forma breve, sintetizaremos o problema baseados na história da luta de classes, e considerando que as crises econômicas e sociais acontecem umas mais curtas e outras mais intensas, tais como a Grande Depressão de 1873 a 1896, a de 1929 a 1945 e a de 2008 aos dias atuais³. Essas crises promovem transformações radicais nas organizações sociais e ocorrem por meio de guerras e revoluções. No entanto, a revolução é um momento da luta aberta pelo poder e a definição de quem ditará os rumos da sociedade, ao mesmo tempo em que as revoluções não vêm com um manual que indica os caminhos que percorrerão que somente as forças em luta pelo comando da sociedade abrirão os caminhos e parirá uma nova sociedade.

Tomando como referência o cenário da primeira revolução operária vitoriosa, a qual pôde chegar a tal feito pela intensidade da crise que ocorreu com a classe dirigente que,

³ Para maiores esclarecimentos, ver as seguintes obras: A Era do Capital (HOBBSAWM, 2012); O capitalismo em crise: a natureza e a dinâmica da crise econômica mundial; o Sistema financeiro e a crise econômica mundial (ITURBE, 2009). Bibliografia completa encontra-se nas referências.

paralisada pelos acontecimentos, não conseguia mais dirigir, e, ao mesmo tempo em que os explorados puderam pôr em marcha uma reação organizada e dirigida para tomar o poder político e governar por meio de suas próprias organizações.

Tudo isso só pôde se colocar no horizonte quando a crise na sua intensidade e duração colocou a burguesia e o seu Estado em um cenário de completo atordoamento político, deixando-os paralisados. Somado a isso, a classe média que representa o *dique* de proteção da burguesia, não conseguia cumprir mais essa função, pelo contrário, foi a esquerda arrastada pela crise econômica e política da burguesia com seu governo, Estado e regime.

Nesse cenário, ainda foi preciso entrar mais dois fatores fundamentais, ou seja, mesmo com a burguesia completamente perdida pelo tamanho da crise, e com a pequena burguesia ou classe média *virando-lhe as costas* e indo à esquerda, ainda foi preciso algo mais: primeiro, o desejo, a vontade revolucionária dos operários, dos trabalhadores e, de forma geral, dos explorados para fazer a revolução. Isso significa que a consciência revolucionária precisa estar presente de forma mais sólida, pelo menos nos destacamentos mais abnegados da classe operária e que já haja organizações preparadas para iniciar as tarefas colocadas diante dos desafios, o que nos coloca o segundo elemento; a existência do partido marxista revolucionário, o Partido Bolchevique, que, reconhecido pelas massas e suficientemente maduro, propôs tomar o poder, estando disposto, para tanto, a travar uma batalha dirigindo a classe operária (TROTSKY, 2007).

Precisou atuar, concomitantemente, em três frentes: a primeira, a luta imediata, economicista, onde buscavam dar uma resposta objetiva às demandas concretas e imediatas, às necessidades dos trabalhadores e das massas em luta; a segunda, a luta pelo poder político, onde precisou informar organizar, educar e mobilizar a classe operária e os seus aliados para tomar o poder e prepará-los para governar os seus destinos; finalmente, a terceira frente, em conjunto com as duas primeiras, a batalha ideológica, a luta permanente para preservar e desenvolver a consciência dos destacamentos mais destemidos da classe operária e aliados, e, ao mesmo tempo, convencer as massas que somente uma revolução socialista poderia oferecer a possibilidade de uma verdadeira mudança nas condições de vida da humanidade.

Essa revolução precisou colocar seu eixo de gravidade em duas linhas. Primeiro não pôde parar somente na derrubada do regime democrático burguês que se pautava pelo sufrágio universal, conduzindo a luta de classes às *vias mortas* das eleições parlamentares. Precisava avançar para a destruição do Estado burguês, e em seu lugar colocar o Estado operário com a democracia operária. Em seguida, adiantar-se para as mudanças na economia,

expropriando a burguesia, mudando, assim, o sistema econômico de burguês para um sistema em transição, sob o comando dos operários, e, finalmente, destroçar o braço armado da burguesia, levantando em seu lugar uma força armada com um novo caráter de classe, a serviço da classe operária e seus aliados, assegurando, pela força, a vitória da revolução e o seu desenvolvimento e ampliação.

Segundo, precisou transcender as nacionalidades e se irradiar para outros países, necessitando se efetivar no campo internacional. Em outras palavras, toda essa dinâmica social cansa e assusta pela grandiosidade das tarefas a serem cumpridas e nos ajuda a entender e a aceitar as palavras do velho revolucionário Leon Trotsky (2011) quando diz que as revoluções são impossíveis de acontecer até que se tornem inevitáveis.

“A Revolução de Outubro foi a mais grandiosa de todas as manifestações da desigualdade da evolução histórica [...]” (TROTSKY, 2011, p.138). A evolução da vida que tem sua base na esfera inorgânica, mundo inanimado que mediante processo de interações entre elementos diversos dar origem à esfera orgânica – seres animados, que, por sua vez, seguindo a lei natural das transformações permanentes em unidade e diferenciação, chegam a esfera do ser social, dotado de consciência. Esse movimento nos mostra que o mundo está em constantes transformações marcadas por avanços e recuos no curso da vida.

A dinâmica que possibilitou ao homem interligar em um mundo concreto a linguagem, as ideias e a produção material, tudo isso conjugado, possibilitou a evolução econômica, política e cultural. Isso torna o homem diferente das pedras e dos macacos pelo simples fato de saber que sabe fazer a sua própria história, não como imagina, sonha ou pretende, mas, em confronto permanente com as forças adversas da natureza e com a pretensão e o desejo de classes antagônicas diante da luta pelo poder em direcionar os rumos da sociedade.

A supremacia do modo de produção capitalista, por sua capacidade de produzir riquezas materiais nunca antes colocadas pela humanidade, mas que, ao mesmo tempo contém uma enorme contradição quando a produção é social e a apropriação é individual, ou seja, toda produção de riquezas é resultante do trabalho coletivo. Porém, há apropriação particular dessa riqueza, o que gera opulência e maravilhas em um polo e miséria e ignorância em outro, colocando para o conjunto da humanidade, especificamente os explorados e oprimidos, o desafio de superação dessas contradições.

Essa situação dá origem à luta de classes, a força motriz das organizações sociais divididas em classes, dominantes e dominadas, e, ao mesmo tempo, o desejo de transformar

essa sociabilidade de explorados e exploradores em uma sociabilidade de igualdade e liberdade. Isso teve início, de fato, na União Soviética com Revolução de Outubro de 1917, que não aconteceu por acaso, desconectada do passado, como também não ficou cristalizada ao seu tempo, mas que se desdobra em fases de avanços e recuos. “[...] A Revolução de Outubro é ‘legítima’ como primeira etapa da revolução mundial [...]” (TROTSKY, 2011, p.146).

Os ideais, as conquistas materiais e culturais da Revolução de Outubro não foram jogadas na *lata do lixo* da história, pelo contrário, essas conquistas permanecem vivas no tempo e no espaço, pois, assim como um fio de luz se transforma em um enorme guia na escuridão, o sonho de liberdade e igualdade em cada indivíduo, por menor que seja, assusta o gigante mercado mundial do lucro e da acumulação particular de riqueza. Esses sonhos podem ganhar corpo material ao se juntarem, e de forma organizada e direcionada via Revolução de Outubro, como a ocorrida na União Soviética, para assim, conectar os fios da história e dar continuidade à construção de uma sociedade emancipada.

3 A CLASSE OPERÁRIA E O INTERNACIONALISMO

A doutrina materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, de que os homens modificados são, portanto, produto de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado [...] A coincidência entre a alteração das circunstâncias e a atividade humana só pode ser aprendida e racionalmente entendida como prática revolucionária (MARX; ENGELS, 2005).

Há uma continuidade entre aquele que foi o primeiro programa da classe operária, construído como arma de enfrentamento contra a exploração capitalista, redigido por Marx e Engels em 1848, Manifesto do Partido Comunista, que pouco tempo depois seria utilizado como referência para o programa da I Internacional Comunista em 1864, e o programa de transição, elaborado por Trotsky em 1938, quando fundava a IV Internacional.

É igualmente possível identificar que há, também, uma continuidade histórica entre as quatro Internacionais, desde a criação da I, em 1864, em Londres, quando Marx e Engels estavam entre os seus fundadores, passando pela II, em 1889, na Alemanha, quando Marx já havia morrido e Engels cumpriu uma função fundamental para a sua fundação na data em memória do centenário da Revolução Francesa. Na III, em 1919, na Rússia, com Lênin e Trotsky como personagens principais, e, finalmente, até a IV, em 1938, em Paris, berço das

palavras *liberdade, igualdade e fraternidade*, que ecoaram não só pela Europa, mas, em todos os continentes a partir do século XVIII, quando da Revolução Francesa. Vemos que a fundação da IV se dava às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o que poderia ser a segunda sinfonia macabra de matança sob a regência da burguesia, já que a primeira havia ocorrido no início do século.

A validade desse primeiro programa na atualidade, considerando algumas ressalvas pelas mudanças históricas que se deram ao longo de quase dois séculos, e, ao mesmo tempo, a afirmação e a validade teórica, política e histórica das internacionais como principais instrumentos de guia da luta pela emancipação da classe operária mundial e seus aliados contra a barbárie capitalista, principalmente no momento atual em que cada vez mais se aprofunda a crise desse sistema e da necessidade de sua superação. É um tema que merece ser estudado e compreendido, não só no que concerne a luta pelo poder da classe operária mundial, mas, ao mesmo tempo, como modo organizacional e educacional de preservação do humano em detrimento da barbárie imposta pelo capital.

A ciência e a indústria estão presentes na Terra desde o aparecimento dos primeiros homínídeos, gênero humano. Obviamente, a distância que separa a escolha de uma pedra utilizada para cortar algo, ou um pau para medir alguma distância no primitivismo, da utilização do raio *laser* na realização das mesmas atividades na atualidade, são enormes. Contudo, a pedra e o pau não desapareceram e podem, em determinados espaços geográficos e circunstâncias, cumprirem essas funções dentro dos limites que eles são peculiares.

Alimentação à base de carne foi e é muito importante para o desenvolvimento da espécie humana, principalmente nos primórdios com a escassez de alimentos e das adversidades climáticas e os perigos enfrentados contra os animais ferozes. Hoje é possível comer carne em um belo restaurante sentado à mesa com um saboroso vinho e uma agradável música. Infelizmente, essa comodidade não é para todos, pois no continente africano há locais e situações nas quais é preciso reunir dois ou três caçadores destemidos e esperar os leões pegarem uma presa e marchar para cima deles, forçando-os a fugirem, deixando a presa para trás. Porém, é apenas questão de minutos para que os leões percebam instintivamente o blefe e voltem, mas, os caçadores já pegaram a sua parte.

Não vamos historiar a existência da humanidade dos primórdios aos tempos atuais, só queremos demonstrar que o progresso da técnica e da ciência não é uniforme e de igual abrangência para toda a humanidade em tempo e espaço. O desenvolvimento é desigual e determinado pelo processo histórico, seguindo leis objetivas impostas pelas circunstâncias

das relações dos homens com a natureza e, ao mesmo tempo, conjugados com elementos subjetivos, como se organizar e se preparar para direcionar as ações da melhor forma e, assim, garantir a reprodução da sociedade, enfrentando as adversidades.

Como é bem lembrado por Marx, em sua obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, “[...] os próprios homens fazem sua história, mas não a fazem arbitrariamente, e sim em certas condições determinadas [...]” (MARX, 2008, p.25).

Da primeira revolução industrial no último quartel do século XVIII na Inglaterra, com a utilização da energia a vapor e do tear mecânico em superação do tear manual, e da utilização do carvão mineral também no transporte de cargas e passageiros, já no século seguinte, possibilitando um enorme aumento da produção e expansão da economia capitalista, o que possibilitou uma segunda revolução nos anos finais do século XIX com a descoberta de novas fontes de energia e de novos materiais como o petróleo, a eletricidade, o aço, ampliando significativamente as condições de produção. Assim como os transportes, ferrovias, carros, aviões, novos materiais como plásticos, medicamentos, antibióticos, vacinas, e um enorme poder belicista das potências europeias e americana.

Já no século XX, pós-Segunda Guerra Mundial, uma terceira revolução é marcada pelo profundo avanço científico em sintonia com a produção industrial, onde a capacidade de informação e de comunicação, em conjunto com a robótica, na linha de produção promoveu grandes transformações no mundo do trabalho. E para completar essa terceira revolução e seus avanços já se cogita uma quarta, na qual há uma convergência de toda a capacidade técnico-científica da física, da química, da biologia e das neurociências para a fabricação de máquinas inteligentes, que possam se comunicar entre si e com os humanos, Internet, computação em nuvens, enfim, possibilidades infinitas de produção de informação e comunicação ao tempo que também está colocada a possibilidade de participação mínima do ser humano, não só na linha de produção, mas em diversas áreas como transporte, segurança, bancos, etc.

Todas essas transformações que tomaram corpo a partir do século XVIII, o chamado século das luzes ou século da razão, caracterizam-se como uma época em que toda ou quase toda intelectualidade pôde empreender análises de como se qualificar e de como se distinguir o modo de vida, tanto social como individual, no intento de submeter à racionalidade, a busca obstinada do controle da vida, tanto individual como social. Sob os ditames da razão, foi a base para encarar quase todos os problemas políticos e sociais,

passando pela forma de governar, as questões religiosas, relações entre os sexos, adaptação e acomodação dos adultos, como, também, a educação das crianças.

Evidencia Trotsky que a burguesia pela sua localização social, até mesmo antes de tomar o poder, já detinha um enorme conhecimento e domínio cultural:

[...] A burguesia, principalmente por intermédio de sua intelectualidade, já tinha resolvido esse problema muito antes de conquistar poder: ao mesmo tempo que se encontrava ainda na oposição, era já a classe possuidora, e os artistas, poetas e jornalistas estavam ao seu serviço, ajudavam-na a pensar e pensavam por ela. (TROTSKY, 2009, p 32).

Ao tomar o poder e empreender esses estudos, pôde elevar significativamente o seu nível cultural, o que também é constatado por Trotsky no início do século XX com a Revolução Russa:

[...] O poder burguês existe há séculos, tem caráter mundial, apoia-se em imensas acumulações de riquezas, dispõe de um poderoso sistema de instituições, de interesse e de idéias. Esses séculos de exercício do poder criaram uma espécie de instinto de dominação que tem sido muitas vezes, em condições difíceis, um guia seguro para a burguesia. Os séculos de dominação burguesa têm sido para o proletariado séculos de opressão. Este não possui nem tradições históricas de dominação nem, com maior razão, o instinto do poder. [...] (TROTSKY, 1979, p.XII).

Trotsky vai observar que o ímpeto de racionalização da vida social e individual sob o modo de vida burguês tem limites:

[...] No entanto, todos os esforços da filosofia das luzes para racionalizar, isto é, para reconstruir segundo as leis da razão as relações sociais e individuais, apoiavam-se na propriedade privada dos meios de produção, que devia constituir a pedra angular da nova sociedade, fundada na razão. A propriedade privada significa o mercado, o jogo cego das forças econômicas, não dirigidas pela 'razão'. Foi assim que na base das relações econômicas mercantis se elaborou um modo de vida igualmente mercantil. Já que a lei do mercado reinava em absoluto, era impossível pensar uma verdadeira racionalização do modo de vida das massas populares [...] (TROTSKY, 2009 p.32).

Dessa forma, é perfeitamente compreensível que, mesmo diante de tamanha capacidade e possibilidade técnico-científica de domínio sobre a natureza, esse modo de vida, que depois de tantas descobertas e criações pelo domínio da ciência, podendo realizar cirurgias sem ter que abrir o corpo, ou fabricar máquinas que possam se comunicar, ou, ainda, construir fábricas inteiras funcionando sob o comando de máquinas, não consegue erradicar a inconsciência, a ignorância e a brutalidade (tampouco poderiam!) que dominam a organização social sob a direção burguesa. Mesmo com todos os esforços de seus elementos mais progressistas, a burguesia, no máximo, chega a racionalizar além das ciências naturais com o

domínio das propriedades dos elementos da natureza com o enorme potencial para juntar e separar esses elementos, criar e descobrir novos materiais a partir dos existentes e promover grandes transformações, a exemplo da fissão e da fusão nuclear, do DNA da neurociência e da nanotecnologia. Infelizmente, pelo seu *modus operandi* fica impedida de efetivar uma socialização de toda riqueza para o conjunto da humanidade

Pode fazê-lo na política, via sufrágio universal ou reação democrática de controle social, via instituição democrática, parlamento. Porém, essa racionalização esbarra na economia, nas leis cegas do mercado que seguem os ditames da acumulação privada da riqueza, onde o trabalhador, o produtor da riqueza, passa a ser tratado como um estorvo ao progresso da sociedade visto todo um operativo comandado pelo sistema financeiro, empresários em conjunto com governos e parlamentos para retirar direitos dos trabalhadores, sob argumentos de modernização das relações de trabalho. Isso não só em países da periferia do capital, como na América Latina, mas, também, na Europa, *berço* das políticas de bem-estar social, tão propaladas na pós-Segunda Guerra Mundial, no século XX.

Sobre a possibilidade da racionalização econômica:

Só com a tomada do poder pela classe operária criaram-se as condições de uma verdadeira e radical transformação do modo de vida. Não se pode racionalizar o modo de vida, isto é, transformá-lo segundo as exigências da razão, se não se racionaliza a produção, visto que o modo de vida tem suas raízes na economia. Só o socialismo assume a tarefa de encarar racionalmente e de submeter à razão toda atividade econômica do homem [...] (TROTSKY, 2009 p. 33).

Trotsky evidencia os limites da razão burguesa quando não racionaliza a produção e a distribuição da riqueza, o que nos leva à compreensão de que não podemos construir a história do futuro pelo nosso desejo. Precisamos nos submeter à realidade e intervir considerando-a, não só com base na compreensão das ideias formuladas sobre ela, mas, sobretudo, compreender a própria realidade como meio passivo de transformação no sentido dos fins pretendidos previamente formulados pelas necessidades compreendidas. Nesse caso, a necessidade compreendida pressupõe a destruição do *jugo cego* das forças econômicas do mercado mundial. Para pôr fim ao *jugo cego* do mercado é preciso tomar o poder, e, para isso, é necessária uma revolução. No entanto, para que a revolução seja vitoriosa com a destruição do capitalismo e o início do socialismo, faz-se necessária a existência de um partido organizado e combativo, que comande e direcione essa ação. Nesse sentido, Trotsky não deixa dúvida sobre o papel do partido na revolução proletária.

Sem o partido, independentemente do partido, faltando o partido, através de um substituto para o partido, a revolução proletária nunca pode triunfar. Essa é a

principal lição da última década. Para ser claro, os sindicatos ingleses podem tornar-se uma poderosa alavanca da revolução operária. Eles podem, por exemplo, sob certas circunstâncias e durante um certo período, até mesmo substituir os soviets operários. Mas eles não podem cumprir tal papel sem o partido comunista e certamente não contra este, mas apenas sob a condição de que a influência comunista nos sindicatos se torne decisiva. Pagamos muito caro para chegar a esta conclusão sobre a função e o significado do partido para a revolução proletária e não podemos renunciar a ela tão facilmente ou enfraquecê-la (TROTSKY, 2010, p. 183).

Esses escritos são de 1924, sobre as lições de outubro de 1917, na Rússia, quando triunfou a primeira revolução operária e foi criado o primeiro Estado operário na História da Humanidade. Mas, também, tem a ver com os enfrentamentos que se intensificaram por parte de Trotsky ao stalinismo após a morte de Lênin, com a derrota da oposição de esquerda, encabeçada por Trotsky, e o fracasso da insurreição alemã em 1923, além, também, dos caminhos da degeneração burocrática da III Internacional Comunista, a *Comintern* e a defesa do stalinismo, do socialismo em um só país.

Essa batalha se aprofunda cada vez mais à medida que Stalin avança na destruição da maior conquista da Revolução Russa, a III Internacional, o partido mundial para a revolução socialista, pois, para Lênin e Trotsky, seguindo os ensinamentos de Marx e Engels, o socialismo só poderia triunfar no plano mundial, embora se iniciasse com revoluções nacionais, com partidos revolucionários que estivessem ligados a uma Internacional.

Essa luta implacável de Trotsky contra o socialismo em um só país culmina na fundação da IV Internacional, depois do reconhecimento por ele da falência da III para conduzir a revolução mundial a partir da Rússia.

Continuo pensando que o trabalho no qual estou empenhado, apesar de seu caráter extremamente insuficiente e fragmentário, é o mais importante de minha vida; mais que o de 1917, o da guerra civil ou qualquer outro.[...] Mas agora meu trabalho é indispensável em todos os sentidos. Nesta afirmação não há nem uma soberba. O desmoronamento das duas Internacionais colocou um problema que nenhum de seus dirigentes está capacitado para resolver... não fica ninguém senão eu para levar acabo a missão de armar uma nova geração com um método revolucionário, sobre as cabeças dos dirigentes da II e III Internacionais [...] (TROTSKY, 2008, p. 9).

Trotsky esteve na *linha de frente* da revolução de 1905, sendo o orador mais popular da revolução de 1917 e um dos principais dirigentes do Partido Bolchevique que comandou a tomada do poder. Organizou e liderou o Exército Vermelho com quase 5 milhões de soldados contra a invasão dos exércitos imperialistas que faziam um cerco contra a revolução e contra o Estado operário. Advertiu-nos que a sua realização mais importante foi a sua batalha para fundar a IV Internacional, isso por si só merece uma reflexão sobre a necessidade de sua existência enquanto organização internacional.

É verdade que errou na função que cumpriria na IV Internacional, durante o pós-Segunda Guerra Mundial. Contudo, se não tivesse sido retirado de cena, com certeza teria feito a devida correção. No entanto, infelizmente, não pôde dar sua última palavra sobre os rumos do bolchevismo, leninismo e do stalinismo, perante e depois da guerra, por ter sido assassinado em seu exílio no México em agosto de 1940, por Ramón Mercader, agente infiltrado em sua casa a mando de Stalin.

Vamos mais uma vez às suas palavras quando da fundação da IV Internacional, em 1938, em Paris. Infelizmente, ele não pôde estar presente devido à forte perseguição do aparato stalinista muito mais intenso com os processos de Moscou e a eliminação física dos opositores dos regimes soviéticos, até mesmo dos que se encontravam no exílio.

Queridos amigos, não somos um partido igual aos outros. Não ambicionamos somente ter mais filiados, mais jornais, mais dinheiro, mais deputado. Tudo isso faz falta, mas não é mais que um meio. Nosso objetivo é a total libertação, material e espiritual, dos trabalhadores e dos explorados por meio da revolução socialista. Se nós não o fizermos, ninguém a preparará nem a dirigirá. As velhas Internacionais estão completamente podres... Sim, nosso partido nos toma por inteiro. Mas em compensação nos dá a maior das felicidades, a consciência de participar na construção de um futuro melhor, de levar sobre nossos ombros uma partícula do destino da humanidade e de não viver em vão (TROTSKY, 2008, p. 17).

Queremos ressaltar que a fundação da IV Internacional ocorre numa conjuntura totalmente adversa. Além da pressão stalinista desencadeada pelos processos de Moscou, e a ascensão do Nazismo, surgem governos de frente populares, a colaboração de classes. Formação de governos em conjunto com a burguesia, jogando na *vala do esquecimento* qualquer princípio de independência de classes e da luta pelo poder da classe operária, momento em que a burocracia soviética resolve abandonar a política ultra-esquerdista do terceiro período, que, para eles, seria o período final do capitalismo, momento de sua destruição e ascensão da classe operária sob o comando dos Soviéticos.

Essa caracterização esquemática do stalinismo dos três períodos diverge das posições de Lênin e Trotsky no terceiro e quarto congresso da III Internacional, a ver: primeiro, entre 1917 a 1924, crise capitalista; segundo, de 1925 a 1928, estabilização capitalista; e, terceiro, 1928 a 1934, agudização do capital, como já mencionamos, diverge das posições de Lênin e Trotsky no terceiro e quarto congresso da III Internacional.

Essa divergência se apresenta como divisor de águas entre os que compreenderam as ideias de Marx e Engels sobre a revolução permanente e as reivindicações transitórias, que, em unidade com o internacionalismo, constituiu a base fortificada do marxismo revolucionário, daqueles que teimam em esquecer ou ignorar o materialismo dialético, o qual

os tornam incapazes de percebermos recuos na luta de classe, como se houvesse uma simetria permanente como o movimento do tempo, uma revolução permanente sem nenhum recuo, a partir da qual a crise econômica se tornaria sinônimo de levantes revolucionários e de estabilidade econômica contrária a momentos de lutas.

O III Congresso da Internacional Comunista estabeleceu um marco entre o primeiro período, de 1917 a 1921, quando o levante das massas no pós-Guerra tinha o potencial para derrubar a burguesia. Porém, não havia direções a altura para *levar a cabo* a tomada do poder. O segundo período, de março de 1921 a outubro de 1923, quando as massas recuavam. Assim, temos a afirmativa de Trotsky

O III Congresso da Internacional Comunista foi o marco que delimitou o primeiro e segundo períodos. Neste foi estabelecido que os recursos dos partidos comunistas, tanto política como organizativamente, não eram suficientes para a conquista do poder. Ele levantou a palavra de ordem: ‘Às massas’, isto é, conquistar o poder através da prévia conquista das massas, alcançada pela vida e lutas cotidianas. [...] Essa formulação encontrou uma resistência furiosa no congresso, inspirada teoricamente por Bukharin. Naquele momento, ele tinha um ponto de vista próprio da revolução permanente, não o de Marx ‘já que o capitalismo se esgotou, a vitória será alcançada através de uma ofensiva revolucionária ininterrupta’. A posição de Bukharin sempre se resume em silogismos deste tipo (TROTSKY, 2010, p.155).

Essas posições ultraesquerdistas da burocracia que dirigia a III Internacional, a *Comintern*, causou grandes estragos ao proletariado:

[...] A direção da Internacional em 1924 fez tudo ao seu alcance para suprimir tanto as críticas das experiências do outubro alemão quanto qualquer crítica em geral. E se manteve teimosamente repetindo: os trabalhadores estão rumando diretamente para a revolução – a escada leva para cima. Não é de admirar que as diretivas do V Congresso, aplicadas durante um refluxo revolucionário, levaram a quedas e derrotas políticas cruéis (TROTSKY, 2010, p.177).

E, também, os que viveram a ascensão de Hitler, quando o stalinismo, seguindo essa linha ultra-esquerdista, não permitiu ao Partido Comunista Alemão (PCA) fazer frente com a social-democracia contra a ascensão do Nazismo, o que permitiu a chegada de Hitler ao poder na Alemanha sem resistência do partido comunista alemão e, conseqüentemente, o início da escalada para a Segunda Guerra Mundial.

A crise política e econômica na Alemanha *abriu os portões* para a chegada triunfal de Hitler ao poder que encontrou a classe operária dividida e sem direção. Para *coroar a cegueira* do stalinismo, colocou sinal de *igual* entre a social-democracia e o fascismo, acusando Trotsky de contrarrevolucionário por defender uma frente do PCA com a social-democracia para conter a ascensão do Nazismo.

Trotsky tinha plena convicção que tanto a social-democracia quanto o fascismo tinham em comum a defesa da burguesia contra a revolução operária. Contudo, os métodos de

ambos para governar são distintos: enquanto que a social-democracia convive com o Parlamento e com os sindicatos, o fascismo tem como fim destruir as duas instituições. Ou seja, esse antagonismo seria o ponto de apoio para a unidade entre comunistas e social-democratas, o que não aconteceu por falta de uma política consequente por parte das duas maiores forças que podiam se levantar contra o Nazismo, deixando os trabalhadores sem um plano de ação e sem projeto alternativo para se contrapor ao inimigo que avançava esmagando qualquer resistência desorganizada por falta de uma direção.

Diante do desastre que foi a vacilação da direção do PCA perante o golpe de Hitler, Trotsky assinou seu óbito, porém, ainda com a esperança de uma reação da *Comintern*. Segundo Sagra (2010):

[...] Porém, em 7 de abril de 1933, a Internacional Comunista anunciava: ‘A linha política do PCA, com Thaelmann na cabeça, foi completamente correta, antes e depois do golpe de Estado de Hitler’. Com essa resolução a III Internacional estava assinando sua certidão de falecimento como Internacional revolucionária (p. 87).

Isso o obrigou a assinar um novo atestado de óbito, agora da própria Internacional Comunista fundada por ele, Lênin e milhares de homens e mulheres que dedicaram suas vidas para fazê-la nascer, crescer e se desenvolver como fortaleza da classe operária mundial no combate às atrocidades do capitalismo.

O prenúncio do enterro no mesmo cemitério, numa mesma vala, ao mesmo tempo do Partido Bolchevique, do Partido Comunista Alemão e da III Internacional, a *Comintern*, com o sepultamento na década de 1930. Quando da ascensão do Nazismo na Europa, trazia como terra de cobertura o componente *Stalinismo* e *Nazismo*, que seria compactado com o sangue de milhões de vidas ceifadas na Segunda Guerra Mundial e com as lágrimas de sofrimento incomensuráveis. Porém, o velório traria uma longa noite em claro para a humanidade.

Por três vezes, nas quatro primeiras décadas do século XX, o *barro ferveu* na Alemanha⁴, em 1918 e 1919, durante o pós-Primeira Guerra e diante da Revolução Russa, com a criação do primeiro Estado operário na história mundial, que se encontrava isolado e, ao mesmo tempo, em perigo, não só pelo isolamento, mas, sobretudo, pelo atraso econômico e cultural.

A classe operária mais organizada de um dos países mais avançados da Europa se levantava pelo *faro do poder*. Mas, infelizmente, as condições políticas e organizativas da

⁴ Expressão popular comumente utilizada para definir uma circunstância de briga intensa e fervorosa na qual o solo abaixo dos pés está tão quente que não permite que ninguém se acomode.

classe operária naquele momento não permitiram a vitória da revolução. A derrota poderia ter como consequência selar o destino do primeiro Estado operário soviético. Porém, o instinto pela manutenção da vida da classe operária se mantinha muito elevado pelas experiências vividas diante da *carnificina* que foi a Primeira Guerra Mundial, *levada a cabo* pela direção da burguesia. Outro levante se deu em 1923, faltando pouco para a vitória, o que não se concretizou pelo recuo e vacilo das direções que, mais uma vez, impediram o desejo do proletariado alemão de dirigir os seus destinos e mudar os rumos da história mundial.

Na primeira tentativa, em 1921, a direção do movimento precipitou a batalha quando os operários ainda afiavam as facas. Na segunda, em 1923, com as facas devidamente afiadas, a direção recua e *desvia as lâminas do pescoço da burguesia*. Tanto em um quanto no outro caso, deparamo-nos com uma crise de direção, que ora pode confundir o início da gravidez com o momento do parto e provocar o aborto e, em outro momento, no vacilo, deixar a criança e a mãe morrerem, por não ter percebido a hora do nascimento, o momento exato de intervir de maneira firme e decisiva, já que o parto não poderia ser espontâneo (TROTSKY, 2010).

E na continuidade da efervescência em solo alemão, novamente em 1932-1933, enfrentando uma enorme crise econômica e social devido à derrota na Primeira Guerra e as condições humilhantes do Tratado de Versalhes, o desfecho não foi menos trágico ao proletariado. Não só o alemão, mas o proletariado mundial, quando o Partido Nacional Socialista Alemão, sob o comando de Hitler chega ao poder diante da paralisia de um dos proletariados mais organizados do continente europeu.

A *cegueira política* da III Internacional, sob o comando de Stalin, em conjunto com a do Partido Comunista Alemão em não identificar o inimigo a ser derrotado naquele momento histórico e apontar uma direção para a classe operária, agregando-se, a isso, a traição da social-democracia. Tudo somado e pesado, *abriu as portas* para o Nazismo chegar ao poder e cometer todas as suas atrocidades inimagináveis.

Há um raciocínio nos apresentado pelo materialismo histórico, enriquecido pelo marxismo, que nos ajuda nesse momento colocando três linhas de entendimento humano diante dos fatos: O determinismo mecânico fatalista; a vontade subjetiva e o materialismo dialético. No caso da Alemanha, os fatalistas diriam que os alemães, derrotados na Primeira Guerra, humilhados e subjugados pelo Tratado de Versalhes, e vendo no Nacional-Socialismo de Hitler o caminho da salvação, não tinham como evitá-lo. Já para os subjetivistas, a situação seria vista como sem muitas complicações, bastaria o proletariado desejar enfrentar o

Nazismo que o faria pelo seu tamanho e tradição de organização e de luta. Porém, para os histórico-dialéticos, a compreensão seria que nada está dado *a priori*, e que o devido entendimento não só sobre as ideias da realidade, mas, da própria realidade, sendo seguida por uma devida e correta intervenção política por parte das direções, teria, com certeza, mudado o curso da história, ou para uma terceira revolução, ou para a derrota de Hitler, ou, ainda, para diminuir o impacto do que foi sua ascensão para a humanidade.

Os três *cadáveres ora mortos* para a revolução socialista não tiveram como *coveiros* somente os erros das direções, os quais podem consistir em: I) partir na frente e deixar as massas para trás e querer *colocar os caçúas sem ter posto a cangalha no animal, não sendo possível dessa forma transportar devidamente a carga*; II) atrasar-se, não conseguindo reconhecer a revolução quando estiver frente a frente com ela, e só percebê-la *pelos costas* quando ela já tenha passado; III) nem sair na frente, precipitando-se, tampouco ficar para trás ao não perceber o momento da tomada do poder, mas, saber que é o momento, contudo, não ter a devida clareza das tarefas a serem cumpridas e a forma de conduzi-las devido à insuficiência organizativa e política, o que tem relação com a maturidade política da direção do partido revolucionário.

A revolução só chega quando não há mais outro caminho a ser escolhido e seu coroamento tem como desfecho a insurreição.

[...] Nós consideramos a insurreição de dois ângulos. Por um lado, como um estágio definido do processo histórico, como um reflexo definido das leis objetivas da luta de classes; por um lado, do ponto de vista subjetivo ou ativo: como preparar e levar a insurreição da melhor forma para garantir sua vitória [...] (TROTSKY, 2010 p.199).

Há um elemento que, mesmo em unidade com esses erros e vacilos das direções, distingue-se por ser resultante de uma ala que entrou em crise e se deslocou para o lado inimigo às vésperas da insurreição armada, o que coloca em perigo a vitória da revolução e evidencia que as direções não estão imunes à pressão material e ideológica da burguesia, o que, para Trotsky (2010):

Na derrota alemã de 1923 havia, é claro, muitas particularidades nacionais, mas havia também profundas características típicas que indicam um perigo geral. Esse perigo pode ser chamado de *a crise da direção revolucionária na véspera da transição para a insurreição armada*. As bases do partido proletário são, por sua própria natureza, muito menos suscetíveis a pressão da opinião pública burguesa. Mas certos membros do topo e camadas médias do partido irão infalivelmente sucumbir em maior ou menor medida ao terror material e ideológico da burguesia no momento decisivo. Não levar a sério esse perigo é não saber lidar com ele. Não há, é claro, fórmula mágica contra isso que sirva em todos os casos. Mas o primeiro passo necessário para lutar contra o perigo é entender sua origem e sua natureza. O

surgimento ou desenvolvimento inevitável de um agrupamento de direita em qualquer partido comunista durante o período ‘pré-outubro’ reflete por um lado as imensas dificuldades objetivas e perigos inerentes a este ‘salto’ e por outro lado a pressão furiosa da opinião pública burguesa. Eis a essência e o sentido do agrupamento da ala direita. [...] (p.163, grifo do autor).

Trotsky (2010) reconhece que em 1917 um setor minoritário da direção vacilou, mas, logo foi superada pelas posições de Lênin. Na Alemanha, o Partido Social Democrata (SPD), considerado o modelo de organização no interior da segunda Internacional, não evitou se afogar na degeneração do patriotismo diante da Primeira Guerra Mundial de 1914. Rosa Luxemburgo se impõe como uma líder da esquerda e *leva a cabo* um duro combate ao revisionismo e ao nacionalismo, ao mesmo tempo de todo tipo de adaptação ao imperialismo alemão. Ela se converteu em motor de resistência à guerra e, por isso, sofreu todo tipo de ataques, tanto do partido quanto do Estado. Em 1916, tanto ela quanto Karl Liebknecht se encontravam presos, e, em 1919, foram assassinados. Sem o partido e sem eles, o proletariado alemão se tornou presa fácil.

Toda a direção vacilou o que desestruturou todo o partido e a classe, *enterrando* a revolução. Concluiu que é preciso estar preparado para combater essas crises que são inevitáveis, contudo, são possíveis de serem minimizadas, sobretudo quando há o entendimento do que foi o outubro de 1917, na Rússia, e em 1923, na Alemanha.

O eixo ordenador do marxismo revolucionário da defesa da revolução permanente e do programa de transição iniciado por Marx e Engels é posto à prova pela história quando Lênin e Trotsky lideraram a Revolução Russa. Esse eixo vai se chocar frontalmente com o sectarismo ultra-esquerdista do Stalinismo nos anos 1930 do século XX, momento em que se aprofunda a defesa do socialismo em um só país, quando a burocracia Stalinista *entrega de bandeja a cabeça* do proletariado alemão, que, mesmo com a sua tradição de organização e combatividade, sucumbiu à traição da burocracia. Essa burocracia ainda inaugura, com o seu oportunismo, os governos de conciliação de classes, colocando as organizações dos trabalhadores para governar junto com a burguesia, o que resultou em várias derrotas para o movimento operário.

Diante desses *zigue-zagues* da burocracia Stalinista, que sai do ultraesquerdismo quando identifica o recuo como avanço da classe operária ao oportunismo, momento em que concilia governar com a burguesia. Trotsky muda a sua caracterização sobre o Stalinismo, de centro burocrático à contra revolucionário e passa a defender a fundação da IV Internacional.

A função nefasta das frentes populares e o desenrolar desses governos na história surtiram efeitos duradouros a partir da metade do século XX e início do século XXI,

principalmente após a queda do Muro de Berlim, situação em que, pela quarta vez na história, o solo alemão estremeceu as estruturas do poder burguês. Esse é um tema que merece ser melhor compreendido, porém, no momento precisamos retomar a conformação das primeiras Internacionais, I, II e III para compreendermos melhor a função que poderá cumprir a IV no contexto da luta de classes nos fins do século XX e início do XXI. Para tanto, nos ajuda o registro de Sagra (2010):

A política da frente popular levou à derrota os processos da França e da Espanha, processos que, se tivessem triunfado, poderiam ter detido o avanço nazista. Na revolução alemã de 1923, a política errada da ‘troika’ (Stalin, Zinoviev e Kamenev) impediu que o partido alemão disputasse o poder e a revolução foi perdida. Na China de 1925/28, Stalin queria o triunfo da revolução, porém preso a sua concepção etapista, realmente acreditava que só se tratava de uma revolução democrático-burguesa e que a força revolucionária estava no Kuomintang. Consequentemente com isso, aplicou uma política que levou à derrota da revolução e à destruição do partido chinês. Porém, na Espanha, há uma mudança de qualidade. Agora, se trata de uma política conscientemente contra revolucionária de unidade com a burguesia republicana para enfrentar as forças da revolução operária. E o stalinismo recorre a todos os métodos para conseguir seu objetivo contrarrevolucionário[...] (SAGRA 2010, p.119- 120).

Como podemos perceber um dos maiores acontecimentos da história mundial, a ascensão do nazismo e com ele a Segunda Guerra Mundial, sela o destino da III Internacional, a *Comintern*, ao mesmo tempo em que impulsiona o nascimento da IV. Dessa forma, compreendemos que, diante de grandes fatos resultantes da luta de classes, nasceram e pereceram a I, a II e a III Internacional.

É razoável buscar compreender o que levou a classe operária e seus aliados a se organizarem em partidos e Internacionais e seus desdobramentos.

Quando recorremos à história na busca de esclarecer algo, e, também, na intenção de compreender o passado, sua ligação com o presente, e como tudo isso, de certa forma, pode nos preparar para tendências futuras, temos a sensação de que está escapando alguma parte da história que nos ajudaria mais nesse intento. Não tem como ser de outro jeito, pois não seria possível uma compreensão absoluta da história, até mesmo quando se pretende apontar para uma determinada direção, porque a história é viva e, nessa dinamicidade de idas e vindas entre presente e passado, e as perspectivas futuras, tudo permanece em constantes mudanças, não só as circunstâncias objetivas, fatos consumados, mas, também, as subjetivas, desejos e vontades.

Se a crise da direção do Partido Alemão em 1923 tivesse sido superada e a Insurreição Alemã vitoriosa? Bem, não foi. Se a Revolução Chinesa tivesse seguido os ensinamentos de Lênin? Mas, não seguiu.

Nossa revolução é uma revolução burguesa e por isso os operários devem apoiar a burguesia – dizem os políticos imprestáveis do campo dos liquidacionistas. Nossa revolução é uma revolução burguesa, dizemos nós, os marxistas, e por isso os operários devem abrir os olhos das pessoas para a fraude dos políticos burgueses, ensiná-las a não acreditar em promessas e acreditar em suas próprias forças, em suas próprias organizações, em sua própria unidade e em suas próprias armas (TROTSKY, 2010 p. 227).

O etapismo stalinista prevaleceu. Se o Partido Comunista Alemão e a social-democracia tivessem feito uma frente única contra o partido de Hitler, como seria a história hoje? Os marxistas revolucionários não trabalham com o “se”, mas, com a realidade concreta. Isso é verdade, mas não absolutizam, tampouco colocam grades na subjetividade humana que, diante das circunstâncias, em confronto com os seus desejos e pretensões, além de como se deram os fatos, pode, pela condição de ser portador de consciência e vontade, implementar ações no sentido de modificar as circunstâncias, readequando-se na intenção de preparar minimamente o futuro antes pretendido, já que não é possível encomendar um pacote pronto e acabado da história de acordo com os desejos previamente estabelecidos por quem quer que seja.

Esse movimento da razão humana alimentado pela compreensão histórico-dialética pode nos dotar, por um lado, para enfrentar o determinismo não só da natureza, como, também, superar as adversidades sociais e largar na frente do subjetivismo vulgar dominado pelo idealismo, que atribui poder às ideias, que elas não têm o poder de selar o destino humano.

Quando Marx e Engels *colocam o tempero* dialético no *caldo* do materialismo histórico, deixam para trás tanto o materialismo determinista quanto o idealismo vulgar, pois, ambos comungam com a compreensão de que o homem é, em qualquer situação, um ser passivo, tanto subjugado pelas forças da natureza como pelas relações sociais de dominação do mercado mundial.

A crítica marxista admite que, tanto as mudanças das circunstâncias, como as das ideias, são produtos da ação dos homens, que estes, ao reproduzirem o mundo real em forma de teoria o fazem pela interação com natureza e com os outros homens, o que lhes possibilitam, pela experiência prática, oxigenar a teoria. Esta, por sua vez, oxigena a prática, assim, nem a teoria se petrifica, tampouco a prática se esvai de sentido.

Essa compreensão traz como primeiro ensinamento que somente na natureza pode ocorrer o inevitável. É impossível, pelos menos na Terra, ignorar a lei da gravidade, impedir uma tempestade ou interromper um furacão, mas é perfeitamente possível, em certas

condições, transformar as leis do mercado, que são produto da ação humana, e em seu lugar edificar outra forma de organização social, dependendo das forças em jogo.

O segundo ensinamento é que a história é produto dos homens, nada está dado *a priori* e tudo deve ser posto à prova, inclusive o passado, aqui não se trata de uma manobra hollywoodiana de dar uma volta pelas costas da história para alterar o futuro modificando o passado e tampouco ver no presente o que ficou para trás, mas fazer um giro de 360° e passar em revistas os fatos ocorridos para melhor compreender o presente e prever o futuro observando os erros do passado.

Quando Marx pôde vislumbrar uma sociedade comunista olhando para uma ordenação dominada pelo capitalismo, não estava fazendo elucubrações fantasiosas e sim um profundo exercício de entendimento do potencial humano pela capacidade de submeter às forças cegas da natureza a técnica e a cultura, tudo devidamente situado diante da necessidade e possibilidade do conjunto da humanidade reproduzir nos indivíduos singulares o ser humano devidamente evoluído da natureza, desenvolvido, ampliado e assegurado pela coletividade, nucleado pelo trabalho, ação que garante a simples condição de viver e fazer história.

Trotsky invoca seu mestre Lênin quando ressalta a importância da cultura no momento que o Estado operário dava seus primeiros passos na edificação do socialismo. ‘Eu me inclinaria em dizer [Lênin salienta já ao final de seu artigo] que o centro de gravidade para nós deveria ser transferido para o trabalho cultural, se não fosse nosso dever lutar por nossa posição em escala internacional.’ (TROTSKY, 2010 p. 113).

E continuando diz: “[...] Lênin sabia tão bem quanto nós que a cultura anda de braços dados com a tecnologia. ‘Para ser culto’, dizia, fazendo os revisionistas descerem da Lua, ‘uma certa base material é necessária’[...]” (TROTSKY, 2010 p. 113).

Sobre essa base material como pressuposto para o avanço da técnica da cultura e da educação, Trotsky demonstra ter assimilado bem os ensinamentos de Lênin:

[...] cada sociedade de classes forma-se sobre a base de normas bem definidas de luta contra a natureza, e estas normas são modificadas em relação ao desenvolvimento da técnica. Qual é a base das bases: a organização de classe da sociedade ou sua força produtiva? Sem dúvida, a força produtiva. Sobre esta base, num certo nível de seu desenvolvimento formam-se e reformam-se as classes. Nas forças produtivas expressa-se materialmente a habilidade econômica da humanidade, sua capacidade de assegurar a própria existência. Esta dinâmica fundamenta as classes que, nas suas relações recíprocas, determinam o caráter da cultura. [...] Se não esquecermos que a força motriz do processo histórico são as forças produtivas que liberam o homem do domínio da natureza, então compreenderemos que o proletariado necessita apoderar-se de toda soma de conhecimento e da capacidade elaborada pela humanidade no curso de sua história, para poder emancipar-se e

reconstruir a vida sobre a base dos princípios de solidariedade (TROSTSKY, 2000, p. 19).

Muitas *luas* se passaram desde que os primeiros *Homo sapiens* puderam escolher uma vara para alcançar algo que não era possível pegar só com a extensão dos braços, até o último quartel do século XX, quando, sob a direção do cosmonauta Carl Sagan, a NASA lançou ao espaço as sondas Voyager 1 e 2 no final dos 1970⁵ (1977).

Em 1990, depois de 13 anos percorrendo o espaço sideral, ainda sob o comando de Sagan, a Voyager I, a mais de seis bilhões de quilômetros de distância da Terra, pôde ser alcançada por um comando vindo do nosso planeta para que executasse um giro de 360° em sua câmera fotográfica e tirasse uma fotografia do Planeta Terra.

Esse acontecimento magistral, conduzido pela técnica e a racionalidade humanas, revela a grandiosidade do espírito humano, que, mesmo sufocado permanentemente pela tirania do capital, resiste e não abandona a sua essência: a resistência consciente e instintiva de preservação da vida. Naquela mesma missão da Voyager1, de exploração do espaço, foi enviado um disco de ouro que continha várias informações sobre a vida na Terra, a natureza, as pessoas, os seus hábitos, a cultura, a alimentação, as artes e até chegaram a solicitar ao grupo musical britânico The Beatles uma de suas músicas que registrava a felicidade das pessoas com a chegada do sol, *Here comes the Sun*. Os músicos não fizeram objeção, porém, a gravadora invocou a lei de patentes, como direito universal. Infelizmente, essa música não poderá ser ouvida se alguma outra forma de vida inteligente conseguir alcançar o disco.

Um pequeno exemplo dos ditames do capital, mas, muito edificante para compreender como pode ser grande a sua *cegueira* e o seu potencial, não só para atravancar e conter as forças do desenvolvimento humano, mas, em certas condições, desviá-la para destruição da vida no Planeta que nos cabe habitar até o momento.

Quando Marx pensou uma sociabilidade comunista, a partir da qual os homens passariam do reino da necessidade para o reino da liberdade, tinha em mente a capacidade e a necessidade de racionalizar a produção e a distribuição da riqueza de forma que toda a humanidade pudesse ter acesso aos bens produzidos em quantidade e qualidade para usufruto pleno, de acordo com as necessidades. Se hoje surge a objeção de que nosso planeta não comportaria tal pretensão, com certeza buscaremos fórmulas para os problemas na razão do seu tempo e de seu espaço.

⁵Para mais informações buscar o artigo no seguinte endereço eletrônico. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/voyager-1-a-conquista-do-cosmos-e-a-promessa-do-comunismo/>. Acesso em: fev./2019.

Marx tinha consciência que essa racionalização da produção e distribuição de riqueza não chegaria simplesmente pelo progresso contínuo do capital, mas, seria posto ou não na realidade pelo confronto de forças antagônicas *levadas a cabo* pelas duas classes principais; a burguesia e o proletariado.

No primeiro artigo da Liga dos Justos, de 1847, que depois passaria a ser a Liga Comunista, primeiro embrião do que se tornaria a I Internacional Comunista em 1864, fundada em Londres podemos dimensionar os eixos de sua política que eram: derrubar a burguesia, edificar o reino do proletariado, suprimir a sociedade burguesa fundada na contradição de classes e a construção de uma sociedade nova sem classes sociais e propriedade privada dos meios de produção. (MARX; ENGELS, 2005).

Para que isso acontecesse, uma batalha árdua e tenaz teria de ser realizada pela classe operária mundial, uma vez que não adiantaria derrotar o Capital em um só país, como, também, não tinha como derrotá-lo com um só golpe, daí a teoria da revolução permanente e as reivindicações transitórias.

Como dizia Lênin, a vida ensina e isso nos é dito com frequência pelos que têm mais tempo de respiração. Das revoluções que fizeram o *barro ferver* por quase toda a Europa nos anos 1840 do século XIX, e que ficaram conhecidas como “*Primavera dos Povos*”, começando a se irradiar a partir da França devido a uma grave crise econômica, que, somando-se a outros fatores políticos e sociais, tais como o autoritarismo e a falta de representação política pelo povo se fez mover com paixão e coragem os operários e os camponeses franceses.

Foi mantida a tradição da Revolução Francesa, com os soldados mais destemidos e criativos no *front* de batalha, embora seus comandantes não fossem muito adeptos do planejamento, que o diga um dos mais oponentes deles, Napoleão Bonaparte, quando da invasão de Moscou no início do século XIX (1812). Ao ser derrotado, não pelo inimigo em campo de batalha, mas, pelo frio e fome, não só pelo simples fato de não levar em consideração a sucessão das estações do ano, mas, por não considerar como elas poderiam ser utilizadas pelo inimigo. Essa derrota abalou a hegemonia francesa e a imagem de combatente invencível de Napoleão, e ainda pôde ser registrada pela literatura universal na obra de Leon Tolstoy, no seu romance, “*guerra e paz*”.

A vida ensina. Então, o que aprenderam os governantes com a Primavera dos Povos? Dessa forma, conforme Hobsbawm (2015):

A política dos dirigentes da década de 1860 estava, portanto, determinada por três considerações. Primeiro, eles se encontravam numa situação de mudança política e econômica que não podiam controlar, mas à qual precisavam se adaptar. A única escolha — e os chefes de Estado reconheciam-na bem claramente — era seguir na direção do vento ou utilizar seus conhecimentos de navegação para pôr seus navios em outra direção. O vento em si era um fato da natureza. Segundo eles, precisavam determinar que concessões às novas forças poderiam ser feitas sem ameaçar o sistema social — ou, em casos especiais, as estruturas políticas cuja defesa era de responsabilidade destes governantes — e o ponto além do qual eles não podiam mais seguir com segurança. Mas, em terceiro lugar, eles tinham a sorte de poder tomar ambas as decisões em circunstâncias que lhes permitiam uma considerável iniciativa, campo para manipulação e que os tornavam capazes, em alguns casos, até de agir com virtual liberdade para controlar o curso dos acontecimentos (HOBSBAWM, 2015, p.121).

Assim, não era mais possível governar sem levar em consideração a opinião dos governados, e, de alguma forma, ouvi-los, ou, até mesmo, em algumas ocasiões, implementá-las.

A burguesia aprendeu que, para comandar a embarcação não era o bastante tomar o leme, mas, que era preciso mantê-lo em seu poder. Para tanto, necessitava de uma coalizão de forças, tanto para tomá-lo como para preservá-lo sob o seu comando. Deter o poder econômico e político não é o suficiente. É imprescindível prudência na condução da coalizão e no manejo dos poderes, sobretudo nos tempos de tormentas, daí a preocupação e o zelo com os métodos, as organizações, as táticas e as estratégias no sentido de assegurar a coalizão de forças na condução de interesses antagônicos.

Aníbal Ponce nos ajuda a entender um pouco mais sobre essa prudência da burguesia no campo da educação, que não está desconectada dos demais complexos sociais.

Para ser eficaz, toda educação imposta pelas classes proprietárias deve cumprir as três finalidades essenciais seguintes: 1º destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga, 2º consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante, e 3º prevenir uma possível rebelião das classes dominadas. *No plano da educação, a classe dominante opera, assim, em três frentes distintas*, e ainda que cada uma dessas frentes exija uma atenção desigual segundo as épocas, a classe dominante não as esquece nunca. (PONCE, 2007, p.36, grifo do autor).

Podemos ver que a classe dominante precisa permanentemente convencer os explorados que as suas intenções são de proteção e cuidado com todos os seus comandados e que os métodos de convencimento podem variar desde a persuasão predominante em épocas de calma e a coerção intensa em épocas de turbulências sociais. Ou seja, a classe que domina precisa estar em eterna vigilância para manter sob o seu controle os amigos e inimigos, não só com arsenais ideológicos, mas, sobretudo, com enorme poder belicista e repressivo.

Marx demonstrou no mundo concreto a compreensão de que o poder da burguesia, tanto material como espiritual, era resultante do Capital social concentrado, riqueza produzida pelo conjunto dos homens e apropriada por uma ínfima minoria. Uma forma de se contrapor a isso seria a união do proletariado, não só em associações e sindicatos, mas, também, em partidos políticos, pois, além da necessidade de uma luta imediata para não diminuir o salário, tampouco aumentar a jornada de trabalho, combate contra os efeitos e não contra as causas. Assim, seria preciso uma luta de maior envergadura por um partido responsável pela organização, programa, método, tática, estratégia, educação, mobilização, tudo devidamente direcionado para transformação da sociedade de classes via revoluções sociais com a sua máxima expressão, a insurreição vitoriosa.

Com essa visão, Marx e Engels cerraram fileiras com a classe operária na fundação da I Internacional, no contexto em que os ânimos do proletariado depois da derrota dos levantes de 1848, estavam voltados para a luta pelo socialismo:

[...] De fato, a partir de 1860, ficou claro que o proletariado estava voltando à cena como a outra *dramatis personae* da década de 1840, embora num estado de espírito menos turbulento. Emergiu com rapidez imprevista, para ser logo seguido pela ideologia a partir de então identificada com seus movimentos: o socialismo. Este processo de emergência era um curioso amálgama de ação política e industrial, de vários tipos de radicalismo, do democrático ao anárquico, de lutas de classes, alianças de classe e concessões governamentais ou capitalistas. Mas acima de tudo era internacional, não apenas porque, como no recrudescimento do liberalismo, ocorresse em vários países simultaneamente, mas porque era inseparável da solidariedade internacional das classes trabalhadoras, da solidariedade internacional da esquerda radical (herança do período pré-1848). Era organizado pela e como a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Primeira Internacional de Karl Marx (1864-1872). [...] (HOBSBAWM, 2015, p. 178).

Contudo, a composição político-social da I Internacional é de tamanha heterogeneidade que a leva à inviabilidade. Porém, as ideias de Marx haviam passado pela prova dos nozes ao se sobreporem ao economicismo, ao sindicalismo puro dos socialistas utópicos encabeçados por Proudhon, e os tenazes e combativos anarquistas, liderados por Mikhael Bakunin.

Diante dessas intensas batalhas internas não era possível direcionar a Internacional devidamente para resistências aos inimigos externos, o que, de certa, forma se refletiu na derrota da Comuna de Paris em 1871.

Mesmo com a vida tão efêmera e com tamanhas disputas internas, a I Internacional demonstrou na realidade que a unidade internacional dos trabalhadores não só era possível, mas, também, muito frutífera. Alicia Sagra (2010) acentua sua importância:

[...] A I Internacional não chegou a ser um partido mundial. Na realidade foi uma frente única de organizações operárias e dirigentes revolucionários; porém, deixou grandes lições e escreveu o termo ‘internacionalismo’ no dicionário. Hoje, os revolucionários do mundo continuam reivindicando e cantando as estrofes de seu hino: A Internacional (SAGRA 2010, p.16).

A I Internacional cumpriu a sua missão, mesmo nos ancorando no materialismo dialético que acredita que nada está dado *a priori*. Esse salto na consciência e nos métodos organizativos do proletariado se chocou com os limites históricos das forças produtivas e, portanto, também da forma como organizar a sociedade, pois, não só a natureza, como também as organizações humanas guardam períodos de gestação. Vários elementos se convergem para que até mesmo uma lagarta se transforme em borboleta. Os componentes materiais e teóricos, por uma série de mediações históricas, não reuniram condições para o triunfo da I Internacional com sua permanência, ampliação e desenvolvimento.

O mesmo raciocínio também pode ser válido para o destino da II Internacional, não deixando de registrar, obviamente, que, em outras circunstâncias históricas, porém, que produziram o mesmo resultado.

Os *olhos se abriram* e a atenção deu início à prontidão na época em que o marxismo colocou no palco da luta de classes para os partidos do proletariado a necessidade da conquista do poder. Porém, as *visões* ainda eram *turvas* e o *palco pouco iluminado*. Dessa forma, a I Internacional cumpriu a sua função no período em que lhe coube *viver*, situação em que os princípios básicos da estratégia revolucionária para a execução da tarefa histórica do assalto ao poder não pôde sair totalmente do plano teórico, só sendo testado em termos práticos de forma parcial, mesmo em diversos países.

A ideia de que a prosperidade do capitalismo era um caminho sem volta, de que seria possível, através de concessões do capital em expansão, promover o bem-estar para todos os trabalhadores, dominou as organizações sindicais e os partidos que formavam a II Internacional, principalmente nos países mais desenvolvidos da Europa.

Isso trouxe como consequência o fortalecimento da luta imediata e economicista, além do abandono da luta estratégica pelo poder da classe operária. Sua existência pôde garantir um enorme poder de organização da classe operária em sindicatos e em partidos que abririam o caminho para o movimento operário independente. Contudo, a predominância das táticas desse período desarmou não só os sindicatos, mas, sobretudo, os partidos diante da primeira guerra imperialista. Demonstrou-se, assim, que o progresso do capitalismo não era eterno, revelando-se os limites desse sistema que se mostrou incapaz de resolver os problemas por ele engendrados.

Sobre o desenvolvimento contínuo do capitalismo, as suas contradições e o papel da II Internacional, Trotsky (2010) destaca:

[...] Mas ao mesmo tempo que é falso caracterizar toda a história do capitalismo industrial como uma ‘evolução contínua’, é extremamente importante demarcar um momento especial que o mundo, especialmente a Europa, viveu, que compreende os anos entre 1871 e 1914 ou pelo menos até 1905. Essa foi uma época de acumulação orgânica de contradições que, no que diz respeito às relações internas de classe na Europa, quase nunca ultrapassaram as fronteiras da luta legal e, no que diz respeito às relações internacionais, se ajustaram ao quadro de uma paz armada. Essa foi a época do nascimento, desenvolvimento e estabelecimento da II Internacional, cujo papel histórico progressivo acabou completamente com o início da guerra imperialista (TROTSKY, 2010, p. 149).

No período pós-guerra e Revolução Russa, a II Internacional ficou sem função diante do novo cenário mundial e das tarefas estratégicas do proletariado irradiado a partir da Rússia sob o comando do Partido Bolchevique.

Portanto, a Guerra e a Revolução Russa foram um *divisor de águas* entre o período de nascimento e morte das duas primeiras Internacionais e nascimento e desenvolvimento da III Internacional. Não há como contornar os determinantes da existência material que asseguram que tudo o que nasce deve perecer e a III Internacional também teve o seu fim, porém, antes de poder protagonizar a cena final para a qual foi preparada e que poderia ter realizado: derrotar o capitalismo no plano mundial. Mas, infelizmente, para a classe operária os elementos históricos não confluíram para tal desfecho.

No momento, a expressão *a vida ensina* nos ajuda e nos permite, sem aborrecer aos que querem entender, trazer outra expressão que também nos coloca em alerta para o que estamos fazendo: *a água bateu na bunda*. São essas palavras, para não se distanciar da expressão *a vida ensina*, pois, a partir dessa profundidade das águas, todo pescador sabe, ou pelo menos deveria saber, que a situação mudou e logo as águas estarão no pescoço, sinalizando que uma atividade simples, tal como respirar, corre perigo.

O que estamos tentando dizer é que a agonia e morte da I e da II Internacionais pode encontrar explicação pela ausência do devido desenvolvimento das condições históricas das forças produtivas em conjunto com fatores objetivos e subjetivos da luta de classes. Mas, o mesmo não serve para explicar o fim da III Internacional, a dispersão da IV e o mito da supremacia do capital sobre o socialismo pós-queda do Muro de Berlim e fim dos Estados Operários do Leste Europeu, uma vereda a ser percorrida mais à frente.

Se por um lado pode ser possível justificar a falência da I Internacional de Marx e a II de Engels pelos limites históricos das forças produtivas, o mesmo não podemos fazer com

a III de Lênin e Trotsky. Tal afirmação se justifica no fato de que uma coisa é olhar para um período da história em que o homem tem como opção para alcançar algo para além de seus braços possivelmente varas. Outra situação totalmente diferente seria, em um outro período, um homem poder mover um objeto que estava a mais de 6 bilhões de quilômetros de distância da Terra.

Esse fato se deu quando Carl Sagan pôde fazer girar a câmera fotográfica da Voyager1 e tirar uma fotografia do Planeta Terra, revelando, assim, o poder da técnica e da racionalidade humana, e, ao mesmo tempo, o tamanho da Terra no universo.

Se o projeto de um mundo comunista pensado por Marx, onde os homens terão liberdade, e a riqueza produzida seria distribuída de acordo com as necessidades humanas, ainda não triunfou, e o capitalismo, cada vez mais, em decomposição ainda não deu passagem para o novo, não significa que ele se encontra em um *beco sem saída*, uma vez que não encontramos elementos teóricos e históricos que nos autorizem a dizer que o socialismo virá pacificamente como evolução da humanidade, tampouco respaldo na história para que o capitalismo imponha a sua supremacia como fim do estado do desenvolvimento humano.

3.1 O movimento da natureza e da humanidade no curso da vida: quando os deseducados educam os educados

A natureza é uma mãe incansável, inquieta e instável, com sua inclemência implacável, e indiferente ao sofrimento pode, também, ao mesmo tempo ser protetora, rígida e criativa, por isso uma educadora excepcional.

Na sua inquietude e criatividade deu origem à vida de forma revolucionária pela combinação dos elementos inorgânicos, sem vida, e a formação de seres, com vida. A vida, por sua vez, segue tal qual a sua criadora, em permanente processo de transformação, dando um salto para o ser social, o mundo humano, que só pode se comportar como sua progenitora ao atuar com seu corpo social, ao mesmo tempo em que não se separa de sua composição orgânica (LUKÁCS, 2010).

É com a natureza em movimento e com o ser humano em mobilização pelo curso da vida que falaremos sobre educação, a partir da qual os deseducados podem e devem, em determinadas circunstâncias, educar os educados.

É bem possível e aceitável a um leitor mais *agoniado* logo se perguntar: Como é isso? Como os deseducados podem educar os que já são educados? Não seria o contrário?

Não podemos responder a essas indagações com duas ou três palavras. É preciso esforço e paciência, pois na trilha ou no desenrolar desses eventos por onde os ditos não educados, os deserdados, estando *a comer o pão que o diabo amassou* são forçados a enfrentar os educados, os proprietários, processo em que ora se pode passar por clareiras, ora se deparar com veredas tão estreitas que o maliçal exigirá *carne e sangue* dos deseducados, sendo que muitos deixarão até os seus ossos pelo caminho diante da espinhosa tarefa de educar os já educados, no intento de mudar o modo de vida e edificar uma nova época.

Como dissemos, para responder, não o faremos com duas ou três palavras, mas sim, como diz o *matuto*, com um *bocado* delas e pedimos que não deixe nenhuma cair ao chão, e, se por ventura alguma *escapulir*, pegue de volta pois poderá fazer falta.

Começamos com a fala de um velho agricultor, que costumava lançar três palavras na mesma direção, porém, cada uma com mais profundidade do que a outra no sentido de desvelar a realidade: “olhe, repare e entenda”. Essas palavras nos ensinam não só a olhar, mas, também, a irmos um pouco mais fundo para o que estamos tentando compreender e pela necessidade transformar. Isso não é ciência? De certa forma, há pelo menos dois campos num processo de ensino-aprendizagem ou, se preferir, na grande escola da luta de classes. Um dos educados, os proprietários, e o outro, dos deseducados, os deserdados. Gostaríamos de pedir paciência para o conto de três histórias simples, mas que, para nós, servem como exemplos e até como forma de colocar os primeiros dormentes por onde assentaremos os trilhos do caminho que percorreremos. Essas histórias envolvem um operário da linha férrea, um agricultor e um soldado raso.

Morando à beira da estrada de ferro Fortaleza-Baturité, era comum amanhecer com o *tinir* das marretas movidas pelos braços dos homens a armar as tendas de acampamento em que os operários que faziam a manutenção dos trilhos se abrigavam. Victor Damázia, sujeito pacato e devoto do catolicismo, era um desses operários que em suas memórias guardava muitas histórias da vida dura desses homens rudes e embrutecidos pela faina diária. Certa vez, contou que bem próximo do meio dia, sol a pino, antes do almoço, um jovem engenheiro, educado nas leituras, chamou a atenção de um operário que trabalhava com uma picareta. Este, com o sangue quente, com fome e zangado, agrediu-o, dando-lhe uma picaretada, quase pondo fim a sua vida. *Quando o mestre encarregado das turmas, um velho operário reuniu-se com os responsáveis pelas equipes, disse: o momento para chamar a atenção de um homem é quando este está de barriga cheia, pois, com fome, todo homem se torna perigoso.* Esse fato simples nos remete à ideia contida na *Ideologia Alemã*, de Marx e

Engels, de que a História da Humanidade será diferente quando houver comida, bebida, moradia, roupa e calçado em quantidade e qualidade o suficiente para todos, quando as condições objetivas possam, promovidas pelo conjunto da humanidade, satisfazer não só a fome material dos homens, mas também, de certa forma, a espiritual.

A pedagogia do mestre que se educou vivenciando uma realidade tenaz de homens embrutecidos, onde a força física no manejo de marretas, trados e trilhos, dormentes e troias, eram incontornáveis. Pôde, também, aprender na prática que não é em qualquer momento e de qualquer jeito que se ensina ou se aprende, isto é, é preciso considerar os pressupostos necessários para que haja disposição dos sujeitos envolvidos nos processos de trabalho e educação, pois, por onde corre a necessidade de aprender, passa também a necessidade de ensinar.

Na agricultura de subsistência, onde o manejo da enxada, da foice, do facão e do machado é um pressuposto inexorável no preparo da terra para plantar, o que também exige cuidados simples com as sementes ao enterrá-las, garantindo o seu nascimento e os seus primeiros dias de crescimento sem que nenhum dano lhe aconteça logo após a semeadura, *inimigos* visíveis e invisíveis rodam a plantação, e as sementes sob a terra sofrem o ataque de pássaros e insetos, portanto, é preciso pastorá-los e espantá-los. A funda⁶ é um instrumento bem útil nessa atividade que precisa ser mantida do nascer ao pôr do sol, todos os dias, até que as sementes germinem, cresçam e não possam mais ser arrancadas por eles.

A vida ensina, desde cedo aprendemos na roça a manusear com destreza o machado, a foice, o facão e a enxada, armar quixó, arapuca, forjo, pescar de anzol, landuar, choque e jiquí, atirar com espingarda socadeira, baladeira e funda. No roçado semeávamos os grãos de arroz, milho e feijão e espantávamos os pássaros. Um dia, soubemos que o dono do roçado vizinho havia utilizado veneno junto às sementes para matar os pássaros. Aprovamos a ideia, muito mais cômodo do que ficarmos andando o tempo todo pelo roçado atirando pedras nas aves para espantá-las. Ao sugerirmos para o nosso pai a mesma ideia, ele nos olhou sério com ar de reprovação e encerrou o assunto com uma negativa em um mover de cabeça.

Homem de poucas palavras que nos remete a Fabiano, personagem de *Vidas Secas*, e nos impõe do passado um ato educador para o futuro. Ao reprovar o envenenamento dos pássaros indefesos, ele nos dizia, com uma dimensão pedagógica, de uma educação com o respeito à vida e ao mesmo tempo de tolerância pela coexistência com os diferentes, até mesmo com aqueles que em um primeiro momento parece nos importunar. Essa busca por

⁶A funda é Instrumento feito com pedaços de couro e duas cordas utilizadas para lançar pedras.

facilidades é legítima, porém, realizar atalhos pode ser perigoso, embora, às vezes, pelas circunstâncias, sejamos forçados a isso, contudo, há de se levar em conta o que registrou Trotsky frente à batalha para dar vida à IV Internacional, quando isso lhe impunha o peso implacável do fracasso das três primeiras.

Olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade às massas, por mais amarga que seja; não temer obstáculo; ser rigoroso nas pequenas coisas como nas grandes; ousar quando chegar a hora: tais são as regras da IV Internacional. Ela mostrou que sabe ir contra a corrente. A próxima onda histórica haverá de erguê-la até seu cume. (TROTSKY, 2008, p.75).

Para encerrar com a nossa tríade de histórias contaremos a do soldado raso, que nos remete à importância das pequenas coisas e dos pequenos feitos. Segundo ele, ao ser solicitado para uma ocorrência policial e em diligência numa viatura cujo limpador de para-brisa se encontrava danificado, sendo que o problema já havia sido detectado, mas, tomado como insignificante, até mesmo com o registro da fala dos parceiros: *o limpador de para-brisas é só um pequeno detalhe*. Por ironia do destino, essa diligência passou a ser uma perseguição que foi interrompida tão logo se iniciou uma chuva, obrigando-os a encostar o carro. Não deixa de ser verdade que em um objeto tão grande como um carro, no qual uma peça fora dele e de uso pouco frequente não seja, por vezes, considerada apenas um detalhe em dias comuns, porém, em dias em que a temperatura muda e chove, aquilo que era apenas um detalhe passa a se afirmar como um dos elementos fundamentais do conjunto, ou seja, de todo carro.

Um velho estrategista de muitas e longas batalhas já havia alertado para a importância dos detalhes em eventos de grande monta.

[...] Coisas mínimas sem grandes coisas é o que mais abunda na vida humana. Mas em história não se fazem nunca grandes coisas sem pequenas coisas. Mais exatamente: as pequenas coisas, numa grande época, quando integrado numa grande obra, ‘deixam de ser pequenas coisas’. Entre nós, trata-se da construção da classe operária, que, pela primeira vez, constrói para si e segundo o seu próprio plano. [...] (TROTSKY, 2009, p. 9).

Como bem assegura um ditado popular, não se tropeça em montanhas. É preciso, antes de tudo, situar os conceitos de educados e deseducados, pois, não se trata de um simples posicionamento de letras, ou de querer obter um cavalo aparando as orelhas de um burro. Nesse sentido, nosso enfoque será a luta de classes como motor da História da Humanidade e não só isso, mas com a classe operária como sujeito das revoluções. “[...] A Revolução, antes de tudo, conquistará para cada indivíduo, em duras lutas, o direito à poesia, e não somente ao

pão” (TROTSKY, 2013, p.182). Ou seja, a revolução não trará somente substância para o corpo pulsar vivo, trará também, acalanto para o espírito que alimentará a paz e a liberdade para a humanidade.

Marx e Engels iniciam essa constatação quando dos primeiros levantes autônomos dos tecelões de seda de Lyon, na França, no início dos anos 1830 do século XIX. “Os trabalhadores de Lyon acreditavam estar perseguindo apenas propósitos políticos, pensam ser apenas soldados da república, quando, na verdade, eram soldados do socialismo” (2010 p.48-49).

Destaca-se essa constatação de que há um elemento essencial na luta dos operários que passa pelo poder econômico e pelo político, mas que procura ir além, e, com sua força, possibilitar a compreensão das ideias e dos fatos determinantes da realidade e da existência humana. “Somente no socialismo um povo filosófico encontrará a práxis que lhe corresponde, ou seja, somente no proletariado encontrará o elemento ativo da sua libertação” (MARX; ENGELS, p. 45-46).

Marx e Engels asseguram que somente pela classe operária, os “deseducados”, do ponto de vista da burguesia, os “educados”, podem encontrar os elementos que lhes darão substância para compreender que há um distanciamento do exercício da cidadania, pois, ser humano não se resume a ser considerado cidadão. Da mesma forma, que a vida humana não se molda pelo exercício do poder e sim pela sua liberdade em plenitude com a compreensão de suas necessidades. Portanto, ser educado ou deseducado em uma sociedade dividida em classes tem a ver, de certa forma, com a localização de classe e que, portanto, a indagação de quem pode educar precisa de uma compreensão materialista histórico-dialética, ou seja, é preciso considerar matéria em movimento no tempo e no espaço, em suas contradições em um eterno devir.

O mundo objetivo é produto da atividade humana e ao mesmo tempo do pensamento, do momento ideal da prática dos homens. Um picareta nas mãos de homens com fome, com sede e com raiva podem se destinar a outros fins que não socar pedras para baixo dos dormentes ou abrir sulcos na terra. Afugentar os pássaros ou envenená-los são circunstâncias bem diferentes adotadas pelo comportamento humano. A invenção da agricultura não traz, *a priori*, o uso indiscriminado de venenos. Dirigir um carro em dias de sol é bem diferente do que dirigi-lo em dias de chuva, a luz e a escuridão nos dão diferentes contornos da realidade.

As circunstâncias modificadas levam, forçosamente, a pensamentos e a ações também modificados. Assim, em uma organização social que se pauta e se move pela divisão de classes, pela propriedade privada, pela exploração de uma minoria sobre uma maioria, ser educado pode significar adotar uma postura de defesa da manutenção dessas condições. Ao mesmo tempo em que para aqueles que se colocam contrários a essa forma societária, educado ou deseducado, passam por defenderem a manutenção dessa exploração ou ser contrários. Resistir a esse modelo de sociabilidade, portanto, para os proprietários, educados são aqueles que adotam uma postura de harmonia com os seus interesses, enquanto os deseducados seriam aqueles que não se permitem se moldar a esse modelo de organização social e são levados pelas suas condições objetivas a ter que reagirem a isso, agindo criticamente sobre a realidade que lhe impõe a qualificação de deseducados. Essas circunstâncias serão levadas a *ferro e fogo*, tanto para assegurar aos educados essa visão, como aos deseducados a aceitação dessa realidade desumana.

Agora esclarecido quem são considerados os educados e deseducados pelo critério da luta de classes e pela localização da classe operária na produção das condições de existência e, ao mesmo tempo, da sua condição de explorada e junto a isso a sua prática revolucionária por ter que se levantar contra essa exploração. Percorremos um momento da história em que essa prática revolucionária foi *levada a cabo* até a vitória, em que operários, camponeses, soldados e todo o povo pobre do campo e da cidade se lançaram em luta para poder dirigir os seus destinos.

Essa vitória teve espaço geográfico delimitado, contudo, podemos compará-la a um fenômeno como a queda de uma pedra na água que gerando uma propagação de ondas, e, dependendo do tamanho da pedra e da quantidade de água, passa a impulsionar outros corpos, os quais, por sua vez, podem impulsionar outros, e assim por diante.

Esse fenômeno social, que passou para a História da Humanidade como Revolução Russa, ocorrendo em 1917, mas que, de certa forma, teve como raízes a Comuna de Paris em 1871, ainda hoje fazem suas ondas ecoarem pelos corações e mentes dos homens e mulheres que acreditam não em organizar uma nova humanidade sob um novo capitalismo, mas um mundo onde não haja mais capitalismo, propriedade privada e nem exploração, onde todos possam saborear o pão e a poesia com liberdade de escolha, como pode e deve ser uma vida em uma sociabilidade pautada pela repostas às necessidades e às possibilidades humanas.

Podemos, com paciência, afirmar que não há verdade absoluta, como também não há liberdade absoluta, e assim também dizer que não existe uma educação em absoluto.

Compreender que é preciso diferenciar, dimensionar, analisar e comparar as coisas e os fatos nos imprime uma localização não só espacial, mas também temporal o que significa um esforço para a compreensão da história humana em seus diversos contextos: escravidão, servidão e trabalho assalariado. Olhar, reparar e entender, não só a sociedade, mas também a natureza, na sua eterna inquietude do devir, ajuda-nos rumo a uma educação humana natural, mas socialmente constituída.

Ora, se os suricatos, valendo-se somente de seus instintos na condição de animal precisam, e até conseguem, diferenciar o alerta de perigo emitido pelo Drongo⁷, que mesmo sendo um sinal de alerta para fugir de possíveis predadores que se avizinham, pode ser um alarme falso para afastá-los da comida conseguida por eles. Esses pássaros, às vezes de forma oportunista, conseguem até imitar uma sentinela, dando, assim, mais veracidade à aproximação do perigo, que pode ser falso, mesmo reunindo elementos de verdade.

Se os seres desprovidos de consciência necessitam, dentro dos seus limites, de certa forma se educar frente às mudanças do mundo sensível, os seres humanos, que são dotados de consciência e vontade, precisam, com certeza, de uma maior desenvoltura para garantir a sua existência em um mundo em permanente mudança. Somente as mudanças permanecem, porém, isso não é condição absoluta, pois, se assim fosse, como recorrer à lei da identidade que nos ajuda em nossa compreensão prática e teórica do mundo? Saber diferenciar coloca, ao mesmo tempo, saber identificar. Isso, às vezes, pode não ser uma tarefa fácil de ser executada, sendo necessário não só um guia teórico, mas ações práticas, a partir das quais sujeito e objeto serão postos em confronto no mundo real.

Tomemos a indagação do velho Hegel em sua obra *A Fenomenologia do Espírito*, sobre quem é o escravo, o senhor de escravo que nada sabe fazer, ou escravo que tudo faz para o seu senhor? Essa resposta não pode ser encontrada somente no mundo do sujeito pensante, no mundo ideal, mas, sobretudo, no mundo do sujeito atuante, o mundo real, na ação prática dos homens. Não estamos desvinculando a prática da teoria, contudo, nos apegamos à máxima: *o critério da verdade é a prática*.

Se as massas estão dispostas a construir um mundo à sua imagem e semelhança e se dispõe a fazê-lo não por ter em mente um plano já elaborado, mas sim, porque o velho mundo em decadência não lhe serve mais, não vai se atirar nessa batalha hercúlea de *mãos vazias*, e, quanto mais toma chegada dos desafios para pôr em prática tal tarefa, seus

⁷ Ave que tem capacidade de imitar a voz de várias espécies de animais com intenção de roubar sua comida ou alertar contra os perigos de predadores.

destacamentos mais avançados vão tomando a dianteira na conquista da consciência da necessidade de se organizarem social e politicamente. Movidos pelo pulso vivo da realidade e suas contradições, em que os avanços ora são em milímetros, ora se dão em léguas em uma confusão de fases diversas em que os elementos carcomidos pela ferrugem do tempo se conservam e, ao mesmo tempo são superados pelos modernos avanços da cultura e da produção material, no seio dessas massas, os oprimidos e anônimos são os mais firmes impulsionadores dessas mudanças, tão logo a superação do velho se torne inadiável.

A função do partido como instrumento da tomada do poder, a forma mais bem elaborada de organização, vinda do seio das massas e *levada a cabo* pelos seus líderes, precisa ser devidamente compreendido, até porque a energia das massas que são lançadas ao assalto ao poder, tende a se dissipar, chegando ou não aos fins que lhe deram impulso, aos intentos pretendidos. Cabe ao partido uma resultante das massas com uma composição de sua vanguarda, analisar, comparar, fazer previsões e se preparar para o combate, e assim intervir com táticas que serão experimentadas e testadas sob os efeitos das mudanças de consciência em movimento ao se confrontarem com as circunstâncias objetivas. “Contudo, os processos que ocorrem na consciência das massas não são nem autônomos e nem independentes. Independente da ira dos idealistas e ecléticos, a consciência é, todavia, determinada pelas circunstâncias [...]” (TROTSKY, 2007, p. 11).

As circunstâncias em que ocorre a Revolução Puritana liderada por Oliver Cromwell, com seu exército formado por artesãos e camponeses nos anos 1640 do século XVII, são diferentes das circunstâncias em que se dá a Revolução Francesa no final do século XVIII, com destaque para os Sans-Culottes, de Paris. Contudo, ambas as revoluções tentam implantar o Parlamento. Em uma luta encarniçada contra o absolutismo monárquico, pretendem governar através do Parlamento. Essa era a bandeira levantada pela nova classe liberal, a burguesia. “[...] Era a luta da burguesia em ascensão, sobretudo das suas classes médias, contra a nobreza, a burocracia e a coroa feudais. [...]” (TROTSKY, 2011, p.22).

Já as circunstâncias em que ocorre a Revolução Russa, no século XX, em um país com 150 milhões de habitantes, são bem mais diversas das que marcaram as de suas irmãs mais velhas. Na Inglaterra, século XVII, e na França, século XVIII, não havia, ainda, um proletariado industrial concentrado em grandes cidades, a exemplo de Petrogrado e Moscou. O surgimento da classe operária modifica as circunstâncias, que por sua vez modificam intensamente o comportamento social da classe, seus métodos de luta, sua organização, suas estratégias, seus fins, agora posto pela nova classe que encabeça a revolução. Uma revolução

que sinaliza com algo genuinamente novo, quando os operários se emancipam da burguesia, forjando as suas próprias organizações: os soviets, levantando suas próprias bandeiras contra os burgueses.

[...] o proletariado, obrigado pela marcha dos acontecimentos a improvisar uma atividade revolucionária tão inaudita, tinha que tirar a todo custo do seu seio uma organização que respondesse às proporções da luta e à grandiosidade dos fins perseguidos: esta organização foram os Sovietes, criados pela primeira revolução e que não tardaram em sem converter em órgãos da greve geral e da luta pelo poder (TROTSKY, 2007, p.50).

O que se materializa na Revolução de 1917 na Rússia, e que Marx já havia detectado na Revolta dos Tecelões da Silésia em 1844, é a ação coordenada das massas, tendo como *ponta de lança* a classe operária, especificamente, o proletariado industrial. Essa revolução coloca como possibilidade e necessidade na sua essência, o entardecer para burguesia e, ao mesmo tempo, o amanhecer para a classe operária e para a humanidade.

É justamente nesse encontro do ocaso do velho com o raiar de um novo dia, que reside o valor da educação lapidar da classe operária industrial, que vai diferir das outras revoluções de cunho ético, religioso ou da defesa de um rei justo, de superar o absolutismo pelo Parlamento e a República.

O que se impõe como tarefa suprema é edificar a emancipação humana e isso só pode ser *levado a cabo* pelos deserdados, deseducados, aqueles que não mais aceitam o modo de vida burguês como guia e organizador da vida humana na face da terra.

[...] ‘Sou um proprietário, e algo que não entra na minha cabeça e que eu possa ser privado de minha terra, e para o propósito mais inverossímil – para um teste experimental das doutrinas socialistas’. Mas é a tarefa da revolução realizar justamente aquelas coisas que não entram nas cabeças da classe dominante (TROTSKY, 2007, p.809).

Para um burguês bem-educado, não há nada de mal ou errado que a riqueza seja produzida pelo conjunto dos homens, e, ao mesmo tempo, seja apropriada de forma individual pelos patrões. E indo mais longe, com essa força das ideias da classe dominante, em dias normais, boa parte dos explorados aceitam passivamente essas condições como legítimas. Dessa forma, o patrão, o latifundiário e o banqueiro são vistos como necessários, assim como o operário, o camponês e o pobre dependem deles para viver, isso, apenas em dias normais sob a ordem burguesa.

Como toda ordem tende a perecer não tarda para que essa ordem orquestrada pela burguesia passe à desordem, e os que, na condição de explorados, levantem a cabeça e

comecem a clarear a sua visão, e ao se rebelarem passem à condição de indesejáveis, de mal-educados, porque não mais aceitam ser explorados, passando a questionarem a distribuição da riqueza e colocarem na ordem do dia a questão da igualdade, não somente em palavras, mas entre todos os homens reais, no mundo real. Essa exigência não é mais uma educação burguesa, portanto, não pode entrar na cabeça de um burguês ou de seus asseclas.

Essa compreensão de uma organização social absoluta, a partir da qual se pretende negar uma transitoriedade, mudando, portanto, os papéis dos sujeitos na história, apavora a burguesia, como bem nos assegura George Novack: “[...] Os dirigentes capitalistas são como crianças que não podem conceber o mundo no qual eles não existam e no qual não sejam figuras centrais” (NOVACK, 2006, p. 21).

É bem verdade que essa mudança de compreensão do mundo e de postura encampadas pelos os explorados só vem à tona com força, não só nas ideias, mas, sobretudo, nas ações, quando entram em curso todas as contradições de uma sociedade, elevando-se ao ápice das tensões na vida cotidiana, em todos os poros, social, econômico e político.

Quando os antagonismos são elevados aos limites insuportáveis, e a situação se torna intolerável, não só para os dominados, como também, de certa forma, para os dominantes, esse é o momento em que a educação das classes em luta, moldada pelo mundo objetivo, pelos interesses dos educados e dos deseducados, será posta à prova pela necessidade de sua existência para o devir, onde no horizonte estará colocado quem ditará as regras da nova organização social nascente.

Assim como o nascimento se torna incontornável quando o útero materno não mais comporta o novo ser, o qual exige o seu espaço no mundo, ao tempo, o novo ser que não mais pode se acomodar no velho lar que o nutriu, faz valer uma das leis supremas da natureza: o velho parindo o novo. Novo que foi gestado pelo velho, mas que agora traz consigo outras determinações, novos e possíveis desdobramentos. “[...] Embora não se queira dar a uma analogia biológica mais peso do que merece, cabe lembrar que o ato natural do nascimento se torna num certo momento igualmente inevitável para o organismo materno e para sua prole” (TROTSKY, 2007, p. 88). Da mesma forma, a migração ao socialismo pode se converter inevitável, não só para os explorados, mas também para os exploradores.

O nascimento, a existência, o desenvolvimento e o fim dos organismos no mundo biológico são submetidos à dialética da natureza, assim como a existência humana está inevitavelmente submetida à dialética das relações sociais, que por sua vez são resultantes das

forças produtivas, as quais estão determinadas pelo maior ou menor grau do domínio humano sobre a natureza.

Uma revolução não tem fórmula pré-definida, não se sabendo quando e por onde começa, e, quando começa a tomar forma, não escolhe os seus caminhos, age como uma enorme correnteza, que encontra pela sua força uma maneira de seguir em frente, apesar dos obstáculos. Suas águas arrastam os entulhos da velha sociedade para as profundezas do passado, e trarão em seu ventre as águas límpidas que saciarão a sede da humanidade por justiça, igualdade e liberdade, oxigenando o sangue que correrá nas veias do futuro. Contudo, no turbilhão dos acontecimentos, há fortes correntes de incertezas e agitação.

A comparação das massas em movimento com uma enorme correnteza nos ajuda a dimensionar o tamanho da força de ambas, mas não podemos de forma alguma prolongar essa comparação, pois, não há sentimento algum nas águas turvas de uma enchente, assim como não há vontade alguma numa avalanche ou numa tempestade. Já não podemos dizer o mesmo de uma multidão exasperada e audaciosa, com esperança e disposta a tudo para tomar os seus destinos em suas mãos e poder comemorar a vitória, onde os sentimentos mudam a todo instante, impactados pelos eventos e as notícias que chegam sobre eles. Há um turbilhão, não de oxigênio e hidrogênio ou outros minerais, mas de incertezas, desespero, esperança, coragem e, sobretudo, a firmeza no propósito de mudar a realidade que não pode mais continuar tal como está.

É justamente esse propósito, essa pretensão guiada pela ação que, ao se chocar com o mundo objetivo, vai endurecer ou educar as massas e seus líderes para *levar a cabo* essa tarefa suscitada pelas necessidades e possibilidades históricas de garantir a existência da humanidade.

As mudanças climáticas alteram a natureza e, portanto, o curso da vida. Em tempos úmidos não existia o Deserto do Saara tal como hoje se encontra. No passado, densas florestas tropicais e um dos maiores lagos de água doce do mundo garantiram uma enorme biodiversidade. Com a mudança da temperatura, provavelmente devido à maior incidência de raios solares na região, as florestas desapareceram e o enorme lago de água doce quase sumiu da região. Essas mudanças transformaram uma área úmida em um deserto quente, o maior do mundo, se desconsiderarmos os desertos de gelo dos polos da Terra. Não temos a pretensão de escrever um artigo científico sobre as mudanças no continente africano. Queremos somente ilustrar a força das mudanças com a dialética da natureza e ao tempo, mostrando que as leis da

dialética atuam não só na natureza, mas também envolvem a vida humana, imprimindo, igualmente, grandes transformações.

Hoje, nesse enorme deserto, suas áreas férteis se limitam às margens do Rio Nilo, o mais longo do Planeta, que também pode ter mudado seu curso que antes desembocava no Atlântico, passando para o Mar Mediterrâneo, tendo ainda pequenos lagos que brotam da terra, provavelmente de extintos vulcões, já que nessa região as chuvas não acontecem mais do que duas vezes ao ano.

Essas mudanças no clima, que fizeram desaparecer enormes árvores com suas longas raízes para se fixar à terra, deram lugar a uma pequena planta que dispensa raízes, pois, encontrar água é quase impossível e para fazê-lo ela precisa ser conduzida pelos ventos, morta pela temperatura insuportável até encontrar água e ressuscitar. E, ao tempo de vida que a água lhe conceder, contar com a sorte para que chova e assim possa florir, soltando as suas sementes, que por sua vez nascerão e morrerão, e, como sua mãe, serão levadas pelos ventos até encontrarem água para que possam ressuscitar. Assim, a vida e a morte são as suas companheiras permanentes, em condições tão adversas, como podemos ver o curso da vida encontra um jeito para seguir.

Esse imenso lago que deu lugar ao maior deserto do mundo contém em seu leito uma grande quantidade de nutrientes, que levados pelos ventos favorecem as chuvas e a fertilização da Floresta Amazônica, que fica a milhares de quilômetros de distância. A Floresta não tem *consciência* disso e o Lago Chade não tinha essa pretensão de, ao desaparecer, continuar, de certa forma, alimentando a vida em outro continente. As correntes quentes das agulhas que descem do Equador, originárias do Oceano Índico, permitem a formação de uma grande quantidade de chuvas que sustentam as florestas tropicais no Sul da África. Esse evento não é intencional.

As correntes frias de Benguela, originárias do Atlântico, ao se juntarem às das agulhas e rumarem para o Equador, condensam a água impedindo a formação de chuvas, favorecendo, assim, a formação do Deserto do Kalahari, onde as escassas chuvas não podem ser, e não são resultantes de uma prévia intenção das correntes frias. Golfinhos, baleias e albatrozes não partem de um plano organizado para se banquetear das sardinhas que buscam se alimentar do fitoplâncton, que por sua vez tem a sua existência garantida pelas correntes frias de Benguela, as quais são ricas em nutrientes oriundos das águas quentes das agulhas.

Diferentemente da dialética da natureza, que pode alterar o curso da vida, mas, sem um plano prévio organizativo e nem intenções estabelecidas pelas necessidades objetivas,

a dialética da existência humana pode, em determinadas circunstâncias, ser submetida ao conhecimento e ao plano organizativo dos homens, com prévias intenções, devidamente guiadas pelas necessidades e pelas possibilidades, ou seja, alinhando consciência, vontade e conhecimento do desenvolvimento humano, com suas contradições e tendências, dentro da devida época histórica, sendo devidamente possível aos homens tomar as rédeas de seus destinos.

Grandes mudanças ocorreram para que o maior lago de água doce desaparecesse e em seu lugar surgisse o maior deserto quente do mundo, onde uma formiga não pode permanecer por mais do que dez minutos na superfície sem correr o risco de ser tostada. Da mesma forma, grandes mudanças impulsionaram a passagem da escravidão ao feudalismo, e desse ao modo de produção capitalista. Apenas por grandes mudanças a humanidade é impelida a substituir o seu modo de vida por outro que lhe pareça superior, ou que, no mínimo, possa garantir a continuidade de sua existência.

Com o lema *todos os homens são irmãos*, da Liga dos Justos, de 1836, a Liga dos Comunistas já apresentava um programa revolucionário com *O Manifesto Comunista* (1848), de Marx e Engels, com o lema, *proletários de todo o mundo, uni-vos*, esse claramente definia a classe que *levaria a cabo* a tarefa da revolução sob o programa e a organização do proletariado até o momento da tomada do poder na Rússia em 1917, com o lema, *a ditadura do proletariado*. É possível delinear que no início do século XX a educação da classe operária havia dado saltos, principalmente pela situação revolucionária que, pelas circunstâncias, obrigava o proletariado a se definir como classe e, ao mesmo tempo, apresentar um programa para dirigir o conjunto da sociedade. E não iniciou essa tarefa de mãos vazias, tendo como principal instrumento o Partido Bolchevique internacional e funcionando com o centralismo democrático.

Podemos perceber que cada época coloca as suas exigências e, nas revolucionárias, marcadas por mudanças bruscas e violentas, levam, forçosamente, a classe que precisa se colocar como dirigente a endurecer e a se educar nas têmperas dos acontecimentos.

Uma crise revolucionária dentre um turbilhão de sentimentos é marcada essencialmente por uma profunda contradição que se agudiza cada vez com mais intensidade pela velocidade dos acontecimentos processados pela consciência no calor do momento vigente. Em contradição com as velhas relações sociais, mesmo a consciência não sendo instantânea como um golpe de machado, com ação e efeitos imediatos, as ações vão aos

poucos criando uma nova relação de força na consciência das massas, e, principalmente, na sua vanguarda. A classe operária, que ao se mover pela vontade de pôr fim às velhas relações sociais que já caducaram, mas não podem morrer de velhas, necessitando de um carrasco.

Contudo, as massas não encontram uma porteira aberta, e sim muralhas de contenção às suas pretensões. Esse encontro das forças revolucionárias com as forças contrarrevolucionárias, principalmente com o seu núcleo mais duro, as forças armadas tornaram possível, cada vez mais, transformar a força potencial em força ativa pelo lado das massas e imprimirem um ritmo contrário na repressão, como se deu na Rússia quando os soldados foram aos poucos abandonando a consciência da caserna e voltando a si, ao serem desintoxicados da contaminação dos quartéis pela oxigenação da tempestade revolucionária.

Como toda tempestade, não há como impedi-la. No caso da revolução, o desafio é dirigi-la. Nesse sentido, para Trotsky: “A arte da liderança revolucionária, em seus momentos mais críticos, consiste nove décimos em saber como perceber o sentimento das massas [...]” (TROTSKY, 2007, pg.127). Mais à frente, admite que: “[...] Uma habilidade sem par de detectar os sentimentos das massas era o grande poder de Lênin” [...] (idem).

Trotsky reconhece, por várias vezes, a importância de Lênin não só na direção da revolução, tendo-o como seu mestre, mas, na tomada do poder sua manutenção nas mãos da classe operária e a sua própria função como coadjuvante na revolução.

[...] Se eu não estivesse em Petrogrado em 1917, a Revolução de Outubro se produziria de qualquer forma, com a condição de que Lênin estivesse presente e na direção [...] Por isso, não posso dizer que meu trabalho foi ‘indispensável’ nem sequer no período entre 1917 e 1921 [...] (2008, p.9).

Como o mestre dos que sabem mais é o velho mundo, e, o mundo ensina, é precisamente o conjunto da humanidade em movimento, e essa, por sua vez, compartimentada em indivíduos anônimos, que leva Trotsky a ressaltar o papel de um militante operário e revolucionário que trabalhava na Ericsson, gigante na produção de equipamentos de telecomunicações, fundada em Estocolmo no ano de 1876.

Benyamin Nikolayevich Kayurov, ou simplesmente Kayurov, um dos líderes nos confrontos de Fevereiro de 1917, quando sob ataque dos cossacos pôde perceber uma *piscada de olho* de um deles, o que o levou, em meio aos fugitivos em conjunto, com alguns operários, a não fugirem e fazerem um confronto pacífico, tirando as suas toucas e pedindo ajuda aos cossacos à luta dos trabalhadores, em um claro ato de educação, humildade e respeito ao um setor decisivo na definição da luta de classes: “[...] Irmãos cossacos, ajudem os

operários na sua luta por suas pacíficas demandas; vejam como os ‘faraós’ nos tratam, operários famintos. Ajudem-nos![...]” (TROTSKY,2007,p.118).

Esse gesto simples, que se perde como um grão de areia no deserto, guarda um aguçado cálculo milimétrico da percepção humana diante de embates revolucionários, recheando as improvisações na história da luta de classes.

A crise de Fevereiro na Rússia era tão profunda que permitia aos cossacos, famosos por sua bravura e capacidade militar, pararem para ouvir os revoltosos. “Não há dúvida de que o destino de toda revolução, num certo ponto, é decidido por uma reviravolta brusca na opinião do Exército” [...] (TROTSKY, 2007, p.128).

Não há sombra de dúvidas da vantagem das forças armadas, treinadas, organizadas, bem-armadas, com um quadro dirigente disciplinado contra as massas desorganizadas ou com poucas armas, sendo impossível uma vitória nesses termos. Contudo, as forças armadas não passam incólumes pelas crises revolucionárias. No entanto, sofrer os efeitos da crise não é uma garantia de que o exército será derrotado pelas massas insurretas. O que pode garantir a vitória é a passagem do exército para a insurreição, e isso não ocorre simples e facilmente, apresentando altos e baixos ao longo dos embates das classes em luta, visto que: “[...] O Exército é heterogêneo e seus elementos antagônicos são mantidos pelo terror da disciplina [...]” (TROTSKY, 2007, p.128). Esse terror impede ou dificulta os soldados a perceberem o seu poder ou o tamanho da sua influência de decisão nessa batalha pela direção da sociedade.

As massas também são heterogêneas, porém, estão submetidas a regimes diferentes. Enquanto os soldados, mesmo divergindo das ordens, mantêm-se coesos e firmes ao comando dos oficiais, pela forte disciplina da caserna, os civis podem participar de greves, atos e protestos. Tudo isso são escolas que educam as massas a identificarem inimigos, medindo o tamanho de suas forças e, ao mesmo tempo, as suas próprias forças e as possibilidades da vitória, quando surgem as greves. Nem todos estão dispostos à luta. Há os que vão para a *linha de frente*, assim como existem os que ficam em casa, os cansados, os conservadores, os que estão em dúvida. Como podemos ver, há uma gama de situações, que ao impelirem as massas para a luta, ao mesmo tempo lhes impõe barreiras.

Com os soldados não há essas especificações. Eles não podem ser divididos entre rebeldes e defensores da ordem. Diante dessa guerra psicológica na cabeça dos soldados, até que eles decidam passar para a revolução, um longo processo de maturação ocorre e não deixa de ter o seu ponto crítico, assim como todo processo que ocorre na natureza.

Diante desse emaranhado de forças objetivas e subjetivas, uma conclusão vem à tona com clareza na consciência:

[...] os soldados em seu conjunto estão convencidos de que os rebeldes estão realmente se rebelando – que isso não é uma manifestação após a qual eles terão que voltar aos quartéis e prestar contas, que esta é uma luta até a morte, que o povo pode ganhar se unirem-se a ele, e que esta vitória não só apenas garantiria a sua impunidade, mas também melhoraria a sua existência – quanto mais percebem isso, mais eles são capazes de desviar suas baionetas ou passar para o lado do povo [...] (TROTSKY, 2007, p.129).

Portanto, para que os revolucionários rompam com as dúvidas que geram impasses na decisão dos soldados, eles mesmos precisam demonstrar que estão dispostos a irem até o fim, que só a vitória importa, custe o que custar. Quanto mais se intensifica as forças dos rebeldes e as massas em ebulição com os operários avançando, e seus líderes decididos a reduzirem o Velho Regime a pó, os regimentos começam a ferverem como água a 100°C, momento em que dezenas, centenas e milhares de bolhas começam a emergir. Em pouco tempo, grupos de soldados se juntam aos operários e essa união vai ocorrendo, cada vez mais, de forma intensa e apaixonante em toda a parte, com a insurreição ganhando mais cabeças e um plano de ação.

Os operários não encontram dificuldades para dirigiremos soldados e dizer-lhes o que fazer. Agora não é apenas uma *piscadela de olho* que o cossaco deixa escapar e que foi rapidamente percebida por um operário mais atento, e sim a insurreição se impondo como uma força descomunal de *Poseidon* sem nenhuma *Medusa* para petrificá-lo. Porém, para os navegantes dos oceanos, há sempre perigo e inimigos, ninguém está imune ao *canto da sereia*. Contudo, a força da revolução não provoca somente a queda e a rendição dos quartéis, mas também a adesão dos soldados à insurreição. E por ser os soldados, de certa forma, os últimos guardiões da Velha Ordem, a sua mudança para o lado da “desordem” pode transformá-la em ordem, já que o espírito humano está propenso a submeter os seus sentimentos e as suas ações a um reconhecimento de correção e legalidade social. Assim: “[...] A revolução se pôs de pé a toda a sua altura” (TROTSKY, 2007, pg.132).

Não há regras de condutas em uma revolução. Sua distinção será exatamente suas indelicadezas, até porque os educados, a classe dirigente, por certo nunca teve a preocupação de ensinar boas maneiras aos deseducados, os deserdados. A revolução estava *de pé*, mas o sangue e o suor ainda lhe turvavam os olhos, por isso muitos inimigos ainda circulavam no meio dos revoltosos. Porém, quando eram pegos, soldados e operários logo decidiam pela execução sumária. No entanto, muitas vezes, eram impedidos pelo Estado Maior das forças

revolucionárias. “[...] A revolução era ainda bondosa, crédula e complacente. Tornou-se implacável apenas depois de uma longa série de traições e de experiências sangrentas” (TROTSKY, 2007, p. 138).

Na Literatura, a arte imita a vida. Na obra *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Charles Lutwidge Dodgson, conhecido também Lewis Carroll, publicada em 1865, a personagem de Alice é levada à presença de Absolon, o sábio do mundo subterrâneo para saber se ela era realmente a verdadeira Alice, aquela que conduziria, vestida em uma armadura e montada em um possante cavalo branco, a espada vorpal para decepar a cabeça do grande dragão Jaguadarte, e assim estabelecer a paz e a liberdade no mundo subterrâneo. No entanto, o sábio afirma que ela não é, nem de longe, a Alice que cumprirá essa tarefa. Como todo bom sábio, ele não responde, mas pergunta quem ela é: a Alice que é incapaz de fazer mal a uma mosca, boa e ingênua, ou a Alice capaz de executar o perverso e feroz Jaguadarte?

No início a revolução é bondosa e, de certa forma, ingênua. Mas, logo pela experiência com o terror branco, contrarrevolucionário, terá que passar a ser implacável contra os seus inimigos. Mesmo assim não pôde, e nem podia, igualar-se ao mal inominável *levado a cabo* pelos exércitos brancos dos países imperialistas para impedir que a Revolução seguisse o seu curso, não só na Rússia, mas, sobretudo, sua expansão para os demais continentes e países da Europa.

Essa história precisa ser ainda bastante estudada e melhor compreendida, não somente pelos fatos de 1917, mas pelos eventos que culminaram com e em outubro de 1917, como também toda sua intensa repercussão ao longo desse primeiro centenário para a História da Humanidade.

Tentaremos somar uma pequena contribuição ao que já existe. Contudo, temos plena convicção de que o que temos é ainda muito pouco, existindo muitas deformações, o que é pior, pois, um acontecimento que foi capaz de *da noite para o dia* tornar possível, dentre uma infinidade de mudanças, promover soldados a capitães, operários a dirigentes de fábrica, camponeses a organizadores da produção agrícola, e iniciar a libertação das mulheres do cativeiro do lar, não pode ser relegado a alguns compêndios e tratados, mais sim, a um permanente estudo coletivo como um dos atos sublimes da grandiosidade do espírito humano.

Um evento que teve essencialmente como centro irradiador as massas, os operários, os soldados e os camponeses, que fez *envergar a vara da história*, alterando o seu curso, principalmente em dois momentos cruciais, as duas Grandes Guerras, para que, de certa forma, triunfasse o ser humano sobre a desumanidade. Diante da Primeira Guerra, a

Revolução de 1917 obrigou os grandes impérios ao recuo, o que forçou o seu fim, e, durante a Segunda Guerra, o Exército Vermelho, criado pela Revolução Bolchevique em 1917, impôs a maior derrota ao nazismo, pondo fim às loucuras de Hitler, mesmo estando sob o comando do stalinismo.

Esse evento precisa permanentemente ter seus feitos lembrados de geração em geração para assim demonstrar que a humanidade já encontrou o início da jornada rumo à solução para o *beco sem saída* para o qual é arrastada pelo modo de vida burguês.

As contradições apontam para as grandes transformações. Assim como o Sol nasceu de uma nebulosa, e o nosso planeta nasceu e se constituiu de poeira cósmica no princípio, e um dos maiores, senão o maior, lagos de água doce do Planeta se transformou no maior deserto do mundo que conhecemos. A existência e desenvolvimento de um pequeno número de oásis sustentados pelo capitalismo, ao mesmo tempo em que serve para alimentar a ilusão e a possibilidade de sua expansão para toda a humanidade, pode, pelo contrário, estar conduzindo não para fontes abundantes de água doce, mas para o enorme deserto, onde a vida poderá ser *tragada* por uma infernal tempestade de areia.

Infelizmente, não é fácil combater as ilusões, pois elas, assim como o imaginário, não estão desconectadas do mundo objetivo, pelo contrário, tem sua origem nele. Quando um viajante pelo deserto é afetado pela temperatura do Sol e vê água onde não há, todos os elementos desse fenômeno existem de fato: o sol, a terra, o homem e a água. No entanto, somente um pequeno detalhe culmina no desencontro da sede com a água: esta não se encontra onde os olhos a veem.

Um imaginário mundo subterrâneo de Alice é todo ou quase todo recheado da matéria do mundo real da superfície. Se não fosse assim, como explicar como duas das importantes áreas do conhecimento científico humano —História e Geografia—, que essencialmente têm como elementos centrais os homens, o espaço e o tempo, guiam-se por linhas imaginárias, tais como paralelos meridianos e o Eixo da Terra, que mesmo sendo imaginários garantem a racionalização do espaço e a localização por suas coordenadas, e nem por isso a Terra deixa de girar, promovendo os dias e as noites, as Estações do Ano e a contagem do tempo, que nada mais é do que a matéria em movimento. Portanto, até o imaginário e as ilusões tem sua existência garantida pela matéria. Contudo, não é possível combater ilusão com ilusão.

As condições históricas que possibilitaram a infecção do marxismo pelo vírus do reformismo e da conciliação de classes, abalando, assim, a sua imunidade contra as ilusões de

que é possível uma luta pacífica pelo socialismo, ou ainda, alcançá-lo por etapas, gradualmente, junto a setores progressistas da burguesia. Essas ilusões não se sustentaram quando foram submetidas ao confronto em 1917 na Revolução Russa, pois, foi a violência revolucionária e as formas de organização que, à época, colocavam com suas possibilidades e necessidades, e ao mesmo tempo diante das tarefas que eram exigidas pelo movimento frente ao mundo objetivo que conduziram as massas e sua direção insurretas na tomada do poder. Porém, isso não significou a morte do vírus e das ilusões reformistas, apenas os cristalizou, visto que forças contrarrevolucionárias logo lhe permitiram um sopro de vida que se manifestou em mais uma ilusão, a do socialismo em um só país. Portanto, a revolução em um só país é um abandono do internacionalismo.

Todas essas ilusões, tais como o pacifismo que nega a violência quando necessária nas transformações sociais, ou a luta por etapas que pretendem primeiro radicalizar a democracia e o exercício da cidadania, que aos poucos, em conjunto com as forças progressistas sob os ditames do capital, podem chegar ao socialismo, vêm conseguindo adiar um encontro do socialismo com a História, mas isso não resistirá por muito mais tempo.

Assim como Alice, bondosa e ingênua, teve que endurecer e vestir a armadura da batalha e empunhar a espada para selar o destino do dragão, e assim encontrar o seu destino, as massas forjarão suas direções e não vão tremer as mãos, ao mesmo tempo em que erguerão a espada que partirá os grilhões que as mantêm na ingenuidade, na escuridão da ignorância, na miséria, na exploração, e encontrarão o caminho que juntará o socialismo com a História. Então, emergirá do subterrâneo para a superfície, onde será possível a construção da liberdade e da igualdade para toda a humanidade.

[...] Não foi o Exército, mas os operários que iniciaram a insurreição; não foram os generais mas os soldados que se dirigiram à Duma do Estado. Os soldados apoiaram os operários não porque eram cumpridores obedientes das ordens de seus oficiais, mas porquê ... eles se sentiam irmãos de sangue dos operários, como uma classe composta de trabalhadores como eles mesmos. Os camponeses e os operários — estas são as duas classes sociais que fizeram a Revolução Russa (TROTSKY, 2007 p. 143-144).

Essas palavras foram publicadas em um jornal burguês e escritas por um economista também burguês, em março de 1917, sobre as quais Trotsky afirmou não carecer de nenhuma correção ou complemento.

Eis, de certa forma, os elementos essenciais que conduzirão, pela revolução, o encontro do socialismo com a História. Os seus primeiros passos se deram em Petrogrado, uma cidade com pouco mais de 1% da população do país, mas, que pela sua localização e

imenso desgaste do Velho Regime, numa época revolucionária, pôde perfeitamente cumprir a sua função de iniciadora do levante que contaminaria todo o país.

Como não havia forças que se colocassem na defesa do Velho Regime, marcado profundamente pela opressão, perseguição e humilhação do povo através dos séculos de sua existência, e, dessa forma, quando dos levantes, mesmo com derramamento de sangue, quando aconteceu, e, nos primeiros passos seguintes, sendo poucas as vítimas, o que serviu à burguesia liberal para criação de uma lenda: revolução sem sangue, na tentativa de justificar certa espontaneidade, na forma como o poder foi parar em suas mãos. Contudo, pela convivência no *front* de batalha, marinheiros e soldados não resistiram, e alguns locais foram a revanche contra aqueles que se comportaram de maneira vil, enquanto superiores, tudo em pequena escala em relação a todos os maus tratos já suportados. Em fevereiro, a revolução cumpria a sua primeira tarefa, pôr abaixo o velho regime dos tzares. Até aqui, ela ainda conservava o seu ar de ingenuidade infantil, mas,

[...] ‘As massas abandonaram sua boa natureza apenas muito mais tarde, quando se convenceram que as classes dominantes queriam fazer tudo voltar ao que era antes, apropriar-se de uma revolução não realizada por elas, como elas sempre se apropriaram das coisas boas da vida que não produziram’ (TROTSKY, 2007.p. 147).

Embora seja possível comparar as massas a formigueiros, colmeias e cardumes, tal comparação tem limites. Da mesma forma que um bebê humano se distancia enormemente de um bebê chimpanzé ao adquirir a fala, assimilar conceitos e segurar objetos com maior precisão, deixando os chimpanzés para trás, as massas coesas, decididas a mudaremos rumos de suas vidas, mantendo-se firmes e determinadas, mesmo sob fogo serrado, agindo direcionada com um propósito e com métodos correspondentes, não podem ter como base somente o espontaneísmo e o instinto que marca as formigas, as abelhas e os cardumes, enfim, os animais de forma geral.

É possível assegurar que tamanho ímpeto de agressão e decisão guardam as suas forças em muitos fatores conjugados: experiências passadas das massas ou parte de seus contingentes em batalhas passadas; um núcleo organizado, educado e preparado para conduzir as massas ao confronto decisivo; pensamento superior da classe operária pela sua localização na produção e pelos seus vínculos com as massas, o que não só garante que esse pensamento tenha correspondência com o mundo objetivo e o seu dever, como também possibilita direcionar os processos de transformação que serão *levados a cabo* pelos grupos ao entrarem na arena revolucionária.

Finalmente, as condições objetivas do momento histórico promovidas pela guerra que colocou soldados, operários e camponeses no mesmo *front*, o que permitiu aos operários saber como o exército se comportaria numa possível insurreição.

Assim, destacam-se todos esses fatores: experiências passadas (1905); núcleo educado em permanente mobilização; pensamento consciente da classe operária bem mais audacioso nesse momento do que o da classe educada e a garantia de que os soldados não tinham outro caminho, a não ser fazer coro com a revolução, ou seja, as possibilidades da vitória elevaram o ímpeto agressivo e decidido das massas na sua contundente marcha para tomar as rédeas do seu destino.

Por tudo isso, fica evidente que uma insurreição revolucionária não pode brotar do nada, tampouco surgir como em um *passe de mágica*, e sim, ter seu tempo de maturação como todos os processos do mundo orgânico e social. Tudo isso exige uma educação não só dos anônimos, mas, sobretudo, dos diretamente envolvidos na direção da revolução.

[...] ‘Quem dirigiu a Revolução de Fevereiro?’, podemos responder de forma suficiente: operários conscientes e temperados, educados em sua maior parte pelo partido de Lênin. Mas devemos adicionar aqui: esta direção provou ser suficiente para garantir a vitória da insurreição, mas inadequada para transferir imediatamente para as mãos da vanguarda proletária a direção da revolução (TROTSKY, 2007, p. 155).

As possibilidades de vitória se confirmaram, a insurreição triunfou, mas, como todo processo tem como marca o inacabado, essa vitória foi parcial para o proletariado, pois, viu-se o poder arrancado das mãos da Monarquia cair nas mãos da burguesia liberal. As duas classes principais estão vivas e vão disputar o controle da revolução: de uma lado, o proletariado diante de tamanho desafio, tendo que se esticar para dar conta das tarefas colocadas, ao ter que dirigir um novo órgão nascido no momento da vitória, os soviets, organização que já havia sido testada na revolução de 1905 e que comprovou a sua eficácia como órgão revolucionário constituído como força armada das massas. Do outro, a burguesia, que apesar de ter sido quase sempre herdeira natural do poder nas revoluções passadas, mesmo assistindo às lutas de camarote, dessa vez sentia que a sorte estava mudando ou havia mudado, pois, a Revolução de Fevereiro trazia consigo diferenças das revoluções passadas, a começar pela força social e o nível de compressão política da classe revolucionária — o proletariado —, e, ao mesmo tempo, pelo tamanho do desgaste da burguesia, medido pela enorme desconfiança dos insurretos em relação à mesma.

Como já dissemos as formas organizativas não dependem única e exclusivamente das pretensões e desejos dos revolucionários. Não estão desconectadas de seu momento

histórico com suas possibilidades e necessidades, e, ao mesmo tempo, das tarefas que são colocadas para alcançá-las.

Os ventos revolucionários de Fevereiro não trouxeram as mesmas condições para a burguesia pegar o poder. Porém, não faltava quem defendesse que ele deveria ir para as suas *mãos*. Está colocado o paradoxo, o nó que será preciso desatar, pois, enquanto ele persistir, a luta pelo poder continuará na ordem do dia. Por um lado, o Comitê Executivo dos operários e soldados, e por outro, o quartel general dos partidos burgueses. Quem ditará as normas da nova organização que está por vir?

Trotsky, com a sua genialidade de revolucionário e jornalista, nessa passagem nos *conduz pelas mãos* e nos coloca dentro dos acontecimentos de Fevereiro de 1917, quando comenta os eventos da primeira sessão do Comitê Provisório Executivo dos Sovietes de Deputados Operários.

[...] Entre eles estavam soldados completamente incultos, chocados pela insurreição, e que se expressavam com dificuldade. Mas foram apenas eles que acharam as palavras que nenhum orador podia achar. Foi uma das mais tocantes cenas da revolução, que sentia, pela primeira vez, seu poder, sentindo as massas numerosas que despertaram, as colossais tarefas. O orgulho do sucesso, a alegre emoção da idéia de que o amanhã será ainda mais belo do que o hoje. A revolução ainda não tinha ritual, as ruas ainda estavam na fumaça, as massas ainda não aprenderam as novas canções. A reunião decorria sem ordem, sem limites, como um rio que transborda. O soviete sufocava com seu próprio entusiasmo. A revolução era poderosa, mas ainda ingênua, com uma simplicidade de criança (TROTSKY, 2007.p 163).

O sábio Absolen estava correto quando do seu primeiro encontro com Alice, ao questionar naquele momento se ela era a Alice que no futuro seria tomada por uma fúria violenta que a levaria a empunhar a espada e marchar para a batalha, arriscando a própria vida para cortar a cabeça do dragão. Sua ingenuidade de criança, em contato com o novo mundo hostil, precisaria ser transformada, pois, aprender nunca é o que se espera, e a busca pelo novo pode guardar perigo e sacrifício, onde a ingenuidade e os comportamentos infantis não são bons companheiros para enfrentarmos inimigos que rondam aos que pretendem mudar a ordem estabelecida e governaremos seus próprios destinos.

As mudanças que forçaram a Revolução a se desprender da sua ingenuidade e simplicidade de criança não transformaram os revolucionários em seres piores quando os obrigavam, pela luta de classes, a usar a violência revolucionária. Assim como o desejo guia os pensamentos, e as necessidades comandam as ações, ou Alice veste a armadura endurecendo os sentimentos e se apodera da espada para enfrentar o dragão, cortando a sua cabeça com toda a violência de uma lâmina afiada em ação, ou ela não seria a Alice que

emergiria do mundo subterrâneo, ativa e decidida, mas sem perder a beleza e a vivacidade. Ela continua a mesma Alice, mas, ao mesmo tempo, uma nova Alice. Da mesma forma que o arbusto rola pelo Deserto do Saara sem vida até encontrar água e voltar a viver e a gerar novas vidas, pois, nele é possível habitar ao mesmo tempo a morte e a vida. A Revolução demonstrava por todos os seus poros que poderia brotar violência e ferocidade onde antes havia beleza e ingenuidade, sem perder ao mesmo tempo a ternura pela vida.

A dinâmica da natureza empurra, forçosamente, a uma dinâmica social que por sua vez pode, ao mesmo tempo, de certa forma, impor uma dinâmica à natureza e esta, nem sempre, comporta-se com beleza e suavidade, principalmente quando em grandes transformações como as que deram origem à Terra, extinguindo os dinossauros, ou as que transformaram o maior lago de água doce do mundo no maior deserto quente.

É preciso uma força descomunal para juntar uma enorme quantidade de poeira cósmica e obter um planeta, da mesma forma com o desaparecimento dos dinossauros da face da terra e da transformação do Lago Chade em deserto. Segundo Marx, o homem nada pode fazer sem a natureza, por ser esta a sua parte inorgânica, e afirma que “[...] em sua produção, o Homem só pode agir como age a própria Natureza, ou seja, fazendo com que a matéria mude de forma [...]” (MORENO, 2007, p. 53).

Da junção de dois átomos de hidrogênio com um de oxigênio, temos a água, indispensável à vida em nosso planeta. Com dois átomos de oxigênio juntos temos o gás oxigênio, incolor, inodoro e insípido, primordial à vida. Quando a junção é de três átomos, temos o gás ozônio, com cor e, em certas circunstâncias, também cheiro. O elemento carbono nos dá o grafite, um excelente condutor de eletricidade, quando disposto numa estrutura hexagonal plana. Se a forma for piramidal tetraédrica, temos o diamante, que já não serve como condutor, mas, por sua vez, apresenta-se com uma grande resistência que serve para cortar outras substâncias. Inicialmente, o elemento químico urânio era um, e, depois da descoberta e do desenvolvimento da fissão nuclear pela indústria de guerra, tornou-se outro.

Esse movimento da natureza nos assegura que não é a matéria que é submetida às leis do pensamento, mas ao contrário, todo pensamento primeiro é inexoravelmente submetido às leis da matéria em movimento, o que significa dizer que o pensamento nada mais é, ou nada mais pode ser, do que matéria em movimento abstraída pelo ser. Este, ao processá-la pelo pensamento, pode não só com o pensamento, mas, sobretudo, movido pela necessidade, submetê-la ao um plano de ação previamente idealizado, planejado e organizado com o rigor científico sem espaço para a ingenuidade ou comportamentos infantis.

Alice percebeu que o dragão (a personificação de todos os seus medos) não ia lhe oferecer um jardim com flores e borboletas para ela brincar. Quando uma criança cresce e chega à adolescência, e isso traz mudanças, as possibilidades chegam à inevitabilidade. Assim como os revolucionários de Fevereiro também perceberam que a burguesia não ia simplesmente deixá-los livres sem um padrão, portanto, a Revolução precisava crescer, e crescer significava maior responsabilidade e esforço para organizar a luta pelo socialismo.

Toda revolução ruma para uma insurreição. Mas isso não significa que seja o seu destino certo e que, uma vez acontecendo, a vitória está garantida. Não é bem assim, como também apenas uma minoria da classe revolucionária é que toma parte da insurreição. Porém, sua força consiste no apoio ou simpatia da maioria, e esse apoio é fundamental para que uma minoria ativa, abnegada e revolucionária, lance-se sob o fogo inimigo e se mantenha firme até o fim. “[...] Uma luta de classe levada até a sua conclusão é uma luta pelo poder do Estado. [...] Uma revolução é uma luta direta pelo poder [...]” (TROTSKY, 2007 p.170). Contudo, a ambição pelo poder não se manifesta com a mesma intensidade nas classes sociais.

Se traçarmos uma linha evolutiva dos Estados existentes até hoje, com suas respectivas castas ou classes que o utilizam como instrumento de dominação, podemos, de certa forma, estabelecer algumas semelhanças entre: os faraós —Estado asiático, que oprimia os agricultores; o senhor de escravos —Estado escravista que oprimia os escravos; o senhor feudal — Estado feudal que oprimia os servos; e o capitalista —Estado burguês que oprime o escravo, o servo e o operário, respectivamente.

Da mesma forma, essa comparação serve para os agricultores, escravos, servos e operários. Daí conclui-se que, pela sua evolução histórica, essas duas classes: a burguesia — que se constitui como classe por volta do século XVI, mas que tem suas raízes nas castas ou classes que haviam desenvolvido uma cultura e educação de dominação, quando do surgimento da propriedade privada — e o proletariado — que começa engatinhar na Revolução Francesa de 1789, *pondo-se de pé* na Comuna de Paris, em 1871, e *levantando a cabeça* na Revolução Russa de 1917, que, por sua vez, encontra, de certa forma, as suas raízes nos agricultores, nos escravos e nos servos, e, portanto, em uma cultura de submissão.

Assim, é perfeitamente compreensível que não apresentam uma sede pelo poder de forma semelhante à burguesia, a qual é mais ambiciosa e audaciosa, que enxerga longe, que planeja o futuro e anda de *cabeça erguida* e confiante em si mesma. Porém, isso não significa que o proletariado não possa igualmente ser ambicioso e audaz quando necessário, e assumir o comando de seu destino quando preciso, pois, o movimento muda as coisas.

O que não falta são provas desse movimento permanente, que coloca tudo em um eterno devir-ser, deixar de ser e se tornar outro diverso do que era antes, embora ainda contenha traços do velho, mas definitivamente já não é o que era. “[...] A consciência desenvolveu-se do inconsciente, a psicologia da fisiologia, o mundo orgânico do inorgânico, o sistema solar do nebuloso. Em todos os graus de desenvolvimento, as mudanças quantitativas se transformam em qualitativas” (TROTSKY, 2000, p.32).

O processo de mudanças não vem do infinito ou do divino, tampouco se origina da nossa vontade livre. A natureza se movimenta para que árvores deem frutos, para que a chuva se forme e os rios corram, enfim, para que a vida flua. Por isso, apenas por nossa vontade não podemos fazer nada. Assim, é preciso imitar a natureza, atuar sobre a matéria. Porém, com um marco diferencial: “[...] Como toda manifestação do ser social, também a práxis política resulta de uma articulação entre causalidade e teleologia, entre determinismo e liberdade, entre ser e dever ser [...]” (COUTINHO, 2011, p.09).

Quando foi possível juntar salitre, carvão e enxofre obtivemos a pólvora, uma substância explosiva que alterou o passo da História. “O homem feudal sucumbira. Os burgueses compraram as suas terras; a pólvora derrubou os seus castelos [...]” (PONCE, 2007, p.112). A descoberta e utilização do carvão mineral, do petróleo e da energia elétrica como fontes de energia na indústria revolucionou o modo de vida. Foi quando a burguesia tinha muito a dizer, ao tempo em que a nobreza cada vez mais *atrofiava a sua língua*.

O fogo não deixa de ser um elemento altamente destrutivo. O calor, com sua força descomunal, criou vulcões e montanhas, mas, com o devido controle, podemos, de certa forma, utilizá-lo no dia a dia para construir, facilitando a nossa vida, dando-nos maior poder sobre a natureza. O urânio pode se configurar como uma excelente fonte de energia, servindo como força produtiva, ajudando o homem na luta contra as forças da natureza. Mas, ao mesmo tempo, sendo utilizado com um alto poder de destruição quando transformado em uma poderosa arma de guerra, o que se evidenciou durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando os Estados Unidos da América decidiram demonstrar o seu poder destrutivo utilizando uma dessas armas, a Bomba Atômica —uma na Cidade de Hiroshima e a outra em Nagasaki, no Japão, deixando milhares de mortos e ampliando o rastro de destruição inominável até então nunca registrado pela presença da ação humana na face da terra.

Curiosamente, esse mecanismo, com tamanha capacidade de destruição, fabricado pela mão humana com fins tão desumanos, foi batizado com os nomes *Little Boy* e *Fat Men*, que podem ser traduzido, respectivamente, como *garotinho* e *gordinho*. O primeiro, sentou-se

sobre Hiroshima, e o segundo, sobre Nagasaki.

Lewis Carroll, como homem letrado, pode não ter tomado conhecimento do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, da obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* de Engels, da descoberta de Darwin na Biologia e das de Freud, na Psicanálise, e não ter sofrido influência de Charles Dickens, um dos mais populares romancistas ingleses da Era Vitoriana, cuja época ele viveu. Mas, com certeza, não pôde deixar de perceber sua época marcada, sobretudo, pela exploração de crianças e mulheres na Indústria Têxtil inglesa, o berço da Revolução Industrial.

Com todo seu esforço, Carroll, ao levar Alice para o mundo subterrâneo, colocou em seu sonho, entre outras personagens, o grande dragão Jaguadarte e a rainha Vermelha com a sua cabeça deformada pela maldade e autoritarismo para lhe aterrorizar.

Com a sua percepção crítica de um mundo permeado pelo privilégio, miséria e desigualdade, em um país no qual a ciência e a técnica ditavam o racionalismo da burguesia em ascensão, pois também dá vida ao chapeleiro, não só porque os chapéus eram peças importantes do vestuário na Era Vitoriana, mas, porque ele se encontrava nas cabeças, como a razão que precisa de uma para se expressar. Ora, sem memória, ora buscando respostas estranhas —semelhança entre um corvo e uma escrivinha —, ora desmascarando o séquito da rainha vermelha, que ao ser deformada necessita, também, de seguidores deformados, assim como todos os ditadores, e, com o seu passo maluco, sinalizando que a razão também pode ser irracional.

Finalmente, o seu grande desafio, fazer um chapéu para a cabeça da rainha maluca. Tarefa impossível, já que a sua cabeça não se adéqua a qualquer chapéu. Contudo, o chapeleiro de Lewis Carroll veria que um chapéu para a cabeça da rainha vermelha seria moleza se fosse obrigado a fazer chapéus para cabeças das pessoas que planejaram, organizaram e executaram os planos de guerra. Um dos mais perversos deles, o bombardeio atômico, matando milhares de pessoas, e ainda batizando esses artefatos destrutivos carinhosamente de *garotinho* e *gordinho*, os responsáveis pelo tamanho sofrimento e destruição para humanidade.

Talvez, em algum momento a pergunta, como a semelhança entre um corvo e uma escrivinha, pudesse suscitar outra: que chapéu pode servir à cabeça dessa sociedade que é capaz de produzir tamanhas atrocidades? Eis o paradoxo da existência humana como muito bem nos lembra Guimarães Rosa, quando nos alerta ao afirmar que: *da rama que sai a batata que alimenta, também brota a que envenena e pode matar.*

Como nos toca esse ditado popular: há homens que almoçam e não pensam na janta. Indica que há uns que, levados pelas circunstâncias objetivas, são impedidos a se prepararem minimamente para o seu futuro, enquanto outros podem usufruir do presente e ainda vislumbrar o seu futuro com certa margem de segurança. Assim, como presas e predadores se ocultam pelos mesmos motivos — não serem percebidos —, mas não o fazem pelas mesmas circunstâncias — já que há quase sempre uma desigual correlação de forças entre eles, enquanto as presas se ocultam para preservar a sua vida, os predadores o fazem espreitando as suas vítimas. Dessa forma, os instintos se aguçam de modos opostos, de um lado fuga, de outro, perseguição.

Na sociabilidade humana podemos registrar nas classes sociais uma posição de comando e outra de comandado, o que nos impõe culturas distintas, a dos *generosos* e a dos subjugados. Podemos até colocar que, estranhamente, esse paradoxo da cultura de submissão de classe teve sua gravidade sobre os dirigentes dos soviets. “[...] Apesar da adesão de todo o Exército aos soviets, seus líderes continuavam com toda sua força a recusar o poder: eles mais o temiam quanto mais completamente ele se tornava concentrado em suas mãos” (TROTSKY, 2007 p.172).

Todos os líderes —socialistas revolucionários, mencheviques e os social-democratas — que assumiram a direção dos soviets em Fevereiro, com exceção dos bolcheviques, que mesmo sendo contrários a essa política, eram uma minoria sem peso algum. Todos queriam passar o poder para a burguesia e justificar a entrega do poder, afirmando que a revolução sendo burguesa, nada seria mais justo do que deixar o poder à burguesia para que ela se comprometa e responda pelos seus atos. Essa justificativa nada mais poderia ser do que um ato de submissão, pois, “[...] Na realidade, contudo, a pequena burguesia disfarçava com esta falsa intransigência sua bajulação ante o poder da riqueza e educação da cidadania censitária [...]” (TROTSKY, 2007 p.171).

De forma mais precisa, os partidos pequeno-burgueses que se apresentavam pretensos e satisfeitos com a sua atuação política, que tão logo foram alçados ao poder pela revolução, não só se acovardaram como também se sentiram incapazes para dirigir a Revolução e logo apressaram o passo no sentido de entregá-lo aos representantes do capital. “[...] Neste ato de prostração é imediatamente revelada a terrível inconsciência da nova casta intermediária e sua dependência humilhante da grande burguesia [...]” (TROTSKY, 2007 p.174).

Essa traição às massas pelos conciliadores surpreendeu operários, soldados e

camponeses, pois todos votaram neles como inimigos do tzar, dos proprietários e dos capitalistas. No entanto, eles se revelaram como aliados dos seus inimigos, eis a revolução de Fevereiro descortinada e “[...] a peça foi dividida por telas em duas metades: em uma, os revolucionários suplicavam aos liberais para salvar a revolução; em outra, os liberais suplicavam à monarquia para salvar o liberalismo” (TROTSKY, 2007, p.176).

Nessa peça teatral, onde os revolucionários conciliadores não sabiam o que dizer, e passavam a fala para os liberais, que por sua vez repassavam para a Monarquia, cuja língua já havia lhe *fugido da boca*, o que nos remete a outro momento da História, que pode de certa forma, ser sintetizado nas palavras de Pascal (1623-1662), quando fala sobre o silêncio da classe que ele representava, tão bem compreendido e traduzido pelo poeta Leminski:

*“O silêncio desses espaços
infinitos me apavora”
os pensamentos estraçalhados de
Pascal [...]*

*[...] a solidão ‘cós mica’ de Pascal
É o pendant do vazio
de sua classe social
cuja hegemonia está para terminar
os germes da revolução francesa
que vai derrubar a nobreza
e colocar a burguesia no poder
já estão no ar
Pascal ouve nos céus
o tremendo silêncio
de uma classe que já disse
tudo que tinha que dizer
pela boca da história*

(ARANHA; MARTINS, 1993, p.147, grifo das autoras).

A solidão de Pascal resulta da solidão de sua classe, que cada vez mais se distancia das transformações promovidas pela unidade da ciência e da técnica, quando as relações predominantes Deus-homem se esvaem e em seu lugar nascem imponentes as relações homem-natureza, a partir da qual o lema *crer para conhecer* foi superado por *conhecer para crer*. Pascal, como bom matemático, e também filósofo, não pôde deixar de perceber que, em um futuro próximo, o poder mudaria de endereço, saindo da nobreza para se acomodar nos *braços* da nova classe em ascensão, a burguesia, que não só tinha o que dizer, mas, sobretudo, o que fazer com suas novas invenções e descobertas, unindo a ciência com o mundo do trabalho.

Como nada é para sempre, a História agora silencia não só a Monarquia, como também a burguesia, e por tabela, a pequena burguesia com a Revolução Russa, dando voz ao

proletariado que fala a língua dos camponeses, dos soldados e das massas famintas. Por isso, a fala dos soldados incultos, que mal conseguiam se expressar, mas que ninguém poderia dizer o que eles disseram, pois, eles eram os que mais serviam como porta-vozes dessa realidade que impelia as massas para tomar o poder, porque do jeito que estavam não poderiam mais continuar.

Então, a burguesia, que tão bem se utilizou do racionalismo iluminista, quando empunhava as bandeiras da revolução, precisando se opor ao dogmatismo da Igreja e ao obscurantismo feudal, para assim desmontar o direito divino da nobreza ao poder, agora, quando os não educados apontam para um futuro de esperança e transformações sociais “[...] As classes ‘educadas’ da Rússia entraram na arena da revolução não como os arautos de um Estado racional, mas como defensores de instituições medievais.[...]” (TROTSKY, 2007 p .177).

Quem diria que a burguesia, tão eloquente nos séculos passados, chegaria ao raiar do século XX numa *rouquidão*, onde não só o povo, mas, também os próprios burgueses não asseguravam mais o apoio político que a eles fora conferido no passado. Daí a busca por um apoio nas instituições do passado medieval. Porém, a Revolução de Fevereiro, conduzida pelas massas, agia como uma espada longa e afiada, pois, atravessava de um só golpe o *peito* da Monarquia, ferindo-lhe de morte, e, ao mesmo tempo, perfurava o coração da República Burguesa e seguia abrindo caminho para a construção de um novo poder, onde nem as cabeças com coroa ou as classes possuidoras “instruídas” pudessem ditar as normas na sociedade.

A burguesia nunca foi tola, sempre aprendeu com a experiência, e, em 1905, as massas já haviam demonstrado que não confiavam nela a ponto de entregar-lhes as armas, pelo contrário, se comportavam com mais audácia e ferocidade quando mais bem armada se encontrassem. “[...] Seja qual for nossa posição, não devemos sonhar com uma união com o povo – devemos temê-lo mais do que todas as perseguições do governo, e devemos agradecer ao governo que só nos protege com suas prisões e baionetas da ferocidade do povo [...]’”. (TROTSKY, 2007, p.188). Essas palavras de um escritor liberal sela de vez qualquer possibilidade de sonhar com as massas educadas ou uma revolução conduzida pela intelectualidade liberal.

O novo poder, com a agonia da Monarquia e a anemia da República, e com as massas fluindo aos soviets e se distanciando do Governo Provisório, sinaliza que o fio da espada precisa se aprofundar para o triunfo da Revolução. Mas, a espada não se move só,

necessita da força das massas. Contudo, as massas trabalhadoras não estavam todas efetivamente ativas nos sovietes, não estavam todas despertas, nem todo conjunto dos oprimidos compreendiam que a Revolução lhes dizia respeito. Para muitos, o momento era um assuntado na consciência de uma esperança que se agitava ainda distante do alcance. Porém, todos os elementos ativos das massas tinham um rumo —os sovietes, que abarcavam a efervescência da atividade revolucionária, que cresciam a cada dia porque levavam constantemente ao alargamento da atuação dessa forma organizativa, que a consagrou como base legítima da Revolução.

Os soldados incultos com dificuldade para se expressarem disseram o que nenhum orador eloquente poderia dizer: expressaram as dores do presente e a construção do futuro. O que os educados de coroa ou os liberais, falando pela boca das classes possuidoras não podiam dizer.

Marx já havia observado que as agitações operárias nas revoluções de março de 1848, na Alemanha, tinham causado temor à burguesia, e que, por isso, a mesma não aprofundou a revolução, tampouco consolidou o seu poder, preferiu se recompor coma nobreza, *dando as costas* aos seus aliados, à pequena burguesia, aos democratas e aos operários. Para Marx, ao ter “[...] reformado apenas o vértice político, deixando intocadas todas as camadas abaixo dele – a velha burocracia, o velho Exército, os velhos juízes, nascidos, educados e envelhecidos a serviço do absolutismo [...]” (TROTSKY, 2007, p.199). Favoreceu a restauração da nobreza e Trotsky vê em Kerensky a sequência dos mesmos passos, e na sua trilha segue os marxistas mencheviques, que no momento são maioria nos sovietes.

Dessa forma, o novo poder se encaminha para um duplo poder, porque os elementos ativos da Revolução (operários, camponeses e soldados) não estão dispostos a manter as velhas estruturas *de pé*, só que ainda não encontraram ou forjaram a ferramenta correta em sua plenitude para colocá-las abaixo por completo. Enquanto isso, a burguesia russa, que estava bem atrasada na História, contorcia-se de ódio da Revolução. Porém, somente pelo ódio não podiam atacar a revolução. Assim, só lhe restava esperar oportunidades para manobrar, e, sem forças, para enfrentar e derrotar a Revolução, a burguesia se alinhava aos reformistas com a pretensão de vencê-la pelo cansaço.

A Revolução Gloriosa do século XVII, quando se sentiu forte o suficiente, desafiou o poder real e seus aliados, burguesia aristocrata e os bispos da Igreja. Essa revolução estremeceu a nação inglesa até a base, desembocando em um duplo poder marcado

pela Guerra Civil, somente voltando ao equilíbrio pela força do Exército de Cromwell, que pela primeira vez na História surge como uma força organizada, não por nobres, mas por oficiais, oriundos do seio do povo, alçados por mérito a seus postos de comando e comandando soldados plebeus armados, em defesa do Parlamento e contra as instituições feudais.

A burguesia foi obrigada a compor um exército com os elementos mais ativos da Revolução —os plebeus. Na Revolução Francesa não foi diferente, a burguesia continuava dependendo das *mãos calejadas* das massas para se firmarem no poder e governar. Sem ela a burguesia não encontraria *chão para se pôr em pé*, e, quando de pé, só se aprumaria com o apoio das massas, embora inconscientemente ou sob coerção:

[...] Que admirável espetáculo — e como foi tão odiosamente caluniado — os esforços das camadas plebéias para se elevarem dos porões e catacumbas sociais e entrarem na arena proibida onde pessoas de perucas e calções decidiam o destino da nação. Parecia que as próprias fundações da sociedade, desmoronadas pela burguesia culta, se agitavam e voltavam à vida [...] (TROTSKY, 2007, p. 206).

Até agora, em todas as revoluções, a burguesia vem conseguindo aglutinar e dirigir a seu favor as massas como aliadas, contra os velhos regimes. Foi assim na Revolução Inglesa, no século XVII, na Revolução Francesa, século XVIII, e na Revolução Alemã, século XIX. Em todas elas, a burguesia pôde reivindicar o poder para si e assim abraçar as conquistas do sacrifício alheio.

Tudo isso porque nessa época a burguesia era a classe mais revolucionária que alavancava as forças produtivas como nenhuma outra na História. Mas, na Revolução Russa, no século XX, com a Primeira Guerra Mundial, o primeiro maior conflito armado, onde a classe operária de um país foi levada a matar a classe operária de outros países em nome de seu governo, pelo nacionalismo e pela propriedade privada, o que causou rupturas na consciência de incontáveis ativistas, tais como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, na Alemanha, e Lênin e Trotsky, na Rússia.

Essa ruptura trazia um sinal de que a burguesia já não era a classe mais revolucionária, pelo contrário, passava a ser a mais reacionária. A classe que até então movia as forças produtivas se converteu pela dinâmica dos fatos na classe que move as forças destrutivas e a Primeira Guerra era um fato inquestionável dessa nova face da burguesia, e, para quem ainda tinha dúvidas, veio a Segunda Guerra Mundial e mais centenas de conflitos armados espalhados pelo Planeta que não deixam de existir como fogo em monturo, que nunca se apaga, pois sempre há o que queimar.

Isso não significa, de forma alguma, que o modo de vida burguês, sob o capitalismo, esteja impedido ou não possa mais desenvolver a ciência e a tecnologia, pelo contrário. Hoje, com os avanços dos meios de comunicação e dos transportes, coloca-se a humanidade com a possibilidade de se locomover por todos os meios, a água, o ar, a terra e o espaço. Ao mesmo tempo em que, com os modernos telefones móveis, é possível, de certa forma, tele-transportar-se, não ainda como fazia o comandante Spock, do filme *Jornada nas Estrelas*, em sua famosa nave Enterprise.

Contudo, com tanta força, essa ciência e essa tecnologia não mais alavancam as forças produtivas em seu conjunto, e sim as destrutivas, configurando-se de forma predominante como força de destruição da vida no nosso planeta e, de certa forma, e em parte, também, no universo.

Atualmente, os refugiados pelas guerras estão na casa dos milhões, os desempregados não são mais a minoria que servia como exército de reserva, constituindo-se no momento como uma das maiores tragédias da crise do capitalismo, causando a degradação humana. Metade da população mundial se encontra na condição de pobreza e miséria.

Hoje, apesar da escravidão ser ilegal, há mais escravos no mundo do que quando ela era legal. A destruição da vida como ocorre com a fauna e a flora, com várias espécies já extintas ou em risco de extinção. Mulheres, negros, imigrantes e homossexuais são assassinados ou sofrem todo o tipo de violência física, sexual e moral, todos os dias. As armas de destruição em massa podem ser acionadas, destruir o Planeta em uma contagem de minutos. No mundo, os suicídios são em milhares por ano. Enfim, esse é o quadro social em que estamos enalacrados.

Ao invés de rir ou chorar, resta-nos compreender. Espinoza procura outro caminho diferente de Heráclito, que acreditava ser o choro a resposta diante da degradação humana, e de Demócrito, que diz que o remédio seria rir. Para Espinoza, nem uma coisa e nem outra, mas o entendimento da miséria dos homens seria o caminho. Contudo, é muito difícil interpretar o mundo com as seguintes características: onde os homicídios são contabilizados em minutos; no qual quase toda a imprensa mundial destaca, com exaustão, o nascimento de uma criança da família real inglesa, enquanto milhões morrem de fome no continente africano; ou o casamento do príncipe com uma plebeia que quase silencia diante de um bombardeio que mata mais de 50 pessoas, das quais 29 eram crianças de 10 a 14 anos indo

para a escola⁸, ficamos com o que disse o velho Marx “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; porém, o importante é *transformá-lo* (MARX; ENGELS, 2007, p.539, grifo do autor).

Assim como o fogo pôde aquecer o homem, a roda apressar o passo para civilização, a Agricultura garantir alimentos e a pólvora pôr abaixo os muros que separavam o mundo medieval do mundo burguês, o socialismo, mesmo com essa herança, não só pode apressar o passo da humanidade, como, também, selar o seu encontro com a condição humana. Quando na Revolução Russa, Trotsky pergunta: “[...] como poderia ser de outra maneira? Entre outras coisas, a revolução foi empreendida, sobretudo para se apossar da ‘herança’[...]” (2000, p. 21).

Para Trotsky, tudo o que o homem desenvolveu não pode ser simplesmente negado, pois, todas as conquistas da ciência e da técnica, até mesmo as destrutivas, não deixam de criar novas possibilidades para a prática humana na busca de novas descobertas e invenções, além de aprimorar o seu domínio sobre a natureza.

Desde a Primeira Revolução Industrial, com o advento da energia a vapor que pôde transformar energia térmica em energia mecânica, acelerando, assim, a Indústria Têxtil, passando pela Segunda e Terceira Revolução, com a utilização do petróleo, da energia elétrica, da Internet e da robótica, até aqui, o que muitos consideram como a Quarta Revolução, onde a utilização da energia nuclear e de outras fontes de energia limpa, como a do sol, do vento e o desenvolvimento da inteligência artificial, da internet das coisas, os avanços da engenharia genética, da robótica e da biotecnologia, permitem ao homem, que até então atuava predominantemente na Indústria, fabricando objetos a partir da matéria inanimada, agora, organizar a produção também com seres animados, ou seja, colocando a possibilidade da regeneração humana.

Porém, é pelo registro da História que tomamos conhecimento de que nessa luta para dominar a natureza, os homens a fizeram e fazem sob organizações de classes e como tudo o que surge e é submetido ao teste da História, a divisão de classe já cumpriu o seu papel. Contudo, como não estamos falando das estações do ano ou de qualquer fenômeno da natureza, mas de um produto da existência humana, que só pode encerrar o seu ciclo quando a humanidade se dispuser a cumprir tal tarefa.

Era o que já estava colocado no início do século XX na Rússia:

⁸ Notícia disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bombardeio-saudita-mata-ao-menos-29-crian%C3%A7as-no-i%C3%A7aAmen/a-45025179>. Acesso em agosto de 2018.

[...] Pois a questão se apresentava assim: ou a burguesia dominaria de fato o velho aparato estatal, alterando-o um pouco para seus propósitos, e então os soviets se reduziriam a nada; ou os soviets formariam a base de um novo Estado, liquidando não apenas o velho aparato governamental, mas também a dominação daquelas classes que se serviam dele. [...] As classes oprimidas que, como Marat observou, não possuíam conhecimento, experiência ou direção para implementarem o que começaram, foram armadas na Revolução russa do século 20 com essas três armas.[...](TROTSKY, 2007,p.209).

Como podemos perceber a divisão de classes e suas consequências, como a propriedade privada, o trabalho assalariado e a acumulação privada da riqueza, acarretando uma concentração de riquezas em um polo e uma imensa pobreza em outro, há muito vem atravancando as forças produtivas. Por isso, o século passado foi marcado por revoluções, tais como a Russa, a Chinesa, a Cubana, dentre outras, o que não é diferente no século atual, como demonstra a Primavera Árabe, no Norte da África e no Oriente Médio, e os vários levantes populares pela Europa, como na Grécia, Espanha e França, e na América, como no Brasil, na Argentina, no Haiti e na Nicarágua, dentre outros.

Compreendemos que a mola mestra de toda a História são as forças produtivas que podem liberar o homem das *forças cegas* da natureza, pois: “[...] nas forças produtivas expressa-se materialmente a habilidade econômica da humanidade, sua capacidade de assegurar a própria existência. Essa dinâmica fundamenta as classes que, nas suas relações recíprocas, determina o caráter da cultura” (TROTSKY, 2000,p.19).

A educação pode de certa forma, igualar-se à cultura em um sentido amplo, com métodos organizativos, costumes, habilidades, capacidades assimiladas e acomodadas em nossa consciência, os quais fomos adquirindo e desenvolvendo a partir do já elaborado por gerações passadas, que mesmo atrelados a essas gerações, não deixam de avançar ao ter que dar respostas aos novos desafios, conforme as tarefas exigidas pelo momento histórico colocados por cada época.

Podemos considerar que a educação humana, ao longo de sua existência, tem como fundamento ajustar os homens para melhor enfrentarem e organizarem suas lutas contra a natureza no sentido de garantir suas existências em melhores condições possíveis. Mas os homens não fazem esses enfrentamentos isolados, individualmente, fazem-no em conjunto, em grupos, de forma coletiva. Então, nessa luta contra as forças da natureza, formaram-se, também, as classes que se impuseram como exigência dessa tarefa, e, nesse sentido, todo processo de educação, cultura, ciência e técnica traz a forma e o conteúdo de classes, daí Marx afirmar que a classe que detém o poder material também detém o poder espiritual

(MARX; ENGELS, 2007).

Podemos dar um exemplo bem simples no campo da arte. O cinema, que é conhecido como a Sétima Arte, e que o imperialismo norte-americano há tempos domina, estando de forma predominante, quase por completo, a serviço do capital, que sempre a utilizou para justificar ideologicamente as suas ações no campo político e econômico. Assim como a televisão, o cinema cria primeiro o desejo, a vontade e as crenças pelas quais as pessoas podem se guiar com as suas conclusões formadas por elas próprias, é claro que com uma pequena ajuda das ideias da classe dominante. Quando tomavam as terras dos índios e os confinavam em reservas ou os matavam, nas telas dos cinemas esses povos figuravam como selvagens e sanguinários, sem alma, criando o desejo de matá-los primeiro, para pôr em prática o plano depois.

Quando invadiam o México para roubarem as terras, passavam a imagem dos mexicanos como bêbados, preguiçosos e assassinos de mulheres, velhos e crianças. Na Guerra Fria, os russos são retratados como frios e violentos, da mesma forma criando primeiro o desejo de eliminar aqueles que representam o “mal”.

No filme *Rock Balboa*, um pugilista branco derrota um negro nas telas do cinema. Na vida real, não conseguiram derrotar um dos maiores boxeadores de sua época, Cassius Clay, (Muhammad Ali), o qual foi contra a Guerra do Vietnã e se negou a pegar em armas para matar aqueles que nunca lhe fizeram mal. Depois derrotou o lutador russo, que era frio e sem sentimento, típico de um *comunista*.

Para terminar, registramos o perfil de uma personagem do filme *Jogos Vorazes*, Katniss Everdeen, interpretada por Jennifer Lawrence —que, definitivamente, não encontra semelhança com Alice de Lewis Carroll. A personagem é alpinista, caçadora, sabe utilizar o arco e a flecha como ninguém, e tem um profundo conhecimento da floresta. Ao entrar no jogo, mostra-se determinada, audaciosa, criativa, generosa e de hábito solitário. Sem contar com os seus dotes femininos: bela, suave, atraente e perigosamente vulnerável quando deixa de ser racional e é levada pelas emoções, perdendo o equilíbrio, mas age quase sempre de forma racional e possui uma voz suave que silencia as outras em sua volta. Sua presença domina o ambiente ao seu redor.

Ora, em qual sociabilidade, se não no capitalismo, é preciso que sejam destacadas e reforçadas capacidades e habilidades individuais tão bem harmonizadas com a preservação do modo de vida burguês, e que, ao mesmo tempo, reserve a condição humana de pensar e de se emocionar como uma fraqueza e uma vulnerabilidade? Essa personagem representa um

modelo ideal de quadros para servir ao capital, capaz de se adaptar a qualquer ambiente e de persuadir, dissuadir e dirigir os demais com os seus encantos de líder. Não à toa que essa personagem carrega um tordo como sua marca, pois esse pássaro tem uma grande capacidade de se adaptar a ambientes hostis e habilidades com instrumentos, além de um canto inebriante.

Toda essa situação que ocorre com a Sétima Arte também serve para a ciência e para a técnica, predominando o conteúdo de classe a serviço do capital. Contudo, toda essa herança passa a ser fundamental para a sua apropriação, pois só assim a classe operária poderá conduzir a transição a uma sociedade sem classes. É claro que não somos contra que haja pessoas determinadas, audaciosas, criativas e de hábitos solitários, mas, podemos dispensar o comportamento generoso e substituí-lo pelo solidário, porque *generosos* foram os faraós, com os agricultores, os senhores de escravos, com os escravos, os senhores feudais, com os servos, e os patrões também o são no capitalismo, dando emprego e pagando salários aos operários, tudo sob a mais brutal exploração e divisão de classes.

É preciso pôr fim na hierarquia social e, assim, na desigualdade e na injustiça. Como explicar que em uma sociabilidade onde a humanidade pode se valer de diversas fontes de energia, tais como o vapor, o petróleo, a eletricidade, a nuclear, a solar, a eólica, dentre outras com tantas tecnologias e projetos de colonização de outros planetas, e não se tenha, ainda, resolvido questões fundamentais na Terra? Assim, é preciso, antes de qualquer coisa, reafirmar a necessidade e a possibilidade de uma revolução socialista, que possa colocar todas essas forças produtivas a serviço das necessidades humanas.

Para isso, ajuda-nos saber organizar a luta e como preparar e educar para dirigir o conhecimento, a experiência, a direção, tudo nos mínimos detalhes precisa ser considerado, pois, o sentimento dos *debaixo* precisa encontrar o caminho para se chegar ao topo, o que não pode ser feito sem que haja organização. A teoria organiza disciplina e educa o pensamento. Isso tudo potencializa a prática.

O desenrolar da Revolução de Fevereiro, com a constituição dos soviets e dos deputados operários, traz-nos à luz um ditado popular: *muito pirão e pouca carne*. Ou seja, havia poucos operários, no soviete de operário. Nesse sentido, é bom compreender que as palavras costumam habitualmente camuflar a essência das coisas, principalmente quando a serviço dos interesses de grupos melhor organizados e educados pela velha sociedade.

Diferentemente dos soviets de 1905, que foram organizados pelos líderes da greve, eleitos para tocar a luta para frente e elegerem um comitê executivo para dirigir a tomada do poder, esse de Fevereiro de 1917 se organizou em momento em que os verdadeiros

líderes dos operários ainda davam os seus últimos golpes nos inimigos para abraçar a vitória, enquanto os radicais se comportavam como hienas, que se mantêm distantes do leão quando este é jovem e vigoroso, e tomam chegada quando ele se encontra velho e fraco, portanto, sempre distante dos perigos e das batalhas, mas, ávidos para saborear os seus frutos. Assim são os radicais da intelectualidade. E não poderiam ser de outra forma, pois não são eles os mestres da educação burguesa? E o que a burguesia tem feito ao longo de sua existência, se não colher os frutos do sacrifício alheio?

As revoluções populares cravam os seus símbolos, os seus nomes nas memórias das massas e quando isso rompe um processo de sucessão, as classes educadas não hesitam em se apropriarem da cultura dos deseducados para assim governar: “[...] Esta foi uma das falsificações meio-intencionais das quais a História está repleta, especialmente na história das revoluções populares [...]” (TROTSKY, 2007, p.213).

A composição social dos soviets e do seu comitê executivo vai definir o seu caráter conciliador, não só por ter sido formado quando os mais abnegados na luta ainda contavam os mortos e os feridos e *dava cabo* dos últimos focos de resistência à revolução, mas, por que poucos operários figuram na sua composição. Eles não perceberam a importância desse pequeno detalhe. Sabiam que tomar o poder não seria uma tarefa fácil, pois seu instinto de *pegar e virar*, ou seja, executar uma tarefa até o fim, já que uma vida dura lhes ensinara isso. Porém, os meandros organizativos para dirigir o poder ainda não haviam tocado os seus instintos, daí a sua representação em desvantagem frente aos soldados e civis. “[...] Este caráter, obviamente destorcido do Soviète era mesmo saudado pelos líderes, que nada mais desejavam do que diluir a essência muito concentrada de fábrica e quartel com a água morna do filisteísmo educado[...]

Os grandes e educados, autorizados, de certa forma, por operários e soldados, vão, por um bom tempo, desviar e atrasar os passos da revolução, até que os mesmos percebam que o caminho para o *cume da montanha* é mais íngreme, escorregadio e traiçoeiro do que possa parecer.

Porém, as épocas de paz e revolução guardam profundas diferenças, como nos ajuda a entender a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, com relação à passagem do tempo, quando um dia inteiro a se refestelar parece curto, mas quando nos imprime poucos segundos de dor, parece que ficamos uma eternidade. Assim são as épocas revolucionárias com relação ao aprendizado e a educação das massas, que mesmo sendo pacientes, não são criancinhas que se possam colocar papa na boca com pouco esforço, sendo que até as crianças

guardam os seus limites com o que não lhes agradam, quem dirá as massas em efervescência. Então, logo isso iria ser posto em revista pelos operários e soldados em conjunto com as massas mobilizadas.

Mas isso não é tão simples, visto que há enormes obstáculos, tanto postos pelos inimigos declarados, como pelos amigos de trincheiras, mencheviques e socialistas revolucionários. Estes últimos, teoricamente se enfrentavam com o marxismo. Quanto aos mencheviques, que mesmo de base marxista, configuraram-se “[...] Constituindo a ala esquerda da intelectualidade burguesa, colocavam a burguesia em contato com as mais moderadas camadas superiores dos operários, aqueles com a tendência rumo à atividade legal em torno da Duma e dos sindicatos” (TROTSKY, 2007, p. 217). Nessas condições, a intelectualidade burguesa, ou pequena burguesa, serve como ponte, ligando a burguesia aos operários moderados, afeitos à conciliação de classes, tendo como mecanismo da democracia o parlamento e os sindicatos.

Não se pode servir mingau a marmanjos e feijão a recém-nascidos. A burguesia russa, como *filha adotiva* de uma democracia já desgastada pelo tempo, ao longo do século passado não podia ser sustentada com *mingau*, como a recém-nascida para assim crescer e se tornar robusta e sustentar uma nova organização. Diante da queda do tzar, da mesma forma que a democracia socialista não podia se alimentar de feijão, pois ainda engatinhava, porém, uma coisa era certa, a História apontava, com clareza, diante da Primeira Guerra Mundial, que no raiar do século XX a confusão das massas precisava de uma tonalidade socialista. Aqui reside a causa histórica geral do reformismo e da conciliação de classes com a existência de partidos intermediários, com as suas bases genealógicas e ideológicas (TROTSKY, 2007).

O marxismo, sob os bombardeios do atraso histórico da Rússia, no início trilhou não com uma crítica contundente ao capitalismo, mas com a defesa da inevitabilidade do domínio burguês no país. Com isso, na concepção dos mencheviques, a revolução socialista passaria para um segundo plano, cujo primeiro seria a revolução burguesa, que prepararia o terreno para o, enfim, triunfo do socialismo em um futuro indeterminado, enquanto os socialistas revolucionários compreendiam a eminente revolução como democrática. Nem burguesa, tampouco socialista, e chutavam para as calendas gregas o conteúdo de classe social se apegando à fórmula política, e assim se constituíam como mediadores entre burguesia e o proletariado.

Os bolcheviques, por sua vez, firmavam-se na defesa de uma revolução conduzida pelos operários em unidade com o campesinato contra a burguesia liberal. Em resumo, em

Fevereiro se constituíram dois blocos, um dos quais formados pelos bolcheviques, que se encontravam completamente isolados da política oficial, e no outro, os mencheviques, socialistas e burgueses liberais.

A revolta dos camponeses apavorava os socialistas-revolucionários da mesma forma que a fúria dos operários causava pânico aos mencheviques. Isso contaminava o ar com um perigo real, pois com os oprimidos em movimento, as classes possuidoras estavam mais assustadas do que cervo em boca de vazante, onde qualquer estalo pode significar um tiro de misericórdia. Assim, as classes possuidoras tinham os seus aliados mencheviques tentando dirigir os operários, e os socialistas tentando dirigir os camponeses para uma união sagrada com a burguesia liberal contra os bolcheviques. Essa seria a toada de Fevereiro para frente até chegar Outubro.

Um bom vaqueiro sabe que não se pode soltar o mesmo aboio para retirar o gado do curral ao amanhecer e trazê-lo de volta ao pôr do sol, pois não só para ele, mas também para o gado, as circunstâncias são diferentes: em uma há luz e agitação, em outra, há prenúncio de penumbra e calma, por isso a toada precisa ser adequada às circunstâncias e aos fins almejados, determinados pelas condições objetivas.

A burguesia liberal, como um bom vaqueiro, sabe que é preciso se adequar, pois, se por um lado a revolução colocava as massas a sua frente, e ela já não era capaz de entoar nenhum canto de domínio sobre elas, por outro, essa revolução era o caminho para o seu desenvolvimento enquanto classe dominante.

Não só os bolcheviques, que com o conhecimento, a experiência e a direção, baseadas na educação e na cultura refletida da luta de classes, organizavam-se para dirigirem a Revolução: a burguesia também se candidatava à mesma tarefa, porém, precisava de aliados, já que não podia, de forma alguma, sozinha, *levar a cabo* tal tarefa. Assim como o lamento do vaqueiro que pede para não ser chamado de vaqueiro, porque ele mesmo só tange os bois, pois o vaqueiro é o seu patrão, o dono dos bois, isso nos remete à figura do proprietário e dos despossuídos.

A luta pela direção da sociedade, da mesma forma, coloca-nos de um lado a classe proprietária, a burguesia, que já detém uma larga experiência no mundo, e não tem dificuldade de arranjar quem se disponha a servi-la. Dessa forma, mesmo com diferenças de como servir a burguesia, personagens como o:

[...] Tchernov e Kerensky, que odiavam um ao outro, [mas que] estavam completamente enraizados no passado pré-revolucionário – na velha e frouxa sociedade Russa, naquela anêmica e pretensiosa intelectualidade, ardendo de desejo

de ensinar as massas do povo, ser sua guardiã e bem feitora, mas completamente incapaz de ouvi-las, entendê-las e aprender delas [...] (TROTSKY, 2007, p. 225).

Sabemos que as massas em movimento podem se comportarem como um rio em período de cheia, tal como uma vida que flui não por cursos pré-estabelecidos em compêndios e almanaques, mas por onde for possível encontrar continuidade. As massas avançam tal qual as águas de uma correnteza, destruindo quando possível, e desviando, quando necessário, dos obstáculos que lhes impedem de seguir o curso vivo da vida. “[...] E sem o aprendizado com as massas não pode haver nenhuma política revolucionária” (TROTSKY, 2007 p.225).

Isso é desse jeito porque, assim como as grandes tempestades podem inverter um curso de um rio, as grandes turbulências sociais, da mesma forma, podem inverter os elementos dirigentes da sociedade, pois quando a história exige, as massas sabem recorrer e devidamente pôr a seu serviço os seus elementos que estavam no anonimato, os mais oprimidos, os deseducados, que por essa condição são os que podem dar forma e expressão à vontade das massas e se colocarem na *linha de frente* na condução das novas tarefas que o momento histórico exige.

O paradoxo de Fevereiro se estica ano a dentro. O Comitê Executivo, formado para o exercício da democracia com a tarefa de romper os grilhões seculares da dominação dos educados e iniciar as bases de uma nova sociedade, não conseguia passar das palavras à ação. Assim, os conciliadores, cada vez mais enrolados nos cabelos das pernas por suas contradições em servir à burguesia e dirigirem as massas como gados, esbarram nas suas pretensões, como ocorre com o vaqueiro ao conduzir a boiada para o seu patrão. No entanto, com gente é diferente, como bem diz Geraldo Vandré e Théo Barros:

[...] Então não pode seguir
Valente em lugar tenente
E dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente [...]

Operários, soldados, camponeses e o povo estavam armados com os soviéticos. Agora o seu poder soberano conduzia os eventos com seriedade, ao tempo que os doutrinários da conciliação de classes, sem forças para governar pelo seu Comitê Executivo, caíam no vazio, separados do centro do poder, os soviéticos, e ao mesmo tempo, fingindo que conduziam o poder.

Eis o embaraço no qual essas pessoas se encastraram diante de um país destruído pela guerra e pela revolução, quando se desdobravam para elevar e manter o

prestígio de um governo que o povo já não queria mais. Para eles, “[...] A revolução podia morrer, mas vida longa à ficção! Mas enquanto o poder era expulso por eles pela porta, voltava a entrar pela janela, pegando-os desprevenidos a toda hora, fazendo-os parecer indignos ou ridículos” (TROTSKY, 2007, p. 227).

O Novo Regime ouvia o rugir em sua frente, da fome, da miséria, e essa travessia não era só de dias, semanas, ou meses, mas de anos. A Revolução teria que *dormir com fome e acordar sem o café da manhã*. Um longo período de provações teria que ser enfrentado. A fome incomodava, mas o futuro incerto era mais perturbador. Quase três anos de guerra se somando ao atraso econômico da Rússia, que agora cobrava a fatura do Novo Regime. Problemas de toda a sorte se avolumavam por todas as áreas: transporte falta de matéria prima, máquinas sucateadas ou ultrapassadas, inflação nas alturas, comércio desarticulado, esse quadro caótico exigia ações rápidas e vigorosas, o que não poderia acontecer, pois os conciliadores, mesmo atentos para as questões econômicas, ao procurarem uma saída, sempre esbarravam no obstáculo do poder: os soviets de um lado e o Comitê Executivo de outro.

Os operários estavam decididos que suas vidas teriam que mudar. Começaram com a exigência por oito horas de trabalho diário. Esse ímpeto dos operários assombrou os novos governantes, liberais e socialistas, levando partidos e jornais patriotas a chamarem os soldados aos quartéis e os operários às máquinas

[...] Operário às máquinas! Tal é o egoísmo blindado das classes instruídas, liberais e socialistas. Estas pessoas acreditavam que milhões de operários e soldados erguidos ao ápice da insurreição pela pressão irresistível do descontentamento e esperança, após a vitória, submeter-se-iam docilmente às velhas condições de vida [...] (TROTSKY, 2007, p. 231).

Os educados instruídos pelos seus historiadores oficiais davam como certo que, assim como todas as revoluções do passado, os trabalhadores sempre voltavam aos seus grilhões, mas essa deformação da história pôde também ser questionada e devidamente esclarecida por Jean Paul Marat, o homem que gostava de apontar os *inimigos do povo* em seu jornal o *Amigo do Povo*, que Trotsky faz questão de registrar com as palavras de Marat, porque depois de levantar em luta, os trabalhadores terminavam de volta aos lugares de onde haviam rejeitado permanecerem, pois, para ele, uma revolução encontra os seus elementos nas mais baixas classes sociais, nos deserdados que “[...] Após um certo sucesso no início, o movimento é finalmente derrotado; sempre lhe falta conhecimento, habilidade, meios, armas, líderes e um definido plano de ação; ele fica indefeso face aos conspiradores possuídos de experiência, habilidade e destreza [...]” (TROTSKY, 2007, p. 231).

Marat aponta as deficiências e as fraquezas dos que eram nomeados como *Canaille*, pelos educados e afortunados, ao pegarem armas para lutar, e apesar de estar em maior número, sempre eram derrotados, tendo que voltar a viver nas mesmas humilhações. A ausência de uma direção, a falta de um programa e a inexistência de uma organização coesa e combativa, tudo contribuía para impedir o avanço dos jacobinos. Mas, ao mesmo tempo, para a consolidação da burguesia no poder, o que, de certa forma, contribuiu com a morte da troica Marat, Danton e Robespierre. Marat, o possível inspirador da violência revolucionária, assassinado a mando dos seus inimigos. Danton, o eloquente e conciliador, guilhotinado a mando de Robespierre, seu antigo aliado. E este, conhecido como *Candeia de Arras*, teve suas chamas apagadas também pela guilhotina, a mando da burguesia.

Contudo, a História que queima o seu combustível na luta de classes não só obriga aos homens a desenvolverem *instinto de peixe*, nadar contra a corrente, como, também, a caminhar na penumbra da História e a enfrentar, em certas circunstâncias, a *hora das cobras*. Sabemos que as cobras, na natureza, são mestras na arte de matar e igualmente na arte de se camuflar para a prática da emboscada. Não há obstáculo que elas não possam se desvencilhar, e nem espaço que não encontre uma maneira de se ocultar.

Fria, sorrateira, venenosa e traiçoeira, e, mesmo não tendo boa visão, são dotadas de um impecável sensor de temperatura, capaz de precisar o tamanho e a distância de sua presa. Suas narinas registram qualquer movimento de odores em sua volta, e o seu corpo, qualquer vibração no solo. Aguarda a hora de atacar e são capazes de graduarem a quantidade de veneno de acordo com o tamanho da presa. Não à toa que são temidas e, até mesmo, veneradas, como a mais venenosa, batizada pelos africanos como a *Sombra da Morte*. Ainda bem que a natureza não é infestada por cobras, mas sem elas seria infestada por ratos. Portanto, a sua existência pode ser saudável para a vida na Terra. Contudo, o que nos apavora são essas características incorporadas e levadas a termo por alguns seres humanos, que o digam aqueles que tiveram que enfrentar Stalin e seus seguidores.

Voltaremos a esse tema mais à frente, quando Fevereiro acabar e raiar o sol de Outubro de 1917, o mês que teima em não acabar para a humanidade e a inspirar outros outubros, porque mesmo com todas as vidas ceifadas e mentes travadas, exílios e fugas em nome da preservação e desenvolvimento da tríade: liberdade, igualdade e propriedade privada. Esse modo de vida burguês ainda não teve o seu último capítulo escrito, portanto, não teve ainda confirmado pela História uma vitória definitiva, visto que os deserdados, deseducados, despossuídos e os que com eles se solidarizam resistem e insistem em procurar

outros caminhos, assim como foi na Revolução Francesa, na Comuna de Paris, na Revolução Russa, Alemã, Chinesa, Espanhola, Haitiana, Cubana, Vietnamita, na queda do Muro de Berlim, na Primavera Árabe, e por todos os lugares por onde essa resistência sofreu desvio e deformações por parte dos educados. Apesar de tudo isso, a humanidade continua escrevendo o próximo capítulo dessa história.

Marat não morreu em vão, assim como Trotsky também não. As chamas que iluminavam os caminhos para a liberdade e igualdade não se apagaram, insistem em permanecer naqueles que, assim como seus mestres, tiveram que nadar contra a corrente, andar às escuras, enfrentar o fascismo, o stalinismo e o entardecer dos eventos, a hora das cobras.

Ao raiar do dia, o Sol com sua luz revela cores e movimentos, como também ajuda aos mais observadores a delinear formas e conteúdos. Ao cair da tarde, quando o Sol se põe, muitos predadores se sentem mais à vontade para entrarem em ação. As cobras à beira de um rio ou de um lago ao entardecer têm sua hora para agir. Silenciosas e traiçoeiras, emboscando suas presas no momento em que buscam um local para o descanso noturno, depois de um longo dia de batalha pela vida.

Assim como fez Stalin após a morte de Lênin. É bem verdade que as cobras agem por instinto de sobrevivência, embora haja no seu olhar e em suas ações um carregado peso de ferocidade não visto em nenhum outro predador. Contudo, as cobras chegam a ser inofensivas, se comparadas a muitos comportamentos humanos, aflorados no fascismo, no nazismo e no próprio stalinismo.

Como justificar a prisão, a tortura e a morte de seres humanos, de dezenas de crianças sob os bombardeios com aviões de guerra, quando estavam a caminho da escola? O sofrimento de milhões de imigrantes fugindo da fome e das guerras? A existência das cobras está relacionada ao equilíbrio da natureza. Ao adotarem o modo operante das cobras, os seres humanos desequilibram ou desumanizam a humanidade, mesmo aceitando que os homens sejam impelidos a agirem como a natureza. Contudo, é preciso considerar os limites da indiferença da natureza ao sofrimento e a dor, da indiferença humana às essas mesmas circunstâncias. Esse limite tênue provoca inquietações sociais que podem desembocar em revoluções.

A revolução, assim como um furacão, não deixa nada onde antes estava, e isso vale não só para o mundo objetivo material, mas também para a subjetividade. Os padrões se enfureciam com o comportamento dos operários que ignoravam a rotina na qual estavam

submetidos antes da revolução: “[...] o primeiro impulso dos escravos despertados por ela é afrouxar o jugo do humilhante dia-a-dia, escravidão angustiante e inelutável [...]” (TROTSKY, 2007, p. 231-232).

Os soviets, sob o comando dos mencheviques e socialistas revolucionários, queriam convencer os operários que já era hora de voltarem às fábricas, e que a jornada de oito horas era inviável. Os operários, por sua vez, estavam prontos a voltar, mas a questão era em que condições. Uma seria um pouco de liberdade física para os seus músculos e nervos, e foram firmes nessa defesa. Enquanto os mencheviques se desdobravam para convencê-los do contrário, os próprios fabricantes sinalizaram para acatar essa jornada com os comitês de fábrica e nas oficinas. Os industriais perceberam primeiro que os burocratas, democratas dos soviets, que esse caminho era sem volta para os operários, que já haviam, por sua conta, adotado esse horário na marra, contra os soviets e o governo, que aos poucos foram obrigados a chegarem ao reconhecimento legal das oito horas, e isso tudo pela ação direta dos operários.

Como a burguesia não perde tempo, logo desencadeou uma ofensiva contra os operários, colocando os soldados que estavam no *front* contra os operários, alegando que estes estavam pensando somente neles, e deixando-os à própria sorte na guerra ao reduzir a carga horária, portanto, a produção. Essa campanha surtiu efeito, pois para os proprietários *preocupados* com os soldados que contavam as horas nas trincheiras, diminuir a jornada significava debilitar os combatentes com a falta de apoio logístico. “[...] Quando as classes possuidoras entram na via da demagogia, não param por nada [...]” (TROTSKY, 2007, p. 233). Mas, os operários souberam dar uma resposta a essa falsificação da realidade pelos proprietários, levando os soldados a ver as condições de trabalho nas fábricas e os lucros que aqueles estavam obtendo com a guerra, e, dessa forma, os operários não só conseguiram uma vitória econômica, mas também política e moral.

Os eventos ligados a esta luta pela jornada de oito horas tiveram um significado imenso para todo o desenvolvimento futuro da revolução. Os operários ganharam umas poucas horas por semana para leituras, reuniões, e também para praticar com o rifle, que se tornou uma rotina regular a partir do momento da criação da milícia operária. Além disso, após esta lição clara, os operários começaram a observar a direção soviética mais de perto [...] (TROTSKY, 2007 p, 235).

Essa disputa pela redução da jornada de trabalho colocou, de um lado, os operários e soldados nos soviets, e do outro, governo, industriais, dirigentes mencheviques e socialistas revolucionários. Tudo isso deixou os soldados e operários mais atentos e alertas aos perigos que lhes rondavam e de onde os golpes podiam ser desfechados.

As classes dominantes também aprenderam com a História que, sob pressão das massas, o melhor caminho é fazer-lhes concessões, visto que essa pressão significa a trilha que, se devidamente percorrida, tem como fim a derrubada da classe dominante. Resta saber, então, por quanto tempo essas concessões vão responder aos anseios das massas. De qualquer forma, a revolução segue impulsionada pelos deseducados, cumprindo um papel de educar os educados.

No exército, o modelo de soldado apreciado pelos oficiais da herança feudal, submisso, que nada leva ao pensamento, sem nenhuma consciência de individualidade humana, aos poucos vai desaparecendo frente à revolução. Os soldados não morriam de amores pela guerra, não tinham pretensão de morrer em combate, mas esses sentimentos não os igualavam aos cavalos, os quais, do mesmo modo, não queriam arrastar canhões pelos pântanos alagadiços, mas que nada podiam fazer (TROTSKY, 2007). Os soldados, dominados pela submissão, acreditavam que não havia nada que pudessem fazer em relação aos seus sentimentos e o sofrimento que a guerra lhes impunha.

A Revolução oxigenou o sangue, trouxe ar fresco e luz ao pensamento e os fez emergirem da sombra da história e do mundo instintivo de cavalo da artilharia, assim como as primeiras chuvas transformam as paisagens ressequidas e sem vida da caatinga, trazendo-lhes frescor e vivacidade. A revolução trouxe além do frescor, a impetuosidade a cada soldado, como se, de repente, um cavaleiro que, resignado pelo desprezo de sua admirada, e não pensando mais no amanhã, fosse agraciado com um sorriso dela, e esse sorriso lhe devolvesse o ímpeto para buscar o amanhã de liberdade e felicidade. Assim:

[...] Nesta erupção vulcânica do individualismo, que freqüentemente tomava formas anárquicas, as classes educadas viam apenas traição ao país. [...] Esta inundação de individualismo das massas, tão odiada pela burguesia, era devido ao próprio caráter da Revolução de Fevereiro, ao fato de que era uma revolução burguesa (TROTSKY, 2007, p.254).

E quem mais fez ecoar por todos os continentes que todos os homens são iguais e que, portanto, todos têm o direito à vida, à liberdade, à felicidade, e que lutar por esse direito inalienável é um dever de todos os homens, se não a burguesia? Contudo, essa personalidade burguesa que incendiava soldados, camponeses e operários, os quais tomavam parte na Revolução, ao mesmo tempo em que os impeliam a lutar para derrubar a monarquia, também nutria os operários com outros objetivos. O impasse era convencer soldados e camponeses a segui-los, pois não bastava lutar contra a guerra e pôr fim à monarquia, era preciso se desvencilhar dos patrões. Portanto, em Fevereiro, o individualismo burguês tão decantado

pelos educados, servia de degrau para os deseducados que sentiam que Fevereiro significava apenas os primeiros passos na trilha da felicidade, não só de cada homem separado, mas uma felicidade de caráter social.

O horizonte desenhado com o fim da guerra, com o fim da monarquia, com o fim dos padrões, da propriedade privada, a redução da jornada de trabalho, enfim, a liberdade deixando de ser mera especulação, visto que as massas não iriam realizar um enorme dispêndio de forças para ficarem numa mera contemplação platônica de liberdade ou paralisada pela moral kantiana, a qual nega se valer da violência como meio para abraçar os fins. Para as massas, não se trata de todos os fins em geral, mas dos fins dos deserdados em particular. “[...] Assim, através do indescritível caos da Revolução de Fevereiro, o brilho inflexível de outubro já era visível” (TROTSKY, 2007, p. 255).

3.2 Os embates entre as classes educadas e as deseducadas pela direção do destino da humanidade

Para burguesia liberal os caminhos se estreitavam diante do desafio da tarefa de conduzir ao mesmo tempo a revolução, a guerra e o controle do exército.

Nas Revoluções Puritana e Gloriosa, no século XVII, o Exército de Cromwell e o Parlamento foram a saída. Na Revolução Francesa, no século XVIII, Napoleão Bonaparte, de certa forma, põe fim ou contém os ímpetos dos deseducados com a ascensão do Primeiro Império. Nas revoluções de 1848, século XIX, a burguesia, primeiro foi para o sufrágio universal, elegendo o primeiro presidente, Luiz Bonaparte, o sobrinho de Napoleão, que deu um golpe implantando um Segundo Império, ainda no século XIX. Na Comuna de Paris, em 1871, a burguesia francesa se aliou ao exército prussiano com o qual estava em guerra contra os revoltosos, o que resultou em um massacre dos comunardes. Agora, no raiar do século XX, as coisas não se dão de forma tão simples, já que, ao longo de três séculos, os deserdados também puderam aprender com a História e com os levantes que ficaram conhecidos como Primavera dos Povos. Este acontecimento havia clareado ainda mais a visão do proletariado, e a Comuna de Paris, da mesma forma, havia jogado mais luz, o que deixava mais claro ao proletariado a necessidade de empunhar as suas próprias bandeiras. Não que a igualdade, liberdade, propriedade e felicidade não servissem, mas sua existência formal precisava avançar de forma efetiva.

A questão é como tudo isso se relaciona com a economia na sociedade capitalista,

pois, considerando cada indivíduo isolado, todos esses princípios parecem conduzir a uma sociabilidade justa e igualitária. Mas, ao pôr sob a ótica da luta de classes todos esses valores supremos da democracia burguesa, convertem-se em seu contrário. A liberdade individual se converte em escravidão de classe para o trabalhador, que pode até escolher um patrão, mas não pode se desvencilhar das relações de dependência e dominação existentes com a classe capitalista.

A igualdade, da mesma forma, revela-se como desigualdade com a produção da riqueza realizada diretamente pelo trabalhador e apropriada pelo patrão. O direito à propriedade, de um lado, garante ao capitalista se apropriar do trabalho alheio, e ao trabalhador, perder seu produto. Por fim, a felicidade que consiste em poder usufruir de suas propriedades se encontra com os proprietários, os patrões, visto que essa democracia dos educados, possuidores, só pode garantir felicidade de forma especulativa, como bem percebeu o soldado ao ganhar o direito de ir ao teatro e não ter dinheiro para pagar o ingresso: “[...] perguntava o soldado. De que serve a liberdade para mim, ele repetia atrás do operário ante as portas fechadas do teatro, se as chaves da liberdade estão nas mãos dos patrões? [...]” (TROTSKY, 2007, p. 255).

Os soldados, assim como os presos, têm o seu pensamento dominado pelos sonhos de liberdade, e em tempos de guerra, esses sonhos se afluam com mais intensidade, não nos que estão dormindo, mas nos que estão bem acordados na linha do *front*. Como bem cantavam os soldados ingleses em batalhas *It's a longwayto Tipperary*— É uma longa distância para Tipperary —, que se popularizou entre os soldados na Primeira Guerra Mundial, traduziu o desejo pelo fim da guerra ou poderem fugir dela para um lugar distante do epicentro de onde a mesma ocorria. Ou seja, a liberdade se encontra em um lugar distante, e junto com ela a felicidade para onde o coração aponta.

Os operários já vivenciam essa liberdade especulativa cotidianamente, pois vivem sob o jugo do trabalho assalariado quando tem emprego, e quando das crises econômicas, pena sob o desemprego, descobrindo assim que, *todos têm direito ao trabalho*, também é especulação, uma forma sem conteúdo. Os jovens também sabem que se não tiverem dinheiro para pagar passagens seu direito de ir e vir se torna *letra morta*. Daí os seus levantes pelo passe livre, que por sua vez aponta para o questionamento do modo de vida burguês, porque formalmente temos todos os direitos, mas no conteúdo nos negam o usufruto.

Aquele soldado desajeitado e deselegante com as palavras e com enorme dificuldade para se expressar, que melhor disse da revolução, continua sendo o que melhor

afirma da necessidade de avançar para outra ordenação social, onde o direito de comer, beber, morar, vestir, ir ao teatro, ao concerto, ao médico, às escolas e às universidades seja realmente possível e não só um direito formal, uma casca sem miolo.

O que a revolução, com todos os seus meandros, ensinava não só aos soldados, mas principalmente aos operários e camponeses, era a falar, a chamar as coisas pelo nome e a dizer em voz alta o que elas são, pois o que pensavam em silêncio agora vinha à tona como um espirro de vulcão em erupção. E havia muito por fazer, como bem nos diz a música inspirada no livro da realidade, devidamente escrito pela Comuna de Paris, *levada a cabo* pelos oprimidos: *Para sair desse antro estreito/Façamos nós por nossas mãos/Tudo o que a nós nos diz respeito*⁹. E as tarefas não eram poucas como nos desperta o chamado “*Bem unidos fazemos/ Nesta luta final/ Uma terra sem amos/ A internacional*”. Essas palavras não caíram do céu, pelo contrário, são expressões de um mundo hostil que precisava ser talhado e esculpido, cujas mãos bem estão compreendendo os operários que só podem ser as suas próprias, precisam afiar os instrumentos e arregimentar aliados, pois será uma longa peleja esculpir a face da igualdade e da liberdade, e ao mesmo tempo descartar os amos, definitivamente, para o lixo da história.

A Revolução, mesmo tendo sido liderada pela burguesia, fugia de seu controle, e a guerra só aprofundava isso. No plano dirigente, o governo provisório não tinha o devido conhecimento para governar, porque não mais controlava o exército. O Comitê Executivo composto pelos liberais, democratas e socialistas, órgão máximo dos soviets em todos os momentos importantes, sentiam o peso da ação direta dos operários e soldados. O que pôde ser demonstrado com o que ficou conhecido como a *Ordem Número 1*, onde os soviets passavam uma borracha no velho modo de organização do exército do czar e dava aos soldados uma nova forma organizativa.

Sem deixar dúvidas que novos vagões precisam de novos trilhos:

[...] comitês eleitos serão formados em todos os regimentos militares; deputados soldados serão eleitos para os Soviets; em todos os atos políticos, os soldados se submeterão ao Soviete e seus comitês; armas serão postas sob o controle dos comitês de regimento e batalhões, e ‘não serão entregues aos oficiais em caso algum’ [...] (TROTSKY, 2007, p. 263-264).

Essa Ordem Número 1 logo foi seguida por uma Ordem Número 2, vinda do Comitê Executivo que tentava anular a primeira, mas a Número 1 somente reconhecia a

⁹ Trecho do hino da Internacional comunista. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/hinos/58817/>. Acesso em: jun./2019.

realidade já vivida pelos soldados, não só no *front*, mas também na retaguarda. Representava mais do que uma resposta autêntica e honesta dos próprios soldados às novas exigências colocadas pela revolução.

Os dias pontiagudos de Fevereiro sangravam o Regime Burguês e o seu reestabelecimento passava necessariamente pelo fim da Revolução. Isso podia ser posto em prática pela conversão da guerra que tinha como alvo, inimigos externos em uma guerra para sufocar a revolução. Ou seja, os inimigos da burguesia liberal e de seus asseclas passam a ser o seu próprio povo, personificado nos operários, soldados e camponeses, que por sua vez estavam personificados nos soviets.

Os liberais não reuniam coragem e nem forças para irem direto contra os soviets. No entanto, não faltavam mecanismos para tentar assumir o controle do exército. Os generais não cansavam de reclamar que, com a Ordem Número 1, criou-se um enorme obstáculo para derrotar os exércitos alemães.

Numa conferência de delegados das trincheiras, entrou em pauta uma ordem do ministro da guerra do Governo Provisório que se colocava contra as indulgências aos prisioneiros de guerra e ressaltava a ferocidade dos alemães. Essa ordem foi rechaçada pela conferência que se posicionou firmemente a favor de aliviar as condições dos presos de guerra.

Esses homens que defenderam minimizar os castigos aos presos de guerra eram os mesmos que os liberais não se cansavam de qualificar como violentos, agressivos e truculentos com os oficiais. Mas os homens simples e ignorados, os não iluminados pela educação dos proprietários que vinham do *front* tinham também o seu critério para julgar quando preciso. Para eles, era perfeitamente correto prestar contas com um oficial que humilhou um soldado do que punir ainda mais um prisioneiro de guerra. “[...] ‘Os modelos eternos da moralidade’ permaneciam estranhos a estes rudes e piolhentos mujiques.” (TROTSKY, 2007 p.269).

No início de abril, Lênin chega à Petrogrado. Ele é um dos mais tenazes com o seu firme instinto de peixe, nadar contra a corrente, e também um dos que mais fora obrigado, por ser perseguido, a viver certo período na penumbra da História. Infelizmente, não pôde enfrentar a hora das cobras quando do entardecer da Revolução, pois morreria quando se preparava para esse enfrentamento, deixando para Trotsky o comando dessa batalha, pois Rosa, Karl Liebknecht, Gorgicles e Mehring também já não mais respiravam.

Uma coisa era Trotsky enfrentar as cobras com Lênin ao seu lado, outra era fazê-

lo sem ele e ter que manter acesa a sua chama e garantir que as chamas de Lênin não se apagassem e, de certa forma, dos homens e mulheres que tiveram a vida interrompida por terem decidido lutar contra os dominantes e sonhar em construir um mundo sem exploração e opressão de classes e os horrores da guerra.

Lênin, em Petrogrado, emerge da penumbra para o timão da história. Para Trotsky, ele era o homem que melhor captava o sentimento das massas. Fazia previsões e sabia diferenciar as coisas, era ousado e prudente ao mesmo tempo ao transformar o desejo em ação, o que o evidenciava com uma profunda capacidade de expressar o mundo objetivo e aplicar a justa medida das pretensões nas ações. Contudo:

[...] nós socialistas não somos cultores de personalidades – a objetividade situa-se para nós acima da pessoa. Nós a separamos, mas não a ponto que não as saibamos unir. Somos dialéticos, o que significa que a obra geral da pessoa é obra pessoal do geral. Quando o mau entendimento burguês nos repreende, segundo seu humor, ora por culto à personalidade, ora por desprezo à personalidade, isso significa que nada compreende da relação entre pessoa e objetividade, entre o específico e o geral (THALHEIMER *apud* ARAÚJO, 2018, p. 292).

Assim, a capacidade de Lênin de perceber a realidade e sua habilidade em expressar essa mesma realidade, nada mais é do que a objetividade geral se expressando de forma particular e a particular expressando a objetividade geral. Dessa forma, sua produção teórica, assim como o uso da bitola para estrada de ferro, e o prumo para a construção de casas, podem se tornar perfeitos instrumentos como o guia para transformar a realidade.

Em suas teses de Abril, na sua maioria destinada aos companheiros bolcheviques que já estavam na Rússia, e aos que ainda se encontravam no exílio, colocava que não tivesse nenhuma confiança no Governo Provisório e que todo poder fosse dado aos soviets, o que consolidou e demonstrou ser a base fundamental de suas teses: paz, que se sintetizava o desejo dos soldados, não só desses, mas principalmente deles, pois eram que estavam morrendo no *front*; terra para os camponeses e pão para todos. Isso significava tirar a Rússia da guerra, distribuir terras para quem nela trabalhava e emprego para todos aqueles que podiam trabalhar. Assim, todos poderiam ter comida, com a produção para quem produzia sob controle dos trabalhadores.

A chegada de Lênin impulsionou a locomotiva da revolução que logo avançaria para Abril, depois para Junho e finalmente para Outubro. Lênin, não como corvo que por não ter um bico como o grande urubu de cabeça vermelha, apropriado para cortar o couro de animais, mesmo sendo um dos primeiros a chegar ao banquete e um dos últimos a sair, termina por nada a comer. Ele sabia que precisava de um instrumento para conduzir a

Revolução até o fim, e esse instrumento já existia, o partido.

O corvo não pode, com suas limitações naturais, de uma hora para outra construir um bico igual ou melhor do que o do urubu. Mas Lênin podia afiar o partido para o momento de conduzir a insurreição até a vitória, quando o desejo dos chefes políticos e militares, a coragem e o espírito de sacrifício dos combatentes no *front* e a disposição da classe operária e das massas se encontrasse no mesmo tabuleiro. Nesse momento, o partido não pode se igualar ao bico do corvo, e sim, ao bico do urubu, afiado e eficaz no tempo hábil.

Como a natureza nada dá de graça, da mesma forma se comporta a sociabilidade humana. Esse partido tem seu preço e a História cobra a fatura, e não há parcelamento nem adiamento. Por isso Lênin apressava o passo, pois em Abril, os membros do seu partido:

[...] Comportavam-se não como representantes de um partido proletário preparando uma luta independente pelo poder, mas como a ala esquerda da democracia que, tendo anunciado seus princípios, pretendia por um tempo indefinido desempenhar o papel de oposição leal (TROTSKY, 2007, p 273).

Os bolcheviques de esquerda, principalmente os operários, resistiam e tentavam furar o cerco. Contudo, tiveram que se submeter à linha dos dirigentes. Muitas correntes bolcheviques se chocavam com muita violência, mas nenhuma ia às últimas consequências. A situação era confusa e não havia uma organização para unificar a política do partido. Para *engrossar o caldo*, Kamenev e Stalin retornam para a Rússia e, a partir de então, imprimiram uma dinâmica ao partido rumo à direita.

Kamenev, mesmo sendo visto como um brilhante propagandista, um eloquente orador e um prudente jornalista nele independência para decidir, tampouco iniciativa para agir “[...] no comitê, sem dúvidas, ele era não inimigo, mas apenas uma oposição [...]” (Trotsky, 2007, p. 275). Stalin, um firme organizador, mas com limites teóricos e políticos, porém, com uma aguçada capacidade prática como ficou conhecido, o que o marca com uma personalidade pragmática e obstinada, mas ao mesmo tempo sem nenhum traquejo ou polidez. “[...] E foi assim que um publicista abúlico [Kamenev] e um organizador sem horizontes [Stalin] conduziram, em Março de 1917, o bolchevismo até às próprias fronteiras do menchevismo[...]” (TROTSKY, 2007, p 276).

Como podemos situar a temporalidade, dentro da eternidade é possível encontrar caminhando no mesmo sentido, tanto Kamenev, que tem seu horizonte limitado por sua falta de vontade revolucionária ante aos problemas demandados da Revolução, como Stalin, que tem sua vontade limitada por sua falta de horizonte revolucionário. Assim, ambos, apesar das divergências, completam-se em uma mesma posição: conduzir a revolução nos limites do

menchevismo e da conciliação com Governo Provisório, consolidando a burguesia liberal no poder.

Como a luz do sol, que quase tudo revela, desperta e comanda em nosso planeta, a revolução nada deixa passar que não seja pesado e medido pelos olhos dos mais oprimidos e deserdados. A chegada de Lênin possibilitava a materialização da vontade geral dos oprimidos na sua obra particular. “[...] Assim, a Revolução de Fevereiro, flácida, prolixa e muito estúpida, saldava o homem que chegou com uma determinação resoluta de lhe impor pensamento e vontade [...]” (TROTSKY, 2007, p.282).

Lênin já trazia consigo o que ficou conhecido como *Teses de Abril*. Segundo Trotsky, veio a ser um dos mais importantes documentos da Revolução. De forma simples, afirmava que a República conquistada em Fevereiro não era almejada pelos bolcheviques. A guerra mantida por essa república também não era do partido. Portanto, a tarefa dos bolcheviques era pôr abaixo o governo imperialista. Mas, esse governo estava amparado pelos braços dos socialistas revolucionários e mencheviques, e estes, sobre o apoio das massas do povo.

Como nem todo sono é imediatamente dissipado com a luz solar, nas primeiras horas do dia, em Fevereiro, a Revolução aos poucos iria despertar as massas que ainda estavam com uma visão sonolenta, pelas longas noites vividas sob os tzares, e impactadas com os primeiros raios de luz vindos da Revolução de Fevereiro. Então: “[...] Nestas circunstâncias não se pode falar de violência do nosso lado. Precisamos ensinar as massas a não confiar nos conciliadores e nos defensistas. ‘Precisamos explicar pacientemente’[...]” (TROTSKY, 2007 p. 285).

Essas teses marcam o início do isolamento de Lênin do partido. Até Zenoviev, seu abnegado discípulo, não o acompanhou, o que não surpreendeu Lênin, por conhecê-lo muito bem, definindo-o como nada mais do que um agitador sem senso o bastante de responsabilidade para dirigir, mesmo sendo um audacioso e ofensivo agitador sem igual entre os bolcheviques “[...] Zenoviev é ainda menos capaz do que Kamenev de iniciativa revolucionária [...]” (TROTSKY, 2007, p. 285).

Lênin se mantinha firme contra quase todo o seu partido. Na Conferência em Abril passa como uma tempestade tirando quase tudo do seu lugar e destruindo os abrigos de seus opositores quando põe em questão a tomada do poder e suscita uma explicação para que este tenha ido parar *nas mãos* da burguesia e não nas do proletariado, como se isso tivesse dado, a priori, pelo fato da Revolução ser burguesa, porque era a primeira etapa, havia, ainda,

a existência da guerra e outros porquês.

Da mesma forma, a ascensão da agricultura não traz em si, *a priori*, definidas as enormes atrocidades praticadas pelos ingleses contra os indianos e a natureza, com a matança de milhares de tigres de bengala para se apossarem das terras e cultivar algodão para sua indústria têxtil, com o propósito de embelezar damas e lordes e o chá para o deleite dos ingleses na suas bucólicas tardes ao pôr do sol, tudo regado com o suor e sangue do povo indiano. Ora, não é possível justificar a brutalidade dos ingleses contra o povo da Índia quando da matança de animais e do desmatamento para se apossarem das terras para o cultivo de algodão, pura e simplesmente pela supremacia do povo branco da Europa e pelo progresso da indústria inglesa.

Para Lênin, era preciso reconhecer que, enquanto o proletariado se encontrava, apesar dos acontecimentos, desorganizado e sem consciência das tarefas a serem realizadas, a burguesia se impôs organizada e consciente, e os educados estavam em vantagem mais uma vez, mas não por muito tempo.

Essa falta de consciência e de organização do proletariado tem a ver com a função do Partido Bolchevique, este sim não se encontrava à altura das tarefas que o momento exigia. Mesmo com a força material *nas mãos* do proletariado, o partido não foi capaz de evitar que os conciliadores desviassem as massas de abraçar o poder, canalizando-o para *os braços* da burguesia.

Em Fevereiro, a obra geral dos deseducados ainda não havia forjado uma direção capaz de cumprir as tarefas objetivas da revolução que eles, com enorme sacrifício, teimavam em continuar. Como se diz no popular, *até lascar os cambitos*, ou seja, até onde *os braços* da burguesia iriam suportar o peso das demandas dos deserdados. Em algum momento, não só os *cambitos* não iriam suportar, mas também a cangalha e o próprio animal iriam arriar com a carga.

Essa era a particularidade do momento na Rússia. Por isso Lênin, em suas teses, diz que tudo: “[...] consiste na transição da primeira etapa da revolução, que deu o poder para a burguesia por conta da consciência e organização inadequada do proletariado, para a segunda etapa, que deve dá o poder ao proletariado e às camadas pobres do campesinato [...]” (TROTSKY, 2007, p, 289).

Lênin havia passado dez anos fora da Rússia, exilado, na penumbra da História, e isso não só para os seus camaradas do partido, mas para os seus adversários e inimigos parecia um devaneio, um delírio, uma alucinação, como a de um viajante que vaga pelo

deserto e afetado pelo calor do sol vê um oásis, onde só há areia. Mas, Lênin soube preparar bem os seus olhos quando estavam sob pouca luz, e agora não estava encandeado diante do clarão da revolução.

Assim como o camaleão que habita o Deserto da Namíbia pela manhã precisa de uma cor que absorva a luz do sol para, assim, garantir energia ao seu corpo, e ao meio dia precisa de outra cor, dessa vez para refletir a luz, pois, do contrário, a luz que garante a sua vida pode tirá-la, e no final do dia se apresenta em duas cores: de um lado a que absorve porque precisa acumular energia para enfrentar a longa noite de frio; e a outra cor, para controlar a dispersão da luz. Essa desenvoltura instintiva de sobrevivência do camaleão parece simples como o nascer e o pôr do sol, mas o desafio é fazer as coisas corretas no momento exigido pelo curso da vida, nem mais nem menos, e os dias e as noites são uma constante na vida de peijas e descansos.

Assim como o camaleão, com os seus instintos de sobrevivência, aprendeu com a natureza, Lênin, submetido à realidade e à razão, aprendeu com a história que é preciso trocar de roupa conforme as circunstâncias. “[...] Mas chegou o tempo ‘de mudar nossa roupa; devemos jogar fora a camisa suja e pôr uma limpa’ [...]”. (TROTSKY, 2007, p. 291). Ele chama os dirigentes do partido a fazer o que faz o camaleão com a sua pele ressequida pelo sol quando sobe em um espinheiro, e deixa a velha pele morta, saindo com uma nova.

No espinheiro da história, muitas roupas já foram largadas pela humanidade, da escravidão, da servidão, e a próxima a ser abandonada deve ser o casaco burguês, que para o proletariado se impõe como uma *camisa de força*. O chamado de Lênin causa estupor aos que estão lhe ouvindo “[...] Este homem evidentemente caiu da lua; mal pôs os pés na estação Finlândia após uma ausência de dez anos ele começa pregando a tomada do poder pelo proletariado [...]” (TROTSKY, 2007, p. 291).

O chamado de Lênin aos revolucionários para avançar ao *guarda-roupada* história, e vestir roupas novas para uma nova estação, também causa deleite aos seus inimigos: “[...] Um homem que fala este tipo de estupidez não é perigoso. É uma boa coisa ele ter vindo. Agora ele está exposto... Agora ele irá refutar a si mesmo” (TROTSKY, 2007, p. 291).

Não se deixam as velhas roupas no espinheiro sem se chocar com os espinhos pontiagudos e sangrar, que diga o *varal* da história, que por muito tempo suporta o peso de roupas *surradas* e remendadas por aqueles que se assustam com os espinhos e se contentam com os remendos. Da mesma forma não se pode entrar naquele guarda-roupa sem chaves.

Assim, Lênin diz: “[...] Não se agarrem a uma velha palavra que está totalmente podre. Tenham o desejo de construir um novo partido... E todos os oprimidos os seguirão” (TROTSKY, 2007, p. 291).

O instinto das massas para vestir novas roupas nutria Lênin com audácia e pretensão revolucionária, e ao mesmo tempo, sua posição firme de seguir até o fim, mesmo que para isso fosse obrigado a romper com os camaradas que lhes acompanhavam por longas datas, se eles se negassem ou se mostrassem incapazes de entrar no *vagão* da Revolução. Lênin só expressava os sentimentos das massas, mas não era essa a compreensão dos democratas que diziam: “Os Bolcheviques são a pequena minoria no Soviete, e Lênin sonha com a tomada do poder; não é puro aventureirismo?[...]” (TROTSKY, 2007, p. 292).

Como o camaleão que escala o espinheiro para trocar de pele o faz não por vaidade, sendo, ao mesmo tempo, obrigado a mudar de cor por várias vezes ao longo do dia, e o faz não por exibicionismo delirante pelo calor do sol, mas porque segue rigoroso o seu instinto de sobrevivência, e, dessa forma, dá uma resposta objetiva a uma realidade concreta, garantindo a sua existência diante de enormes adversidades impostas pela natureza, o que nos assegura a fundamentação da prática em relação com a teoria de que os homens precisam agir como a natureza. Segundo Marx, “[...] toda a história não mais que uma transformação contínua da natureza humana” (2009, p.163).

Lênin pretende seguir com rigor a consciência das massas para assim marchar com elas e não agir pelas suas *costas*, tampouco tomar a sua dianteira, enfim, proceder como bom operário construtor com atenção permanente na linha e no prumo, no preparo da massa e das medidas, pois sabe que todo bom construtor aprende, talvez não com os livros, que de certa forma lhes são inacessíveis, mantendo-os deserdados também da cultura letrada, mas pelas exigências da vida, de fazer a coisa certa no momento exigido. Do contrário, pode-lhe fugir o direito à existência.

Um homem que se propõe a edificar uma casa, e não dá a devida importância e atenção ao uso dos instrumentos e a qualidade dos materiais, pode está armando um quixó para si e para os seus.

Desde o primeiro momento em que os homens foram impelidos a pegar em uma pedra ou um pedaço de madeira e a usá-lo como extensão do seu corpo para ampliar o seu domínio sobre a natureza, estavam, ao mesmo tempo, ainda que de forma inconsciente, a fazer ciência, ou seja, no primeiro momento, mesmo de forma rudimentar, foram obrigados pelas circunstâncias a adotarem um comportamento de aproximação com a realidade: olhar,

reparar e entender o seu funcionamento, tomando chegada da verdade sobre o mundo.

O princípio da impenetrabilidade da matéria, tão bem, e elegantemente, formulado por Newton, com o pensamento no qual dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo, pode, de forma não tão elegante, ser dito sem perder o sentido na linguagem dos deseducados pela seguinte expressão popular: *muito peido e pouca bosta*, comumente utilizado como referência aos demagogos e esbravejadores, que muito prometem e nada fazem, ou no sentido mais preciso, quando se fazem muito alarde em palavras e se omitem em ações.

A Revolução, assim como a luz do sol, revelou quase tudo aos olhos das massas oprimidas. No entanto, a luz que revela pode, também, ocultar. Lênin, ao retornar do exílio, encontrou não só as massas confusas diante do Governo Provisório de colaboração de classes, como seu próprio partido, que mesmo tendo se preparado durante longos anos, ao se deparar com o momento se demonstrou incapaz para fazer o que tinha que ser feito.

Temos essas duas linhas de visão e ação: governar junto com a burguesia fazendo uma oposição responsável ou romper e preparar a classe para tomar o poder e governar. Essa situação abriu a crise no partido e gerou impasse. Uma das duas tinha que prevalecer pondo fim à crise do partido, pois enquanto essa persistisse, a Revolução estava empacada.

Lênin acreditava que, assim como um construtor sabe o papel do prumo no equilíbrio das paredes porque respeita a lei da gravidade, da linha, assegurando a retidão das paredes, o preparo da massa com as devidas proporções dos elementos, e, acima de tudo, o trato com a água, que como solvente universal, pode, em certas circunstâncias, cumprir o papel de unir os elementos e garantir que toda a casa, em seu conjunto, mantenha-se intacta às intempéries do tempo, dessa forma. “[...] A atividade prática que hoje é fonte da teoria exige, por sua vez, uma prática que não existe ainda, e, dessa maneira, a teoria (projeto de uma prática inexistente) determina a prática real efetiva [...]” (VÁSQUEZ, 2011 p.259).

Em suas Teses de Abril, Lênin segue Marx e Engels sobre o real e o existente, acrescentando sua experiência revolucionária quando, para toda a análise concreta de uma situação concreta, segue uma análise e um balanço da atividade prática correspondente (VÁSQUEZ, 2011), o que pode ser resumido pelo tripé análise, caracterização e política. No primeiro momento, uma observação rigorosa do mundo objetivo. No segundo, fazer previsões das tendências do movimento do real. Por fim, uma intervenção organizada e sistemática como resposta aos problemas postos na realidade, seguido por um balanço entre a correspondência do mundo real, objetivo e do mundo existente, complementado com a teoria

que organiza, disciplina e educa o pensamento e se converte em um guia para ação no mundo em movimento, e assim sucessivamente. A história humana não pára, assim como a natureza que segue irremediavelmente unindo e separando a matéria, visto que tudo o que existe merece ser aperfeiçoado ou superado, pois nada está dado para sempre, uma vez que a natureza e a história humana se encontram em permanente processo do devir.

O mundo real objetivo, abstraído pelo sujeito que o reproduz na sua mente, ganha uma existência ideal com uma dimensão maior do que a real. Trata-se de uma teoria de uma prática ainda inexistente, posta pelo mundo existente, mas que se impõe como necessária de ser efetivada porque as condições objetivas assim suscitam, tanto pelas necessidades como pelas possibilidades. Contudo, isso não significa que necessidade e possibilidade vinculem a prática com a teoria de forma instantânea, já que a teoria, ainda que não tenha se conectado com a prática, por tê-la antecipado idealmente, e que por isso, de certa forma, está a sua frente, deve considerar as circunstâncias de sua viabilidade, pois até instintivamente um abutre sabe que só pode alçar voo e se manter no ar carregando um peso maior do que o seu corpo próximo ao fim do dia, quando do momento que as correntes de ar quente em ascendência encontram as correntes frias descendentes, criando, assim, o momento e o espaço propício para ele garantir a sua refeição, embora a fome lhe inquiete desde as primeiras horas do dia.

A fome dos operários industriais remonta ao período de ascensão da própria indústria no final do século XVIII, na Inglaterra. Assim como a indústria, que se desenvolveu e se expandiu para os demais países da Europa, tem a sua base no trabalho assalariado do proletariado, essa fome também vai evoluindo e procurando caminhos para se expressar politicamente com sua cara e sua voz.

Assim foi na Comuna de Paris, em 1871, em 1905, na Rússia e em Fevereiro de 1917, sendo Lênin um dos líderes, ou o principal deles, que estava disposto a ir às últimas consequências, rumo ao *banquete* com os famélicos da terra. O abutre quebra-ossos, para ter direito ao tutano, precisa fazer uma série de cálculos, desde considerar a temperatura ambiente, a altura do voo, a pedra onde irá jogar o osso, tudo instintivamente, sem consciência, mesmo assim agindo em correspondência com a natureza para transformá-la a seu favor.

Lênin sabia que estava diante do desafio de mudar a natureza humana e fazer história. A Revolução estava em curso e ele pressentia o que tinha que ser feito, mas como e quando ainda não estava dado, porque as revoluções não têm manuais, tampouco seguem

receitas de bolo. E como discípulo de Marx, ele tinha consciência de que, para construir a história do futuro, seria preciso se submeter à realidade e à racionalidade: a realidade enquanto meio de transição, e a racionalidade enquanto processo do entendimento humano das possibilidades e das necessidades compreendidas.

Seria preciso educar e ser educado um pouco mais com os operários, pois estes encontrariam a maneira e o momento de quebrar os ossos para chegarem ao tutano. Como isso se dará? Essa será a temática do próximo capítulo.

4 A CRISE DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES E A NECESSIDADE DA UNIDADE DOS DESEDUCADOS (CAMPONESES E OPERÁRIOS DAS CIDADES)

[...] Os povos do mundo terão ainda de pagar com novas guerras e novas revoluções os crimes históricos do reformismo (TROTSKY, 2007).

Quebrar os ossos para saborear o tutano esse seria o desafio das massas de forma geral, com os operários em particular, e do Partido Bolchevique, com Lênin como dirigente.

As massas não costumam se furtrar diante de grandes desafios. Pelo contrário, apresentam-se de forma espontânea quando assim exige a História, e o fazem usando uma linguagem inconteste. A ação direta, dessa forma revelando as suas conclusões dos caminhos a tomar. Assim, “[...] as massas, por sua própria decisão, traduzem suas conclusões na linguagem da ação [...]” (TROTSKY, 2007, p.332). E o partido em Outubro marchará a sua frente, não para uma manifestação qualquer, mas para *levar cabo* a revolução socialista.

Aos que vieram até aqui, gostaríamos de contar duas histórias antes de prosseguir nessa jornada rumo a Outubro, no rastro do Partido Bolchevique, sob a batuta de Lênin.

A primeira vem de um dos grandes mestres da literatura universal, Liev Tolstói (1828-1910), o homem que escreveu *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Karenina* (1877), considerados como ápice da ficção realista. “Tolstói, um dia na rua, viu um homem agachado que fazia gestos estranhos e pensou tratar-se de um louco. Então, quando ele se aproximou, viu que o homem estava afiando uma faca sobre uma pedra” (RICCI, apud Trotsky, 2017, p.15).

Segundo Trotsky, Lênin costumava recorrer a essa história para ilustrar uma compreensão simples de que, para o observador externo ao partido, as disputas intermináveis entre mencheviques e bolcheviques, e, até mesmo, dentro da própria fração bolchevique, não podia ser nada mais do que uma agitação de fanáticos. Contudo, a realidade mais a frente veio

demonstrar pelos fatos que não se tratava de fanatismo algum, mas dos fundamentos da doutrina revolucionária, ou seja, a mais apurada compreensão da realidade e da elaboração de métodos organizativos para transformá-la em benefício da vida e da liberdade humanas.

A segunda história não vem de nenhum gigante da literatura, pelo contrário, vem de um homem anônimo, daqueles que mais abundam na História da Humanidade, que fazem a História e vivem no anonimato.

É daquele mesmo homem que já nos referimos anteriormente, aquele que costumava se valer das palavras: *olhe, repare e entenda*. A poucas luas de sua morte, por estar acometido por uma doença grave, lembrou de uma historinha simples do campo, quando o pai chama seu filho e o manda pegar capim, e o menino vai acompanhado por uma cachorra. O garoto começa a encher os cambitos, e, um dado momento, o cavalo reclama, ficando o jovem admirado. Ao retornar para casa, o pai percebe que o filho trouxera pouco capim e resolve saber por que. O menino comenta que o cavalo reclamou do peso. O pai achou aquilo muito absurdo, quando a cachorra falou confirmando a história e o pai espantado joga o cavador na cadela, e o cavador reclama da possibilidade da cachorra mordê-lo. Ao ouvir essa história, pensei se tratar de uma melancolia dos seus tempos de criança na roça. Porém ele mesmo fez uma relação entre o absurdo do cavalo e a cachorra falarem, e, mais ainda, o cavador falar. Com a sua primeira enfermidade, teve que se submeter a situações vexatórias e constrangedoras ao realizar o tratamento. No entanto, a doença que o fez passar por situações absurdas não o impediu que continuasse vivendo. Quando achava que já tinha visto e vivido as situações mais absurdas, depara-se com outra doença: uma batalha sem possibilidade de vitória, mostrando que sempre há possibilidades de absurdos a nos surpreender.

Essas duas histórias nos ajudam a preparar o espírito para compreender os absurdos pelos quais o capitalismo vem impondo à humanidade, com o devido cuidado para não ver loucura onde há lucidez, ou ainda, duvidar que coisas mais absurdas estejam por vir, se essa forma de organização não for definitivamente destruída, e em seu lugar erguida uma sociabilidade emancipada, o que não deixa de ser um absurdo para a burguesia, pois se trata de destroçar a ordem dos exploradores e organizar a ordem dos oprimidos.

Assim como as plantas lutam pela luz, as revoluções lutam por mudanças. E o que há por baixo dos estrondosos reboiços de uma revolução pode, de certa forma, ser revelado pelas mudanças da correlação de forças das classes em luta.

[...] Os soviets, sob pressão dos operários, decretavam a jornada de oito horas, removiam administradores reacionários, expulsavam os mais intoleráveis comissários do Governo Provisório, conduziam buscas e prisões, suprimiam jornais

hostis. [...] fixavam preços, proibiam exportações das províncias e requisitavam provisões. Não obstante, à frente dos soviets, em toda parte, estavam os socialistas-revolucionários e mencheviques, que rejeitavam com indignação a palavra de ordem bolchevique, ‘Poder para os soviets’! (TROTSKY, 2007, p. 335).

Em abril, a caminhada rumo à coalizão para expressar um horizonte às classes em luta, a burguesia querendo um lugar ao sol se valendo dos socialistas para tramar contra o povo, ao tempo que as massas queriam os socialistas para enxotar a burguesia do Governo. Veja a dinâmica da História: duas forças que distam irreconciliáveis tentam se acomodar no mesmo ninho, por um determinado tempo, com fins diametralmente opostos.

Se por um lado o soviete era o órgão dos operários e soldados, o Governo Provisório se confirmava como órgão da burguesia. Dessa forma, havia se constituído na Revolução de Fevereiro duas organizações de Estado incompatíveis, o que continha o germe das mudanças: “[...] Estes dois sistemas estatais se apoiavam em diferentes classes e que já estavam se preparando para ajustar suas contas históricas [...]” (TROTSKY, 2007, p.342).

Os conciliadores, ao entrarem na coalizão, miravam dissolver, de forma pacífica e lenta, os soviets. Esse governo de coalizão tinha um propósito: servir como ponte para a formação de uma república parlamentar burguesa.

Como sempre tem um detalhe, faltava aos conciliadores combinar isso com a Revolução, visto que a mesma não tinha nenhum interesse, tampouco podia passar por essa ponte. Pelo contrário, sua natureza se revelava justamente em destruir o mundo das ilusões burguesas.

Quando a prostração das classes possuidoras não era mais segredo para ninguém, os escudeiros da pena carregaram na tinta de seus jornais em defesa da burguesia a palavra de ordem: “[...] Vote em qualquer um, menos nos Bolcheviques! [...]” (TROTSKY, 2007, p.343), que se configuravam como uma minoria crescente no campo da esquerda no interior das Dumas.

Assim temos as Dumas gozando do reconhecimento oficial do governo com todo o apoio material e jurídico, e os soviets sem recursos nem direitos, porém, com o poder de direcionar as demandas do proletariado, personificado, em sua composição operária e camponesa, as classes oprimidas.

Há no palco descortinado a revelação do antagonismo entre os Soviets e a democracia formal exercida pelas Dumas, e isso se intensificava à medida que Socialistas Revolucionários e Mencheviques que governavam tanto um, como o outro organismo, se esforçavam para que os Soviets se submetessem ao comando das Dumas.

As rivalidades entre o sistema soviético e a democracia burguesa se expressam pelos interesses de classes. Os governos, sob a égide da democracia burguesa, requerem uma base definida de propriedade privada, e isso se choca frontalmente com as diretivas dos soviets, enquanto produto resultante da Revolução. “[...] A essência da revolução, contudo, é por em cheque a própria base de todas as bases [...]” (TROTSKY, 2007, p.343).

O tempo *escorria* e, apesar dos esforços dos conciliadores, os soviets teimavam em existir, ora adormecidos e submersos em confusão pelos seus líderes. Pareciam sem vida, mas ao soar o sino do perigo, logo se desvencilhavam da prostração e se impunham altivos, mostrando quem realmente detinha a palavra final.

O que revela a coexistência dos Soviets e da Duma é que o profundo antagonismo entre o operário e o patrão, entre o soldado e o oficial, entre o camponês e o latifundiário, não permitia, em condições claras e objetivas, uma discussão séria dos problemas sociais, políticos e econômicos da organização social. “[...] Pode-se discutir pequenos detalhes com o inimigo, mas não questão de vida e morte” (TROTSKY, 2007 p.345).

Dessa forma, a formação de um governo de coalizão, abrigando organizações dos oprimidos e dos opressores, revelou-se, em toda a sua plenitude, sua existência efêmera: “[...] O governo de Coalizão, no curso dos próximos seis meses, viveu toda uma série de crises, reconstruções e modificações, mas suas fundamentais características, impotência e hipocrisia, sobreviveram até o dia de sua morte” (TROTSKY, 2007, p. 345).

Assim como o uso da desempenadeira não permite saliências numa superfície, o desenvolvimento histórico não permite governar se valendo da falsidade, da falta da verdade dominando os direcionamentos sociais. Em algum momento o colapso vai se impor, pois nenhuma convivência civilizada e harmoniosa pode brotar de um modo *operand* que se funda numa educação que molda o comportamento humano pela bitola da hipocrisia.

Esse recurso à coalizão escreveu uma página da história da luta de classes, e muitas conclusões podem ser formuladas. Contudo, do ponto de vista dos deserdados, esse caminho não podia levá-los a se libertar do invólucro da opressão porque uma unidade com os opressores só pode ocorrer sob os moldes da submissão de uma das partes.

Diante da guerra e da Revolução, tanto o exército como as massas se moviam na busca permanente por organizações políticas no sentido de responder às demandas surgidas pelas circunstâncias. Essas forças em movimento tinham as bases se deslocando à esquerda, ao tempo que as cúpulas iam à direita. “[...] Assim como o Comitê Executivo se tornava um

instrumento da Entente para domesticar a revolução, os comitês de soldados, tendo surgido para representar os soldados contra o Comando, convertiam-se em assistentes do comando contra os soldados” (TROTSKY, 2007, p. 349).

No apurado do movimento das massas é possível garimpar uma variedade de tipos humanos: patriotas, falastrões e aproveitadores que querem se dar bem. O período de conciliação foi fértil a esses personagens *camaleões*. Se por um lado as pessoas formam programas, por outro, essa visão comum do mundo pode, também, formar pessoas. Numa revolução, a escala política de uma interação entre os indivíduos descamba para uma escala de fraudes e intrigas.

Em luta permanente, as classes se deparam diante de um regime de duplo poder que precisa avançar para um comando soberano, pois o duplo poder inviabilizava uma força militar e pelo rastro da revolução esse corpo de comando só poderia surgir da nobreza e da burguesia, ou ser recrutado no seio do proletariado, como fizeram os bolcheviques. Portanto, os elementos conciliadores, a pequena burguesia democrática, não tinham forças para nenhuma das duas coisas. Assim, na ausência de um comando pela crise da velha sociedade, o Exército não tinha firmeza nas pernas e não se punha de pé com altivez.

Miliukov chega a concluir que a ruína do Exército se dava pelo conflito das ideias revolucionárias e a disciplina militar que existia sob o tsarismo, como também entre a democratização do Exército que, por isso, não tinha como preservar o seu poder combativo. Ora, uma revolução que a tudo põe à prova não poderia deixar de fora uma organização fundamental para sustentação do poder, dando-lhe uma disciplina exata e nova, mas com a cara e o sangue da nova classe ascendente ao poder, e não mais aos contornos da velha sociedade que estava sendo banida pelas exigências do desenvolvimento histórico.

[...] escreveu um sábio Alemão a outro em 26 de setembro de 1851, ‘que um exército desorganizado e um colapso completo da disciplina é tanto a condição como resultado de cada revolução vitoriosa’. Toda História da Humanidade prova esta lei simples e indubitável [...] (TROTSKY, 2007, p. 350).

Um fato evidente que os liberais, e até mesmo os socialistas russos, por terem vivido a experiência da Revolução de 1905, não entenderam, e mesmo considerando os dois sábios alemães Marx e Engels como seus mestres, não puderam compreender essa lei simples e incontestável, imposta pela revolução às forças sólidas e organizadas dos dominantes que ao ser apreciada pelas classes em luta, desfaz-se como um castelo de areia ao ser tocado pela maré.

A Primeira Guerra Mundial não trazia somente para o registro da história da civilização humana os horrores pelos quais o modo de vida orquestrado pela burguesia teria que se submeter para continuar sua jornada em desenvolvimento sob os altos preços a pagar em vidas humanas e ambientais.

Dessa forma, a Entente — Império Russo, Reino Unido e França que se uniram contra a política expansionista Alemã e de seus aliados, Itália, Áustria-Hungria, dois blocos que se digladiavam pelo direito de explorar, ou seja, saquear as riquezas dos demais países subjungando um enorme contingente de vidas humanas aos interesses de um punhado de privilegiados — também trazia a resistência que se materializava na Revolução Russa, que, por sua vez, encontrava nos soviets a sua máxima expressão, e nos bolcheviques os seus arqueiros mais empedernidos na luta pela destruição do modo de vida burguês e pela edificação do socialismo, que no momento passava pela luta contra a guerra, portanto pela saída da guerra e contra a ofensiva do Exército Russo, que, segundo Trotsky, não tinha forças para tal empreitada.

[...] A política do governo mina completamente a possibilidade de uma ação militar vitoriosa... As premissas materiais para uma ofensiva são extremamente desfavoráveis. [...] As premissas espirituais da ofensiva são ainda mais desfavoráveis. [...] Em tais condições materiais e espirituais, uma ofensiva deverá ter inevitavelmente o caráter de uma aventura (TROTSKY, 2007, p.356).

As palavras escritas no *Manifesto Comunista* por Marx e Engels nos anos 1840, o espectro do comunismo ronda a Europa, voltava a atormentar e a ameaçar a paz dos que respiravam a aquisição, o cinismo e a hipocrisia — A classe dominante no início do século XX em meio à Primeira Guerra Mundial.

As exigências, tanto da França como da Inglaterra na condição de aliadas da Rússia, empurravam o Exército Russo para o suicídio, e tinha um significado bem maior: sufocar a Revolução Socialista que a guerra gestava em seu ventre.

Empunhando a bandeira da Revolução, Kerensky, Plekhanov e Tseretelli em conjunto com os jornais burgueses e até com a Bolsa de Paris, saudavam a ofensiva como ápice da Revolução. “[...] ‘A Bolsa de Paris saúda a ofensiva Russa com um aumento em todos os títulos russos’ [...] Mas a História ensina que as bolsas se sentem melhor quanto pior caminham as Revoluções” (TROTSKY, 2007, p.357).

Esse momento, em 1917, quando ingleses e franceses fecham o cerco à Rússia, exigindo essa ofensiva, guarda uma relação com outro momento um pouco mais tarde, em 1943, quando do segundo tempo da Guerra, depois de um breve intervalo para enterrar os

mortos, momento em que mais uma vez a Alemanha retoma os seus planos expansionistas, agora com Hitler no comando.

Esse outro momento, no qual não só Londres e Paris, mas também Washington, faziam uma nova exigência à Rússia na pessoa de Stalin, que depois do rompimento do pacto de não agressão celebrado com Hitler se encontrava acossado pelas forças nazistas e solicitava ajuda aos aliados ocidentais, que em troca exigiram uma prova de lealdade do Estado Russo —assassinar e sepultar a Internacional com certidão de óbito e tudo mais que cabe a um ritual fúnebre.

Essa exigência tem a ver com o espectro do comunismo que teimava em rondar não só a Europa, mas a própria existência humana, e que Roosevelt, Churchill e Degoulle queriam exterminar para a satisfação dos bem-educados, mandatários incumbidos de protegerem e conservarem a propriedade e a liberdade dos também educados possuidores.

Os soldados, mais uma vez, foram enganados porque a ofensiva não trouxe a paz, e sim a manutenção da guerra, e eles não queriam a guerra, com razão. Os amantes da pátria, bem distantes do *front*, acusavam-nos de covardes. Mas eles tinham razão, porque os fatores que os oxigenavam não eram somente sentimentais, mas, sobretudo, objetivos, como opressão, tortura e morte nas casernas e no *front*. A esperança revolucionária com a ofensiva se afogava em sangue. A guerra era para eles sinônimo de morte e humilhação, uma calamidade sem tamanho com a intensificação da servidão, da opressão e da injustiça.

Por isso, a voz que ecoava vinda de todos os soldados era uma só: “[...] Basta de derramamento de sangue! [...]” (TROTSKY, 2007, p.361). Isso era resultante de uma constatação óbvia para eles —Qual o sentido da terra e da liberdade para os que estão mortos? “[...] Quando pacifistas iluminados tentam abolir a guerra por argumentos racionais, eles são apenas ridículos, mas quando as massas armadas trazem as armas da razão à ação contra a guerra, isso significa que a guerra está para terminar” (Idem, ibdem).

Essa ofensiva nos traz um confronto entre iluminados e não iluminados, entre privilegiados e deserdados, ou, como estamos querendo evidenciar, entre educados e deseducados. Não como um antagonismo no plano espiritual, no campo das ideias pura e simples, mas em direcionamentos objetivos como: a quem serve a guerra? A quem interessa a preservação e a manutenção do capitalismo? Quem precisa e pode pôr abaixo esse modo de vida terrivelmente perverso que degrada a vida humana?

As respostas estão nas perguntas —os degredados, ou seja, os deserdados, deseducados. Por uma questão também simples, os indignados com a exploração, a opressão e

a injustiça não vão ficar em uma eterna passividade. Em algum momento os *de baixo* vão emergir como uma erupção vulcânica com toda a sua força, com um calor que pode transformar tudo o que é sólido em pó. Assim como a grandiosa Revolução Francesa colocou na *cabeça* de Mirabeau e Robespierre que o velho Exército Feudal não tinha como permanecer como eram antes.

E ambos diziam a mesma coisa sobre se livrar de todo o velho contingente de oficiais: embora o primeiro tivesse como pretensão restaurar uma firme disciplina, e o segundo almejasse desarticular a contrarrevolução. Aqui há um erro na compreensão formal dos fatos que precisam ser vistos por suas leis históricas. Vejam bem, temos dois homens dizendo a mesma coisa, porém, a coisa não se resume a mesma em absoluto (TROTSKY, 2010).

Ora, os dois levados pela força da Revolução admitiam que o Exército não tinha como sobreviver, precisava de outro, modificado e adequado às novas circunstâncias. Contudo, Mirabeau tinha nessa compreensão, comum com Robespierre, conter os ímpetos dos deserdados, enquanto Robespierre, por sua vez, pretendia, pelo contrário, organizá-los e avançar com a Revolução, ou seja, conter os ímpetos dos privilegiados.

É preciso registrar que a Revolução Russa ocorreu em circunstâncias diferentes da Francesa, pois não havia uma guerra em 1789, como a que rompeu no coração da Europa em 1914, que, de certa forma, abalou todo mundo. Mas essa situação não altera a lei histórica observada por Engels. Os condicionantes da Guerra só intensificavam a degradação do regime e apressava o processo de desintegração do Exército pela marcha da Revolução.

Assim como a erupção revela a atividade do vulcão, a insurreição diz da força da Revolução Vitoriosa. Isso consiste, em grande parte, em dissolver as forças armadas da classe dominante, e em seu lugar edificar um exército que se imponha como apoio material à ditadura do proletariado.

As palavras podem se dissiparem ao sabor dos ventos, mas as ações se fincam na vida como grossas raízes de uma enorme árvore, arraigadas na terra. O acerto de contas dos camponeses com os latifundiários sobre a questão da terra era inevitável, embora conciliadores e liberais estivessem juntos para evitarem esse confronto. Para tanto, às vezes, agiam como criança, fechando os olhos e pensando a se afastarem do perigo a sua frente. “[...] A aldeia estava muda e, portanto, a cidade silenciava sobre a aldeia. Mas o espectro de uma guerra camponesa pairava sobre os ninhos dos latifundiários já nos primeiros dias de março [...]” (TROTSKY, 2007, p.365).

Perguntar é mais fácil que responder, e há coisas que não se pode responder com duas palavras, e até mesmo poucas ações, ou ainda com movimentos tímidos que não avançam. “[...] Esconder-se das dificuldades é mais simples [...]” (Idem). Sob inúmeros argumentos, quase todos queriam fugir da questão agrária, menos os camponeses, é claro, que não se satisfaziam com palavras vindas das cidades, além do que, uma grande composição do Exército eram de camponeses. Assim, a vida no *front*, nos quartéis e nas cidades, possibilitou a esses mujiques se imbuírem de um espírito flexível, falar quando necessário e agir quando preciso.

Como bem podemos nos valer dessa compreensão de Trotsky, que enquanto a vontade guia o pensamento, as necessidades guiam as ações, e ser camponês sem terras é o mesmo que ser sal sem sódio. Daí que depois de um congresso camponês não foi difícil que camponeses passassem a levar ao pé da letra a resolução sócio-revolucionária concernente à posse da terra e liberdade para nela trabalhar. Logo essa afobação dos camponeses se convertia em ação, rompendo acordos com os latifundiários, seguido de ataques aos órgãos do novo poder.

[...] Sobre a organização dos comitês executivos distritais e do cantão, em março os intelectuais compuseram a sua maioria, [...] começou-se a ouvir vozes contra a intelectualidade e, em meados de abril, os comitês em todo lugar eram compostos exclusivamente de camponeses, cuja tendência sobre a questão da terra era claramente ilegal (TROTSKY, 2007, p.367-68).

Os deseducados ocupando o lugar dos educados. A revolução se impacienta, para onde caminha a organização social sob a direção dos deseducados? Como quem tem fome tem pressa, enquanto a intelectualidade socialista revolucionária nadava em palavras, o campesinato se guiava pela ação, e isso promoveu um racha entre a intelectualidade da base e da cúpula, resultante da pressão direta dos camponeses. “[...] Era simplesmente impossível martelar naqueles teimosos cérebros camponeses a diferença entre as palavras e a ação” (TROTSKY, 2007, p. 374).

Assim, arrastados pelo cabo da necessidade, e montados na ignorância, colocavam as terras sob o controle e interesses das necessidades dos que nela trabalhavam, mesmo que de forma totalmente ilegal aos olhos dos doutos advogados e príncipes.

Diferente de tempos passados, nos quais os camponeses com a sua fé em Deus, no céu e esperança na vontade de um rei generoso na Terra, agora as circunstâncias não se harmonizavam somente com esses dois pontos de apoio. Não bastava a desconfiança sobre as

idades, das autoridades e da sociedade culta e privilegiada os obrigavam a dançar no diferente compasso.

[...] A tentativa de disfarçar seus primeiros passos rebeldes com a legalidade, sagrada ou secular, desde tempos imemoriáveis, caracteriza a luta de cada classe revolucionária, antes desta reunir forças e confiança suficiente para romper o cordão umbilical que a confinava à velha sociedade [...] (TROTSKY, 2007, p.376).

Essa constatação histórica se ajusta às necessidades dos camponeses, como foices e enxadas, e são úteis na sua luta cotidiana pelo pão de cada dia.

Os camponeses, em sua luta, avançam por terras escorregadias e pouco iluminadas, seus aliados de primeira hora são agentes que sentam à mesa, tanto com a burguesia liberal como com a radical, e embora lhes ajudando em suas demandas, seguiam com um firme propósito de proteção e preservação da propriedade burguesa. Portanto, cercavam os camponeses para conduzi-los direto para o mar da legalidade burguesa. Sempre há os doutores ferrenhos defensores da conciliação. “[...] Tolstoi sonhava com o dia em que tudo pudesse passar ‘sem pilhagem, por um mútuo consentimento’ [...]” (TROTSKY, 2007, p.377). O mesmo ocorre na Índia com Mahatma Gandhi, e com Jesus Cristo, no passado, segundo o Evangelho.

Como as coisas não ocorrem por acaso, e as ideias não caem do céu, tampouco brotam em árvores, ao se unirem em comitês agrários, os camponeses movidos por suas necessidades puderam promover uma mudança de consciência, transformando esses comitês que eram órgãos de conciliação em armas de revolução no campo.

É verdade que as teorias alimentam a razão e servem como guia para a ação. Contudo, podem esbarrar nos limites da cabeça e do estômago dos seus arquitetos quando estes têm por hábitos se servirem no banquete dos proprietários e se voltarem contra os deserdados pela via da conciliação entre educados e deseducados. Assim, não para os teóricos agrários, mas para os camponeses, o catecismo da vida os conduziu a uma mesma conclusão: “[...] precisamos sepultar tantos os direitos hereditários como os adquiridos sobre a terra, apagar todos os marcos, e dar à terra, purgada de sentimentos históricos, para os que trabalham nela [...]” (TROTSKY, 2007, p. 379).

Dessa forma, ao proclamar que a terra não é do homem, mas sim de Deus, os camponeses interpretavam, à sua maneira por uma educação divina, o programa socialista-revolucionário de distribuição da terra, o divino e o secular se completando pelas demandas do curso da vida — A vida ensina, não como quer, pretende e espera os pregadores da santa fé

burguesa, da defesa da propriedade e dos educados e privilegiados, mas como resultante da manutenção da vida embalada pelos braços dos deseducados.

Os camponeses em unidade com os operários das cidades iniciaram uma escalada rumo ao topo e puderam imprimir uma página na história nunca antes escrita em tão pouco tempo. Porém, tendo que construir cada degrau com suas próprias forças, tendo como um poderoso instrumento da engenharia revolucionária, o Partido Bolchevique.

4.1 O curso da vida moldando as massas...

Não se pode prever o momento exato em que o vulcão pode entrar em erupção, tampouco a intensidade e abrangência de suas lavas. Contudo, é bem possível que, agindo de forma organizada, sistemática e cuidadosa, seja possível fazer previsões, não para impedir as leis que dão substância aos fatos, mas para se recompor diante deles e apontar caminhos possíveis e necessários que assegurem, de algum modo, a continuidade da vida em seu curso vivo, com liberdade e frescor diante da eterna luta contra as forças da natureza.

O Regime de Fevereiro sangrava em suas contradições, e essa hemorragia empalidecia cada vez mais o mesmo, que não tinha mais forças para se sustentar, ao mesmo tempo em que o tormento da guerra não deixava ninguém respirar ar fresco e dormir em paz. Tal situação foi se avolumando e desembocou numa crescente indignação das massas que *bateu a poeira* em junho e se ergueu em julho com força e vigor. Porém, com a cabeça ainda *a meia altura*, mas que superava uma etapa e se dirigia a Outubro, última etapa da insurreição que iniciara em Fevereiro. “[...] Os interesses sociais das massas, seu ódio e sua esperança apenas procuravam ainda o modo de expressão. [...]” (TROTSKY, 2007, p.383).

Lênin, segundo Trotsky, não se cansava de repetir a história de Tolstoy, do homem que amolava uma faca sobre uma pedra na rua, mas que visto de longe parecia um maníaco se contorcendo, para ilustrar a importância de um observador que se aproxima o mais cuidadosamente das coisas para entendê-las melhor. Ele mesmo disse que as massas estavam mil vezes mais à esquerda do que os conciliadores, e cem vezes mais do que os bolcheviques. Essa constatação parecia sem fundamento, mas: “[...] Lenin estava certo ao afirmar que as massas estavam à esquerda dos bolcheviques, pois o partido em sua imensa maioria não tinha percebido o poder das paixões revolucionárias que ferviam nas profundezas do povo desperto. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 383- 384).

Esse povo desperto que oxigenava a Revolução, que por sua vez *jogava luz* sobre todas as contradições sociais, logo chegaria a uma delas, que é central do modo de vida burguês, “[...] entre o caráter social da indústria e a posse privada de suas ferramentas e seus equipamentos [...]” (TROTSKY. 2007 p. 386).

A luta de classes põe à prova os seus combatentes. A guerra e a revolução agem como fogo numa coivara onde poucos troncos resistem ao seu calor e o Partido Bolchevique se comportava como um velho sabiá¹⁰ que teima em brotar depois do fogo, pois suas grossas e resistentes raízes, não só o assegura a terra, mas conduz os nutrientes do seio da terra para suas novas folhas.

O Partido Bolchevique estava enraizado nas massas e seus líderes eram suas raízes. Para a burguesia era preciso parar a Revolução, e para isso era preciso pôr fim à fonte de todo mal, o partido. Diante da guerra e da revolução, os abastados, possuidores, são levados a pôr em risco as suas posses, enquanto o povo, e, principalmente a sua vanguarda, põe em risco a sua própria vida. Contudo, é um fato evidente que a principal força da Revolução, seu centro de gravidade, era o proletariado, que ao mesmo tempo era por ela educado e inegavelmente precisava dessa educação.

A vida ensina, e numa revolução se aprende mais rápido ainda. Nesse ponto reside sua força. O *sangue operário* jorrado na Comuna de Paris em 1871 clamava por justiça em 1905 na Rússia, mas foi absorvido temporariamente pela *terra da repressão* até 1917, quando reuniu força o bastante para reivindicar seu lugar na história.

A respiração não é a mesma em tempos de revolução. O pulsar do coração é sensivelmente percebido, os dias são mais intensos, as noites assustadoras e esperançosas, trazendo sempre coisas novas às massas. Um par de meses imprime uma nova época, Fevereiro se impôs com a Insurreição. No descambar de abril, operários e soldados pegavam em armas em Petrogrado, nas *primeiras luzes* de julho o movimento se intensifica e as exigências são mais determinantes. No *gotejar* de agosto as massas enterram um golpe orquestrado por Kornilov, na despedida de Outubro o poder é abraçado pelos bolcheviques. Todos esses eventos e seus ritmos são constantemente alimentados por pequenos processos moleculares, da mesma forma que o Clio é a base da cadeia alimentar dos oceanos, e grama é do continente.

¹⁰ Árvore típica da caatinga do nordeste muito utilizada para construção de cercas, casas de taipas e como combustível.

Esses processos menores que brotam no coração e são levados ao cérebro, transbordando em ação, quando agregados a muitos similares dão forma a um todo homogêneo da classe operária, formando um corpo dotado de interesses econômicos, políticos e sociais comuns ao conjunto da classe que se voltou para lutar pelo poder, quando a greve pode desempenhar um papel fundamental desde que rompa o invólucro do economicismo.

Guerras e Revoluções impõem condições terríveis ao povo, contudo:

[...] As massas são capazes de suportar as mais pesadas privações quando elas entendem a razão delas, mas o novo regime se revelava cada vez mais uma mera camuflagem das velhas relações contra as quais elas se revoltaram em Fevereiro. Isso elas não podiam suportar. (TROTSKY, 2007, p.391).

As questões econômicas e políticas, em seus vínculos, desnudavam o sagrado Estado que se impunha como acima do bem e do mal. Agia com constância na forma de contingente de homens armados na defesa dos privilegiados, e assim contra os deserdados, mas isso não assegurava que o ar poluído e as águas turvas não pudessem passar por um filtro de purificação, assim como o Sol, que age como excelente revelador dos que costumam andar pela escuridão, a Revolução se revela como um excelente purificador social.

Os mesmos destacamentos armados sob as forças da Revolução podiam se converter em instrumentos a favor dos deserdados, portanto, contra os possuidores. Tomados pela necessidade de parar a guerra, abraçar a paz e tomar posse da terra dos latifundiários, os soldados não encontravam jeito na sua existência. Enquanto o povo inquieto, esperançoso por mudanças, expressava o seu descontentamento pelas ruas, diante “[...] Da paz e da guerra, o pensamento dos soldados começou a passar para a questão do poder [...]” (TROTSKY, 2007, p. 396). E, com isso, os soldados foram, aos poucos, contaminando-se com as palavras de ordem do Partido Bolchevique que era firme combatente contra a guerra e pela paz, que nessa linha suscitava a luta pelo poder. Porque pôr fim a uma guerra não é uma tarefa simples como jogar palavras em reuniões intermináveis.

Algo de extraordinário é preciso acontecer para que a luta pelo poder seja colocada na ordem do dia. As lavas de um vulcão não emergem sem que uma força as impulsione, sendo preciso uma força descomunal para impulsioná-las, e quanto maior a força, mais alta e mais distante irão suas lavas. Assim é com a revolução que tem sua força motriz nas massas, e que quanto mais for à esquerda, mais sua dinâmica exige deslocamentos pelo emaranhado de contradições superadas, com um suceder de novas, para novamente resolvê-las.

Assim era perfeitamente possível que os soviéticos cochilassem e perdessem o bastão para os comitês de fábricas e estes para as massas. Até o partido mais revolucionário que a evolução histórica da humanidade pôde registrar até esse momento não evitou ser surpreendido quando as massas decidiram dar um *cavalão de pau* no carro da história, ao *engatar a marcha* da Revolução e *pisar no freio* da exploração e da dominação.

[...] As massas não são homogêneas e, além disso, elas aprendem a manejar o fogo da revolução apenas queimando as suas mãos e recuando. Os bolcheviques podiam apenas acelerar o processo de educação das massas. Eles explicavam pacientemente. E a História desta vez não abusou de sua paciência (TROTSKY, 2007, p. 402).

As massas definitivamente não são idênticas, tanto no tempo como no espaço. Em diferentes períodos podem se levantar por objetivos diferentes e diante de circunstâncias que as desloque ao palco dos acontecimentos. É bem possível que se apresentem como revolucionárias, reacionárias, ou de trajes passivos, daí a importância do partido que, recorrendo de sua autoridade forjada na luta como destacamento de vanguarda das massas, pode, com o devido respeito, corrigir e superar os vacilos das próprias massas quando assim exigir as circunstâncias. Pois é preciso que a vanguarda se diferencie da retaguarda e honre o seu conceito histórico enquadrando devidamente os que ainda não se educaram.

As massas não são homogêneas, pois há de se considerar que nem todas estão submetidas às mesmas circunstâncias ao mesmo tempo, assim como aqueles que estão mais próximos do fogo sentem mais intenso calor do que os que estão mais afastados, as massas contêm segmentos mais avançados e outros mais atrasados.

A utilização da eletricidade, tão marcante no século XIX, ainda não existe para um bilhão de pessoas no mundo em pleno século XXI. Da mesma forma que a Internet, que é um dos marcos da III Revolução Industrial que se inicia após a Segunda Guerra Mundial em 1940, ainda não existe para mais da metade da população que vive em países em desenvolvimento (SCHWAB, 2016). A civilização não se encontra em plenitude em toda parte ao mesmo tempo. Há, como já registramos em nossa caminhada, a coexistência da selvageria, da barbárie e da civilização, em que requintes de degradação humana permeiam as três fases, principalmente a civilização, porque esta, dita superior do desenvolvimento humano, encontra-se profundamente afogada em hipocrisia e cinismo por parte da classe privilegiada.

O martelo que força o prego a se confrontar com a impenetrabilidade da matéria, o martelo que lasca a pedra e a Revolução que faz desmoronar instituições que pareciam eternas, guardam um centro de gravidade comum: os três moldam a existência humana pela

força das mãos também humanas. Os dois primeiros, chamados ao mundo pelas necessidades de transformar a natureza a favor da vida, e o último, a Revolução pela mais profunda dinâmica das contradições, promovendo o despertar revolucionário dos deseducados e oprimidos que nesse momento da evolução histórica da existência humana se impõe como elemento mais progressivo, que por isso pode oxigenar a vida e *estancar a hemorragia* que há séculos vem sendo promovida pelos ditos educados.

Que a democracia burguesa possibilite a produção de coisas belas para uma minoria é fato, mas também é verdade que produz coisas belas ao mesmo tempo que provoca destruição para uma maioria, sendo exatamente essa maioria que, ao se levantar em luta, transforma-se em referência para as decisões pelas quais a vida deve seguir com liberdade.

Dessa forma, para um andante desatento que se depara com uma cobra sob a vegetação, em que parte do seu corpo está à mostra, e suas extremidades ocultas, saber distinguir para que lado esteja a cauda e a cabeça não é uma tarefa fácil, mas não significa que não seja possível.

[...] A mais perigosa das aberrações da revolução surge quando a avaliação mecânica da democracia se equilibra em uma coluna de ontem, hoje e amanhã, e assim induz os democratas formais a olhar o auge da revolução onde, na verdade, está sua própria cauda pesada [...] (TROTSKY, 2007, p. 403).

Por isso Trotsky não cansa de repetir que é preciso saber diferenciar, e nos lembra que Lênin ensinou o seu partido a distinguir a cabeça da cauda.

Em junho de 1917, em um congresso dos soviets, um dos delegados, por sinal pedagogo, expressou-se reclamando que, após quatro meses da Revolução, nenhuma mudança tinha chegado à área da educação. Da mesma forma, essa situação estava ocorrendo nas fábricas com relação à produção, e o referido congresso se negou a aprovar o Decreto da jornada de 8 horas. Os conciliadores rastejavam rumo às mudanças exigidas pelos interesses dos operários e a todo custo se esquivavam de se confrontar com a burguesia, pelo contrário, seus *olhos* se voltavam pela permanência da coalizão com essa classe reacionária.

O atraso nas mudanças, não só na educação, mas, sobretudo, em atender as demandas dos camponeses nos mais diversos setores para avançar no atendimento às necessidades da população encontravam uma justificativa pelo Governo Provisório em não poder superar ainda as dificuldades enfrentadas na busca de pacificar os interesses das diferentes camadas do povo, “[...] como se qualquer grande necessidade na História fosse realizada pela ‘harmonia de interesses’, e não pela vitória dos interesses progressivos sobre os reacionários!” (TROTSKY, 2007.p. 409).

A confusão que se avolumava nesse congresso refletia a luta de vida ou morte entre dois grandes interesses irreconciliáveis: do proletariado, posto em marcha pela Revolução, e o da Burguesia reacionária, que respondia com a contrarrevolução. A questão a se definir é quem realmente pode representar o dia de amanhã. Concreta e indubitavelmente, é o proletariado, mesmo com todos os seus limites, e com as duras tarefas necessárias, que deve *levar a cabo*, afogados em seus terríveis conflitos, e a firmeza em não poupar suas inúmeras vítimas, e que saberão o que fazer, e quando, na medida do seu tempo e de sua capacidade de se educar talhado pelo machado do futuro conduzido pela revolução.

A revolução impulsionada pelas massas, que reagindo como um só corpo com o mesmo propósito leva forçosamente não só a um pensamento destemido e a um espírito com capacidade aguda amparada pela vontade revolucionária, mas aos seus destacamentos avançados a irem além da capacidade de perceber o mundo, compreendê-lo em sua dinâmica, contradições e perspectivas, embora por si só não revelem a vontade de agir para transformá-lo, visto que a compreensão não é igual à vontade de ação.

A Revolução afugenta o pensamento acuado que pode limitar não só a compreensão, mas também a vontade. Portanto, o próprio pensamento e, conseqüentemente, a ação por limitar a própria compreensão das necessidades quando são estas que guiam as ações. Sob as *cipoadas* das grandes necessidades da História, o proletariado não se deterá no passadiço, porque seus interesses lhes dão seu passaporte para o futuro e o mesmo não pode ocorrer com os possuidores e exploradores com os interesses mesquinhos e reacionários exacerbados com o seu apego à acumulação de riquezas individual.

Podemos ilustrar essa batalha de interesses antagônicos com um fato que acirrou mais ainda os ânimos da burguesia quando a organização operária tomou posse de uma casa vaga que pertencia a um burocrata agente do Velho Regime. Essa casa despertou interesse dos operários pelo seu enorme jardim que logo se tornou um excelente espaço de recreação para as crianças.

A imprensa burguesa não economizou tinta e papel para demonstrar que essa ação dos operários significava algo destrutivo que afrontava a liberdade de posse, ao mesmo tempo em que exigia do governo a devida correção com a devolução da casa ao seu dono. Quando os operários perceberam que o perigo se avizinhava com essa ação contrarrevolucionária, eles resolveram responder à altura com dezenas de fábricas em greve como protesto. Quando finalmente a justiça e a milícia chegaram para fazer uma inspeção no local foram

surpreendidos ao se depararem com várias organizações educacionais compostas e dirigidas por operários.

Nesse pequeno exemplo, no qual os operários do bairro de Vyborg decidiram dar uma nova função à casa de um privilegiado que a usava apenas no verão, quando lhe convinha, e que ficava três estações do ano vazia sem função social alguma, mas que agora ao abrigar crianças, dando-lhe vida e sentido ao que antes era abandonado, convertia-se em um instrumento para preparar o futuro de novas gerações. Por isso as represálias, por não se harmonizar com interesses dos educados e privilegiados burgueses liberais que preferiam a casa vazia em nome da manutenção da propriedade privada, mesmo que essa propriedade fosse mais útil socialmente com as crianças nela brincando e estudando.

Os operários sabiam que eles estavam certos. Contudo, estar certo não é garantia de nada, sendo preciso, além de estar certo, ter forças para assegurar tal certeza. Por isso: “[...] uma das fábricas levava um cartaz: ‘O direito à vida é maior que os direitos da propriedade privada’ [...]” (TROTSKY, 2007, p. 419).

Essa palavra de ordem vinha das entranhas da necessidade dos deserdados, colocando um *casaco de urtiga* nos possuidores simplesmente por apontar para o futuro, no qual como bem continha o cartaz, a vida vem em primeiro lugar. Portanto, a produção da riqueza deve estar a serviço da vida e não dos interesses de meia dúzia de privilegiados. Mais uma vez indagamos: quem representa o amanhã? Os interesses dos educados em manter intacta a propriedade privada dos meios de produção e da riqueza nas *mãos* dos iluminados ou os interesses dos deseducados que levantam a bandeira de defesa da vida, proclamando que a vida deve ser colocada acima dessa forma de organização — Da posse individual da riqueza em detrimento da mais brutal miséria social? Eis o dilema no qual os operários continuavam desafiados a responder, não em palavras, mas, sobretudo, em ação.

Assim como uma chuva intensa e prolongada pode transformar um fio de água em uma poderosa correnteza, as massas podem transformar uma simples palavra de ordem de *direito à vida em primeiro lugar* numa tormenta social que pode desembocar em uma revolução. As revoluções, como bem nos mostra a História, não costumam abrir espaço aos que querem reinar em um império do meio termo.

Até aqui, seguimos no rastro de Trotsky em sua narrativa sobre a Segunda Revolução Russa, Fevereiro 1917. Antes de avançar para a Terceira, em Outubro de 1917, é preciso parar um pouco para um *gole de ar*, e trazer uma reflexão do autor, a qual compactuamos.

É de conhecimento, pelo menos dos historiadores, que a Primeira Revolução Russa, de 1905, não vingou, mas *arou e adubou a terra* para no futuro cumprir suas promessas. Sob o impacto da derrota, tendo que se esconder na Finlândia, Trotsky pôde concluir que: “[...] Foi nesse período que se formou definitivamente a minha concepção das forças interiores do mundo russo, e das perspectivas da revolução entre nós” (TROTSKY, 2017, p.213).

Em seus escritos dessa data, além de fazer uma análise bem elaborada dos fatos, pôde ainda apontar os possíveis desdobramentos da Revolução de 1905 para um futuro próximo. Não só admitia a revolução como democrática burguesa, mas, também, o problema agrário como eixo dessa revolução, indo além quando afirmava: “[...] O proletariado já é protagonista da Revolução. [...] Mais o partido do proletariado, quando conquistar o poder, não poderá limitar-se ao programa democrático. Será necessário entrar no caminho das medidas socialistas. [...]” (TROTSKY, 2017, p. 214). Portanto, no ano de 1906, com os acontecimentos ainda sendo *digeridos* pelos seus neurônios, Trotsky, em balanço e perspectiva, lança as bases de sua teoria da revolução permanente, concluída somente em 1929, o que lhe custou muito caro, pois como ele mesmo assegurou: “[...] assume a forma de oposição entre duas teorias: *a do socialismo em um só país, e da revolução permanente*. [...]” (TROTSKY, 2011, p.148-49, grifo do autor). Que, de certa forma, desdobrou-se numa luta de vida ou morte entre o stalinismo e trotskismo, infelizmente, com a desvantagem até o presente momento do trotskismo.

Como bem admite Trotsky, olhar para trás nos leva, de certa forma, a duvidar das coisas que se passaram porque as lembranças não têm mais o frescor da dinâmica dos eventos anti a tormenta de uma revolução que, para um conservador, não passa de uma loucura frenética das massas, quando na realidade pode ser resumida no momento em que as essas empurram até o abismo a caduquice *legalmente legitima* da sociedade dividida em classes. “[...] Na desordem revolucionária, começa a formar-se imediatamente uma nova ordem; as pessoas e as ideias começam a andar sobre um novo eixo. [...]” (TROTSKY, 2017, p. 221).

Uma a uma, as alternativas políticas da burguesia se transformavam em cinza ao se chocarem com a temperatura do curso da vida oxigenado pelo sangue da revolução e não se ajustava à medida do passado¹¹ da História. Então de Kerensky à tentativa de golpe de

¹¹Passagem muito utilizada no interior em forma de U em cercas de arame farpado, possibilitando a passagem das pessoas e impedindo a passagem dos animais.

Kornilov, do Governo Provisório Burguês à Coalizão, tudo logo entrou em colapso. Mas, havia ainda uma variante a ser testada, a dos bolcheviques.

Até aqui, sobre a Revolução de Fevereiro, demonstramos as circunstâncias nas quais a Revolução *patinava*. Agora, mostraremos como percorreu até Outubro e as condições de seu triunfo. Contudo, ainda é preciso pontuar que, se para as pessoas que são *tragadas* pela revolução, esta se impõe como uma loucura ocorre o contrário para aqueles que lutam por ela, e, de certa forma, *sentem-se em casa* quando a vivenciam. Assim, Trotsky destaca que:

[...] toda evolução moderna agrava, tensiona e aguça os antagonismos, tornando-os insuportáveis, o que, conseqüentemente, prepara a situação na qual a imensa maioria ‘perde a cabeça’. Em tais casos, a loucura da maioria domina a sensatez da minoria. E é assim que a história avança (2017, p.221).

Portanto, o que buscamos tanto em Fevereiro, assim como em Outubro, são os elementos que por sua força se impõem como eixo educador para a humanidade assegurar a continuidade de sua existência com certa desenvoltura pelo que já acumulou de experiência.

5 A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO: AS JORNADAS QUE EDUCAM

[...] a revolução virá e não trará somente substância para o corpo pulsar vivo, mas também trará acalanto para o espírito que alimentará a paz e a liberdade para toda a humanidade (ANTÔNIO FÉLIX).

A revolução, como uma evolução enquanto processo vivo da história humana, que, por vias revolucionárias, traz-nos não só as formas dessa sociedade, mas também sua própria alma. Ao registrar esses eventos nos sentimos severamente tocados pela compreensão de que a História é uma boa professora a nos educar, muitas vezes severa como uma palmatória dolorosa resultante das correções da existência humana.

A existência humana é permeada por alegria e tristeza, prazer e sofrimento, fluidez e privações, e apesar disso, segue seu curso. Contudo, esse drama pode, por vezes, intensificar-se aos limites do insuportável quando o cheiro de podre da velha sociedade dá o alerta para alterar o caráter das nações, penetrando de forma definitiva na vida do conjunto da humanidade, fazendo se levantar milhões de indivíduos anônimos e invisíveis. “[...] Não nos esqueçamos de que as revoluções são feitas pelas pessoas, embora sejam anônimas. O materialismo não ignora o homem sensível, pensante e atuante, mas o explica. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 468).

Ora, a objetividade precisa ser explicada, e ao historiador cabe a tarefa de não só dizer do homem que sente, pensa e faz, mas explicar a nuances de todos esses processos. O velho ditado popular, *tampar o sol com a peneira*, pode nos remeter, ao mesmo tempo, a alguém que tenta se proteger da chuva recorrendo a uma peneira. Ambas as ações produzem imagens cômicas, porque nos leva a perceber que há uma ausência de correspondência entre os meios utilizados e os fins pretendidos.

O limite do regime democrático que veio à tona após o Tsarismo provou ser incapaz de atender às necessidades das massas mobilizadas, daí a inevitável função do Partido Bolchevique em se impor como uma devida ferramenta para a justa tarefa almejada pelos deserdados. Assim como é perfeitamente observável a limitação da luta econômica por si só como mecanismo de superação do trabalho assalariado, da mesma forma a atuação da democracia burguesa, quando se pauta pelo exercício da cidadania, pela igualdade formal e do sufrágio universal como possibilidades para uma transição ao socialismo.

Dessa forma, chegaremos a Outubro, momento em que o proletariado decide entrar para História, não como classe subjugada aos ditames dos educados, mas, pelo contrário, como seus mestres. Para isso, construíram um partido que não se furtava em *medir o pote e pegar a rodilha*, ou seja, seus ombros estavam preparados para recebermos novos trilhos de uma nova ordem social que se iniciava ao sabor das forças dos deseducados.

A caminhada humana de leves pegadas se converte em passos de chumbo quando se encontra sob uma revolução. Quanto maior o problema histórico a ser resolvido mais firme e violento se tornam as pegadas.

A guerra era um desses problemas que demandaram medidas firmes por parte dos soldados e dos operários. Aqueles eram os mais agitados, isso por três motivos: primeiro, a qualquer momento poderiam ser mandados para o *front*; segundo, a dificuldade de entender as táticas e estratégias políticas; e terceiro, cada um deles tinha a sua arma e isso os tentava desde Fevereiro a medirem forças contra os defensores da guerra —A burguesia liberal e os conciliadores.

Os regimentos se agitavam e os operários sabiam que precisavam se preparar para o confronto. O partido necessitava compreender o que estava acontecendo com as massas em movimento. No entanto, essas tinham composições individuais, o que transformava o movimento em um emaranhado complicado para o partido que já não conseguia segurar os ímpetos das massas.

Com os *nervos à flor da pele*, as massas, ávidas por uma saída rápida, não admitiam de forma alguma que não existisse resolução às suas demandas, e nada mais seria escutado ou aceito: “[...] Apenas a experiência podia ensiná-la” (TROTSKY, 2007, p. 487).

Em março de 1917 havia muita gente nas ruas, em maio, ainda mais, e em julho o cortejo é afogueado, atrevido e ameaçador, havia uma só cor em sua composição. Um cadete escreve: “[...] ‘As mesmas faces insanas, dementes, bestiais, que todos lembramos da jornada de fevereiro’ — isto é, dos dias da mesma revolução que os liberais tinham oficialmente declarado gloriosa e incruenta. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 489). O cadete fala pela boca de sua classe que sente a terra tremer embaixo dos seus pés pela firme marcha de julho.

Com cartazes *Abaixo a guerra* exasperaram os oficiais e perturbaram os estudantes. Os burocratas do governo fizeram referências a espões alemães por trás dessas manifestações, enfim, toda sorte de ataques era dirigido aos operários, os quais, de forma rude, desviaram-se: “[...] os operários tinha seu próprio modo de medir as coisas. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 492). As ideias que os moviam pelas ruas não tinham vindo de nenhum espão alemão, mas sim de suas próprias conclusões tiradas dos eventos apreciados pelo faro instintivo de apego à vida, à liberdade e à justiça, que com a guerra se tornaram impossíveis de se conquistar, e somente pela paz era dada a possibilidade de abraçar esse modo de vida.

Essas jornadas não ocorriam somente pelo fim da guerra e pela paz, outras demandas pulsavam em seus corações e havia uma infinidade de *corações* de operários, soldados e camponeses batendo no mesmo compasso —dirigir o seu destino e a tomada do poder poderia responder a contento os anseios dos revoltosos.

Segundo o historiador Miliukov, ao cercarem o palácio Tauride, sede do Governo Provisório, Trotsky havia dito em seu discurso que chegara o momento do poder passar para os soviets, e, com isso, recebeu sonoros aplausos. Porém, há outro registro desse momento, a fala de um maquinista que afirma: “[...] ‘Lembro-me do discurso de Trotsky, que disse que ainda não era hora de tomar o poder em nossas mãos’. O maquinista relata a essência do discurso mais corretamente que o professor de História. [...]” (TROTSKY, 2007, p.495).

Os operários precisavam travar uma luta psicológica constante contra o poder ideológico dos dominantes. Dessa forma, aprender e acreditar não são coisas simples como a vinda do anoitecer, e sim uma batalha incontornável pelo direito de *pensar pela própria cabeça* e *andar com as próprias pernas* ao ter que lutar pelos seus interesses numa sociedade dividida em classes, onde esses interesses se apresentam contrapostos por visões de mundo divergentes.

Quando a jornada de Julho pôs:

[...] Toda a fábrica de Putilov deitada no chão às três horas da manhã em torno do Palácio de Tauride, onde os líderes democratas esperavam pela chegada de tropas do front— é um dos quadros mais chocantes oferecidos pela revolução no auge do trânsito entre fevereiro e outubro [...] (TROTSKY, 2007, p. 497).

Vários elementos entram em cena para que tenhamos uma tempestade ou uma erupção vulcânica, da mesma forma ocorre uma revolução em seus desdobramentos rumo ao seu pico —a insurreição, momento em que o palco da delicadeza se desfaz e a era da passividade dos que antes pediam com educação cede lugar para a força e o direito de tomar o que lhes convém da maneira e ao modo dos oprimidos.

Em julho de 1917 o Partido Bolchevique compreendia que ainda não era hora de tomar o poder e sim levar os operários a acreditarem que, por meio de exigências pacíficas, avançassem na compreensão que somente tomando o poder seria possível sair dessa condição de subjugado. Porém, não bastava somente tomar o poder, seria preciso assumir plenamente o seu controle. Por isso, precisavam compreender as demandas e o tempo de uma revolução, o momento da virada decisiva, pois não existe fôrma para a História, como há para fabricar tijolos ou rapaduras.

O maquinista expressou a devida posição de Trotsky diante dos enfiamentos no início da jornada de Julho, quando os operários, soldados e camponeses estavam determinados a pôr fim à guerra, imprimindo, ao mesmo tempo, novos rumos na economia, na política e na vida social do país, e, de certo modo, no próprio mundo, já que a guerra envolvia quase todos os países do Globo de forma direta ou indiretamente. Enquanto o douto professor de história —o liberal democrata Milukov carregava na tinta sobre os fatos um pouco de veneno da classe que queria ao mesmo tempo a guerra e enterrar a revolução.

Os impasses gerados pelas circunstâncias da Guerra e da Revolução afogavam a vida, cada vez mais, em exigências com provações e sacrifícios implacáveis, clamando por decisões frente ao rumo a tomar. Em julho a vida pedia pressa ou exigia, por assim dizer, pois se vivia a civilidade do capitalismo no auge de suas contradições.

Quando dos choques mais estrondosos, liberais e conciliadores logo apontavam os responsáveis —anarquistas, Bolcheviques ou, ainda, agentes alemães infiltrados nas manifestações. Os operários e soldados, de suas partes, também sabiam dizer quem eram os culpados pelas vítimas de Julho—aqueles patriotas defensores da matança coletiva em defesa de suas propriedades.

Que lado está com a razão? As massas ou os liberais e seus lacaios conciliadores?

[...] o julgamento das massas não é infalível. Mas é um erro grosseiro imaginar que a massa é cega e crédula. Onde é tocada, ela reúne fatos e conjecturas com milhares de olhos e ouvidos, testa os rumores por sua própria experiência, seleciona uns e rejeita outros. Onde as versões de um movimento de massas são contraditórios, aquela apropriada pelas massas está mais perto da verdade [...] (TROTSKY, 2007, p. 507).

As águas revoltas de Fevereiro de 1917, as quais chegaram até junho, exigindo passagem, desaguaram em julho muito mais forte, e, como uma catarata que não se repete em sua correnteza e encontra um jeito de seguir implacável o seu destino, ora ignorando os obstáculos ora se desviando quando preciso ou os destruindo quando necessário, ou ainda os tornando parte de si, quando possível e se fortalecendo, sem deixar de ser o que é, estrondosa, mas ao mesmo tempo bela e suave à vida. “[...] As palavras de ordem de propaganda da manifestação de 18 de junho se tornavam agora um ultimato armado das massas [...]” (TROTSKY, 2007, p. 511).

As massas com seu anseio por justiça vociferavam contra tudo o que acreditavam estar fora do lugar e exigiam correções imediatas de todas as injustiças contra o povo pobre e oprimido: terra para os camponeses, controle da indústria pelos operários, demissão dos chefes capitalistas, o fim da fome e das ordens contra o Exército revolucionário e, por fim, que o poder fosse transferido para os soviets.

Diante de uma sessão do Comitê Executivo, milhares de operários revoltados e impacientes davam um ultimato por uma solução às suas demandas e exigiam a presença do dirigente dos soviets para uma definição. Eis que surge Zinoviev, a quem Trotsky aponta como traço mais forte “[...] sua capacidade de penetrar no coração do povo e tocar suas cordas [...]” (TROTSKY, 2007, p.512), que depois de um longo discurso conclui com um apelo para que os operários se dispersassem de forma pacífica e ordeira no que é atendido. “[...] Este episódio oferece a melhor ilustração possível do agudo descontentamento das massas, [mas ao mesmo tempo] sua falta de qualquer plano de ataque e o papel real do partido Bolchevique nos eventos de julho” (Idem, p. 512).

Nas horas que pulsavam o coração de julho, Zinoviev pôde cumprir uma grande função como expressão coletiva de educação em um indivíduo particular ao saber, na devida medida, acomodar o sentimento das massas e encontrar para essas e seus pensamentos uma expressão muito mais emocionante. Contudo, o ilustre orador, mesmo sendo mestre em conquistar corações e mentes com as palavras, perdia o chão quando se encontrava diante das circunstâncias de entrar em ação.

Aqui reside um pequeno segredo, ou, como queiram *o pulo do gato*. Em julho, Zenoviev se revelou um gigante quando convenceu as massas a não levarem a termo a tomada do poder pela força das armas, mas ao recuo. É bem verdade que essa era a política do partido para julho, porém, diferentemente dele, Lênin sabia que o momento de fazer o contrário logo chegaria, e nesse momento tudo seria muito perigoso, porque o destino do partido, da classe e do próprio país, estaria em jogo.

Assim não seria a voz suave e feminina de Zenoviev a tocar os tímpanos das massas e a vibrar em seus músculos, e sim, a dos tambores de guerra empurrando as massas como um grande furacão demolindo rochas e destruindo fundações. Não seria mais a batuta do recuo a reger a orquestra, mas a ação direta e decisiva das massas em movimento para tomar o destino em suas mãos.

Essa hora decisiva revela a natureza da revolução sob o comportamento das pessoas, quando pode, ao mesmo tempo, revelar o valor dos que se ajustam com gigantismo ao convencimento e dos que querem partir ao invés de ficar, e daqueles que são capazes de promoverem a ultrapassagem das pretensões iniciais e até produzirem certas extravagâncias. Mas, como pode ser uma revolução, sem ir além do já posto, sem romper os limites que aprisionam os ímpetos dos que querem se fazer ouvir. Ora, não é assim que a história avança sob as pancadas das grandes ações humanas que, com certeza, podem produzir coisas novas que superam as antigas e, também, coisas desnecessárias que passam para o *lixo da história*, até mesmo aquelas que não deveriam ter sido feitas. Fazer história não é bater tijolos em uma olaria, todos do mesmo tamanho, da mesma forma, saídos da justa medida da fôrma. Não há, definitivamente, nem fôrma, tampouco bitola, para a história humana.

Assim como um imenso rio seco nos revela uma enorme ferida na face da terra, que só pode sarar com a volta da correnteza das águas, a revolução só pode avançar com as massas ativas em seu leito. E, da mesma forma que um rio caudaloso abriga uma diversidade de vida em sua extensão, as revoluções guardam, a seu modo, diferentes cores para o mundo. Contudo, diferente das águas do rio, as quais invariavelmente tem o seu fluxo do alto para baixo, forçado pela lei da gravidade. As revoluções conduzem as massas no sentido contrário, de baixo para cima, exatamente como fazem os peixes quando rumam para as nascentes de um rio para se reproduzirem e garantirem a continuidade de sua espécie.

Deixando à parte os esforços da piracema que se guia por determinações genéticas, as massas precisam, para além dos instintos de sobrevivência, ser impulsionadas por fatores objetivos — a guerra, a fome, a miséria, a injustiça, enfim, pela piora das

condições de vida — e, ao mesmo tempo, por fatores subjetivos — a compreensão das possibilidades e das necessidades de se organizarem para fazerem valer as suas pretensões, o devido preparo para iniciar a jornada rumo ao topo, à tomada do poder e a garantia de mantê-lo em suas mãos pela força das armas.

A questão de tomar o poder suscita outra: se há garantias em permanecer com ele. Esse é um dos grandes desafios de compreensão e exatidão do pensamento e das necessidades, em que o entendimento das circunstâncias históricas, a experiência que alimenta a teoria como guia para a ação. A educação forjada pela luta de classes vai fornecer parâmetros para avaliar com maior precisão os anseios das massas, sua disposição para escalar a montanha até o seu topo e fazer o que tem que ser feito: não dobrar caminho nem recuar, determinada não só na tomada do poder, mas, sobretudo, em conservá-lo em suas mãos.

Em julho de 1917 já se contava mais de uma década dos levantes revolucionários de 1905. Assim, já não era hora de finalmente as massas serem conduzidas ao poder tendo à frente o Partido Bolchevique?

A falência da Segunda Internacional que se afogou no *mar de sangue* dos operários mortos pela Guerra, operários que deveriam ser mobilizados, protegidos e organizados contra essa carnificina, que teve a conivência dessa mesma Internacional, que ao invés de combater sem tréguas o social patriotismo forneceu os créditos de guerra aos seus respectivos Estados Nacionais. Assim, a social-democracia se valeu dos óculos do economicismo e do fetiche da democracia burguesa posto nos olhos da aristocracia operária das potências imperialistas. “[...] Esses trabalhadores privilegiados constituíram a aristocracia operária, que foi a base social de fortes burocracias políticas e sindicais” (SAGRA, 2010, p. 29), provocando uma hemorragia no coração da classe operária não só na Alemanha, mas, ao mesmo tempo, nos diversos países envolvidos na Guerra Imperialista pelo poder de explorar e oprimir os mais fracos.

Diante desse absurdo, e sem uma organização internacional forte, seria preciso um pouco mais de paciência. Assar castanhas exige paciência e em julho, elas ainda não estavam assadas, não era hora de tirá-las do fogo. Mas o momento se aproximava e quem recolhesse as castanhas não teria pretensão alguma de dividi-las com os outros. Por isso, o proletariado teria que se chamuscar na luta pelas castanhas enquanto preparava uma vara que lhe servisse como um instrumento coletor para, assim, não tostar no fogo junto com as mesmas.

Em setembro de 1915, mais ou menos na data do primeiro aniversário sangrento (I Guerra Mundial), e meio século após a fundação da Primeira Internacional, um punhado de internacionalistas, os quais cabiam em quatro carros, juntavam-se: “[...] Acontece, muitas vezes, que o fio da história arrebenta. Então, é preciso remendá-lo. Eis o que faríamos em Zimmerwald” (TROTSKY, 2017, p. 308).

Foi nessa pequena vila na Suíça que Lênin preparou as bases onde, em um futuro próximo erguer-se-ia uma nova Internacional revolucionária em resposta à falência da Segunda, e como resultante material da primeira revolução vitoriosa do proletariado.

O calor das revoluções se revela como um excelente antídoto contra todo o tipo de infecções sociais. O mês de julho de 1917 esteve contaminando por toda sorte delas contra os bolcheviques, que penaram com o bombardeio permanente de calúnias infames, sob acusação de inimigos da revolução. O jornal dos conciliadores se juntava ao resto da imprensa para não deixar dúvidas de que os bolcheviques não eram auxiliares dos Alemães, mas sim, seus agentes infiltrados, sob o comando do General Ludendorff¹². “[...] A sociedade culta, defendendo-se contra o barbarismo bolchevique, estava cheia de tais comunicados” (TROTSKY, 2007, p. 556).

A classe governante da Rússia vinha *bamba das pernas* desde o início da Primeira Guerra Mundial, não se firmava em pé, o barro fervia sob os seus pés e tudo *escapulia* de suas mãos. Chovia desgraça sobre suas cabeças, de onde vinham tantos infortúnios. Quem seria responsável por tamanha má sorte? Logo foi possível constatar que: “[...] A história de todas as revoluções e guerras civis invariavelmente mostra que uma classe dominante ameaçada ou derrubada está disposta a achar a causa de seus infortúnios não em si mesmo, mas em agentes e emissários estrangeiros [...]” (TROTSKY, 2007, p.566-567). Essa lei da história, resultante da seleção natural dos fatos que permeiam a luta de classes, determina os eventos que compõem a genética social, assim como a seleção natural na biologia pode assegurar a perpetuação das espécies, a consciência na História se põe a serviço na constante batalha para perpetuar a espécie humana.

Todos, independentemente do seu conhecimento da História, são submetidos a esse condicionante genético sócio-histórico, em que os genes revolucionários se confrontam com os genes contrarrevolucionários. Os indivíduos ativos e conscientes vão dar ao fortuito e acidental, mediante seleção artificial dos eventos, uma regulação na justa medida da história

¹² Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff (1865-1937) General alemão com poderes ditatoriais no final da Primeira Guerra Mundial.

humana, assim todo movimento social é submetido à apreciação da consciência que filtra o que seguirá como História e, de alguma forma, deleta o que não se mostrar capaz de compor a sinfonia da existência humana.

No *amanhecer de julho*, os acontecimentos forçaram os bolcheviques a tomarem o seu lugar na História para evitar a derrota e conservarem acesa a chama da revolução futura. Depois, com o passar das horas, foram enxovalhados por todo tipo de desonra moral. “[...] Mas por que toda essa calúnia política é tão pobre e monótona? Porque o psiquismo social é econômico e conservador. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 567).

Os indivíduos são produtos da sociedade, do seu tempo, e, como tais, refletem todos os seus vícios e confusões. É bem possível em um indivíduo corajoso e perspicaz ter coabitado no mesmo cérebro uma acomodação servil ao mais banal conservadorismo, quando impulsos audazes, dados por uma evolução mental, podem, ao mesmo tempo, entrelaçarem-se com processos preconceituosos e toscos. Assim, toca a banda sinfônica do psiquismo humano, numa permanente toada sonante e dissonante, numa peleja entre avanços e retrocessos, sempre ao ritmo da orquestra da sociabilidade

[...] Shakespeare alimentou seu gênio criativo com matérias legadas das eras ancestrais; Pascal usou a teoria da probabilidade para demonstrar a existência de Deus. Newton descobriu a lei da gravidade e acreditava no apocalipse. Depois de Marconi ter instalado uma estação de rádio na residência do papa, o vigário de Cristo distribuiu sua benção mística pelo rádio[...] (TROTSKY, 2007, p.568).

Em tempos comuns, todas essas contradições passam, por assim dizer, imperceptíveis, não emergem para além das margens do convívio social. Mas, em tempos de convulsões, revelam-se como uma grande força explosiva de proporções ilimitadas que, dependendo das circunstâncias, podem se dissipar de forma aleatória ou convergirem de forma objetiva.

Sempre quando emergem situações ameaçadoras contra o domínio material dos educados, as classes privilegiadas com toda a sua erudição, põem em marcha toda sorte de economicismo vulgar e conservadorismo degenerado, recheado por todo tipo de preconceito, obscurantismos e confusões mentais, onde todos os instrumentos do medo, da ignorância, da ingenuidade e do barbarismo reaparecem do passado da humanidade para atormentar no presente. Tudo isso encontra um solo fértil no espírito dos indivíduos que é oxigenado pelo psiquismo social e se ancora em uma política de máxima economia e extremo conservadorismo. “[...] Não gasta mais esforço do que o necessário para sua meta [...]” prefere

pedir emprestado o velho, quando não é obrigado a criar o novo. Mas até quando é obrigado a isto, ele combina com este elemento do velho [...]” (TROTSKY, 2007, p. 567).

Sabemos que o oxigênio não se furta, fez, faz e continuará fazendo, com a mesma desenvoltura, a condução do sangue do senhor de escravo e do escravo, do senhor feudal e do servo, do liberal conservador e do escravo assalariado. Contudo, em épocas de revoluções, que nada mais são do que motins de escravos que querem se libertar, uma revolução é, sobretudo, uma revolução por conduzir todas as contradições em seu desenvolvimento a um desenlace: vida ou morte, pois somente os tolos, em geral, e os bobos, em particular, podem acreditar que as classes educadas que carregam em seu currículo crimes inomináveis e sofrimentos imensuráveis contra os deserdados vão se convencer graças ao bondoso palavrório eloquente do Parlamento burguês a ceder suas posições políticas.

Assim como uma montanha rochosa só cede passagem para uma ferrovia depois de ser submetida ao aço, ao ferro e à dinamite, os escravos que lutam para deixar de sê-lo só podem fazê-lo pelo sangue oxigenado por uma revolução. Em Julho esse sangue começava a inundar os pulmões e o cérebro dos bolcheviques impulsionados pelo pulsar do coração das massas. “[...] No ataque aos bolcheviques todas as forças dirigentes, o Governo, a justiça, o Serviço de Inteligência, o Estado-Maior, o oficialato, as municipalidades, os partidos da maioria soviética, sua imprensa, seus oradores, constituíram uma unidade colossal. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 568).

Como se vê, o espetáculo da escravidão possui uma enorme plateia disposta a tudo para manter esse show de horrores, desde que eles continuem em seus lugares confortáveis e seguros.

A guerra e a revolução marcaram Julho como um mês em que os liberais burgueses conseguiram aglutinar em seu entorno diversas forças sociais que abandonaram suas diferenças contra um inimigo comum, os bolcheviques. Esses lideraram milhões rumo ao poder com o seu partido.

Nunca na História da Humanidade tantos se juntaram em torno de uma causa sustentada por uma brutal e gigantesca afirmação falsa e desonrosa contra um partido. Somente porque esse instrumento movimentado pelas forças do proletariado poderia libertá-los das amarras da dominação de classes e levá-los a uma nova época, na qual os oprimidos poderiam edificar o mundo à sua maneira e às suas necessidades. Enfim, a *panela* do capitalismo poderia ser definitivamente emborcada e em seu lugar uma nova passaria a

cozinhar pratos com novos ingredientes nutritivos aos apetites da liberdade, da igualdade e da emancipação humana.

Em Julho, o toque de silêncio soou dando adeus à Fevereiro. As classes em luta tinham cada uma seus próprios interesses. As forças que se juntaram para derrotar o proletariado não foram até o fim, não porque não quiseram, mas porque não puderam. O proletariado vencido, mas não derrotado, ainda com a cabeça sobre o pescoço, tinha planos para o futuro. Julho havia lhes arrancado os antolhos¹³, e a marcha em círculo em torno da conciliação de classes não fazia mais sentido, portanto, era preciso avançar. Se por um lado o reformismo e o parlamentarismo burguês já não agradavam ao paladar das massas, por outro, as classes possuidoras tentavam, desesperadas, requestrar em uma grande conferência no mês de agosto de 1917 os mesmos pratos, e com algumas pitadas apresentá-los como novos sabores.

[...] a imprensa falava da necessidade da solidariedade, reconciliação, encorajar e elevar o espírito de todos. [...] eles não desejavam dizer, e outros eram incapazes de dizer, para exatamente em que propósito a conferência foi chamada. De novo, dar às coisas seus verdadeiros nomes tornou-se a tarefa dos bolcheviques (TROTSKY, 2007, p. 588).

5.1 Educação e a conduta das massas na revolução

A dinâmica da natureza ocorre impulsionada por correntes cegas de forma tenaz e inflexível, sem nenhum ódio, é bem verdade, mas ao mesmo tempo sem nenhuma piedade e preocupação em dar satisfação a quem quer que seja. Já as revoluções, contraditoriamente, embora impulsionadas por forças inexoráveis, são ao mesmo tempo tingidas pelas paixões onde o amor e o ódio caminham juntos nas exigências de prestarem contas com a história da luta de classes. Dessa forma, as correntezas de um rio podem *matar a sede* de todos aqueles que possam chegar até ele, mas as correntezas de uma revolução se propõem somente a *matar a sede* dos deserdados, dos escravos que se rebelaram e que por isso dão o tom dessas correntes, embora alguns tentem se pintar de escravos para não serem deixados para trás e *morrerem de sede*.

Esses são uma minoria e carregam o desejo das classes conservadoras que no desenrolar dos eventos tentam se ajustarem às mudanças na busca de amenizar o seu sofrimento. “[...] Os idealistas pequeno-burgueses, descuidando-se das distinções de classe,

¹³ Peça, geralmente de couro, usada na lateral dos olhos dos animais em movimento com o objetivo de obrigá-los a olhar somente para frente, impedindo-os de ter uma visão ampla.

pensando com frases estereotipadas, não sabendo o que querem, e desejando o bem a todo mundo, são, nesta etapa, os únicos líderes concebíveis da maioria [...]” (TROTSKY, 2007, p. 591). Porém, como as forças da revolução não têm e nem podem ter os mesmos sabores e as mesmas cores de um rio, essa confraternização universal logo se dissipa pelas lapadas da luta de classes que se arrefece no primeiro momento, mas emerge imponente pela guerra civil, assim: “Livrando-se de suas cadeias seculares, o povo transgredia a cada passo os limites que os líderes cultos queriam estabelecer para eles [...]” (TROTSKY, 2007, p.592).

No quadro de do mês de fevereiro de 1917 surgiu Kerensky como Ministro da Justiça, em abril, Ministro da Guerra, em julho estava no comando do Governo, em Setembro as massas o pintaram de supremo comandante em chefe. O quadro tomava forma, mas da mesma maneira que não é possível prever o que está na mente do artista, também não é possível prever os próximos movimentos da revolução que podem recorrer, sempre que necessário, a medidas bruscas. “[...] A dialética do regime conciliador, e sua maliciosa ironia, está no fato de que as massas teriam que elevar Kerensky até o mais alto cume antes que pudessem derrubá-lo” (TROTSKY, 2007, p. 594).

Somente se é tentado a passar um apagador no quadro quando este vislumbra a dissonância com as pretensões definidas. As revoluções sabem muito bem usar o apagador quando é preciso, o que significa o uso da violência quando necessário, pois, mesmo sendo agradável aos ouvidos, a sinfonia dos conciliadores sobre o não uso da violência na política, o bulbo auditivo das massas, consegue captar os sons de baixa frequência dessa moral que é soante de paz quando as mudanças não alteram o que já existe, mas soam os tambores de guerra quando sentem que a ordem estabelecida está em perigo. Dessa forma, os que são defensores da paz se convertem nos mais abnegados ao uso da violência para preservação da exploração de classes.

A questão desde Fevereiro que se arrastava em permanente *cabo de guerra* dissolvia qualquer unidade para governar. Essa situação de duplo poder foi a antes sala para a guerra civil. A conferência de Moscou só demonstrou como o país estava dividido em dois campos irreconciliáveis: Kerensky sempre assombrado com as classes possuidoras, e ao mesmo tempo o Comitê Executivo com os seus conciliadores assombrados com as massas, essas, por sua vez, cada vez mais impacientes com a guerra, exigiam o fim da pena de morte no *front*, enquanto Kornilov e os Kadetes, em conjunto com as embaixadas da Entente, lutavam desesperados, para manterem o país na guerra e assim enfraquecer a Revolução.

A Revolução seguia sua marcha desafiadora, como no caso da emboscada da História em Julho, quando os bolcheviques sobreviveram, mas gravemente feridos, com Lênin forçado a se movimentar na clandestinidade. Quanto a Kerensky, que como um fio, não iria suportar a roca da história e se partiria quando apressasse um pouco mais o passo dos eventos e por último, outro personagem que subiu ao pódio por sua bravura e desinteresse, mas que assim como Kerensky foi elevado ao topo para logo desabar, pois as revoluções não costumam tolerar aqueles fracos de caráter e vazios de habilidades estratégicas, as que concernem à capacidade de estimar as perspectivas materiais e morais do desenrolar das necessidades para o desenvolvimento da sociabilidade humana como um todo.

Enquanto a Revolução ainda permitisse esses personagens no palco da História, tentando enganarem o povo e desviarem o seu curso com toda sorte de mediocridade e calúnias contra *os inimigos da revolução*, principalmente aqueles que não se calavam, assim: “[...] Os bolcheviques também eram odiados porque viam tudo, e falavam em voz alta sobre tudo” (TROTSKY, 2007, p.641).

Contra uma grave doença que ameaça o corpo, os médicos bem sabem que o desejo por um diagnóstico impulsiona o pensamento, contudo, é pelo faro das necessidades que se encontram as bases para um tratamento. Em política, o desejo movimenta o pensamento enquanto as necessidades conduzem para o que fazer. Assim, não é suficiente ver ou falar sobre tudo, sendo preciso saber o que fazer com quem fazer e como, visto que, para cada tarefa, o *dedo da história* se encarrega de apontar os elementos que estão aptos a realizá-la, da mesma forma que uma orquestra pode produzir infinitos sons, a História pode se valer de infinitos dedos, mas os que apontaram Kerensky e Kornilov já não se encontravam mais nas *mãos da história*.

Para os soldados e camponeses a necessidade da paz e da terra corroía não só as mentes, mas, sobretudo, o estômago, e no cardápio do general Kornilov não havia *prato para matar a fome*. “[...] Sobre as questões de vida e morte, as massas aprenderam de um modo ou de outro a achar o caminho até elas durante os seis meses de revolução [...]” (TROTSKY, 2007, p. 672).

As forças políticas do comando militar costumavam fazer cálculos sobre os seus adversários, porém, negligenciaram um pequeno detalhe, que fora uma constante, a indiferença do povo em épocas comuns, mas que agora havia se modificado pelo calor da Revolução. Portanto, as massas estavam dispostas a reagirem ao primeiro sinal de ataque por parte dos conspiradores, esses acostumados a pensar o que os deseducados, os de baixo,

deviam fazer. Agora estavam em dificuldades por não banirem do corpo a prostração adquirida por longos períodos, onde sempre tinham quem lhes servisse. Assim, sem a força de trabalho e mais toda a sorte de servos e escravos subjugados pela dominação de classes para *levar a cabo* seus planos, os conspiradores estavam em *maus lençóis*.

[...] Mas todos estes pequenos elos e raios humanos, imperceptíveis, incontáveis, necessários estavam com o Soviete contra Kornilov. A revolução era onipresente. Penetrava em todo lugar, enrolava em si mesma a conspiração. Em todo lugar tinha olhos, ouvidos e mãos (TROTSKY, 2007, p. 672).

A essa radiografia dos eventos em 1917 queremos situar uma constatação de Engels no seu famoso Prefácio *As lutas de classe na França*, de 1848 a 1850.

[...] Quando se trata de uma remodelagem total da organização social, as próprias massas precisam estar presentes, precisam já ter compreendido o que está em jogo, pelo que empenham [(versão 2:) devem empenhar] o corpo e a vida. Isso nos foi ensinado pela história dos últimos cinquenta anos[...] (MARX, 2015, p.26).

A História também *serve pratos irônicos* quando permite o direito do senhor de escravizar e, ao mesmo tempo, aos escravos a vontade e a necessidade de lutarem por sua liberdade. O mesmo ocorre com as massas exploradas ao se moverem não para realizarem o desejo dos exploradores, mas os seus próprios, guiados por suas necessidades, avaliando e medindo o que está em jogo. Essa educação vem sempre encontrar o sol quando emergem as revoluções. O velho Engels, como um bom aluno da história humana, soube compreender os ensinamentos da Revolução Francesa (1789), da de 1848 e da Comuna de Paris, em 1870, junto ao seu companheiro de luta, Karl Max, o que, mais à frente, Trotsky, junto com Lênin, desenvolveu com uma maior intensidade por ter a oportunidade de conduzir na prática o que até então tinha o estatuto de teoria esculpido pelos dois grandes pensadores, e que na Revolução Russa pôde passar pela *porta da história* como guia para ação no mundo concreto.

Os métodos organizativos das massas em luta foram evoluindo ao longo da História. Na Revolução Francesa uma minoria burguesa apontava os caminhos, em 1848 o proletariado se livra dos antolhos da burguesia, mas a História não pôde lhe conceder a alforria. Em 1871 promoveu uma luta renhida, porém, derrotado precisou de mais um tempo para afiar as facas e entrar em campo de batalha novamente em 1905, desafiando a História por sua emancipação em 1917, revelando toda a sua capacidade de resistir, de evoluir e se educar, demonstrando sua inesgotável capacidade de descobrir e criar mecanismos de combate, os soviets, um dos mais bem acabados por sua capacidade de se recompor, mesmo sob permanentes ataques dos conciliadores que eram maioria na direção, mas, apesar disso, os

soviéticos, quando oxigenados pela pressão das massas, logo se *punham de pé*, prontos para o combate.

A guerra civil, que de certa forma é a continuidade da política, não pelo Parlamento, mas pela *força da bala*, em que as contradições da luta de classes se elevam à enésima potência, esse último recurso da dominação burguesa não pode escapar de suas leis, as quais, em suma, são orientadas pelos métodos organizativos das classes em luta para alcançar seus fins, derrotar o inimigo pela força das armas.

Nas revoluções a conduta humana pode ora se elevar, ora cair pelo avanço ou retrocesso da consciência. Como sabemos, não há simetria do tempo, o mesmo corre irremediavelmente para frente sem deixar pegadas, mas sua existência só encontra sentido na História da Humanidade, essa sim deixa marcas por onde pisa e, muitas vezes, marcas profundas. Assim, o homem, elemento central da História, diz do tempo e do espaço por onde andou, onde está e aonde pretende ir. Mesmo assim, não podemos comparar os passos dados no passado com os que ainda virão. Contudo, é possível aprender com a História, com os erros, principalmente, e fazer previsões, educando-se com os eventos passados para não ser surpreendido no futuro e pego de surpresa, uma vez que, prever não é ditar o futuro, é ser capaz de se recompor diante dos imprevistos e garantir que a vida continue pulsando, mesmo sob condições adversas, numa jornada de superação.

Podemos encontrar na consciência humana, que é o produto mais bem elaborado da existência, elementos de avanços e recuos da civilização como resultantes do pensamento, do desejo, da ação e da interação do homem com a natureza e nas relações sociais. Compreendemos que as pretensões, desejos e até as ilusões são fios condutores do pensamento, porém, são as necessidades tanto físicas quanto psicológicas que disparam as sinapses da ação. Como as coisas não surgem e desaparecem por encanto, e o *pó mágico* da transformação ainda está trancado nos contos de fadas, todos os elementos subjetivos — desejo, vontade, ilusões e a própria consciência — são determinados pelo mundo objetivo, real, concreto, é o que sentimos a cada passo que damos e a cada respiração que oxigena nosso cérebro e impulsiona nosso sangue pelas artérias.

As revoluções têm seu ritmo ao sabor da energia das massas em luta. Como se sabe, a energia é produto da queima de determinada substância, como madeira, carvão, força das águas, petróleo, alimentos, etc. Que energia então impulsiona as massas nessa jornada épica que são as revoluções, com os seus avanços e recuos na consciência?

Não há parto sem dor, como não há revolução sem violência. A questão é a dimensão da sua capacidade cruenta:

[...] Os fatores dinâmicos das transformações sociais devem ser buscados no desenvolvimento das forças produtivas e nas relações que os homens são compelidos a estabelecer entre si ao empregar as forças produtivas por eles acumuladas a fim de satisfazer suas necessidades materiais [...] (MARX, 2013, p. 22).

Como já registramos anteriormente, o psiquismo humano, segundo Trotsky (2007), é rigorosamente econômico e conservador. Nenhum indivíduo em condições normais vai amanhecer o dia querendo criar uma alavanca, uma foice ou um martelo simplesmente porque isso já existe e não há nenhum sentido em gastar energia com algo que já exigiu sua cota de sacrifício da humanidade. Se necessitar de algo novo ainda vai recorrer ao velho. Tudo isso porque, assim como na política, a vida exige uma tendência econômica que não se pauta por leis mecânicas que caiba em anuários de estatísticas, e sim em eventos resultantes do confronto entre os interesses opostos inerentes à realidade no seu devir.

Nos ajuda Rosdolsky quando, ancorado em Max, afirma: “[...] O desenvolvimento da capacidade produtiva torna-se um obstáculo para o capital; a relação capitalista torna-se uma barreira para o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho [...]” (2001, p.319). Dessa forma, o desenvolvimento da capacidade produtiva da humanidade se torna irreconciliável com a existência e as exigências do capital, em que cada vez mais as relações capitalistas se impõem como uma enorme muralha de contenção das forças produtivas do trabalho advinda das necessidades impostas pela dinâmica incessante das exigências da existência humana.

Quando a civilização capitalista avança as linhas do absurdo, ameaçando a existência humana, é o momento em que as circunstâncias se tornam mais exigentes e implacáveis pelas decisões frente ao caminho a seguir. Esse vulcanismo social aquece as paixões das massas em geral, e a dos indivíduos em particular, resultando em erupções, assim como um vulcão ativo que transborda revela a sua força e existência, as massas avançam dizendo não só de suas vidas, mas, sobretudo, das suas exigências. Não precisa ser nenhum vulcanólogo para saber que um vulcão em atividade também tem o seu tempo de repouso para, em seguida, expelir larvas tão logo o calor no seu interior exija. Assim, uma revolução se acalma e se agita a depender do calor das massas em atividade.

As revoluções podem ser, de certa forma, comparadas às *Rosas de Jericó*—a planta da ressurreição, aquela que habita o deserto e que é levada pelos ventos sem vida até

encontrar água e voltar a viver. Em Julho, todas as forças da Revolução de Fevereiro haviam se dissipado, assim como a rosa no deserto, que se encolhe e seca sem água, mas logo que fontes novas brotaram e as *enchentes de outubro* inundaram a vida com vitalidade e frescor de todas as artífices de uma nova época. “[...] Na verdade, apenas tornou-se claro que o progresso posterior, através do caminho da Revolução de Fevereiro, era impossível [...]” (TROTSKY, 2007, p.701).

Os inimigos não estavam mortos, os ataques vinham de todos os lados, a consciência das massas sentia o peso da conciliação de classes das suas direções. As calúnias, a repressão, tudo isso causou dúvidas e recuos e esse medo se transformou em campo fértil para proliferar os elementos do atraso, do vazio e todo um contingente de descontentes por causa da desordem, das privações da guerra e, ao mesmo tempo, da revolução.

As *forças da maré cheia* que impulsionaram a Revolução até Julho, agora pareciam voltar com a mesma intensidade, só que em sentido contrário. “[...] Você não pode represar tal maré em refluxo [...] Resistir até a onda de reação esgotar-se, preparando enquanto isto pontos de apoio para um novo avanço” (TROTSKY, 2007, p.701).

Sob fogo cruzado, as massas, em sua jornada de Fevereiro a Julho, pararam um pouco para logo depois continuar. Quem pára sobre a areia da praia e é pego pela vazante, que rouba a terra sob seus pés, fica em desequilíbrio. Nesse momento, um evento acidental parece *dar cabo* de tudo que havia sido feito e do muito por fazer. Mas, para quem pretende enfrentar o mar, não se pode parar nas suas espumas. É possível confirmar isso pelas Grandes Navegações dos séculos XIV e XV, e por todas as revoluções, demonstrando que as ideais e os sentimentos humanos podem ser abalados diante dos desafios para se fortalecerem e se erguerem com mais força logo em seguida. “[...] Apenas ao se fazer isto se pode lembrar que o desenvolvimento político das massas realiza-se não numa linha reta, mas numa curva complicada. E não é este, afinal, o movimento essencial de todo o processo material? [...]” (Idem, *ibidem*).

O passado não se dilui no presente. As velhas crenças são como fantasmas atormentando as novas gerações. As massas, com esforço, vão abrindo um novo caminho, mas enquanto este não se revelar em sua plenitude, o velho, com o seu cheiro de mofo, causa mal-estar e desapontamentos que favorecem a ascensão de toda a sorte de preconceitos da velha sociedade, que mesmo se debatendo sabe e pode se agarrar a eles como alguém que se afoga luta desesperadamente por encontrar algo em que se agarrar. Os inimigos da revolução

souberam se agarrar aos preconceitos da velha sociedade e utilizá-los contra a revolução e contra os bolcheviques.

Depois de aturar por um longo período Kerensky, junto com os seus aliados, que tentava conduzir as massas como *bois de moenda, essas, agora teriam* que enfrentar o general Kornilov, o candidato a coveiro da revolução, sua tentativa de golpe despertou nas massas uma reação ainda mais poderosa encabeçada por sua vanguarda e prontamente seguida pelo povo. Trotsky registrou as lembranças de Eugen Slutsky, matemático e economista ucraniano, sobre esse assunto com as palavras de Marx: “[...] uma revolução precisa, de tempos em tempos, do chicote da contra-revolução [...]” (TROTSKY, 2007, p.716).

A figura de Kornilov significava perigo, o que não deixou de ser entendido pelo conjunto dos lutadores que logo foram não só revigorados com novas energias, mas também com enorme capacidade de dimensionar o que estava acontecendo e o que precisava ser feito. Mesmo a revolução se impondo como um gigante devorador de homens, era possível situá-los em duas categorias: os homens que estavam dispostos a ir até o fim, ao sacrifício, e os que sucumbiram aos primeiros sinais de perigo.

Com a multidão de olhos e ouvidos funcionando em sua capacidade máxima, nada escapava aos seus radares e logo passou pela peneira do entendimento o sentido da perseguição aos bolcheviques. Tratava-se de preparar o terreno para dar o golpe de Estado, tudo começava a clarear na cabeça dos operários e soldados:

[...] Lênin então está escondido apenas porque fora covardemente caluniado. [...] Então os bolcheviques não são caçadores de cargos, e são odiados acima de tudo exatamente porque não querem se unir à sociedade de ações chamada coalizão! Esta era a compreensão a que enfim chegaram os operários, agente simples, os oprimidos. [...] junto com um sentimento de culpa pelos bolcheviques, cresceu uma invencível lealdade ao partido e confiança em seus líderes (TROTSKY, 2007, p. 717).

Essa mudança permitiu aos bolcheviques intensificarem a agitação política da luta pelo poder e, em agosto de 1917, o partido pôde realizar um amplo trabalho educacional, que mesmo sob fogo cruzado vindo da artilharia dos conciliadores, resistia firme mirando o futuro com esperança e apostando que toda repressão só poderia servir para fortalecer mais ainda o partido em sua jornada rumo ao poder. Conduzido pelos ímpetus das massas e dos bairros operários, exalava essa disposição. Com sua moral elevada, a tempestade de exigência dos operários, soldados, camponeses, as massas passaram a se confundirem com o bolchevismo. Revolução e bolchevismo se fundiram como água e açúcar em um só conteúdo, só que agora a serviço da Revolução, em suma: “[...] Na História, não apenas o razoável torna-se

despropositado, mas também, quando o curso da revolução exige isto, o despropositado torna-se razoável” (TROTSKY, 2007, p. 718).

A História não pode se valer da magia cinematográfica ignorando as leis da gravidade universal, mas pode recorrer a seu estoque de armas e colocar em campo de batalha essa espada bem afiada, a revolução, que pode romper correntes das forças inimigas convertendo-as em seu contrário, pondo-as a seu favor, porém, como toda arma, a revolução precisa ser conduzida por alguém para melhor executar sua tarefa histórica —edificar uma nova época, *levar a cabo* uma remodelagem total da velha sociedade.

Os eventos da Revolução arrastaram as massas com muita velocidade como uma enorme correnteza levando tudo que encontrava pela frente. Nesse turbilhão, operários e soldados não encontraram tempo para se organizarem em um partido. A dinâmica dos fatos não só lhes roubava o tempo, como o entendimento das necessidades da organização partidária, embora assimilassem em seus desejos as palavras de ordem dos bolcheviques da mesma forma que aceitavam o oxigênio em seus pulmões, mesmo sem saber que essas palavras eram formuladas em um complexo laboratório com base nas experiências coletivas.

Nikolai Sukhanov, historiador e cronista da Revolução Russa, e também menchevique, registrou que:

[...] ‘Sim, os bolcheviques trabalharam zelosa e incessantemente’ [...] ‘Eles estavam entre as massas, nas fábricas, todo dia e todo tempo... Tornaram-se o partido das massas porque estavam sempre ali, guiando nas coisas grandes e pequenas toda a vida nas fábricas e nos quartéis. As massas viviam e respiravam junto com os bolcheviques. Elas estavam totalmente nas mãos do partido de Lênin e Trotsky’ (TROTSKY, 2007, p. 721).

Em setembro de 1917 os bolcheviques romperam as barreiras a eles impostas pelos comitês conciliadores e chegaram aos soldados do *front*. Esses, por seu comportamento contrário à guerra, já vinham sendo taxados de bolcheviques e agora estavam curiosos para encontrarmos tais em *carne e osso*. O encontro pôde clarear melhor a compreensão dos combatentes sobre os fatos. Assim como se mastiga os alimentos facilitando a digestão para melhor aproveitar os seus nutrientes, devemos mastigar também os eventos, as notícias e as novas ideias para utilizá-las da melhor forma aos nossos interesses políticos.

O acesso dos bolcheviques ao *front* oxigenou com novas palavras de ordem as trincheiras cristalizadas pela *mesmice* da guerra, onde pesava como chumbo na mente dos soldados a ideia da morte certa, por deserção, ou uma duvidosa, no combate ao inimigo. A morte convertida em travesseiro para a cabeça dos combatentes, mas com a chegada dos bolcheviques: “[...] Os milhões de cérebros de soldados mastigavam os eventos, faziam o

balanço de sua experiência política [...]” (TROTSKY, 2007, p. 722). Uma forma de se desvencilhar da certeza da morte na guerra era selar a paz, mesmo que fosse uma paz indecente, como afirmou em alto e bom som um soldado ainda exalando o fedor das trincheiras aos soviéticos de Petrogrado, o que causou estupor a seus membros e serviu a toda imprensa burguesa que fez questão de, a todo instante, carregar nas tintas as palavras do orador delegado do *front* sobre a paz a qualquer preço como sendo a máxima expressão da decadência humana e uma completa depravação, não só dos soldados, mas de todo o povo.

Os soldados do *front* sabiam perfeitamente que a guerra não era uma brincadeira de esconde-esconde. Informados e atentos às circunstâncias, sabiam que uma paz só poderia ser nos termos dos opressores, por isso suas palavras escolhidas pela força do momento continham, ao mesmo tempo, um ódio a essa paz, mas também a determinação de que não havia outro caminho a não ser abraçá-la, mesmo com todos os espinhos. A guerra esgotou o Exército e a paz era o que restara a qualquer preço.

A guerra insana esgotara não só o espírito do Exército, mas também de todo o povo e “[...] O povo sabia o que queria, mas não sabia como chamar isto pelo nome [...]” (TROTSKY, 2007, p.725). Somente com o tempo na sua justa medida dos acontecimentos e pela experiência vivida e compreendida poderia impor uma ordenação ao caos.

No início de julho, dois mil mineiros ucranianos juravam de joelhos, por tudo que fosse mais sagrado, dar um combate para além da morte pela liberdade conquistada a preço de sangue em Fevereiro de 1917. O curioso é que esse juramento era contra os bolcheviques e lealdade aos conciliadores. Mas, como saber o que quer não significa saber o seu nome, os mineiros, em palavras, distanciavam-se dos bolcheviques, mas, em ação, iam céleres justamente para a sua revolução.

A História tem, também, suas ironias, e, da mesma forma que na natureza o caju por muito tempo com a sua pujança, faz ignorar a castanha com o seu líquido ácido, mas que contém um caroço precioso para quem sabe procurá-lo. A casca se rompe e o caroço contém o germe do futuro, o que não significa que a casca não tenha o seu valor, mas é o caroço que nos traz o que deve ser o amanhã: “[...] A casca de fevereiro e o caroço de outubro aparecem neste quadro ingênuo e entusiasta tão claramente de modo que esgota todo o problema da Revolução permanente” (TROTSKY, 2007, p.725).

No primeiro momento, ainda encantadas pelos primeiros acordes da Revolução, as massas se declaravam confiantes tanto nos mencheviques como nos socialistas revolucionários. Tais partidos eram fervorosos em elogiá-las por sua inteligência, mas quando

a *moenda da história* foi triturando as ideias com as pedras dos eventos, as massas foram, pela força dos acontecimentos, obrigadas a *virarem as costas* a esses *príncipes do galanteio* e a se voltarem rapidamente para os bolcheviques, o que despertou a fúria dos conciliadores, crendo que o seu fracasso nada mais era do que o fruto da ignorância do povo. “[...] Mas as massas não concordavam que tinham ficado mais ignorantes. Pelo contrário, parecia a elas que agora entendiam o que não tinham entendido antes” (TROTSKY, 2007, p.726).

Era justamente esse entendimento que impulsionava as massas para terminarem o que haviam começado em Fevereiro, o avanço na consciência se revelava nas pegadas firmes do povo em sua marcha rumo ao poder.

Definitivamente imperava uma completa incompatibilidade entre a influência política dos bolcheviques com os meios e métodos de sua agitação. Isso se acentuou mais profundamente logo depois dos ataques de julho, quando sua propaganda escrita se reduziu pela metade. Em agosto, o seu material impresso era insuficiente. Quando o partido ganhou, os sovietes de Petrogrado e Moscou, o dinheiro em caixa era uma insignificante quantia.

Para completar o quadro, quase toda uma geração de velhos bolcheviques que haviam participado da Revolução de 1905, tinham se dedicado a cuidar da própria vida e se encontravam em cargos no Governo sem nenhum interesse em tramar contra o seu patrão. Somando-se a isso, existia a falta de jornalistas, oradores ou agitadores para responder às demandas dos bolcheviques. “[...] ‘Não há dirigentes; não há gente politicamente educada que possa explicar às massas o que os bolcheviques querem! ’[...] esse alerta ecoava pelos lugares mais distantes, principalmente do front” (TROTSKY, 2007, p.741).

A questão é, como, em condições tão limitadas por escassez de gente e material impresso, fosse possível fazer com que as ideias e palavras de ordem bolcheviques penetrassem na audição do povo? Simplesmente porque as palavras de ordem estavam em inteira correspondência com as demandas essenciais da classe em ascensão ao poder. Por isso, não encontraram dificuldades em criar os seus caminhos. “[...] Um meio revolucionário efervescente é um alto condutor de idéias. Os jornais bolcheviques eram lidos em voz alta, até ficarem aos pedaços. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 741).

Uma explicação simplificada para o sucesso do bolchevismo se ancorava justamente na simplicidade em suas palavras que se harmonizavam com os anseios das massas, o que não deixava, de certa forma, de ser verdade. Contudo, o que realmente marcou o bolchevismo foi o seu chamado para a amplidão da vida e da liberdade. Suas palavras de

ordem não estavam sob o controle da bitola da propriedade privada, a qual os demais partidos eram obrigados a se restringirem.

Todos eles, desde os Democratas, Socialistas Revolucionários, os Maximalistas e, até mesmo, os Anarquistas pela esquerda, *batiam asas* como um filhote de pássaro que ainda não aprendera a voar. Não saíam um palmo do chão, acorrentados ao tronco da propriedade privada, e como “[...] Os trabalhadores são guiados em sua luta não apenas por suas reivindicações, não apenas por suas necessidades, mas por suas experiências de vida [...]” (TROTSKY, 2007, p.742). É bem verdade que as reivindicações imediatas são essenciais para a luta dos trabalhadores, contudo, são indubitavelmente fundamentais as reivindicações históricas, aquelas que estão associadas com a sua longa experiência de vida, de geração em geração, e que, portanto, a propriedade privada dos meios de produção e a democracia dela advinda impeliam as massas a procurarem novas experiências, com independência e livre das amarras da velha sociedade de proprietários. Era justamente nessa independência que as massas buscavam o ponto de partida dos bolcheviques, e que se revelou como uma de suas armas mais poderosas contra seus oponentes.

Numa revolução, a munição mais utilizada são as palavras por todos os lados em luta, não é possível se esquivar dessa lei. Porém, ao contrário dos mencheviques e Socialistas Revolucionários, que em suas agitações espalhavam palavras a ermo, sem firmeza e sem o direcionamento prévio, caindo, muitas vezes, aos *pés* dos atiradores, de tão anêmicas de verdade. Já os bolcheviques, agitavam de forma concentrada e planejada, não fugindo dos problemas difíceis de resoluções, ao contrário, iam de encontro a eles.

A imprensa do partido não se intimidava ante aos desafios, não deformava a realidade, não criava subterfúgios nos combates, não buscava vitória pelo tom da voz, mas pelos argumentos. “[...] A escola de Lenin era uma escola de realismo revolucionário [...]” (TROTSKY, 2007, p. 743). Não era suficiente dá o combate, mas, sobretudo, ensinar e educar os combatentes os caminhos da vitória.

A miopia é, sem dúvida, a marca das revoluções, por isso o realismo político carece de um longo objetivo sem o qual não há previsões, e, sem previsões, a política se dilui no economicismo da imediatividade.

Por todo o mês de agosto de 1917, o partido pedia cautela aos operários e soldados para não caírem em provocações e assim esperarem o momento da batalha final. Contudo, os próprios bolcheviques sabiam que o acúmulo de forças só poderia vir da luta direta e não de sua fuga. Para Lênin, a teoria e o conhecimento da realidade servem somente

como guia para a ação, daí ao estudar uma determinada realidade pensava o partido não como mero contemplador, e sim como força viva e ativa. Por isso, o seu completo desacordo com os iluminados que coroam a teoria como a máxima expressão de hábeis e bem elaborados comentários de passividade humana.

[...] A prudência é um freio e não uma força motora. Ninguém jamais fez uma jornada sobre freios, e ninguém jamais criou algo da prudência. Mas os bolcheviques que sabiam bem, ao mesmo tempo, que uma luta exige um cálculo de forças – que se deve ser prudente para ganhar o direito de ser audaz (TROTSKY, 2007, p.747).

Em política, assim como na natureza, nada se perde e tudo se transforma. É bem verdade que os agentes da transformação na política não são submetidos às mesmas leis naturais, mas sim, às leis sociais advindas do conhecimento, da educação e da cultura que moldam a conduta humana. Os bolcheviques aprenderam com a História a juntar a intransigência revolucionária com a capacidade de flexibilidade. Era, então, na justa medida dessa combinação que residia o maior segredo da força desses tenazes combatentes pelo socialismo.

A *balança da história* também tem dois pratos. Se do lado do proletariado havia dois pesos como Lênin e Trotsky, do lado da burguesia havia Kerensky e Kornilov, os quais representavam duas vias para o mesmo destino, a derrota da Revolução. A primeira, uma caminhada mais longa, e a segunda, uma chegada mais rápida. Eles divergiam sobre os métodos para sufocarem a revolução, o que os levará a entrar em conflito em agosto. Aos bolcheviques, seria preciso combater a via mais rápida —Kornilov—, para depois cuidar da mais longa – Kerensky. Era preciso, para além do diagnóstico do mal que ameaçava o corpo, um tratamento adequado, para o enfrentamento de uma doença crônica, que traria a eminência de morte. O General Kornilov era um perigo a *um palmo do nariz* da Revolução. Tinha que ser abatido, depois seria a vez de Kerensky. Mas, Kornilov era agora, ao mesmo tempo, inimigo da revolução e de Kerensky. Assim, este poderia se tornar um aliado momentâneo contra o general.

[...] ‘Lutaremos, estamos lutando contra Kornilov’, escreveu Lênin, ‘mas não apoiamos Kerensky e, sim, expomos sua fraqueza. É uma coisa diferente [...]’ [...] ‘Ao combater Kornilov, o proletariado lutará não pela ditadura de Kerensky, mas por todas as conquistas da revolução’[...] (TROTSKY, 2007, p. 751-52).

Nesse momento da História há uma exigência perversa dos fins. O partido tão vilipendiado e perseguido pelo Governo de Kerensky, agora estava na *linha de frente* para

salvá-lo de ser esmagado pelas botas de Kornilov, mas o fez com um único propósito de destruí-lo politicamente logo depois.

As revoluções, uma vez postas em marcha, resultante das classes em luta pelo poder, ora parecem estar no momento final do triunfo de uma ou de outra classe, ora parecem terem feito fuga para o ar ou para os subterrâneos, ou até mesmo desaparecido, somente para em seguida ressurgirem com força total pelas massas de indivíduos condutores da História geral.

As torrentes dos eventos, tanto pequenas como grandes, sacodem infatigavelmente os partidos de massa, arrastando sua militância no faro de sua política, mas não necessariamente empunhando suas bandeiras.

No começo de julho de 1917, dois mil mineiros, sob os olhares de cinco mil pessoas, juravam defender com a própria vida a liberdade conquistada em Fevereiro. Toda a força desse juramento ocorria em marcha com os conciliadores. Em setembro esses mesmos mineiros deram as costas aos conciliadores porque as circunstâncias haviam mudado e os eventos os obrigavam a apurar o faro, pois o que eles procuravam estava agora com os bolcheviques.

Kerensky se comportava como uma doença crônica que pode, de certa forma, ser suportada por algum tempo sob tratamento. Kornilov estava para uma doença aguda que exigia uma rápida resolução pelo perigo imediato, e, nessa luta contra esses inimigos, uma ação teria que ser hierarquizada na linha de combate, o perigo eminente viria primeiro. Os bolcheviques não procuravam uma linha de menor atuação, não capitulavam seguia firmes perseguindo seus próprios objetivos.

O perigo do General Kornilov chamara as massas para o *palco da luta*, que novamente deu poder aos soviets da forma como era antes da crise de Julho. Assim, no fim de agosto, as massas avançaram na sua experiência com os conciliadores, os quais em março não tiveram problema em passar o poder do proletariado para a burguesia, mas, em agosto, resistiam em fazer o contrário, passar o poder das *mãos* da burguesia para as do proletariado.

Lênin sabendo ser prudente quando necessário e audaz quando preciso, sem tirar os *olhos* do movimento da realidade, e, ao mesmo tempo, sem abandonar o seu projeto estratégico, imprime novas mudanças em sua política em consonância com as mudanças das circunstâncias. A palavra de ordem, *todo poder aos soviets*, fora lançada antes de julho, sendo suspensa quando esse órgão se convertera em força pró-burguesa. Mas, no final de agosto, transformou-se em bastião de luta contra a burguesia e novamente foi retomada para

forçar mais uma experiência das massas com as suas direções. *Todo poder aos Sovietes* empurrava os conciliadores para uma decisão: ou a trincheira da burguesia ou as fileiras do proletariado. A história com sua corda, pela força da revolução apertava o pescoço dos defensores da democracia burguesa e da conciliação de classes.

A revolução, assim como a luz do sol, deixava claro que nem a burguesia tampouco os conciliadores, podiam dar o que o povo exigia nas ruas. Apesar de terem vivido uma amarga experiência com a tentativa de golpe do General Kornilov, os conciliadores de forma alguma podiam enxergar os caminhos da Revolução, que colocara pelas *mãos da história* essa incumbência ao Partido Bolchevique.

Como os conciliadores rejeitaram transmitir o poder aos soviets, essa palavra foi novamente suspensa. Mas, para voltar logo em seguida, quando os bolcheviques, pela sua força, passaram a ser maioria nesses órgãos, ganhando, então, um novo significado, “[...] todo poder aos soviets bolcheviques [...]” (TROTSKY 2007, p.753). Agora o pacifismo evaporava como água em *chapa quente* com a aproximação do calor com a insurreição. “[...] O partido se lançou no caminho da insurreição armada através dos soviets e em nome dos soviets” (TROTSKY, 2007, p.753).

Estamos nos aproximando de outubro de 1917, mas é muito importante compreender o que foi Fevereiro, que com a passagem dos dois mil mineiros ucranianos diante de uma plateia de cinco mil pessoas em celebração à liberdade conquistada com a queda do czar, isso pode ser simbolizado como um marco do poder do proletariado indo para a mão da burguesia.

Em abril, Lênin formula suas teses que cortam como *chicote de fogo* os militantes do partido, quando colocava a questão do poder na ordem do dia e impulsionava as jornadas de Julho, de certa forma compreendida como uma emboscada da História — mais ou menos uma passagem da história em que os eventos se articulam para repetirem um acontecimento do passado por suas semelhanças históricas —, mas que a experiência dos revolucionários, pela compreensão do passado evitou que se repetissem da forma que se dera no passado.

Em julho, o partido evitou que a contrarrevolução fosse vitoriosa. Prova disso é que em agosto o General Kornilov, por meio da conspiração, tentou assaltar o poder, pois somente aqueles que querem o poder tentam se equilibrar em um fio tão perigoso como o da conspiração para se chegar ao poder. “Se o levante de julho foi uma semi-insurreição, em certo grau, a vitória da contra-revolução foi uma semi-vitória” [...] (TROTSKY, 2007, p. 754).

Uma revolução como produto da luta de classes pelo poder não pode correr livre como um poldro pelas campinas. A reação está sempre no seu encalço, puxando-lhe para trás, com avanços e recuos, a depender não só das suas próprias forças, mas também das forças da reação, por isso uma de suas marcas são reações intermitentes até a vitória.

A semivictória da reação em julho não apagou o duplo poder. Nas fábricas, a burguesia não controlava os operários. No campo, o direito dos latifundiários não se efetivava. Nos quartéis, os oficiais não tinham firmeza perante os soldados. “[...] Mas o que é o poder se não é a possibilidade material de dispor do direito de propriedade e da força militar? [...]” (TROTSKY, 2007, p.755). A resposta a essa pergunta reside em compreender a luta de classes. A coisa em essência se revela quando se torna possível ver que por trás dos Soviéticos e do Governo se ergueram dois regimes díspares, cada um sobre os ombros de sua classe —o Regime da República Burguesa, projetando-se por cima com sua força descomunal, e o Regime da Democracia Operária, organizando-se por baixo. Esse duplo poder teceria uma *queda de braços* entre as duas classes em luta, que não poderiam ficar no meio termo, visto que essa disputa tenderia a ficar cada vez mais acirrada e violenta até explodir com um dos lados vitoriosos.

O General Ivanovich Denikin, um dos primeiros generais do Exército Branco na Guerra Civil, escrevera em tom de sermão adocicado: “[...] ‘Em 1º de setembro, o general Kornilov foi preso e, em 4 de setembro, Bronstein —Trotsky foi solto pelo mesmo Governo Provisório. Estas duas datas devem ficar na memória da Rússia.’[...]” (TROTSKY 2007, p.761). O General estava correto, só acrescentaríamos que esse episódio não deve ficar somente na memória do povo Russo, mas também de toda a humanidade, pois em quais circunstâncias um General comandante a serviço do Estado burguês se torna prisioneiro e ao mesmo tempo um comandante da Revolução ganha liberdade por ordem de um Governo Provisório que está a serviço da burguesia?

Kerensky não tinha intenção de mudar o seu curso, pelo contrário, insistia em um novo governo de coalizão. Mas, a ideia era tão ruim que os próprios socialistas revolucionários não tinham acordo em formar um governo com os Kadetes que estavam juntos a Kornilov na conspiração para tomar o poder. Mesmo assim, o General Alexeiev, o herói dos Kadetes, fora nomeado chefe do Exército. Depois desse fato, Kerensky ordena ao Exército e à Frota a porem fim a toda luta política entre as tropas. Ao mesmo tempo, no dia da libertação de Trotsky, exigia que o Comitê Militar fosse paralisado em suas atividades. Porém, a resposta dos soviéticos em Petrogrado foi rápida em forma de resolução: “[...] ‘Não

dissolver as organizações revolucionárias de combate à contra-revolução’[...]” (TROTSKY, 2007, p.762). Essa decisão vinha de baixo, mas tinha tanta força que obrigou o conciliador Comitê Militar Revolucionário, a ignorar as ordens de Kerensky, o qual não teve outra saída a não ser aceitar em silêncio.

Assim, temos o seguinte cenário político:, um general sendo preso por um lado e um comandante revolucionário sendo solto por outro; rejeição da ordem do Governo Provisório e o pedido de ajuda aos bolcheviques para pacificar as forças armadas, tudo isso acontecendo em setembro de 1917 e *correndo* para outubro —o Outono estava próximo, logo chegaria.

Lênin ainda se encontrava foragido. As acusações contra os bolcheviques não haviam sido retiradas. Trotsky, então, a sua maneira, respondeu sobre ajudar o Governo a expurgar da guarnição os provocadores e espões.

[...] Vocês esquecem então que eu fui indiciado sob o artigo 108?... Na luta contra o linchamento percorreremos nosso próprio caminho... não lado a lado com o Procurador Geral e o Serviço de Inteligência, mas como um partido revolucionário que esta persuadindo, organizando e educando (TROTSKY, 2007, p.762).

Como podemos ver, os bolcheviques continuaram resistentes e não se deixaram infectar pelo Governo de plantão, até mesmo diante de ideias como inocular princípios saudáveis no Exército.Sem deixar nenhuma palavra cair ao chão, compreendiam que o saudável para o Governo não era da mesma forma saudável para o povo.A doença que acometia as forças armadas era justamente a inquietação das massas exploradas e oprimidas sob o regime burguês com sua democracia de bonança aos proprietários e escassez aos trabalhadores.

Persuadir, organizar e educar operários, soldados, camponeses e as massas em geral nunca foram tarefas simples, mas os bolcheviques nisso tiveram ajuda ao abraçar o método materialista. Lênin, com esse método, fez escola, na qual imperava a eterna vigilância à realidade *levada a cabo* por pessoas que tomaram a decisão de conduzir a luta até o fim — fazer o que tem que ser feito, aconteça o que acontecer. Quanto aos liberais e conservadores, por seus métodos, a História reservou no momento das revoluções apenas mecanismos que os permitiam dar respostas ao imediato, às demandas do momento, o que não podia ser de outra forma, pois o programa reformista para a ordenação social não se sustenta com a evolução da sociedade arrastada pela revolução. “[...] Os partidos que a evolução não deixou qualquer futuro nunca se provam capazes de ver a realidade —como um doente incurável não se trave a encarar sua própria doença” (TROTSKY, 2007, p. 766).

Não encarar a doença não significa necessariamente se render à morte. Assim os conciliadores e os liberais tentavam sua última cartada, governar em nome de todos, porque não podiam governar só sem o consentimento dos oprimidos e deserdados.

Todos os partidos que não encontravam vaga na locomotiva do futuro lutavam desesperados por uma carona. Como a embarcação de Kornilov havia afundado, apegavam-se à realização de uma Conferência Democrática que desembocou em um Conselho da República ou em um pré-Parlamento, órgão que representaria todo o povo até a formação de uma Assembleia Constituinte.

Em 20 de setembro de 1917 o Partido Bolchevique chamou uma conferência para decidir se entrava nesse pré-Parlamento. Trotsky, na condição de relator de Comitê Central, chamou o boicote ao pré-Parlamento, o que dividiu o Comitê que encaminhou a decisão à conferência do partido que rejeitou o boicote.

A História costuma fazer *exumação* do passado para lembrar aos mais velhos e ensinar os mais novos como os eventos costumam correr pelos seus trilhos. Essa discussão de participar ou não do Parlamento burguês parecia um debate tático. “[...] Na verdade, a disputa reavivava os desacordos de abril e iniciava os desacordos de outubro. A questão era se o partido deveria acomodar suas tarefas ao desenvolvimento de uma República Burguesa, ou deveria realmente fixar a meta da conquista do poder. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 772).

Em abril daquele ano, Lênin teve que fazer um esforço hercúleo contra tal política de entrar nessa fortaleza da burguesia para *acomodar a cabeça no travesseiro da conciliação*, largando a ação revolucionária para *vestir o pijama* de oposição acusadora.

Lênin era pelo boicote assim como Trotsky. Assim, chamou o partido a ir aos soviets de operários, soldados e camponeses, ao sindicato, às massas e chamá-los à luta: “[...] Expulsar o bando bonapartista de Kerensky com seu pré-Parlamento falso... [...] Expulsão implacável deles (mencheviques e socialistas revolucionários) de todas as organizações revolucionárias!... [...]” (TROTSKY, 2007, p.772).

Lênin estava furioso e quanto mais a questão era aprofundada nos organismos do partido, mais a correlação de forças em prol do boicote ia ganhando espaço. Que prato poderia ser cozido na *panela* da Conferência Democrática em Petrogrado? Os *cozinheiros* conciliadores somente poderiam ser surpreendidos como foi Kerensky na parada em Moscou para um chamado, a unidade nacional que resultou em uma *sopa fria*, sem sal, na bandeja da revisão e da prostração política do Governo. “[...] Se a Conferência de Estado deu ímpeto à

insurreição de Kornilov, a Conferência Democrática finalmente limpou o caminho para a insurreição bolchevique” (TROTSKY, 2007, p.771).

Todo o arsenal da burguesia possuidora levado ao campo de batalha pelos liberais e conciliadores estava dando forte sinal de esgotamento. As demandas da vida substância da história humana exigiam das ações dos homens um mínimo de respeito com a evolução do curso da vida arrastada pelas revoluções *levadas a cabo* pelas classes em luta. Engels, em sua introdução da obra *Lutas de Classes*, na França de Marx (1895), em menos de duas décadas da grande Revolução Russa de 1917, constatava que a Comuna de Paris (1871), assim como a revolução de 1848, um Governo da classe operária seria impossível pelas condições materiais, pois “[...] o nível do desenvolvimento econômico no continente naquela época nem de longe estava maduro para a eliminação da produção capitalista; ela [a história] provou isso mediante a revolução econômica que tomou conta do todo continente a partir de 1848[...]” (MARX, 2015, p. 16).

Primeiro os escravos, depois os servos e, por fim, a classe operária sob o mundo civilizado vem sendo o *burro de carga* das classes possuidoras que na contemporaneidade são representadas pela educada Burguesia Liberal.

Assim como a Idade da Pedra não foi superada por falta de pedras, mas sim porque outros materiais mais adequados ao domínio do homem sobre a natureza se impuseram, a escravidão, como modo de produção dominante, não sucumbiu por falta de escravos, mas porque teve que dar passagem a um modo superior, o feudalismo, que não foi trazido pelos ventos, ou ao toque de uma vara mágica, mas pelos embates entre senhores de escravos e escravos, que elevado ao ápice das contradições por sua inviabilidade econômica, contraiu matrimônio com a morte política.

A República Burguesa teve que recorrer aos camponeses para remover o *entulho* do feudalismo da *estrada da história* para seguir viagem, sendo que os camponeses não tinham como objetivo fundar a República, mas sim se livrar do jugo dos proprietários de terras, contanto que a República fosse o meio para tal fim que viesse a república.

Há muitos séculos, antes da República de Weimar, disse Maquiavel: “[...] ‘Quem quiser fundar uma república num país onde há muitos nobres, não pode fazer isto antes de exterminá-los todos’ [...]” (TROTSKY, 2007, p. 786). E os camponeses russos, mesmo sem saberem da existência dessa máxima maquiavélica, tinham pleno acordo com ela e demonstravam isso a cada revolta para se libertarem da exploração da nobreza.

Se a ressurreição nos permitisse dar um sopro de vida por uns instantes a Maquiavel, perguntando-lhe: E se a pretensão for fundar o comunismo será preciso antes exterminar todos os capitalistas? Como sabemos a ressurreição não foi democratizada para os mortais comuns, e não vamos poder contar com essa resposta do renascentista florentino que está morto há quase quinhentos anos.

A História pode nos dar pistas de como encontrar os caminhos para a realização dessa tarefa. É bem verdade que os métodos de luta se modificam de acordo com os tempos, e cada revolução tem suas exigências, mas a História não deixa de ser uma boa e velha professora.

Na Revolução Russa, os camponeses encontraram uma boa fórmula social e matemática que nos ajuda. Para eles, era assim a justificativa da tomada da propriedade:

[...] O proprietário era nosso, trabalhamos para ele, e o domínio que ele possuía, pertencia a nós somente'. Outrora, o nobre costumava dizer aos servos: 'você são meus e tudo que é seu é meu'. Agora os camponeses davam sua resposta: 'Ele era nosso senhor e todos os seus bens eram nossos (TROTSKY, 2007, p. 793).

Consonante com essa compreensão, seguiram-se os saques e a destruição da propriedade dos nobres. Essas atividades destrutivas se encontravam no DNA dos camponeses, pois sempre foram, há séculos, as estratégias utilizadas pelos mesmos para não deixarem nada que pudesse abrigar os seus inimigos. Alguns mais preocupados com os desafios futuros apelavam para não destruírem os edifícios, mas utilizá-los como hospitais, escolas ou outras funções sociais. No entanto, a maioria se mostrava decidida pela completa destruição sob argumento de que o inimigo não encontrasse, de maneira alguma, nenhum tipo de esconderijo.

Os soldados também já haviam compreendido, em suas batalhas, a não deixarem o serviço pela metade, por isso, afirmavam: "Se você destrói o ninho dos lobos, precisa estrangular os lobos também" (TROTSKY, 2007, p. 793). Assim, aos latifundiários restavam enfrentara morte ou fugirem. A fuga era o caminho mais provável. A guerra havia ensinado a esses homens do *front* um método decisivo e violento nos assuntos com pessoas já habitadas a um diálogo com rifles e baionetas.

A violência, como método de intervenção na realidade, sempre foi condenada, principalmente por aqueles que querem preservar o modo de escravidão assalariado, mas a violência por parte dos escravos. Porque sendo em nome da ordem burguesa, deve ser bem-vinda, ou seja, aquela em favor da manutenção da classe possuidora é aceita como legítima. Não faltaram críticos aos soldados russos por seu comportamento violento, vindos da

burguesia que os nomeava de bárbaros, mercenários e saqueadores. Mas, por trás de todo esse palavreado, um pequeno detalhe era omitido sobre esse comportamento arbitrário das tropas russas. Os soldados apenas agiam em nome da maior revolução agrária da História da Humanidade até então posta em curso pela força dos camponeses.

Não só nas fábricas com os operários, mas, também, com os camponeses o Partido Bolchevique mostrava a sua força por defender uma política correta, e assim: “[...] Como as correntes de ar levam as sementes, os turbilhões da revolução espalhavam as idéias de Lenin” (TROTSKY, 2007, p.801). Os ventos de Outubro se avizinham e o Outono para os camponeses é tempo para a colheita política, tudo deve ser concluído. O movimento ganha novos contornos, a prudência e o pacífico se evaporam com o calor da ferocidade, a fúria invade os corações e mentes, e as armas tomam seus postos, o fogo consome as moradias, os latifundiários são banidos, a terra é limpa e, em muitos lugares, é regada com o próprio sangue.

O paraíso dos nobres se convertera em um inferno. A imprensa liberal não tinha outro assunto que não fosse a lamentação da destruição do mundo dos educados, não só a imprensa, mas: “[...] Historiadores burgueses tentaram pôr a responsabilidade sobre os bolcheviques pelo “vandalismo” do modo dos camponeses em ajustar contas com a “cultura” de seus senhores[...]” (TROTSKY, 2007, p.810). No final das contas, o que os camponeses russos estavam fazendo em 1917 era apenas terminando uma tarefa interrompida há muitos séculos, quando não havia nenhuma perspectiva dos bolcheviques darem sinal de sua existência sobre o Planeta. Eles *levavam a cabo* o seu compromisso com a História da evolução humana. Para tanto, recorriam aos únicos meios ao seu alcance. “[...] Com o barbarismo revolucionário, ele estava eliminando o barbarismo medieval [...]” (TROTSKY, 2007, p.810). Até porque para o camponês que viu os seus pais e avós serem tratados como animais de carga, sem dó nem piedade, agora era uma boa oportunidade para retribuir o tratamento dado aos seus antepassados.

Provavelmente, os sinos dos templos medievais não dobraram pelos milhares de camponeses massacrados quando lutavam contra a miséria, a fome e a exploração dos senhores feudais, no que passou para a História como a *Revolta dos Jacques*, na segunda metade do século XIV, na França. Isso não impediu que uma alma cristã, um monge deixasse registrado em suas crônicas essas palavras: “[...] ‘Eles fizeram tanto mal ao país que não havia necessidade da chegada dos ingleses para destruir o reino; estes nunca puderam fazer o que foi feito pelos nobres da França’ [...]” (TROTSKY, 2007, p. 810). Justamente os nobres,

aqueles que a seu tempo eram proclamados como defensores dos fracos e desprotegidos, das mulheres e das crianças indefesas.

Mas, como há sempre alguém mais apressado, e a história não nos deixa mentir, na Comuna de Paris (1871) a burguesia deixou para trás os nobres franceses no quesito brutalidade e barbarismo conquistando o primeiro lugar no *pódio* da degradação humana.

Quase cinco décadas depois da Comuna, ainda sentindo o cheiro de sangue dos comunardes, e sabendo da capacidade de seus inimigos, a direção dos operários, e os próprios operários russos junto aos camponeses, puderam impedir que esses sucumbissem a essa amarga experiência da História. Não precisaram reviver a essa aula de barbárie justamente daqueles que se proclamavam defensores da humanidade e da cultura —os paladinos da democracia liberal burguesa.

A burguesia, mesmo com o seu *canto de sereia*, prometendo um futuro de prosperidade, não convencia os camponeses que se posicionaram nas trincheiras da reação contra os burgueses, até mesmo se revelando os mais audazes na luta contra os proprietários. “[...] A revolução camponesa, rejeitada assim pela burguesia, deu as mãos ao proletariado industrial [...]” (TROTSKY, 2007, p.811).

Essa unidade camponesa operária deixou os séculos passados na poeira e colocou o século XX como uma época marcada por uma inovação histórica. Os camponeses haviam entendido que, para plantarem e colherem em paz em suas terras, os operários tinham que tomar a direção do Estado. Aqui está revelado mais um segredo da história das revoluções, não a burguesa especificamente, mas a revolução proletária, eis a fórmula aritmética da Revolução de Outubro —a unidade entre camponeses e operários pode ter como resultante o poder nas mãos dos oprimidos.

Não há dúvidas de que na comunicação humana o instrumento essencial é a linguagem e conseqüentemente, a existência de uma base econômica que possa resultar na sua viabilidade, portanto, no domínio da política, se considerarmos a determinação de Lênin, que de certa forma política é economia concentrada. Política encarada como um conjunto de ideias, dos métodos das organizações que norteiam as ações dos homens de forma coletiva, no conjunto de suas práticas, na construção, manutenção e condução da vida em sociedade (TROTSKY, 2009).

Os bolcheviques se opuseram com firmeza ao desejo da burguesia de conceder, de forma arbitrária, uma cidadania, uma linguagem estatal a uma minoria, encerrando-a numa nacionalidade determinada. Assim, foi de suma importância recorrer à organização e à

disciplina voluntária de classe dos operários, não só de uma nacionalidade, mas de várias ao mesmo tempo. Dessa forma, é possível entender: “[...] Uma organização revolucionária não é o protótipo do Estado futuro, mas apenas um instrumento para sua criação. Um instrumento deve ser adaptado à fabricação do produto; não deve incluir o produto [...]” (TROTSKY, 2007 p.817).

Pode ser um erro danoso confundir um instrumento com os fins para os quais ele foi idealizado e objetivado. É bem verdade que não pode haver uma incompatibilidade entre a forma e o conteúdo maior que o permitido pelo próprio processo que está em curso, o qual exige um grau de compatibilidade entre os fins e os meios. Ponderando sobre o combate aos Estados Nacionais, ficou claro que: “[...] Apenas uma organização centralizada pode garantir o sucesso da luta revolucionária – mesmo onde a tarefa é destruir a opressão centralizada das nacionalidades” (TROTSKY, 2007, p. 817).

Os limites da democracia formal, quando proclama direitos iguais para todos, apresenta a forma vazia de conteúdo. Essa utopia reacionária do ideário econômico capitalista se evapora como *gotas de água em chapa quente*. Assim, uma revolução encontra sua razão de ser justamente por não aceitar mais viver de esmolas e de promessas nunca cumpridas. Não se pode negar que esse regime, com sua liberdade de imprensa e reunião, pôde, de certa forma, oportunizar as nações atrasadas e oprimidas uma maior consciência do tamanho das suas privações e das condições mínimas para o seu desenvolvimento cultural.

A luta por liberdade na *arena da história* humana não tem *rounds* cronometrados como em uma luta de Box, na qual há um juiz e tempo determinado para anunciar um vencedor. A guerra do trabalho contra o capital, que se inicia com as sociedades modernas, está longe de acabar. Muitas batalhas já foram travadas, e, a cada vitória parcial do trabalho, o capital se recompõe mesmo desgastado. Para cada derrota parcial do trabalho, brota-se um aprendizado para ecoar logo em seguida sua disposição para novas batalhas, porque ao contrário do capital, o trabalho, pode contar a História sem ele, mas o capital não pode seguir sem o trabalho. Essa batalha não está fadada ao infinito e há de chegar a um desfecho. Então, veremos qual dos dois resistirá aos caprichos da História e passará pelo seu *funil*.

Quando a Revolução de Fevereiro pôs a Monarquia no *chão* e a *poeira* de sua queda começou a baixar, o proletariado passou a ver muitos inimigos que antes não estavam no *horizonte de sua espada*. Assim foi para a luta por igualdade de direitos nacionais, ou seja, o fim dos privilégios da nação dominante. A derrota da Monarquia revelou que tais privilégios se ancoravam não só nos seus ombros, mas também contava com o apoio da Burguesia

Liberal, da Pequena Burguesia e, o mais espantoso ainda, com o apoio de um setor operário que, embriagado pelo patriotismo e por sua posição privilegiada, fazia-se, às vezes, de *capitão do mato*.

Stalin, que gostava de saborear a democracia das nações dominantes, acreditava que seu paladar poderia ser estendido para as nacionalidades oprimidas, como se, mecanicamente, países democráticos, tais como Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e França, prolongassem essa democracia como um *guarda-chuva* sobre a *cabeça* das nações pobres do resto do mundo. “[...] O caráter combinado do desenvolvimento histórico que une ‘democracia’ com estrangulamento de nações mais fracas, continuou para Stalin um livro fechado”(TROTSKY, 2007, p. 829). Não só para ele, mas para aqueles que costumam ver o mundo com os óculos dos liberais.

O desenvolvimento da Indústria, na segunda metade do século XIX, pôde *jogar luz* sobre duas classes antagônicas: a burguesia com sua coroa, o capital e o proletariado, com sua espada, o trabalho, fonte da riqueza que constitui a coroa da burguesia. Esta, há séculos, havia conquistado um solo firme para assentar os seus *pés*. Assim como o filho de Gaia Anteu, que só tinha poderes junto à sua mãe terra, o capitalismo só sobrevive sugando o trabalho alheio. Da mesma forma que a moderna indústria trouxe à tona o proletariado, concedeu-lhe terra firme para que pudesse se *pôr de pé*, e, assim, lutar por sua emancipação do jugo da burguesia.

A luta na Rússia, a princípio, foi conduzida em conjunto com a burguesia, que, por estar atrasada, não conseguia acompanhar o passo da História sem a ajuda do proletariado. A velha Rússia dos Tzares, em descompasso com a história do desenvolvimento do capitalismo, precisou saltar algumas fases do desenvolvimento histórico recorrendo a duas classes antagônicas mediadas pelo campesinato, valendo-se de partidos e programas que tinham como base as ideias e os métodos de Marx.

A compreensão desse movimento histórico foi perfeitamente percebida no momento em que:

A irrevogável e irresistível passagem das massas das tarefas mais rudimentares da emancipação política, agrária e nacional, e a abolição da servidão, à palavra de ordem de ditadura do proletariado procedia não da agitação ‘demagógica’, não de esquemas pré-concebidos, não da teoria da Revolução permanente, como os liberais e conciliadores pensavam, mas da estrutura social da Rússia e das condições da situação mundial [...] (TROTSKY, 2007, p.830).

Assim como já havia evidenciado Marx que: “[...] o movimento social como um processo histórico natural, regido por leis que não só são independentes da vontade,

consciência e intenção dos homens, mas que, pelo contrário, determinam sua vontade, consciência e intenções [...]” (MARX, 2013, p. 89).

Na Rússia, a realidade dos eventos que moviam o processo histórico não tinha como força de atuação somente as ideias e a consciência, mas os próprios fatos concatenados pelas exigências do desenvolvimento. Não era a teoria da revolução permanente que comandava o processo revolucionário. Essa pôde tão somente formular, com base em estudos, observação, reflexão crítica da realidade dos países, o processo combinado do desenvolvimento no seu conjunto.

Assim, antes de se fixar na consciência dos homens, a existência da lei mais brutal que existe no Planeta Terra, a lei da gravidade, que atrai todos os corpos para o centro da Terra, já havia conquistado sua evidência no mundo objetivo, independente da consciência do pedreiro ao utilizar o prumo ou da indústria cinematográfica ignorá-la com seus efeitos especiais.

O modo comunal, quando o homem mantinha ínfimos domínios sobre a natureza, não resistiu o amanhã das necessidades humanas e ficou para trás. Os escravos não suportaram o peso dos senhores feudais com seus cavalos e suas espadas, e, em sua luta de resistência, abriram caminho para a servidão, que dentro dos seus limites apresentava algumas vantagens sobre a escravidão e, ao mesmo tempo, passos para o futuro da nobreza.

As forças produtivas mais bem desenvolvidas após passarem pela galeria do mundo comunal romperam com a escravidão e se despediram da servidão, ultrapassando barreiras e entraram na Modernidade com a Indústria e o trabalho assalariado. Dessa forma, o *martelo da história* agora passara para as mãos das classes em luta pelo controle da riqueza produzida pelo trabalho humano. O destino dos homens está conectado ao destino histórico das classes, que por sua vez está indubitavelmente ligado às tarefas históricas determinadas pelo curso da vida e da preservação da espécie.

A História ensina, e há muitos que aprendem. No início do século XX o proletariado já se sentia forte o suficiente para romper com as organizações da burguesia e alçar voos por sua própria conta, sob comando dos bolcheviques. Quando, ao mesmo tempo que sofriam sobre o tiroteio da imprensa burguesa que não economizava, tinta para qualificar esse fato de absurdo e escandaloso. Não se poderia esperar outra coisa. A decisão do proletariado de *andar com suas próprias pernas* significava romper com a divisão do trabalho e, conseqüentemente, com a propriedade privada, abandonar o templo da burguesia com sua áurea democrática.

Assim, os educados incomodados rogavam que as sete pragas do Egito caíssem sobre a cabeça desses desordeiros que queriam afundar o país sob a anarquia dos deseducados. Como o carpinteiro e o ferreiro selecionam suas ferramentas para *levar a cabo* as suas tarefas, a História também seleciona homens com definidas características para cumprirem as tarefas necessárias para que ela cumpra o seu destino. Se livrar dos domínios da burguesia não é fácil, não basta somente se decidir por isso, é preciso ter uma correlação de forças para levá-los adiante. O Exército tem esse significado, para onde ele pender, o *prato da história* seguirá.

A esquerda pretendia convencer o Exército do seu papel na luta pela paz e pela democracia, enquanto que a direita, mais cheia de si, acreditava que era preciso obrigá-lo a se manter no *front*. Os conciliadores, sempre mais afáveis com os seus métodos apaziguadores, diziam que seria preciso as duas coisas: convencer e obrigar. Os Kadetes, mesmo a contragosto, tinham que admitirem que, na arte de convencer os bolcheviques, estavam na frente das outras correntes. “[...] Ambos os lados estavam certos. Mas um homem que se afoga também está certo quando grita antes de afundar” (TROTSKY, 2007, p. 847).

O partido da insurreição não conseguia mais respirar o ar do pré-Parlamento e sua saída revelava aos olhos do povo a completa desvinculação desse partido com a sociedade oficial. O período antes da insurreição foi marcado por um frenesi político sem igual, momento em que, operários, soldados e camponeses faziam os últimos ajustes nas suas cabeças. Certificavam-se da sua unidade coletiva, dissipavam as dúvidas e afirmavam os seus compromissos com a batalha que estava por vir. “[...] Os operários de Petrogrado estavam nas primeiras fileiras —proletários hereditários que produziram uma raça de agitadores e organizadores de extraordinária têmpera revolucionária e elevada cultura política, independentes em pensamento, palavra e ação. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 851).

A experiência e a educação forjada em um período de intensa mobilização das massas, as quais procuravam um caminho para o futuro, revelou-se ao dotar homens brutos de uma sensibilidade de classe que os conduziu contra a guerra. Ao serem forçados pelas circunstâncias a se afastarem de sua terra natal, entenderam que só valeria a pena o sofrimento longe de casa se tivessem convencidos e decididos da defesa da revolução. “[...] Para os operários, soldados e camponeses não havia outro caminho. Não havia mais tempo para argumentar e especular sobre um governo dos Sovietes: ele tinha que ser realizado” (TROTSKY, 2007, p. 854).

As classes apresentavam as suas armas para a grande batalha, enquanto a burguesia corria da Assembleia Constituinte, templo da democracia burguesa para os braços de Kornilov, o símbolo da tirania. Os bolcheviques colocavam em campo o Congresso dos Sovietes.

No período em que todos os guerreiros das tribos tinham as suas armas e não havia nenhuma organização de controle, inexistia o poder estatal como conhecemos atualmente. Essa inexistência de um Estado era a expressão da divisão natural do trabalho, que tinha como parâmetro as capacidades dos indivíduos. Havia os chefes, mas todos tinham que trabalhar até mesmo esses. Os chefes não tinham o controle das armas, e nas assembleias todos os guerreiros das tribos estavam armados. Esse foi o momento da História que não havia exploração de classes.

Quando a sociedade se dividiu em classes sociais o Estado se revelou como “[...] *instrumento para que a classe exploradora imponha sua ditadura sobre as classes exploradas.* [...]” (MORENO, 2003, p. 15. Grifo do autor). O Estado se impõe como uma força “[...] *a organização de que se dota uma casta, que aparece pela primeira vez no regime Asiático, uma casta especializada na administração, controle e condução da vida social: a burocracia* [...]” (Idem, grifo do autor). Reivindica para si o direito de controlar organizações armadas a seu serviço. Esse é o direito fundamental que é exercido em nome dos interesses da classe que detém o controle desse Estado e para a qual ele está a serviço.

A questão do poder passa pelo controle do Estado, e isso só pode se efetivar com o controle que sustenta todo o Governo —o exercício do direito de comandar agrupamentos armados em seu nome. Por isso o Governo Provisório de Kerensky foi forçado a entregar todos os seus direitos, mas resistia em se desfazer desse e relutava com todas as suas forças para “[...] manter o direito fundamental de todo governo – o direito de dispor de órgãos de homens armados” (TROTSKY, 2007, p. 866).

Os bolcheviques, combativos, conhecidos por chamar as coisas pelo seu nome e em voz alta, também por fazer previsões, eram, ao mesmo tempo, afeitos ao estudo da teoria, portanto, o estudo da realidade e de sua história. Os dois teóricos que lhes serviam de norte, Marx e Engels, foram os pensadores alemães que melhor se expressaram sobre as lutas de classes, valendo-se do método materialista histórico-dialético. A compreensão de que a ação dos homens depende diretamente sobre a natureza garante sua existência pelo trabalho, a produção da riqueza material. Na luta pela posse e usufruto dessa riqueza as contradições irreconciliáveis entre as classes se expressam como o motor da história humana.

Marx já havia evidenciado dois segredos das revoluções burguesas ao se debruçar sobre as lutas de Classes na França. Um revelado pela boca de Lafitte, banqueiro e político Francês, quando, após a Revolução de Junho de 1830, ascende ao trono Luiz Felipe (1830-1848) —o Rei Burguês. Lafitte não só profetiza o Governo do novo rei ao dizer que “[...] ‘De agora em diante reinarão os banqueiros’[...]” (MARX, 2015, p.37), como revela que a facção burguesa comandará o reinado do capital sobre o trabalho na sociedade moderna.

Dionísio revelou o segredo do poder a Dâmocles pondo uma espada pendurada sobre o seu pescoço presa somente por um fio de rabo de cavalo, tendo assim lhe desencorajado da tentação do poder, mostrando-lhe que o exercício desse guarda perigo e exige coragem e determinação, porque se encontra permanentemente ameaçado pelos oprimidos. Da mesma forma, os trabalhadores, valendo-se da Revolução Burguesa no século XIX, puderam *pisar no pátio* da Monarquia Burguesa, entrar no saguão da República Burguesa e se apresentar como a *espada* de Dâmocles sobre o pescoço do reinado dos banqueiros, reluzindo em sua lâmina a frase: a emancipação do proletariado.

Se for verdade que a ordenação burguesa desordenou a ordem feudal e se impôs triunfante como uma linda flor que desabrocha negando o botão e logo será negada pelo fruto, a ordem burguesa será desafiada pela ordenação proletária —o socialismo, em que o trabalho é um dever e não um direito formal, como o é na ordem burguesa. A liberdade, a consciência das necessidades, e não a fruição do trabalho alheio, como na ordem burguesa sob os ditames do mercado.

A realidade não só costuma aguar o *suco* das revoluções, mas, também, azedar o caldo das teorias. Os banqueiros, mesmo pagando *a peso de ouro* os defensores da manutenção da exploração com suas teorias da eternização do liberalismo democrático e econômico, aprovaram-se ao sentirem, no seu *prato*, o gosto amargo do *tempero* da existência do programa revolucionário do proletariado que luta para abolir o trabalho do jugo do capital, destruir a propriedade privada, jogar para o lixo da história a divisão de classes e com ela a democracia dos exploradores.

Os bolcheviques, como bons teóricos e melhores em ajustar os seus passos com os da realidade, logo perceberam que a ideia dos mencheviques de um Comitê Militar poderia se ajustar perfeitamente à criação de uma ferramenta fundamental para a revolução, o Comitê Militar Revolucionário, assim, o partido teria para onde ir ao sair do pré-Parlamento. Uma organização legal para promover a desordem contra a ordem. “[...] A partir deste momento, o

partido assumiu uma posição combativa clara e ativa. O Comitê de Defesa incluiu em seus planos uma luta direta pelo poder” (TROTSKY, 2007, p. 868).

Como a simpatia das massas aos bolcheviques havia evoluído de contemplativa à ativa, a palavra de ordem *viva a insurreição armada* logo foi entendida como encontrar o caminho das armas. Esse evento não ocorreu ao *soar das doze badaladas* como no conto de fadas *Cinderela*. A realidade se revela por suas ligações firmes, não se desfaz ao primeiro sopro. “[...] Aqui também cada passo prático para frente era sugerido pelas massas. Era preciso apenas ouvir atentamente suas sugestões [...]” (TROTSKY, 2007, p. 872).

O partido socialista nascera do combate ao capitalismo, este mesmo que revolucionou as forças produtivas, portanto, as condições sociais. A tarefa do partido consiste em revolucionar a consciência da classe operária para que a mesma possa, pelo seu papel na produção, cumprir a sua tarefa histórica —edificar o socialismo. Primeiro sobre os ombros do capital, depois o comunismo, só que sobre os ombros do socialismo e os escombros do capitalismo (TROTSKY, 2011).

A revolução leva às últimas consequências a luta pelo poder, porque essa batalha não pode ser eterna. Uma das forças se posicionará no *pódio* como comandante das organizações sociais com as outras subjugadas aos seus interesses de classes. Desconsiderando que as classes em luta se destruam, e considerando a vitória da classe operária e aliada, inicia-se a contagem regressiva para o fim da sociedade de classes, por uma aritmética muito simples, o proletariado por seu tamanho não tem, tampouco pode ter uma classe para subjugar-la e explorar sua força de trabalho como da forma que ocorreu na escravidão, no feudalismo e como ocorre no capitalismo com a burguesia liberal.

Depois do fracassado golpe de Kornilov, a burguesia liberal e seus consortes tentaram, desesperados, reanimar o templo sagrado da democracia burguesa através do pré-Parlamento. Mas, a classe operária em movimento com os bolcheviques, dando a linha política, já organizava sua resistência com a democracia operária — o Congresso dos Sovietes. Desse congresso, poderia sair a decisão de tomar o poder. A imprensa bolchevique, sob orientação do Comitê Militar Revolucionário, resolveu levar as massas às ruas numa manifestação pacífica com a intenção de demonstrar força, inibir o inimigo e obrigá-lo a se esconder.

[...] Ao expor a impotência da burguesia ao lado de suas próprias massas, queria apagar da consciência dos operários e soldados as últimas reminiscências das jornadas de julho – para que, ao verem a si mesmas, as massas pudessem dizer: nada nem ninguém pode se opor a nós agora (TROTSKY, 2007, p. 886).

Esse sentimento de força indestrutível exalado pelas massas daqueles que saíam do anonimato, dos seus porões, que encheram as ruas se espremendo para que todos pudessem participar entender, assimilar e saber o que seria preciso fazer, tudo parecia novo, saboroso e atraente. Todos sabiam a importância de ouvir, mais ainda, a necessidade imperiosa de agir.

[...] A experiência da revolução, a guerra, a dura luta de toda uma vida amarga, surgia das profundezas da memória de cada um desses homens e mulheres governados pela pobreza, expressando-se em simples e imperiosas idéias: isto não pode continuar, precisamos abrir um caminho para o futuro (TROTSKY 2007, p. 887).

É verdade que as ideais por si só não podem mover um grão de areia no mundo real, mas ao serem encampadas pelas massas e ganharem força material podem pôr abaixo gigantescas construções que parecem imponentes. A essa constatação simples nos vem a revelação de que a recíproca pode ser verdadeira quando afirmamos que o mundo objetivo pode *azedar* a teoria, mas também cabe dizer que a teoria pode *azedar* a realidade, somente se encontrar viabilidade no mundo objetivo.

5.2 A Insurreição toma seu lugar na História

O materialismo dialético assegura que a produção determina o consumo. A resposta revela a pergunta, a consciência é dependente da realidade, enfim, o mundo objetivo se impõe independente onde o movimento concreto-abstrato-concreto se confirma em um eterno devir: ser e deixar de ser, tornando-se outro para logo deixar de sê-lo, numa realidade em que somente as mudanças são permanentes.

O marxismo em nenhum momento se distancia dessa compreensão histórico-dialética do movimento da matéria, que revela, por isso, a existência da contradição e uma busca permanente para superá-la, e, ao fazê-lo, cria outras novas. Assim, o todo na sua diversidade contraditória não só mantém uma relação de causa e efeito, mas, ao mesmo tempo, também, uma ação de reciprocidade —produção é ao mesmo tempo consumo por um movimento de mediação. O primeiro elemento pode se tornar o último e este, pelo impulso das contradições, voltar a ser o primeiro.

O desenvolvimento da indústria trouxe para a arena da luta de classes o proletariado, imprimindo, com isso, novas leis nas condições sociais que se diferenciaram de

períodos anteriores, como a escravidão e a servidão. Investigar e elucidar essas leis advindas das novas relações sociais sob o capitalismo é justamente a força da teoria de Marx:

[...] Marx apenas formula, de modo rigorosamente científico, a meta que se deve propor toda investigação exata da vida econômica [...]. O valor científico de tal investigação reside na elucidação das leis particulares que regem o nascimento, a existência, o desenvolvimento e a morte de determinado organismo social e sua substituição por outro, superior ao primeiro[...] (MARX, 2013, p. 90).

A teoria marxista se impõe como a crítica mais ferrenha ao modo de vida burguês. Desvela os limites de sua democracia e de sua economia. Não só evidencia os seus limites, mas aponta sua superação por outra forma de organização social qualitativamente superior ao capitalismo, embora *parido de suas entranhas*. Isso foi demonstrado na principal revolução operária do século XX na Rússia, *levada a cabo* pelo Partido Bolchevique, tendo à sua frente a liderança incontestável de Lênin, e, ao mesmo tempo, a presença determinante de Trotsky junto a ele.

Primeiro, ao marchar ao lado de Lênin na tomada do poder liderando a insurreição. Segundo, formando e comandando o Exército Vermelho contra a segunda versão da Santa Aliança¹⁴, que pretendia sufocar a Revolução e, finalmente, o mais importante, considerada por ele mesmo, a fundação da IV Internacional. Esta rompeu com a degeneração da III e sua falência na luta pelo socialismo, ao mesmo tempo em que denunciou o papel nefasto da burocracia stalinista que desfigurava e traía o Estado Operário e caminhava para restauração capitalista, o que veio a se confirmar.

A batalha pela IV Internacional, mesmo com todos os seus reveses, pôde garantir a continuidade da luta histórica da classe operária pelo socialismo. Foi e é o que dá sentido à escrita dessas linhas e sua leitura por aqueles que não se perderam pelo caminho e buscam alternativas a esse estado de coisas terríveis que nos atormenta —a degradação da vida pela voracidade do capital.

Nas fábricas, a democracia operária se confrontava com o trabalho assalariado, com sua jornada escorchante. Nos quartéis a disciplina emanada pela ordem burguesa era questionada pelos soldados. Nas aldeias o controle das terras pelos latifundiários não encontrava mais em que se agarrar, e os camponeses, assim como os operários, que questionavam o controle da produção nas fábricas, questionavam a posse da terra no campo.

¹⁴Acordo político firmado em 1815 entre as grandes potências monarquistas da Europa onde se reuniram: Império Russo, Império Austríaco e Reino da Prússia para conter os avanços dos ideais da Revolução Francesa.

No *front*, todo o *ar respirado* era pela paz e contra a guerra. Nos soviets, o campo, a cidade e o *front* se transformaram numa *grande panela cozinhando* a revolução, enquanto o Partido Bolchevique se preparava para o momento da tomada do poder. Além desse enorme *caldeirão* que *fervilhava* com os operários, soldados e camponeses, havia também, mesmo na clandestinidade, a *cabeça de Lênin* que, afastado, concentrou toda a sua atenção aos problemas fundamentais da revolução e, nesse sentido, ao entendimento dos problemas cruciais do marxismo revolucionário —tomar o poder, mas, sobretudo, mantê-lo sobre controle, apossar-se do aparato do Estado não para administrá-lo com a nova roupagem, mas para destruí-lo tal qual como é, convertendo-o de Estado burguês a Estado Operário Transicional, condição para seu fim junto às classes sociais e a propriedade privada.

O Estado Transicional, como o próprio nome diz, terá uma existência definida não se colocando como o todo poderoso Estado burguês, que se reivindica eterno, pairando acima das pessoas e das classes, tal como os Deuses do Olimpo, a comandar a vida dos reles mortais sob os seus auspícios. “O principal argumento dos democratas, mesmo os mais à esquerda, contra a tomada do poder, era que os trabalhadores eram incapazes de dominar o aparato do Estado. Elementos oportunistas dentro até do partido bolchevique nutriam os mesmos medos [...]” (TROTSKY, 2007, p. 895).

Toda a intelectualidade radical se esquivava do poder como o preguiçoso do trabalho. Nunca quiseram sua companhia, até mesmo durante a revolução, a não ser no momento protegido pelo escudo dos proprietários nobres e dos grandes empresários, quando puderam demonstrar medo e indignação aos bolcheviques. “[...] Estes agitadores de rua, demagogos, pensam que podem se apoderar do aparato do Estado!” (TROTSKY, 2007, p.895). Como podemos ver, toda a intelectualidade, até mesmo os radicais que eram pagos *a soldo de ouro* pela burguesia para pensarem o seu mundo e fazerem, ao mesmo tempo, os explorados pensarem com o pensamento do explorador, pensando que o faziam por si mesmos, cobrindo o Estado de uma áurea mística acima do bem e do mal, ocultando, na verdade, o seu papel como instrumento de dominação de classe, que, além da força das armas, também educava para a manutenção do poder nas mãos dos possuidores educados.

O grande general, Napoleão Bonaparte, dizia que quando elaborava um plano militar costumava exagerar ao apontar os perigos e os desastres possíveis, contudo, ao tomar a decisão para executá-lo, todas as conjecturas eram abandonadas e somente aquelas que favoreciam a vitória eram alimentadas. Mas, como os grandes também são derrubados,

Napoleão esqueceu um pequeno detalhe ao invadir a Rússia: o poder destrutivo do inverno russo para as suas tropas.

Lênin pôde captar a essência desse pensamento e também aprender com seus erros. Os erros do passado têm essa finalidade, ajustar o curso do presente na corrida para o futuro. Quando diante de questões estratégicas, Lênin costumava encarar o inimigo em *pé de igualdade*. Maleável nas táticas e tenaz, e inflexível na estratégia, enfrentava o inimigo como alguém que possuía um arsenal igual ou melhor do que o dele. “[...] Quando se chega à definição do diagnóstico de uma doença pelo método de sucessivas eliminações, suas suposições hipotéticas, começando com a pior possível, não são erros, mas métodos de análise.[...]” (TROSTKY, 2007, p.898).

Lênin, sem esquecer um só momento que dirigir é fazer previsões, sendo preciso escalar as cordilheiras da realidade e ver o futuro, por isso não se descuidava da situação internacional. Assim, até julho daquele ano, freou a marcha da revolução, já em agosto preparou teoricamente os próximos passos, e a partir de setembro já não lhe servia mais os freios e estudos, importava acelerar e avançar. O risco agora não era se adiantar, mas ficar para trás, pois não só na Rússia, mas também em muitos países da Europa os *ventos da revolução* se agitavam. Nessas condições, com a situação mundial favorável, não havia perigo de ser prematuro, outubro seria a hora. A situação de Lênin não era diferente, ou era até pior quando do seu retorno do exílio em abril, segundo mês da revolução, e, com suas teses, exigia que o partido deixasse a posição de esquerda da burguesia e se posicionasse como um partido revolucionário, preparando-se para a tomada do poder.

No início de outubro, Lênin recorreu à conferência do partido de Petrogrado por uma posição a favor da insurreição, só que ele estava na clandestinidade e, sentindo o vacilo da conferência, dirigiu-se pessoalmente aos delegados bolcheviques de um congresso que iria ocorrer na regional do norte. Esse apelo à insurreição imediata feito aos representantes de vários sovietes ocorreu por fora das instâncias do partido, pois, até aquele momento, os órgãos dirigentes mantinham o silêncio a esse respeito.

Era preciso uma grande confiança no proletariado, no partido, mas também uma desconfiança muito séria no Comitê Central para, por cima dele, sobre sua própria responsabilidade pessoal, da clandestinidade, e por meio de pequenas folhas de papel de carta cheias de letras miúdas, levantar a agitação pela revolução armada, pela derrubada armada do governo. [...] (TROSTKY, 2007, p. 906).

Na luta de classe não há vácuo, embora historiadores recorram a suas interrupções para justificarem tréguas entre as classes. Provavelmente as forças em luta param para avaliar

o seu arsenal e o do seu inimigo, mas se ela não estiver às claras corre pelos dutos, pelas vias comunicantes dos oprimidos.

Lênin, ao regressar do exílio, chegando à Rússia em abril, ficou isolado das lideranças do seu partido por defender a tomada do poder. Em outubro, da mesma forma, estava isolado das mesmas lideranças. Essa situação não se apresentava somente porque o Partido Bolchevique se debatia pelo confronto de ideias revolucionárias no seu interior, mas sim, pela sua composição social que, em conjunto com o atraso da revolução burguesa exigia um passo a mais dessa revolução, o qual não podia ser dado pela burguesia, mas, pelo proletariado. Essa foi à essência do isolamento de Lênin, uma vez que entendia que a revolução se iniciara burguesa para, em seguida, ser completada pelo proletariado, situação que não era aceita pelos dirigentes do partido educados pela pequena burguesia.

A educação tem o seu peso na conduta dos sujeitos, precisando de acontecimentos reeducadores. A marcha dos oprimidos na revolução se revelou como um bom *chicote* para os educados, para a sociedade de ontem se reeducar para a do futuro.

As *teses de abril* de Lênin podiam ser comparadas a um chicote de couro cru golpeando o espinhaço dos que não entenderam o seu julgamento científico e sua precisão sobre os eventos políticos, não em Moscou ou em Petrogrado, mas do conjunto da história humana. “[...] Não temos um aparato para a insurreição. O aparato do inimigo é mais forte [...]” (TROSKY, 2007, p.922). Essa era a visão de alguns dos dirigentes do partido, até mesmo de dois grandes líderes, Zinoviev e Kamenev. Essa constatação levantou questões táticas opostas — a conspiração, por um lado, e o tamanho da força da revolução, por outro. Lênin responde: “[...] ‘Se você considerar que uma insurreição é certa, não é preciso falar sobre conspiração. Se uma insurreição é politicamente inevitável, então devemos nos referir à insurreição como uma arte’ [...]” (Idem).

A decisão pela insurreição marcou um momento delicado, porque as pontes para o recuo começavam a desmoronar ao mesmo tempo em que as que conduziam para frente ainda não estavam prontas. Converter a vontade de tomar o poder pela forma e pelo conteúdo da necessidade da revolução consistiu em construir pontes antes que a terra tremesse sob as bases da insurreição e que permitissem, ao mesmo tempo, às massas verem e passarem sobre elas.

As pancadas do tempo não param. Os inimigos estão apostos. O partido revolucionário em crise. O equilíbrio é tênue, pois não se trata mais de teorizar sobre a revolução, e sim *injetá-la nas veias* para executá-la. A condição humana se revela tanto pela grandeza quanto pelas pequenas ações pesadas na mesma balança. A coragem e o heroísmo de

Heitor ao decidir enfrentar Aquiles depois de tê-lo visto em batalha, e conhecer sua fama de invencível e o pavor do seu irmão, Paris, diante da cobrança dos inimigos pelos seus atos irresponsáveis, demonstra que, tanto coragem como covardia revelam a grandiosidade das potencialidades humanas.

[...] Assim como Lenin mais completa e resolutamente do que outros expressou, nos meses do outono de 1917, a necessidade objetiva da insurreição, e a vontade das massas da revolução, assim Zinoviev e Kamenev mais francamente do que outros encararam as tendências restritivas do partido, os sentimentos da irresolução, a influência das ligações pequeno-burguesas, e a pressão das classes dirigentes (TROTSKY, 2007, p. 927).

A crise do partido não o arrastou ao marasmo, pelo contrário, os debates, as contendas, as pelejas e as disputas pessoais, todo o frenesi durante o mês de outubro só revelou o quanto era preciso discutir e o quanto o partido precisava de democracia interna. A vontade e a determinação pela luta revolucionária não vieram do pó mágico dos contos de fadas, precisou ser oxigenada e temperada de acordo com a ocasião sempre ativa e independente.

Stalin, o homem que segundo Trotsky costumava se embrenhar pelas sombras quando diante de grandes desafios, trazia à tona sua fraqueza de espírito, os limites de seus métodos políticos bitolados justamente por seu horizonte limitado e sua pobreza de imaginação criadora. Recorrendo à afirmação de Trotsky (2007), “[...]o partido é um instrumento fundamental da revolução proletária [...]” (p.927), Stalin utilizou para questionar a força do partido, isso em 1924, quando da morte de Lênin.

Stalin já se insurgia como homem prático e infalível para o qual o partido tinha papel coadjuvante. Perguntara exatamente do partido na época da revolução, na disputa do direcionamento da política do partido e questionava a vitória da revolução, já que seu principal instrumento estava em crise. Essa pequena ironia demonstrava somente a ponta do gigantesco *iceberg* que logo *tomaria corpo no oceano* do stalinismo.

Não são santos nem demônios que fazem a História, e sim os homens vivos e ativos responsáveis por construí-la, e justamente por isso, por ser um produto vivo, o partido tem desacordos e debates, o que lhe permite superar as crises internas e se recompor no tempo necessário para intervir, de forma decisiva, na luta de classes, justamente essa qualidade de agir com força na velocidade dos acontecimentos, agilidade, resistência. Sentir quando deve frear e acelerar o passo, se necessário, é que o revelou em seu conjunto como um instrumento extremamente adequado à revolução.

Como a Renascença só pariu um Leonardo De Ser Piero Da Vinci, a Revolução Russa pariu um Trotsky. Pode ser que haja injustiça com relação ao Período Renascentista, pois não é possível ignorar o homem que pintou a criação de Adão e o Juízo Final, Michelangelo, também Rafael, que completou a tríade renascentista que melhor captaram em suas obras as proporções, simetria, equilíbrio do mundo em movimento, com uma sensibilidade imensurável e harmonizaram o belo, o trágico e o sublime em suas obras.

Não há como não ser desperto por um turbilhão de sentimentos ao contemplar *Monalisa* e *Ginevra De Benci*. Seus olhos nos fazem lembrar a nós mesmos na condição de seres humanos, assim como a revolução nos impulsiona para o futuro pela mesma condição de apego à vida e à liberdade, a busca pela felicidade. Dessa forma, as artes nos dizem do espírito humano. Um pouco de cultura, pois nem só de guerra vive a humanidade, se bem que na atualidade as guerras estão muito presentes e requisitadas nas resoluções dos conflitos, ou melhor, dizendo, como método de resolução da exploração dos mais fracos.

Na guerra, Trotsky surge não só como o líder da insurreição armada quando da tomada do poder em 1917. Foi, também, criador e comandante do Exército Vermelho que combateu a invasão da Rússia lutando contra várias potências que queriam derrotar a revolução, converteu-se na força material de defesa do Estado Operário e ainda teve um papel decisivo na história ao impedir o avanço do nazismo no mundo, derrotando o Exército Alemão no período da Segunda Guerra Mundial.

Outros partidos não deixaram de atacar a Revolução Russa. O partido reformista que venerava a moral da classe dominante considerava sagrada a base de seu regime, daí a sua pretensão de apenas reformá-lo. Os sociais democratas que se resumiam como uma réplica do partido burguês, uma espécie de segunda camada de *dentes da boca do tubarão*. Já o Partido Bolchevique não se coadunava com o Regime Burguês, era seu inimigo. Forjava os autênticos revolucionários que se submetiam às suas tarefas históricas que eram irreconciliáveis com a democracia e com a economia capitalista, sua existência, suas ideias e, acima de tudo, o seu julgamento moral

[...] Lenin ensinou o partido a criar sua própria opinião pública, apoiando-se nos pensamentos e sentimentos da classe ascendente. Assim, por um processo de seleção e educação, numa luta contínua, o partido bolchevique criou não apenas um meio político próprio, mas também moral, independentemente da opinião pública burguesa, e implacavelmente oposta a ela. [...] (TROTSKY, 2007, p.928).

Como podemos ver, a fonte que alimentava os bolcheviques era a própria classe operária, a mesma que move o mundo com seus braços e pernas, sangue e suor, produzindo a

riqueza e garantindo a existência humana sobre a face da terra. Somente uma fonte com tanta força permitiu aos bolcheviques não vacilarem na hora decisiva, não se deter diante dos que tinham dúvidas do caminho a seguir, inclusive dentro do próprio partido, quando da hora da tomada do poder. Por fim, foi pelo rompimento total com a burguesia e a determinação em seguir outro caminho independente dela que a vitória de Outubro se tornou possível.

5.3 Os limites do economicismo e da democracia burguesa: lições aprendidas na história da luta de classes

Ao mesmo tempo, e ainda abstraído totalmente a escravização geral que o sistema do salariado implica, a classe operária não deve exagerar a seus próprios olhos o resultado final destas lutas diárias. Não deve esquecer-se de que luta contra os efeitos, mas não contra as causas desses efeitos; que logra conter o movimento descendente, mas não fazê-lo mudar de direção; que aplica paliativos, mas não cura a enfermidade. Não deve, portanto, deixar-se absorver exclusivamente por essas inevitáveis lutas de guerrilhas, provocadas continuamente pelos abusos incessantes do capital ou pelas flutuações do mercado (MARX, 2015).

O Economicismo e a Democracia Burguesa têm seus limites históricos evidenciados pela exaustão da atual crise do capitalismo que não consegue apontar uma saída para o atoleiro que se encontra a humanidade, patinando na lama, não podendo caminhar para o futuro. Agora, é tudo, seu amanhã é o nada. O agora se prolonga agonizando sob as *botas do capitalismo*. No futuro, de seres livres e plenos, essas botas sem solo perderão sentindo por não encontrarem onde se firmar.

Os explorados e oprimidos tentam, de alguma forma, acomodarem-se sob essas botas por acreditarem ser esse o seu fim, até onde lhes coube chegar. No entanto, seus sentimentos e sua existência se chocam contra esse modo de vida. Agora, entre afogados na barbárie e o futuro de liberdade precisam decidir ou pelo *agora*, sabendo que desse modo suas vidas não serão suas, ou resolver esse paradoxo pela força, superando o que até o momento fora construído, incluindo suas próprias condições.

Um longo processo de educação precisa ser vivenciado nas duras batalhas que serão travadas pelo amanhã, com muitos passos a serem dados no escuro. Nessa jornada, o perigo está sempre à espreita, pois, há riscos mesmo com o caminhar sob a luz do dia, quando ainda não se pode ou não se sabe diferenciar os aliados dos inimigos ou o começo e o fim de algo que ficou no passado.

Presente e futuro estão nas *mãos* da classe que pode assegurar a existência da vida humana, o proletariado, a classe operária e seus aliados, que com seus métodos

organizativos saberão conduzir a luta contra a redução de salários, aumento dos preços, contra a piora das condições de vida e, ao mesmo tempo, defender o exercício da cidadania, da democracia pelo direito de escolher os seus representantes. Posicionando-se na *linha de frente* pelas reformas democráticas em favor do povo, mas profundamente incomodada em estar presa ao *agora*, também saberá preparar o dia seguinte, medindo forças contra o imediato para construir o futuro, sabendo que, para tal feito, somente a tomada do poder da classe que não tem mais nada a dizer e a fazer a não ser aprofundar no abismo da barbárie.

Da tomada de consciência da voz do amanhã, o eixo político será definido. Não será suficiente o economicismo e o exercício da cidadania, a vida exigirá mais, o futuro irá impor novas demandas. O movimento pela vida se intensificará e exigirá novos caminhos, o que não bastará somente a luta por empregos, salários e o direito de votar, pois, até mesmo as fontes dessas migalhas estão secando. Antes que se esgotem outros métodos adequados, as novas exigências precisam ser forjadas pela única classe que pode fazê-lo por sua composição social e seu papel histórico, mover a *roda da história*.

Não é possível transformar água em vinho como está registrado na Bíblia. Por isso, há de se ter cautela. Não é razoável destruir, de forma imediata, a casa onde se mora, embora essa tarefa esteja colocada pela necessidade de uma nova residência.

A negação do *agora* significa, ao mesmo tempo, a construção do *amanhã*. Porém, isso não se revela para todos indistintamente. A interpretação é *levada a cabo* pelos *olhos* das classes em luta. Tanto no mundo antigo quanto no medieval, até a Contemporaneidade, revelam-se entre as classes, com conflitos de interesses vitais que precisam ser evidenciados. “[...] O mesmo verso do Evangelho significava servidão para alguns e liberdade para outros” (TROTSKY, 2007, p. 531).

Os que levantam suas espadas em defesa do *agora* o fazem em nome do futuro. Um futuro que se revela repetindo o passado, ancorado no reformismo. Ambas as classes invocam o futuro. Quem o trará? Os educados e os privilegiados desejam um futuro para si, enquanto os deseducados e deserdados lutam por um futuro para todos. O mesmo grito pelo futuro ecoa de ambos os lados, tanto pelos educados como pelos deseducados. Para os conciliadores e reformistas, os dois lados tem razão, pois tudo pode ser resolvido por ajustes na atenção de um lado e um pouco de calma do outro.

Em julho de 1917, o Comitê Executivo serviu de abrigo tanto para burguesia como para o proletariado. Aos burgueses, era perfeitamente possível se submeter ao comitê enquanto este estivesse tocando sua música. Aos explorados, permanecer sob a proteção do

Comitê tinha o sentido de convertê-lo em instrumento de poder em suas mãos contra a exploração.

[...] Contraditórias tendências de classes entrecruzavam-se no Palácio de Tauride e ambas se cobriam com o nome de Comitê Executivo – um por confiança inconsciente, outro por um cálculo a sangue frio. A luta era nada mais nada menos do que sobre a questão de quem governaria o país: a burguesia ou o proletariado? (TROTSKY, 2007, p. 531).

Todas as perspectivas eram muito favoráveis à tomada do poder. Contudo, a direção do Partido Bolchevique já se voltava para outro detalhe, ainda mais crucial, o segundo cenário da insurreição armada. Manter o poder sob o comando do proletariado depois de tomá-lo, porque “[...] Muitos ainda nutriam a ilusão de que tudo poderia ser obtido por palavras e manifestações [...]” (Idem 532).

Essa falta de clareza em qual parte do terreno dar o próximo passo estava na *cabeça* dos setores mais avançados da classe, os quais ainda não sabiam os caminhos para se chegar ao poder. Imagine considerar o emaranhado para conservá-lo em suas mãos.

O próprio Lênin mais tarde admite “[...] que o partido ainda considerava possível um desenvolvimento pacífico da transformação política por meio de uma mudança de política por parte dos soviets [...]” (Idem, p. 532).

Foram preciso alguns meses de intensos e sofridos confrontos para que não só a tomada do poder tivesse na ordem do dia, mas as devidas condições objetivas e subjetivas por parte do partido e da classe também estivessem prontas para resistirem aos ataques dos inimigos.

Em todas as jornadas, de abril a julho, os personagens centrais não se alteraram: conciliadores, liberais e bolcheviques. Da mesma forma, em todos esses momentos as massas se moviam para enxotar a burguesia do Governo, e “[...] Quando as massas assimilam alguma idéia, elas querem realizá-la [...]” (TROTSKY, 2007, p. 528). Porém, exatamente em julho o Partido Bolchevique fora duramente atacado, acusado de traição, destroçado, largado para morrer de sede e de fome, e, ainda com Lênin, na clandestinidade.

Uma revolução costuma abrir portas a machadadas, sem nenhuma sutileza prévia. Definitivamente, é o mais audacioso e brutal método de resolução dos problemas colocados pela existência humana. Como um parto a fórceps, vale-se da violência para garantir o nascimento de uma nova vida. A revolução a marretadas destrói as pedras que impedem a passagem do comboio humano para o futuro.

Em julho de 1917 aconteciam, simultaneamente, dois movimentos em sentidos opostos. Ao mesmo tempo em que a democracia pequeno-burguesa pendia para contrarrevolução, as massas começavam a olhar com mais atenção as posições do Partido Bolchevique e a opinar a seu favor. No entanto, com o peso da pequena burguesia no *prato* da contrarrevolução, conciliadores e liberais revelaram mais ainda a simpatia pela burguesia, enquanto as massas, em suas manifestações, cada vez mais se aproximavam do Partido Bolchevique.

O trotar da vida nunca ou quase nunca está no ritmo que esperamos e desejamos. Quando a correlação de forças muda a favor da burguesia, o partido é posto à prova, tendo que apoiar as massas em suas manifestações. Contudo, sem recorrer à força bruta ao estilo das marretas, e sim a leve batida ao modo *martelo de ouro*¹⁵ na mecânica social. Bater sem deformar, abrir sem arrombar “[...] as massas tomam parte nos eventos não sob as ordens dos doutrinários, mas na hora em que eles derivam inevitavelmente de seu próprio desenvolvimento político [...]” (TROTSKY, 2007, p.538-539).

Nesse momento há um descompasso entre a direção do partido e operários e soldados. O partido acreditava que somente uma nova revolução poderia reverter a situação política, enquanto operários e soldados não nutriam essa compreensão, precisavam gastar mais sola para dimensionar suas próprias energias “[...] Os alertas dos bolcheviques eram ineficientes [...]” (Idem, p. 539).

Nesse desencontro entre direção política e base, operários e soldados precisavam tirar suas próprias conclusões pela experiência, o que teria seu preço, especificamente quando se combina o entendimento mais extremo de uma tarefa com os devaneios de sua execução.

Confrontar o inimigo em desvantagem, acreditando estar em condições de superá-lo, pode se revelar desastroso. Um simples teste de forças poderia desaguar numa batalha decisiva ou numa derrota fragorosa.

[...] Lavar as mãos na água da moral estratégica significaria simplesmente trair os operários e soldados aos seus inimigos. O partido das massas foi obrigado a ficar no mesmo lado em que estavam as massas, para, embora não compartilhasse em nada de suas ilusões, ajudá-las a fazer as deduções necessárias com o mínimo de perdas possível [...] (TROTSKY, 2007, p. 539).

As velhas revoluções guardam um ponto em comum: as jornadas de julho com suas marcas e resultados catastróficos para os revoltosos. Esse encontro com julho foi peculiar

¹⁵ Martelo de ouro é um instrumento utilizado nas oficinas mecânicas para corrigir amassados nas latarias dos carros sem recorrer a pinturas.

das revoluções burguesas pelo simples fato de que a classe que mais sangrou para alimentar a vitória da Revolução foi exatamente a menos recompensada, enquanto a classe possuidora alçada ao poder pela mesma revolução acreditava que o papel da Revolução já fora cumprido com sua chegada ao poder, e assim, a todo custo, mostrava-se como a força mais confiável à reação.

A burguesia revolucionária na busca de se firmar no poder vai causar indignação às massas pelas mesmas ações que tentam agradar as classes que foram derrotadas. “[...] O desapontamento das massas segue-se muito rapidamente; até mesmo antes que sua vanguarda tenha se recuperado da última luta revolucionária [...]” (Idem, p. 539).

A ação inacabada das massas gera perturbação popular, o que leva o povo a pensar que a realização de um novo golpe pode levar a devida correção do que ficou pendente. Contudo, agindo de forma atabalhoada, por impulso, o povo se lança numa nova revolução, só que totalmente “[...] sem preparação, sem programa, sem estimativa das reservas, sem cálculos das conseqüências. [...]” (Idem, p. 539). Exatamente o que está esperando a classe possuidora para, justamente nesse momento, fazer um acerto de contas com quem ontem estava ao seu lado e hoje lhe ameaça. Essa nada mais é que a constituição da base social e psicológica das forças que se levantam para completarem o que faltou em Fevereiro, que, por sua emergência improvisada, deixa para a História o lugar comum onde a contrarrevolução vai tirar do forno a sua vitória.

O *termômetro da história* eleva a temperatura diante de grandes eventos aquecidos pelas lutas de classe. Todas as revoluções burguesas, invariavelmente, passaram por Fevereiro e Julho, mas uma especificamente teve o seu outubro vitorioso, a Revolução Russa, daí o seu imenso valor educativo para todos aqueles que sonham, acreditam e lutam pela revolução. Interpretar o *termômetro da história* é muito elucidativo para aprender e compreender qual temperatura exala do corpo das massas ao seu tempo de Fevereiro, Julho ou Outubro.

A Liga dos Justos, composta a partir da Liga dos Exilados, formada por intelectuais e operários exilados de vários países da Europa, os quais se encontravam em Londres. Em seus estatutos, no primeiro artigo, continham: “[...] O fim da Liga é a derrubada da burguesia, o reino do proletariado, a supressão da antiga sociedade burguesa fundada no antagonismo de classes e o estabelecimento de uma nova sociedade sem classes e sem propriedade privada” (MARX; ENGELS, 2005, p. 12)

Por que uma organização operária dos anos 1840 do século XIX colocava para si tal tarefa? Porque correspondiam às necessidades de sua classe e as demandas da História. Todavia, essa compreensão nunca foi pacífica no movimento revolucionário. Somente diante de uma revolução a *balança da história* pôde colocar de um lado, revolucionários, e do outro, reformistas. Esses vão até certo ponto impelidos pelas massas, enquanto os revolucionários, como intérpretes dos anseios e dos desejos das massas, vão até o fim lutando para tomar o poder e iniciar uma nova época.

A Revolução Francesa de 1789 teve o seu Fevereiro com a queda da Bastilha, e seu Julho, por assim dizer, com a derrota dos iguais, depois de serem acusados de jacobinos e terroristas, quando muitos foram presos e até guilhotinados como o próprio Babeuf. Todavia, pôde ficar para a História do programa dos iguais as seguintes palavras: “[...] Um povo sem propriedade e sem os vícios e os crimes a que ela dá origem não teria necessidade do grande número de leis sob o qual penam as sociedades civilizadas da Europa” (MARX; ENGELS, 2005, p. 19).

Definitivamente, a História não contém outra narrativa a não ser a da luta de classes. Como podemos perceber, as revoluções deixam suas marcas não só na consciência, mas também no estômago. A constatação de que a propriedade privada carrega consigo vícios e crimes, ao tempo em que tenta de maneira formal, por imposição de um conjunto de leis regular a sociedade permeada por contradições insolúveis, enquanto a civilização estiver ancorada na economia e na democracia dos possuidores.

Pouco mais de meio século da Revolução Francesa, as ditas jornadas de Julho emergiram em Junho e se revelaram imensamente mais poderosas e, ao mesmo tempo, trágicas. Os levantes de junho de 1848 brotaram da insurreição de Fevereiro— a burguesia repetindo o que fizera em 1789 propagandeia mil maravilhas, da mesma forma em 1914, quando promete que a guerra ora travada seria a última. Colocou no cardápio de 1848 leite e mel para a classe operária que lutava ao seu lado, mas serviu caldo azedo e outras iguarias com sabor de fel.

[...] ‘direito ao trabalho’ surgiram as lamentáveis oficinas nacionais onde cem mil operários, após conquistarem o poder para seus patrões, recebiam um salário de vinte três soldos por dia. [...] a burguesia republicana – generosa em palavras, mas mesquinha em dinheiro – não achava palavras insultantes o suficiente para estes ‘vadios’ vivendo da ração de fome nacional [...] (TROTSKY, 2007, p. 540).

Com muita rapidez a burguesia francesa desaparecia com suas promessas de Fevereiro e surgia com suas provocações de Junho, demonstrando sua face radiante de uma

sociedade dominante que se prepara pela provocação de uma insurreição um momento para melhor sangrar a classe operária.

Assim, mais uma vez, os operários “[...] Privados de suas mais elementares necessidades, insultados em suas mais altas esperanças, os operários insurretos não foram apenas esmagados, mas caluniados [...]” (TROTSKY, 2007, p. 541).

Em 1871, na Comuna de Paris, mais uma vez depois da Revolução Francesa (1789), da jornada de 1848, novamente na França, a História se confirmava quando os proletários de Paris, forçados pela *taquicardia da história* decidiram defender sua capital contra Bismarck, Moltke e a própria França. “[...] Na Comuna de Paris, o ato, reflexo do proletariado contra a falsidade de uma revolução burguesa, pela primeira vez subiu ao nível da revolução proletária — mas apenas para cair imediatamente.” (TROTSKY, 2007, p. 541).

As jornadas de julho de 1917, em Petrogrado, inspiraram as de 1919, em Berlim, quando a posição predominante do proletariado principalmente da indústria, permitiu a revolução entregar o poder de Estado aos soviets de operários e soldados. Todavia, infelizmente, o proletariado alemão estava infectado politicamente pelo vírus da social-democracia, que nada mais era do que a doença do regime burguês sem um antídoto — o Partido Bolchevique. Essa infecção, por certo tempo, causou delírio ao proletariado, com momentos de febre mais elevada. Contudo, o corpo tem suas próprias defesas e os operários começaram a perceber que os ganhos de seus esforços lhes fugiam ao alcance das mãos e também da vista. Tal constatação os empurrava à resistência: “[...] A semana espartaquista começou, não do modo de uma estratégia calculada pelo partido, mas pela pressão das camadas baixas indignadas [...]” (TROTSKY, 2007, p. 542).

O vírus havia contaminando as direções, tanto a liga espartaquista como os independentes de esquerda, mesmo assim eles foram além de suas pretensões. No entanto, ficaram muito distantes das últimas consequências de uma batalha revolucionária. Os espartaquistas sofriam de anemia, não se firmavam em suas próprias pernas e os independentes, ainda embriagados pelo Regime Democrático Burguês tentavam a cura como uma solução heterogênea. Em um mesmo recipiente colocavam a insurreição e as negociações diplomáticas como se fosse possível ao marroeiro quebrar a pedra sem ter que usar força

A jornada de junho na França resultou em uma tragédia para os operários pelo número de mortos, presos, exilados e executados. Foi bem maior que a derrota na Alemanha. No entanto, é preciso registrar que não são só esses os critérios para medir uma derrota política de uma classe que se levanta para tomar o poder. A reação burguesa encontrando um

jovem partido comunista, que pela tenra idade não havia ainda se nutrido o suficiente nos seios da luta de classes, *bambo das pernas e fraco da cabeça*, puderam então lhe cortar o pescoço.

O partido independente se comportava como um filho que rejeita o peito da mãe sofria as consequências por não desenvolver os devidos anticorpos das doenças. Levado pelos seus métodos à prostração, por não ser capaz de liderar o proletariado à vitória contra os ataques da democracia burguesa.

[...] De amplo ponto de vista, ‘a jornada de julho’ repetiram-se na Alemanha em várias ocasiões diferentes: a semana de janeiro de 1919, as jornadas de março de 1921, a retirada de outubro de 1923. Toda a história subsequente da Alemanha deriva destes eventos. A Revolução inacabada foi trocada pelo fascismo (TROTSKY, 2007, p. 542).

Um parto inacabado precisa ser levado a termo e o desfecho pode ser com o choro da vida ou com o silêncio da morte, definitivamente não pode seguir pela metade. As jornadas de junho no calendário francês, e julho pelo calendário Russo, foram o momento em que as revoluções mais precisaram de um partido que fosse capaz de medir com precisão a *temperatura da história*.

Em julho de 1917, a maioria dos bolcheviques percebeu os limites das forças revolucionárias, isso não significava que pensassem iguais, pois muitos operários e soldados ainda acreditavam que impondo um ritmo mais intenso, chegariam a uma ação decisiva.

Cinco anos depois foi possível fazer um balanço dos erros de julho, dentre os considerados mais relevantes se destacaram: propor aos conciliadores a tomada do poder ao invés de fazê-lo, e de forma coadjuvante marchar pelas ruas ao invés de ocupar todas as instituições prendendo as autoridades do Governo Provisório, ou seja, a assumir o controle do poder. “[...] Aplicadas a uma insurreição, estas palavras seriam inquestionáveis, mas converter o movimento de julho em insurreição significaria quase certamente enterrar a revolução” (TROTSKY, 2007, p. 543).

Os anarquistas podem ser mestres em destruírem ou proporem a destruição, contudo, na arte de construir, não superaram as práticas da toupeira ou do castor. Em Julho, chamavam as massas à batalha e justificavam que em Fevereiro não foi preciso partido algum, que sem direção, a revolução ocorreu. Esses intérpretes da História, à luz de vela, não só têm dificuldades em enxergar, como também de medir as forças no campo de batalha. Fevereiro foi resultante de um longo e sofrido processo elaborado por gerações inteiras que ainda tinham como reserva os liberais e os democratas prontos a acomodar o poder em seu colo.

Os eventos de julho não tinham amparo nem reservas, era um novo caminho a desbravar na cordilheira da história pelo proletariado, quando toda a burguesia liberal democrata era indubitavelmente contrária a eles. “[...] Esta diferença básica entre as condições de uma revolução burguesa e uma operária os anarquistas não viam, ou não entendiam” (Idem, p. 543).

Para que então serve a fonte da história senão para *dar de beber a quem tem sede*? A apreciação da História pela vanguarda bolchevique foi fundamental para que a jornada de julho soviética confirmasse e ao mesmo tempo negasse os desígnios da História, ou seja, as massas em luta foram vencidas, mas não derrotadas, educadas pela experiência puderam completar sua tarefa em Outubro.

Educar para dirigir uma revolução exige o máximo de sensibilidade, além, é claro, de racionalidade para absorver a inspiração das massas quando elas ainda agem de forma inconsciente, com ausência de clareza diante das inúmeras tarefas que tem pela frente. Sem saber por onde começar, e arrastadas pelas necessidades, deixam para trás o velho abrigo e entram em um novo.

O Partido Bolchevique avaliou a jornada de julho como incompatível ao momento. No entanto, não virou as costas às massas, deixando-as ao sabor dos anarquistas, os intérpretes acidentais dos anseios das massas insurretas, o que poderia, sem dúvida, desembocar em uma derrota sangrenta. Por outro lado, se o partido tivesse mesmo contra sua apreciação do enfrentamento ao tomar a frente das manifestações, deixando-se levar pelas forças torrenciais das massas e desaguar em um combate decisivo, a insurreição teria inevitavelmente um desfecho audacioso.

O proletariado, sob a direção do Partido Bolchevique, tomaria o poder, mas apenas para vê-lo escorregar de suas mãos, dessa forma, cavando a sepultura da revolução, porque essa batalha não era a decisiva, não estava colocada no plano nacional como fora em Fevereiro em Petrogrado, quando o eco da vitória chegou a todos os rincões da Rússia. A vitória da jornada de julho ficaria isolada e as forças da contra revolução poderia isolar Petrogrado, sangrando o último combatente. Assim, a História *choraria* pela segunda vez a Comuna de Paris.

Na *roleta da história* a interferência do Partido Bolchevique pôde eliminar duas armas fatalmente perigosas: uma que selara o destino da jornada de junho de 1848, e a outra que tingira de vermelho toda a Paris com o sangue dos operários em 1871.

Os bolcheviques souberam agir no momento oportuno e tempo das exigências dos eventos. Em sua apreciação, nem forçaram um combate decisivo, tampouco permitiram que as massas se ferissem fatalmente. Com essa determinação e conduta corajosa foi possível preservar valorosos quadros combativos ao mesmo tempo em que estes puderam aprender mais para os próximos capítulos da história.

A atuação do partido na jornada de julho refletia um longo período de trabalho, estudo e política da realidade, guiado por uma sólida experiência dos embates passados, fundamentados na teoria marxista, esta que carrega consigo o diferencial das outras até então elaboradas e conhecidas. O partido soube organizar a vanguarda armada com profunda compreensão da realidade, associou a mais atenciosa análise científica à realidade histórica e social com obstinada perspectiva de transformação pelos métodos da revolução social.

Todos esses elementos, devidamente pesados e medidos, puderam mostrar com desenvoltura, sob o comando dos operários menos assombrados com os estrondos da luta de classes, que foram educados pelo partido e, por isso, souberam se posicionar nos seus devidos lugares em Fevereiro, embora naquele momento o partido ainda não estivesse na direção da Revolução.

Em abril de 1917, os bolcheviques tinham suas palavras de ordem. No entanto, as massas em movimento ignoraram. Em junho, a voz do partido começava a ecoar aos ouvidos das massas, mas os chamados inimigos eram muito fortes e ainda encantadores a elas.

Em julho foi diferente porque nesses dias de balanço entre olhar para trás, prever o futuro e travar a batalha do presente, o partido não esqueceu seu enredo quando assumiu seu lugar no *palco da história*. Determinado a dar o combate na justa medida e assim impedir a derrota do proletariado.

É impossível impedir o pôr do sol e, como consequência, a interrupção da fotossíntese. A natureza segue rigorosamente suas leis e o fatalismo entoa seu ritmo nas coisas. Contudo, o fatalismo histórico de vez em quando é surpreendido pela marcha dos homens que, apegados à vida, entram em atividade, interferindo diretamente no eixo ordenador das leis que regem a sociedade e, em certas circunstâncias, da própria natureza.

Como um processo técnico', escreveu Miliukov, falando do significado da jornada de julho para os bolcheviques, 'a experiência para eles foi, sem dúvida, de valor extraordinário. Mostrou-lhes com que elementos tinham que lidar, como organizar estes elementos, e finalmente que resistência seria posta pelo Governo, o Soviete e as unidades militares... Era evidente que, quando chegasse a hora de repetir a experiência, eles a executariam mais sistemática e conscientemente [...] (TROTSKY, 2007, p.544).

Essas palavras dão a justa medida dos fatos em julho para a educação e o desenvolvimento futuro da política dos bolcheviques. Porém, seria preciso esperar um pouco mais para demonstrar que haviam aprendido a lição. O partido ainda teria que passar um breve período de penúria pelas sombras dos acontecimentos, fazendo pensar aos inimigos desavisados que suas forças haviam se esvaído.

As coisas não costumam acontecer por acaso. A História não tolera batedores e nem se confessa com oráculos, assim como é possível a um assador de castanha saber o momento de tirá-las do fogo sem que estejam cruas ou queimadas, é igualmente possível para aqueles mais abnegados a possibilidade de vislumbrar as perspectivas do futuro justamente por sua devoção em entender o passado, compreender o presente e ter um firme propósito de construir o futuro guiado pelas necessidades do curso da vida.

O julho soviético moldou esses combatentes que souberam enxergar nele traços semelhantes aos da Revolução Francesa, os da jornada de julho de 1948 e, também, os da Comuna de Paris, em 1871. Nesses momentos os combatentes foram surpreendidos ao perceberem que lhes escapavam a coroa da vitória. Tomados pelo desespero, atiraram-se ao ataque sem ponderar os perigos que lhe esperavam e se tornaram, assim, presas fáceis se afogando na derrota enquanto tudo parecia abrir as cortinas para a vitória.

Seria preciso superar os encantos das badaladas dos sinos de julho e seguir firme para Outubro. Os bolcheviques aprenderam com a História a entender a marcha da revolução de Julho e de Outubro. A História ensina sem batedores, oráculos ou encomendas, e os deseducados e deserdados aprenderam a ver adiante.

5.4 Revolução, educação e a transição ao socialismo: os testemunhos da História

[...] Com os senhores da economia burguesa não há mais o que discutir: o socialismo demonstrou seu direito à vitória não nas páginas de “O Capital”, mas na arena econômica que corresponde a um sexto da superfície terrestre; não na linguagem da dialética, mas na linguagem do ferro, do cimento e da eletricidade. Caso a URSS viesse a fracassar, fruto de dificuldades internas, golpes externos e erros da direção (coisa que, esperamos nós, não aconteça) restariam, como garantia do futuro, o fato inabalável de que, somente graças à revolução proletária, um país atrasado deu, em menos de duas décadas, passos sem precedentes na História (TROTSKY, 2007).

É preciso guardar a enorme diferença entre derrubar o antigo poder e tomá-lo nas próprias mãos. O poder pode cair no colo da burguesia numa revolução, não pelo fato de ela ser revolucionária, mas por sua condição de classe dominante com infinidade de forças a seu favor. Controle da propriedade, controle da instrução, da imprensa, todo o conjunto de

posições fortificadas em instituições legais, enquanto o proletariado só contava com seu número ao se sublevar, desafiando a ordem burguesa, estaria por sua própria sorte quando inimigos poderosos se levantassem contra ele.

Outra compreensão é que só há insurreição se houver revolução. Embora a recíproca não seja verdadeira, podemos ter revolução, mas que não avance para uma insurreição. No entanto, toda insurreição necessita dos degraus de uma revolução, pois se torna o coroamento, a cereja do bolo, o momento em que depois de idas e vindas as massas se decidem pelo assalto ao poder.

Uma revolução segue seus trâmites históricos que guardam seu tempo de maturação. Isso é assim porque o devir e o vir a ser guardam seu tempo de equilíbrio, desequilíbrio e novamente equilíbrio, o que evidencia que todo equilíbrio é momentâneo. Assim, nada deixa de existir sem antes ter cumprido a sua missão histórica para qual veio ao mundo.

Os ventos de uma revolução começam a se agitar quando a estrutura que por muito tempo deu os direcionamentos da organização social não consegue mais fazê-lo. Os problemas se avolumam ao mesmo tempo em que o desenvolvimento está travado, mas a possibilidade da revolução ainda requer outro fator preponderante, a existência de uma classe que se imponha como capaz de tomar para si as demandas da sociedade e a resolução dos problemas postos pelas exigências da vida em constante desenvolvimento.

As forças produtivas, portanto, as bases econômicas, são os elementos que tanto podem impulsionar a sociedade, como prendê-la ao atraso, a depender das relações de produção. Desse modo, “[...] No desenvolvimento das forças produtivas advém uma fase em que surgem forças produtivas e meios de intercâmbios que, no marco das relações existentes, causam somente malefícios e não são mais forças de produção, mas forças de destruição [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p.41).

As forças de produção se convertem em força de destruição nos marcos das relações do capital em seu estágio de deterioração arrastando todos pelas contradições na economia com as classes em luta. Contudo, o desenvolvimento histórico não se encontra em um beco sem saída, sendo possível, por meio de uma revolução vitoriosa, fazer com que as massas possam apreciar esses problemas, processando-os em sua consciência e, por esse processo, chegar a uma consciência modificada, produzindo uma nova correlação de forças humanas, podendo avançar e superar os marcos da destruição para os do pleno desenvolvimento produtivo do trabalho humano.

Com a classe dirigente paralisada, e a classe proletária exigindo passagem, embora a autossacrifícios, ainda será preciso uma posição das camadas intermediárias que, ao tender para o proletariado, alimenta-o de confiança e, ao mesmo tempo, isolam cada vez mais a classe dominante, afogando-a nas águas da desmoralização.

Agora, todas as condições estão favoráveis à tomada do poder. Mas, assim como ao marroeiro é dado o marrão e a pedra, ao serralheiro serrote e madeira, ao pedreiro colher e prumo, ao proletariado será preciso uma direção resistente e confiante.

Aproximamo-nos ao conjunto dos elementos necessários à disputa do poder. Mas, falta um elemento para fechar a conta e poder cumprir essa tarefa: uma direção que inspire confiança por sua atuação, experiência, sobretudo, por sua inteligência, solidez e segurança “[...] Isto nos leva a última premissa —de modo algum a última em importância— da conquista do poder: o partido revolucionário como uma vanguarda da classe estreitamente unida e temperada” (TROTSKY, 2007, p.937).

Tomando os fatos como testemunha da História – desde a Revolução Francesa (1789), passando pelas revoluções de 1830, 1848 e 1871, com a Comuna de Paris, também na Rússia em 1905 e em 1917 não deixando de destacar a derrota alemã em 1923, o fracasso da Revolução Chinesa de 1925 a 1927, até os eventos na Espanha em 1931. Com as devidas considerações sobre as três primeiras datas, da Revolução Francesa de 1789 até 1848, quando a classe operária pôde descer do céu à terra e conquistar uma base sólida para lutar por sua emancipação, pois até então todas as suas lutas ocorreram em conjunto com as demais classes, até mesmo com a burguesia.

Na Comuna de Paris *o rio de sangue* resultante da derrota dos operários estabeleceu um limite de classes e, com isso, a necessidade indubitável de forjar uma direção que conduzisse os operários em suas batalhas pelo direito a uma existência digna. Era justamente nesse instrumento com sua resistência, diligência e eficácia, onde residia a última pedra do quebra-cabeça. “[...] O mais difícil de tudo para a classe operária era criar uma organização revolucionária capaz de se elevar a altura de sua tarefa histórica [...]” (TROTSKY, 2007, p. 937).

Da mesma forma que o marroeiro é impelido a procurar uma madeira que lhe garanta um cabo para o seu marrão que suporte os impactos da resistência das pedras e não seja quebrado, a classe operária precisa selecionar entre o proletariado, os elementos adequados para o partido revolucionário que assim como o cabo do marrão, por mais dura que

seja a pedra, ele se envergue e não quebre. Semelhante direção tem que ter o partido, por mais longa a revolução e mais dura a insurreição, deve resistir até cumprir a sua tarefa.

Não é possível moldar o ferro, cortar a madeira e quebrar pedra sem a ação direta e sem o uso de um instrumento adequado. Assim, as contradições no seio da sociedade conduzem a um impasse que exige uma resolução inadiável, as quais empurram as pessoas para a ação. “[...] As camadas avançadas arrastam os hesitantes e isolam os que se opõe. A maioria não é contada, mas convencida. A insurreição aparece exatamente no momento em que só a ação direta pode oferecer uma saída para as contradições” (TROTSKY, 2007, p.940).

E assim como na arte, que na busca pelo belo é obrigada a seguir as exigências da harmonia de elementos agradáveis aos olhos, e que em seu conjunto se apresentam em perfeito equilíbrio em proporções e simetria, uma insurreição ao se configurar como a arte de transformar a sociedade exige o agradável e o belo, não só para os olhos, mas também para o estômago, porque há aqui o respeito a um princípio histórico que, para poder apreciar a vida e a arte, ao agradável, ao belo, é preciso estar em condições de viver, e isso significa a garantia do atendimento das necessidades básicas. Isso evidencia outro princípio histórico, a entrada decisiva da classe que produz essas condições “[...] Um fuzil nas mãos de um operário envolve um princípio histórico totalmente diferente do que o mesmo fuzil nas mãos de um estudante” (TROTSKY, 2007, p. 944-945).

A revolução não ocorre como uma sangria desatada, como se houvesse uma grande explosão e tudo viesse abaixo de repente. As coisas não funcionam assim. As grandes mudanças demoram a vir, são gestadas aos poucos na consciência das massas, mas seu eco se espalha por todos os lugares. Os servos e escravos não se submetiam mais aos seus senhores, agora andava de cabeça erguida, os sentimentos que são levados pelos ventos não deixam mais ninguém olhar para os pés. “[...] Todos estão olhando para frente.” (TROTSKY, 2007, p.961)

Não era segredo que os quadros do Partido Bolchevique se guiavam pela crítica marxista, com especial atenção aos ensinamentos da Comuna de Paris de onde absorveram uma boa dose de educação política, principalmente pelos erros cometidos por seus líderes que dentre outros deixaram o banco do Estado intacto “[...] ‘Não cometeremos esse erro’, diziam muitos bolcheviques muito antes de 25 de outubro. A notícia da tomada da mais sagrada instituição do Estado burguês rapidamente se espalhou pelos bairros, levando uma onda calorosa de alegria” (TROTSKY, 2007, p.982).

É comum nos depararmos com análises onde se estabelece relação entre a dinâmica da natureza —história natural com eventos revolucionários. Em nosso texto, recorreremos várias vezes a esse método de comparação. Contudo, nossa pretensão não é levar ao leitor a ideia de que os fenômenos da natureza guardam as mesmas leis dos eventos sociais, mas somente enaltecer se valendo das forças cegas da natureza, as leis da dialética, do desenvolvimento histórico, orquestrado pelas forças humanas em seu conjunto.

O calor que ao se expandir do interior da Terra ocasiona terremoto e maremoto, não deixa nenhum aprendizado a seus elementos naturais, com as revoluções tudo é muito diferente. Em 1917, “[...] Por oito meses, as massas estiveram vivendo uma intensa vida política. Estavam não apenas criando os eventos, mas aprendendo a entender suas conexões. Após cada ação, eles avaliavam criticamente seus resultados [...]” (TROTSKY, 2007, p. 1026). Somente dessa forma a Revolução pôde colocar a serviço do povo o Parlamento, não o burguês, onde imperava os palavrórios órfãos de ação concreta se esquivando de atender às demandas das massas, mas os conselhos populares como instrumento de ação do dia a dia, para tocar a vida política do povo.

A Revolução de Fevereiro havia dado essa excelente conquista ao permitir que as greves, as manifestações e os deslocamentos de soldados para o *front* fossem decididos pelo voto. Esse conjunto de coisas logo conduziu as massas a intuírem que podiam, perfeitamente, da mesma forma, decidir-se pela insurreição. Mas, como nem tudo está pronto e acabado, ainda seria preciso um reconhecimento legal dessa nova ferramenta, e para isso todas as discussões teriam que ser públicas, com a participação de representantes do campo dos adversários.

Definitivamente, os soviets não eram homogêneos, por isso a velha e boa legalidade burguesa era agora, na sua essência, o elemento fundamental para a superação do impasse entre a velha organização e a nova sociedade socialista que estava para se iniciar depois de três dolorosas e sofridas revoluções na Rússia em 1905, e em Fevereiro e Outubro de 1917. Deparamo-nos com o velho psiquismo econômico e conservador das relações humanas quando, para edificar o novo, primeiro recorre ao velho, que diante de forças contraditórias, ao mesmo tempo é obrigado a superá-lo e também conservá-lo.

A História humana pode funcionar como um grande depósito que guarda com zelo todas as suas fases: da infância, passando pela adolescência, e ao estado adulto, quando supostamente se superaram as fases precedentes, mas que mesmo assim ainda resiste de alguma forma conservar as fases anteriores para que não se percam os vasos comunicantes da existência dos seres sociais. Assim, tudo quanto existe carece do seu registro de nascimento,

existência, desenvolvimento e fim, por assim dizer, ou se converter em algo qualitativamente superior ao que era antes, não com a aniquilação total do velho, mas como um processo que, ao mesmo tempo, ao negar o velho pelo novo, necessita, também, conservá-lo.

A evolução não deixa de ser um conceito biológico e nos leva a compreender que se trata de um processo de avanço e progresso. Ao fim, tomando a realidade, trata-se, na verdade, de mudanças que tanto podem ser progressivas quanto regressivas, pois como na Biologia a vida em sociedade pode evoluir para um plano favorável ou ao contrário.

A velha sociedade abriga o embrião da nova, mas não é possível que esta se imponha como num conto de fadas onde uma abóbora se transforma em uma linda carruagem de ouro. Precisa-se de método para fazê-lo, a partir do qual forma e conteúdo se harmonizem nessa tarefa. Para isso, um programa com os seus devidos instrumentos é imprescindível.

O Partido Bolchevique, nos meses de setembro e outubro, mesmo com limites, agigantou-se por sua influência política, mas não podia cair na tentação de acreditar que sua força poderia ser igual ou superior à dos soviets que eles dirigiam. Sem o partido, os soviets iriam se tornar impotentes. Assim os instrumentos se revelam na realidade por uma relação de correspondência com seus fins “[...] Uma alavanca aplicada corretamente permite ao braço humano levantar um peso muitas vezes maior que sua força real, mas sem o braço, a alavanca não é nada, só um bastão inanimado” (TROTSKY, 2007, p. 1028).

Tanto as palavras de ordem, como os soviets, estavam impregnadas na mente e no coração das massas ao longo dos meses de setembro e outubro. Era somente uma questão de espera, do momento quando iriam pôr em marcha o programa dos bolcheviques sob o comando dos soviets. O partido havia se preocupado em educar as massas a agir organizada e sob a legalidade dos Soviets que era uma organização ao modo burguês quando recorria ao sufrágio universal, mas ao mesmo tempo, ao modo da democracia operária ao permitir o combate à escravidão social “[...] ‘O Soviete é uma instituição eletiva e... não pode implementar uma decisão que é desconhecida dos operários e soldados.’[...]” (TROTSKY, 2007, p. 1028).

O parlamento, sob o comando dos soviets, remontava a práticas das tribos guerreiras quando todos os membros tinham suas armas ao se apresentarem nas assembleias, só que em uma nova época histórica onde os guerreiros se encontravam na Modernidade. Os soviets se comportavam como as águas de um grande rio, que ao chegarem ao deserto seco e árido, transforma a velha paisagem e cria novas com o frescor de novas vidas.

O Soviete alterou o sabor do prato burguês de liberdade política para escolher seu algoz e a perpétua escravidão social resultante da democracia liberal do capitalismo para a ditadura proletária, resultante da democracia operária rumo ao socialismo.

O socialismo se caracteriza como um período de transição. Primeiro ainda nos caminhos do capitalismo, depois sobre seus próprios e, finalmente, uma transição ao comunismo, onde outra forma de organização reinará com todos os desafios, inquietudes e competições que pertencem à vida humana. Entretanto, sem classes sociais, propriedade privada dos meios de produção, trabalho assalariado e escravidão social.

Com a vitória da insurreição, a revolução cresceu, embora seu potencial ainda não tivesse encontrado um fim para cada um de seus inimigos, como também mecanismos suficientes em quantidade e qualidade para fazer valer suas ordens. No entanto, indubitavelmente um mundo novo se erguia.

[...] milhares e miríades de ordens, nem sempre dada pelos que tinham o direito, e raramente recebidas por aqueles capazes de executá-las. Mas aqui estava o milagre – que neste turbilhão louco existia um significado interno. As pessoas se esforçavam para entender uma a outra. As coisas mais importantes e necessárias aconteciam. Substituindo a velha rede de administração, os primeiros fios de uma nova eram lançados [...] (TROTSKY, 2007 p.1062-1063).

Sem as correntes da escravidão social, mesmo ainda sob um bombardeio de prioridades para encontrar o caminho certo para abolir de vez a humanidade dessas correntes e ajustar o curso de uma nova ordem social, as pessoas, guiadas pelo desejo de liberdade devidamente construídos em suas consciências pela longa exposição ao período de escravidão, agora, quase que de forma autômata, farejavam como um cão caçador os caminhos que levariam às coisas mais necessárias para o plano em curso. Seguramente, o caos encontrava sua lógica, não na matemática, mas no exercício livre da vida em sociedade.

As vozes ecoavam ao mesmo tempo e se replicavam para todos os lugares. “[...] A revolução oferece a vocês a paz. Ela será acusada de violar tratados, mas está orgulhosa disto. Romper com as alianças de predação sangrenta é seu maior serviço histórico [...]” (TROTSKY, 2007, p.1066-1067). Esse ato governamental se assentava sob o congresso de operários e soldados como uma base indestrutível de poder forjado pelas massas abraçadas a uma insurreição vitoriosa.

Os bolcheviques souberam e tiveram coragem de desafiar, ao mesmo tempo, a Monarquia e a toda poderosa ordem burguesa que parecia imponente, inabalável, que justamente pelo excesso de solidez desmoronou. Como a exigência da vida é viver, já preparavam, com os seus escombros, pelas novas circunstâncias, uma nova edificação.

De John Reed, o homem que, segundo Trotsky, foi não só um observador e participante, mas também cronista e poeta da insurreição ficam as palavras:

[...]vimo-nos todos de pé, murmurando juntos a harmonia arrebatadora e suave da ‘Internacional’. Um velho soldado grisalho soluçava como uma criança. Alexandra Kollontai enxugava rapidamente as lágrimas. O imenso som espalhava-se pelo salão, arrebatava pelas portas e janelas e elevava-se até o céu silencioso (TROTSKY, 2007, p.1067).

Nesse momento, todos os combatentes que tombaram lutando pelo socialismo faziam o caminho inverso dos hunos: desciam dos céus para se juntarem aos oprimidos, que embalados ao som da Internacional, enchiam-se de independência e altivez, de iniciativa e audácia. Com os corações pulsando ao ritmo da Revolução, preparavam-se para moldarem o mundo com suas próprias mãos. “[...] A mão onipotente daqueles milhões que derrubaram a monarquia e a burguesia irá agora estrangular a guerra. [...] todos juraram levar até o fim esta ‘luta final e decisiva’. ‘Iremos construir nosso próprio novo mundo!’ [...]” (TROTSKY 2007, p.1067).

A burguesia teve que pagar o preço pelo tardar das horas de sua revolução na Rússia, ao mesmo tempo em que o proletariado teve que lutar tenazmente para não perder o adiantar das horas. Pela dinâmica da História mais o tardar da hora, a Revolução Burguesa, em seu permanente desequilíbrio, foi tragada pela Revolução Proletária, a qual deixou na poeira, tanto o mundo monárquico, como os belos encantos da democracia do mundo burguês, com seu liberalismo econômico e a escravidão social.

Como o pulmão de um homem infectado por tuberculose não deixa de ser um pulmão, a humanidade não deixa de ser humana ao promover guerras e revoluções. Da mesma forma que é preciso considerar além da anatomia e fisiologia da tuberculose para entender o pulmão infectado, é igualmente necessário para entender a humanidade considerar o universo das guerras e das revoluções, ou seja, a luta de classes como *motor* da História. Não esquecendo que do universo de todos aqueles que mastigam e respiram, uma ínfima minoria entende de digestão e circulação sanguínea, no entanto não deixam de mastigar ou respirar por conta disso. “[...] A Revolução de Outubro lançou as bases de uma nova cultura que tomava todo o povo em consideração, e, por esta mesma razão, imediatamente adquiriu um significado internacional. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 1087).

O mundo moderno e civilizado não pode ser entendido somente pela forma e o conteúdo do capitalismo, é preciso acrescentar ao universo vocabular da humanidade as palavras advindas da Revolução Russa, tais como bolcheviques, soviets e a planificação

econômica, todas vindas à superfície do convívio humano pela luta heróica do proletariado russo e com o apoio indireto da classe operária mundial.

As revoluções burguesas foram impulsionadas pela necessidade de destruir as relações feudais de propriedade e sua forma de economia estanque limitada às províncias. A força do liberalismo recorreu ao nacionalismo para destruir as amarras feudais, e ao chegar ao seu intento precisou conter as forças produtivas. É sabido que roupa que veste criança não pode, da mesma forma vestir adulto. Assim, o que antes serviu como mecanismo de libertação, agora se convertera em algemas à economia mundial. Dessa forma, o liberalismo e o nacionalismo, de aliados do progresso humano, converteram-se em seu entrave. “[...] A revolução proletária é dirigida contra a propriedade privada dos meios de produção e contra o divórcio nacional da economia mundial [...]” (TROTSKY, 2007, p. 1123).

As revoluções tendem a se levantar nas bordas dos grandes centros da economia capitalista, precisamente nos países mais atrasados. Isso não tem como significado que o coração do sistema esteja imune às avalanches revolucionárias. Marx já havia dado uma explicação: “[...] Explosões violentas ocorrem antes nas extremidades do organismo burguês do que em seu coração, porque neste último o controle é mais possível [...]” (TROTSKY 2007, p. 1122).

A derrubada do capitalismo ocorria em um determinado país, porém, tinha como alvo uma formação social mundial: “[...] Uma correta apreciação de nossa revolução’, disse Lenin, ‘só é possível de um ponto de vista internacional” (TROTSKY, 2007, p.1122).

Dessa forma, uma revolução que se inicia em um determinado país precisa, para sobreviver, avançar para a amplidão internacional, porque não há como se expressar por *meias palavras*. O socialismo precisa triunfar de forma universal, justamente porque seu maior inimigo mantém sua dominação também de forma universal. Sob esta, os oprimidos e deserdados não vão poder usar a sua própria linguagem, poder desenvolver o seu modo de vida, sua educação, a construção de uma cultura de todos e o fim do controle de uma minoria iluminada.

John Reed registrou a fala de um soldado em Petrogrado:

[...] um soldado do front romeno exclamou: ‘Manter-nos-emos firmes com toda nossa força até os povos de todo o mundo virem em nossa ajuda’. Esta fórmula não caiu do céu, e não era uma idéia do soldado anônimo ou de Reed. Ela foi incutida nas massas pelos agitadores bolcheviques. A voz do soldado do front romeno era a voz do partido, a voz da Revolução de Outubro (TROTSKY, 2007, p. 1132-1133).

A voz da Revolução não se restringiu aos limites da Rússia. A “Declaração dos Direitos dos Trabalhadores e dos Povos Explorados”(Idem, p.1133) exigia uma organização socialista não nos marcos do povo soviético, mas em todos os países, pois era preciso seguir resolutamente até a vitória final dos trabalhadores contra a escravidão social imposta pelo capital. Era necessária uma insurreição internacional.

Uma insurreição permanente, que do campo nacional alcance o internacional, está nos ensinamentos de Marx e Engels, os quais foram devidamente compreendidos por Lênin e Trotsky ao comandarem a Revolução, não como causa do povo soviético, mas, na essência, como causa da classe operária mundial. A revolução não tem pátria, não possui lápide no cemitério do tempo, impõe-se permanente até a sua vitória universal.

Rosa Luxemburgo foi uma severa crítica de Lênin com relação a seus métodos organizativos e a defesa do Partido Bolchevique. A tudo estava atenta sobre o que diziam e faziam os bolcheviques. Mesmo estando presa, observou que “[...] O fato dos bolcheviques em sua política terem guiado seu curso inteiramente rumo a revolução mundial do proletariado, é precisamente o testemunho mais brilhante de sua perspicácia política, sua firmeza de princípios e o alcance audacioso de sua política”(TROTSKY, 2007, p.1133).

Eis a Rosa, a revolucionária que com suas palavras enalteceu o internacionalismo da revolução *levada a cabo* pelo partido pensado e organizado por Lênin e posto à prova como principal instrumento a serviço dos oprimidos quando da tomada do poder.

Tomar o poder seria o primeiro passo rumo à longa caminhada que conduziria ao socialismo. A jornada seria longa e o caminho espinhoso, disso sabia os bolcheviques. O próprio Lênin admitia que, por conta da guerra, a resistência dos capitalistas no plano mundial, a Revolução era fraca, mas tão logo acabasse a guerra isso iria mudar. Três anos após a Revolução, em 1920, já sob o *manto* da paz mundial, as forças inimigas da Revolução, mesmo fortalecidas, encontram uma conjuntura desfavorável às suas pretensões, visto que a vitória dos operários na Rússia ainda assombrava e tirava o sono da burguesia em todo o mundo. Em 1920, Lênin soa o alarme ao lembrar:

[...] ‘Agora passamos da guerra à paz’, [...] ‘Mas não nos esqueçamos de que a guerra virá novamente. Enquanto o capitalismo e o socialismo permanecerem, não podemos viver em paz. Um ou outro, em longo prazo, irá vencer. Então haverá um réquiem ou para a República soviética ou para o capitalismo mundial. O atual período é uma moratória numa guerra’ (TROTSKY, 2007, p.1138).

Francis Fukuyama, ideólogo de Reagan, nos Estados Unidos, e de Thatcher, na Inglaterra, um legítimo liberal conservador burguês, não perdeu tempo quando, após a queda

do Muro de Berlim (1989) declarou o *requiem aeternam*—repouso eterno ao socialismo, abordado em seu livro intitulado *O fim da história e o último homem de 1992*. No livro, sua argumentação se resumiu a afirmar que a democracia liberal do mundo ocidental seria a última etapa da evolução sócio-cultural da humanidade, portanto, a última fronteira da maneira de governar engendrada pelo gênero humano na face do planeta.

Existiu um pensador francês que defendeu a História como a ciência da infelicidade dos homens. Raymond Queneau, escritor, poeta que vivenciou as agruras das duas Grandes Guerras mundiais, talvez até tivesse razão. Mas, se a História narra as tragédias humanas, enfatizando as infelicidades, precisa, ao mesmo tempo, narrar os feitos que engrandecem o espírito humano e o conforta com dias felizes.

John Reed, mesmo sendo vítima da tragédia humana e tendo sua vida ceifada prematuramente, ainda jovem pôde narrar com felicidade o triunfo da classe operária na Revolução Russa e registrar os primeiros passos rumo ao socialismo, portanto, o início da derrocado do capitalismo. Reed, assim como o soldado grisalho, Alexandra Kollantai e muitos outros que choraram, não fazia por tristeza, e sim de felicidade por estar presenciando a votação de uma resolução em um congresso de operários, soldados e camponeses. Um ato governamental que tinha para a História dos homens não acordes de tristeza, mas definitivamente uma imensa alegria com um enorme significado para evolução humana, exatamente por forjar algo superior à democracia liberal, a mesma que Fukuyama proclamou como estágio final das relações humanas depois de mais de sete décadas.

A tese de Fukuyama, de *zerar* a História, limite onde não era preciso dizer ou fazer mais nada, pois já chegara a um ponto de perfeição na gestão das relações humanas. Tudo isso continha um pequeno problema, precisava combinar com todas as pessoas que todos os dias acordam, andam, trabalham, desejam, pensam, sonham e lutam para transformar o mundo em um local melhor para se viver. Assim, esta tese, ao se chocar com o mundo real, desintegra-se, revelando os seus limites. A teoria revela os seus limites ou inviabilidade quando se confronta com a realidade.

A vida se evidencia pelo eterno pulsar das mudanças, pela permanente necessidade da existência ativa e operante dos indivíduos, independente ou não que haja produções teóricas sobre a guerra ou a paz, a morte ou a vida. “[...] A teoria é muito importante, porém o fetichismo pedante da teoria não serve para nada” (SAGRA 2010, p.138). Não pode ser comparada a um cheque que, pleno de fundos, possa ter seu valor compensado em uma agência bancária.

Nem todos os processos são tão simples como a fórmula do oxigênio ou da água. Não há um recipiente que comporte a realidade. Ela se encontra em permanente mudança. Não estamos querendo afirmar que seja inútil teorizar sobre a realidade, e que não seja, ao mesmo tempo, possível no confronto com a prática fazer os ajustes necessários. São justamente os elementos objetivos que irão confirmar ou negar uma teoria em parte ou no seu todo.

As premissas básicas do capitalismo se fundam na propriedade privada dos meios de produção e no trabalho assalariado. Viabilizado pela democracia liberal, revestida pelo princípio da igualdade jurídica fundada no exercício político do sufrágio universal que assegura a compreensão da igualdade de todos perante a lei. Tendo como fim garantir riqueza a uma minoria em detrimento da miséria da maioria, pelo simples fato de não poder oferecer condições dignas para todos.

Por sua vez, o socialismo se funda na propriedade coletiva dos meios de produção, distribuição igualitária e uma produção social planejada. Tem como referência o atendimento das necessidades humanas. A posse coletiva dos meios de produção é tão somente uma base legal para o socialismo, mas ainda não o socialismo, pois não podemos precisar quantas etapas serão necessárias para alcançá-lo. Esse não pôde ocorrer em plenitude em nenhum país específico, e ainda tem sua dependência da revolução socialista mundial.

O movimento para que nasça um poder constituído do proletariado em forma de ditadura não significa, em absoluto, que sejam os mesmos caminhos para uma sociedade socialista. Um e outro movimento não são idênticos, pelo contrário, podem, em certos aspectos, confrontarem-se.

[...] A circunstância de que o proletariado russo chegou primeiro ao poder de modo algum implica que chegará primeiro ao socialismo. Esta desigualdade contraditória do desenvolvimento que levou à Revolução de Outubro não desapareceu com sua realização. Ela está na própria base do primeiro Estado operário. (TROTSKY, 2007, p.1141).

A História tem sua face cômica, pena que o seu *sorriso exale o veneno da tragédia*, pois as mesmas condições que permitiram a Revolução foram as mesmas que impediram a sua continuidade: a miséria material, a ignorância cultural, as forças adversas da natureza, as guerras e as barbáries impostas pelos interesses de classes, tudo isso sustentado pelo egoísmo dos indivíduos educados numa sociedade de exploração e opressão.

Não é a nova era que, apesar de imprimir diferentes níveis culturais à civilização, trará mecanicamente as mudanças para permitir lutar contra o passado e superá-lo. É preciso

tempo e isso assusta pela indefinição cronológica. Não há outra forma, já que a gestação do socialismo não se compara do nascimento dos mamíferos bípedes dotados de consciência e vontade.

Lênin dizia em 1918, na Sessão do Comitê Executivo Central: “[...] A nova geração, embora mais desenvolvida, dificilmente fará a transição completa ao socialismo [...]” (TROTSKY, 2007, p. 1142). Quase dois anos depois, falando aos agricultores em um congresso das comunas, mostrou-se mais cauteloso: “[...] Não podemos introduzir agora uma ordem socialista. Queira Deus que no tempo de nossos filhos, ou talvez nossos netos, seja ela estabelecida aqui[...]” (TROTSKY, 2007, p. 1142). Para Lênin, ter partido primeiro não significava, em absoluto, chegar primeiro. Essa compreensão não está afogada em pessimismo, e sim em sintonia com os limites históricos do desenvolvimento de um Estado operário sitiado por Estados capitalistas em permanente ameaça a sua existência.

As condições políticas do Estado operário eram realmente superiores às dos países avançados, pois o proletariado havia tomado o poder, mas, por outro lado, o tamanho do atraso para implementar uma organização estrutural produtiva concernente às exigências do socialismo se encontravam bem abaixo dos países mais atrasados da Europa. Esse contraste entre condição material produtiva favorável ao socialismo e, ao mesmo tempo, falta de condições políticas para *levá-lo a cabo*, presentes em diversificadas regiões, ou seja, tem-se uma e falta a outra, levou Lênin à conclusão que: “[...] Os elementos da futura sociedade estão divididos, por assim dizer, entre os diferentes países. Reuni-los e subordiná-los uns aos outros é a tarefa de uma série de revoluções nacionais construídas em uma revolução mundial” (TROTSKY, 2007, p. 1142).

Não nos é possível escapar dos determinantes históricos esquecendo que tanto o capitalismo, como socialismo, têm como base de apoio a divisão mundial do trabalho, com um pequeno detalhe sob o socialismo, pois essa divisão mundial do trabalho se veste com a planificação da economia, que se funda no plano nacional e se estende para o plano mundial. É justamente esse detalhe que garante um amplo desenvolvimento dessa divisão e cria as condições para uma transição ao comunismo. Como não é possível combinar com as forças hostes ao socialismo, nem mesmo uma pequena trégua, é preciso ser cuidadoso e não contar com a vitória na véspera da batalha.

A vitória do proletariado somente proporcionou uma base de sustentação inicial para o começo da construção dos fundamentos econômicos do socialismo, e essa tarefa não seria fácil pelas condições do Estado Russo. Essa foi a constatação de Lênin no início de

1922, quase cinco anos depois da Revolução. “Nós não completamos [...] nem mesmo as bases de uma economia socialista [...]” (TROTSKY, 2007, p. 1148). Depois da Revolução, a luta para implantar as bases iniciais do socialismo ainda se encontravam sob ameaça das forças inimigas. “[...] Devemos estar bem alertas sobre isto, [dizia ele] e reconhecê-lo abertamente. Pois não há nada mais perigoso do que ilusões e mentes confusas, especialmente em lugares altos. [...]” (TROTSKY, 2007, p. 1148).

O alerta de Lênin soava porque já havia sinais danosos que podiam contaminar o partido. Primeiro, acreditar que a vitória da revolução seria um passaporte de livre circulação para outras etapas. Segundo a formação de uma burocracia e com ela a defesa do socialismo em um só país para se expandir depois para o mundo em um futuro próximo. E terceiro, a possibilidade da traição da Revolução, o que se confirmou posteriormente pela História. Lênin enfatizou: “[...] sempre ensinamos e repetimos este verdadeiro á-bê-cê do marxismo, de que para a vitória do socialismo os esforços combinados dos operários de vários países avançados são necessários” (TROTSKY, 2007, p. 1148).

Esse alerta era no sentido de não *baixar a guarda e fechar os olhos* para o perigo, e, ao mesmo tempo, lembrar que em política, assim como na guerra, não basta saber o que fazer, mas é fundamental saber com quem fazer e como fazer.

Definitivamente, Lênin havia subido a escada do mirante ao abraçar o marxismo revolucionário e o realismo histórico para, assim, poder ajustar sua visão às perspectivas dos desafios futuros da Revolução: “[...] A Revolução russa é apenas um elo na cadeia na revolução internacional [...]” (TROTSKY, 2007, p.1148). Pouco tempo depois, Lênin reiterou para um congresso de trabalhadores em educação: “[...] A Revolução russa é apenas um exemplo, apenas um primeiro passo numa série de revoluções [...]” (Idem, p. 1149).

A História entregava às mãos do proletariado uma tarefa tão bela como grandiosa, a Revolução Socialista Mundial. Os operários russos em 1905, e depois em 1917, abriram as *porteiças do futuro*, de agora em diante os oprimidos de todo o mundo podiam enxergar um ponto de partida.

A Revolução Internacional não encontrará passividade e nenhuma meia volta dando as costas ao poder. As batalhas nacionais serão degraus para as Internacionais. A ação viva e operativa do proletariado dissipará as contradições por sua intensidade, força, abrangência e, somente assim, será possível superar e ultrapassar os gigantescos e incontáveis obstáculos que emergirão em sua rota. “[...] O Estado operário isolado não só se manteve entre uma legião de inimigos, mas se elevou economicamente. Este importante fato formou a

opinião social da geração mais jovem, que ainda não aprendeu a pensar historicamente —isto é, a comparar e a prever” (TROTSKY, 2007, p.1158).

As revoluções são *levadas a cabo* por milhões de homens quando as condições sociais se tornam inadequadas ao andamento da vida. Esses eventos guardam para a História grandes momentos do desenvolvimento das potencialidades humanas, embora ainda limitados pela divisão de classes. O destaque nas revoluções fica por conta de suas organizações, partidos, sindicatos, exércitos, comitês, tropas de assalto e conselhos populares, instâncias essas que se revelam decisivas tanto para vitória da revolução quanto para a contrarrevolução.

A História não deixa espaço em branco, mas a *cabeça* dos historiadores não tem a mesma sorte. Uns por desonestidade escondem, ou até mesmo deformam, os acontecimentos. Outros, por não os ter conhecido, simplesmente por resistência das classes dominantes em mantê-los sobre o manto do anonimato.

Os períodos históricos marcados por guerras e revoluções precisam ser devidamente estudados, compreendidos e revelados para uma prestação de contas dos homens com a sua existência. Uma gigantesca convergência social se impõe nas épocas da luta revolucionária formada por uma imensa heterogeneidade que fortalece a revolução. No entanto, essa mesma heterogeneidade dificulta, posteriormente, o processo de transição ao socialismo, exatamente por exigir um esforço bem maior dos revolucionários na educação das massas. “[...] Ao mesmo tempo em que dirigimos nossos esforços para o operário consciente e hábil, devemos também aplicar-nos em educar a juventude proletária. Sem isso, seria impossível seguir em frente, rumo ao socialismo” (TROTSKY, 2009, p.16).

A História da luta dos homens para superar o capitalismo passa por um período de intensas lutas, com avanços e recuos, como nos ensinam os escritos de Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Lênin, Trotski e muitos outros que adotaram o marxismo revolucionário e os próprios fatos que marcaram as revoluções.

O intento de destacar a educação como elemento auxiliar da luta dos oprimidos nos trouxe a necessidade de identificar e diferenciar educados e deseducados para uma determinada forma de sociedade. Fez-nos direcionar nossa pesquisa para História da Revolução Russa e o seu legado para a humanidade. “[...] A história de uma revolução é para nós, antes de tudo, a história da entrada violenta das massas no domínio de decisão de seu próprio destino” (TROTSKY, 2007, p. 9).

Considerando o trabalho e a educação como universais, sua existência se impõe necessária em qualquer sociabilidade humana. Por essa via, o homem que nada sabe fazer não

tem prestes, carecendo ser educado para viver entre seus pares. Saber diferenciar pressupõe também saber identificar. Diferenciar educados de deseducados necessita definir para qual sociabilidade determinados sujeitos que adotam determinadas posturas, com determinados fins, são educados ou deseducados.

Com o domínio humano sobre a natureza pelo trabalho, situarmos a educação como categoria primordial de mediação entre trabalho e natureza, adequação das ações e, ao mesmo tempo, nas relações entre indivíduos particulares, ajuste de comportamento, e, na coletividade das relações sociais, ajuste de conduta.

O marxismo não cultua a educação pessoal —o mundo objetivo, construído pelo conjunto dos homens por meio do trabalho em intercâmbio com a natureza. Situa-se, para os marxistas, acima da educação pessoal de cada indivíduo isolado, o que nos obriga saber diferenciar e separar quando preciso. Contudo, isso não nos impede de saber unir quando necessário. O pensamento dialético nos dotou dessa capacidade científica de saber juntar e separar os elementos, trazendo novos à existência a partir dos que já havia. Isso pode ajudar a entender que a educação dos indivíduos isolados nada mais é do que uma resultante da educação geral do mundo objetivo.

Dito de outra maneira, a educação, com a qual os homens isolados ou em conjunto são obrigados, independente das suas pretensões, desejos e vontades, a se encouraçarem para enfrentarem não só as *forças cegas* da natureza, com o firme propósito de dominá-las, colocando-as ao seu favor, sob o seu controle e às suas necessidades, mas, sobretudo, de se moverem em um mundo real já posto por gerações passadas, com convenções sociais tão sólidas quanto uma rocha. Como constatou Marx (2008), os homens fazem a sua história, mas não tendo como guia exclusivo as suas pretensões, o mundo objetivo lhes impõe obstáculos, e, em outro momento, diz que tudo que é sólido vira pó (MARX; ENGELS, 2005).

A educação, de certa forma, pode ser compreendida em duas. Uma com a natureza e a outra com os homens, distintas, mas de forma alguma separadas. Da mesma forma que as forças produtivas se desenvolvem impulsionadas pela energia prática do conjunto dos homens, as relações sociais estão, também, em movimento pela mesma energia, embora em circunstâncias diferentes. Em um momento, o homem atua sobre a matéria inerte e, em outro, em relações com seres dotados de consciência e vontade. Na primeira, adéqua suas ações às propriedades da matéria, na segunda, ajusta comportamento e condutas diante das demandas da coletividade.

Porém, o mundo objetivo não se desvincula do mundo racional. Ou melhor, o mundo racional não se desvincula do mundo objetivo, visto que as ideias, as pretensões e os desejos suscitados pelo pensamento não estão ou não podem estar desconectados dos interesses e das necessidades que guiam a ação prática dos homens frente ao mundo objetivo.

Dessa forma, não fazemos apologia a indivíduos iluminados que podem educar os outros não iluminados, mas, não os desprezamos. Importa-nos a compreensão da devida relevância entre o indivíduo e a objetividade, entre o específico e o geral, como se movimentam as intenções conscientes dos indivíduos e, ao mesmo tempo, as intenções conscientes da coletividade, saber separar e unir.

Assim como uma revolução é, ao mesmo tempo, uma desordem guiada por uma ordem à procura de uma nova ordenação superior, a educação pessoal consciente, em sintonia com uma educação das massas intencionalmente direcionadas por práticas revolucionárias, pode encaminhar a humanidade da desordem, na qual está submetida sob o jugo capitalista, a uma ordenação superior, o socialismo.

Portanto, mesmo admitindo a supremacia do desenvolvimento das forças produtivas na transformação da sociedade, não colocamos em segundo plano as relações sociais, nas quais a educação cumpre uma função fundamental, seja humanizando os indivíduos ou os dotando de capacidades para *levar a cabo* os enfiamentos que precisam ser realizados, tanto nos embates com a matéria inerte, a natureza, com o domínio da ciência, como nas relações sociais, nas quais predominam, além das forças da natureza, a consciência e a vontade humana, tudo devidamente nos limites das possibilidades históricas, moldadas pelas capacidades e necessidades humanas.

Nosso conceito de educação, de certa forma, abarca todos os domínios da vida humana. Contudo, podemos situar dois sentidos que se diferenciam, mas que, ao mesmo tempo se complementam, encontrando-se interdependentes. Um sentido amplo, materialista dialético, que permeia as organizações com os seus métodos, conteúdos e ações, presente no direcionamento das atividades da coletividade em todos os domínios da vida, e outro sentido, mais restrito, marcado pelo comportamento individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembramos de um agricultor cujas pretensões na hora de marcar a terra para plantar eram bem maiores do que sua disposição, quando da colheita. A terra plantada e

cuidada se resumia a uma cama de preá¹⁶, de tão pequena. Entre pretender e realizar, há sempre obstáculos impostos pelo curso da vida.

Sem relação direta com o nosso trabalho, queremos registrar que, dos romances que lemos, pelo menos três rondam nossa existência: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que nos faz enxergar os *Fabianos*, vítimas da miséria material e cultural que lhes roubam, além de tudo, até mesmo, suas capacidades de se comunicarem como seres humanos. Em *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, os *Riobaldos*, com suas inquietações pelo desafio de atravessar o liso do sussuarão e enfrentar o seu destino. Nos *Sertões*, de Euclides da Cunha, a terra como condição da vida, o homem e seus desígnios, e a luta com suas incógnitas.

Dimensionar a função da educação na transição ao socialismo nos impeliu a enveredar pela história das revoluções, especificamente a Revolução Russa, contada por Trotsky como narrador/personagem. Isso nos levou a perceber que a realidade deixa a ficção na poeira quando triunfou a Revolução Russa alimentada pela ideia de construção do comunismo, as expectativas eram encontrar bases materiais a esse intento:

[...] este comunismo não nasce do florescimento das forças produtivas, mas de seu naufrágio. Não é nada mais do que a igualdade na miséria, próximo do retorno a barbárie. É preciso toda a energia revolucionária dos bolcheviques para entrever, atrás das chamas cruéis da enorme fornalha, como dissera Trotsky aos jovens comunistas, a luta do Homem para se tornar senhor de sua própria vida (BROUÉ, 2007, p. 57-58).

Segundo Ponce (2007), até nossa época atual no campo da educação, “[...] não vimos mais do que duas [revoluções]: quando a sociedade primitiva se dividiu em classes e quando a burguesia do século XVIII substituiu o Feudalismo” (p. 165). Para o autor, no primitivismo a educação tinha um caráter espontâneo e integral, porque não havia instituições específicas para esse fim. Cada membro da comunidade incorporava a sua maneira de forma razoável, o que precisava aprender como essencial para viver na coletividade. Portanto, tudo que era possível receber e elaborar para atender às demandas da vida na tribo.

Como podemos ver, a educação se impõe como necessária à humanidade, visto que a existência humana precisa se valer do legado das gerações passadas, quando na sua luta pela sobrevivência é impelida por suas necessidades não só a recorrer ao legado deixado pelas gerações passadas, como, ao mesmo tempo, criar coisas novas. Assim, a educação surge como um excelente instrumento mediador desse processo de conservação e superação do velho pelo novo, *levada a cabo* pelas exigências das forças produtivas, ou seja, pelo trabalho humano em

¹⁶ Mamífero de pequeno porte presente na fauna nordestina. Muito apreciado na culinária do homem do campo.

intercâmbio como a natureza devidamente auxiliada pela ação ativa e operativa dos processos educativos, “[...] o ato de produzir, direta intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2008, p. 07). Ou seja, a educação como processo ativo e operante pelo qual a humanidade conserva a condição humana.

Não podemos deixar de registrar que segundo Ponce (2007) ocorreram somente duas revoluções no campo educativo que impuseram uma educação violenta, de classes, onde há a dominação dos possuidores sobre os despossuídos. Ou seja, uma sociedade de dominados e dominadores, explorados e exploradores. Assim, no atual estágio de decadência do capitalismo, encontramos-nos numa completa desorganização econômica, política e social que traz desastrosas consequências para a humanidade, mas, sobretudo, para a classe operária e o povo pobre do campo e da cidade.

Esse quadro impõe para as massas operárias um desafio: organizar a sociedade de acordo com os seus interesses, o que desemboca, forçosamente, na necessidade de um governo operário, ou seja, o Estado governado pela classe operária, com uma ditadura da maioria, os oprimidos e deserdados, sobre a minoria, possuidores e educados, e dessa forma, abrir caminho para uma nova organização, o socialismo.

Na incumbência de construir o socialismo, a classe operária, no primeiro momento ainda precisa recorrer a uma educação violenta, só que agora exercida pela maioria, aquela que produz a riqueza e que, nesse caminho, inicia-se, ao mesmo tempo, um processo de transição para uma educação não violenta e desinteressada, à medida que a propriedade privada, a escravidão assalariada e as classes percam o sentido da sua existência.

Nesse processo de transição, a classe trabalhadora, em seu conjunto em movimento na luta contra a reação, é obrigada a se educar para entender e compreender a realidade em suas contradições e perspectivas. Para isso, é levada a se apropriar da ciência, da cultura e de todo o conhecimento até então elaborado pela humanidade para usar a seu favor. Com democracia e liberdade para criar e entender o que é preciso fazer para construir um novo mundo, saberá com quem fazer e para quem, sobretudo como fazer. Contudo, todo esse processo não se apresenta tão simples como o suceder dos dias e das noites.

Duros confrontos ocorrerão entre as classes antagônicas para que isso se desenvolva, a partir dos quais milhões de anônimos, aqueles cuja existência era ignorada pelos educados, revelam-se os mais determinados a transformarem essa sociedade. Para tanto, recorrerão às mais variadas formas de organizações como instrumentos de luta: sindicatos,

comitês de fábricas para os operários, brigadas de desempregados, conselhos populares e partidos, partidos não para elegerem quadros para o Parlamento Burguês, e sim como organização revolucionária da classe, formados pelos destacamentos mais abnegados e conscientes da necessidade da revolução.

Vale ressaltar que nesses confrontos entre as classes antagônicas, elementos do lado dos educados, possuidores, desgarram-se quando evolui na consciência revolucionária e se juntam à classe operária na tarefa de superar esse modo de vida que, na época atual, não só acorrenta a humanidade ao *tronco da escravidão*, do mercado, como também destrói a natureza ao produzir cada vez mais miséria, violência e brutalidade para a vida no Planeta.

A ideia essencial do comunismo arrancada do seio da sociedade capitalista que impõe aos homens a possibilidade de dominar a natureza, valendo-se da técnica e a esta a submissão a um plano organizacional, no sentido de garantir à humanidade a satisfação de suas necessidades, tanto material como espiritual, *deságua*, inevitavelmente, na enorme tarefa de livrar as potencialidades humanas das amarras da opressão, da exploração, da limitação e, ao mesmo tempo, de todas as barreiras que atravancam a capacidade criadora do gênero humano.

Em liberdade, toda potência espiritual individual e coletiva se encontrará solta para correr ao sabor de suas necessidades e de seus desejos. Nessas circunstâncias, o trabalho, a ciência, a arte, a educação e a cultura estarão livres do jugo que lhe esmaga. Somente pondo fim às forças do capital, da competição do mercado mundial que está a serviço da acumulação individual da riqueza e do louvor a propriedade privada dos meios de produção, os homens poderão competir, não para subjugarmos outros, mas livres para fazerem avançar o progresso da humanidade.

É bem verdade que nem nos dias de ontem, nem nos de hoje, tampouco nos de amanhã, seja possível um mundo onde haja liberdade absoluta e plena para os indivíduos, pois sempre haverá barreiras e desafios à vida. A consciência das necessidades e as possibilidades materiais para satisfazê-las serão o diferencial numa sociabilidade socialista, quando até a competição entre as pessoas, agora sem as *algemas* do egoísmo individual, marca do capitalismo, transbordará do interesse pessoal para a fruição da necessidade coletiva.

A educação sob o primitivismo era espontânea e desinteressada, voltada para a coletividade, mas com limitado domínio sobre a natureza, os homens só tinham os dias e as noites presos no imediatismo das suas necessidades. Por dentro da sociabilidade dividida em

classes, ela passa a ser violenta e interessada em resposta às demandas da classe dominante e, ao mesmo tempo, a contenção dos dominados.

A educação, sob o manto do capitalismo, prende-se a duas funções fundamentais, ambas para atender às necessidades econômicas e políticas da burguesia. A primeira, que busca enquadrar o mundo e seu movimento às especificações da economia de mercado pela acumulação de riquezas mediante competição desenfreada entre as pessoas. A segunda, em unidade com a primeira, busca harmonizar os indivíduos a esse mundo e controlá-los.

No socialismo, como primeira fase do comunismo, ainda não é possível aos trabalhadores ter atendidas suas necessidades porque não podem produzir de acordo com suas capacidades por estarem presos às determinações históricas da violência de classe. A educação, sem se desligar das determinações econômicas — as forças produtivas — e sendo imposta pela classe que pelo seu número e posição social pode representar o futuro, com uma direção saída do seio da classe revolucionária, pode exercer um papel relevante na superação do capitalismo e se revelar imprescindível nesse período de transição.

Trotsky costumava afirmar que as revoluções são impossíveis, mas tão somente até se tornarem inevitáveis. Podemos por esse fio dizer que a construção do partido e uma direção revolucionária são igualmente impossíveis até o momento que se torne imprescindíveis.

Diante dos desafios, afirmamos, também, que superar o capitalismo percorrendo uma jornada até o socialismo se converte numa tarefa descomunal para a classe operária e todos os oprimidos e deserdados, mas como nem um peso é levado aos ombros sem propósito, e ao preço de esforço e sofrimento, essa transição cada vez mais se torna inadiável.

O bafo mortífero da barbárie do capitalismo em crise sopra na nuca da humanidade. Não avançar significa asfixiar a vida pelo ar contaminado da estupidez, hipocrisia, ignorância, violência e obscuridade. Por isso é preciso construir uma transição ao socialismo, mesmo que imbuída de enormes desafios, incertezas e perigos para os oprimidos. Isso significa a possibilidade de progresso, a vida com dignidade e liberdade. Dito de outra forma, as revoluções são impossíveis até se tornarem inevitáveis. Junto a isso acrescentamos a construção do partido revolucionário, ou seja, a direção do proletariado é impossível até se tornar imprescindível, e, da mesma forma, a transição ao socialismo é impossível até se impor inadiável.

REFERÊNCIAS

ABENDROTH, Wolfgang. **A História Social do Movimento Trabalhista Europeu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Fernando A. S. **Sobre o Centésimo Aniversário de August Thalheimer 18 de Março de 1884 — 19 de Setembro de 1948**. Primeira Edição: artigo publicado no jornal "Arbeiterpolitik", de 18.03.1984. (Tradução livre) Fonte: Centro de Estudos Victor Myer. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/thalheimer/1984/03/18.htm>>. Acesso em: dez./2018.

BAUER, Carlos. **Introdução crítica ao humanismo dialógico de Paulo Freire**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

BROUÉ, Pierre. **História Da Internacional Comunista 1919-1943: A Ascensão e a queda**. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

DOCUMENTOS DE FUNDAÇÃO DA IV INTERNACIONAL: Congresso de 1938. São Paulo: Sundermann, 2008.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2ª Ed. São Paulo: Instituto Jose Luís e Rosa Sundermann, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital, 1848-1875**. 23ª ed.- São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ITURBE, Alejandro. **O Sistema financeiro e a crise da economia mundial**. São Paulo, Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

JIMENEZ, S. V; RABELO, J.J.; MENDES SEGUNDO, Maria Das Dores. (org.). **Marxismo, Educação e luta de classes**: pressupostos ontológicos e desdobramentos ideo-políticos. Fortaleza, EdUECE, 2010.

LENINE, V. I. **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. Tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento; supervisão editorial de Ester Vausman. São Paulo/SP: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão popular, 2008.

_____. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **A Ideologia alemã**. SP, Boitempo Editorial, 2009

MESZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MORENO, Nahuel. **Lógica marxista e ciências modernas**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2007.

NOVACK, George. **Introdução à lógica marxista**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. Tradução de José Severo de C. Pereira. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx**. Trad. Port. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2001.

SAGRA Alicia. **A internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

SAMPAIO JUNIOR, P. S. A. (org.). **Capitalismo em Crise: A Natureza e Dinâmica da Crise Econômica Mundial**. São Paulo: Editora Sundermann, 2009.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10ª Ed Campinas: Autores Associados, 2008.

TROTSKY, Leon. **A arte da insurreição**. Organização de textos e apresentação Carlos Bauer. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.

_____. **A revolução traída**, São Paulo: Editora Sundermann, 2005.

_____. **História da Revolução Russa. Tomo Um**. São Paulo: Sundermann, 2007a [1930].

_____. **História da Revolução Russa. Tomo Dois**. São Paulo: Sundermann, 2007b [1930].

_____. **Lições de outubro**. São Paulo. Editora Sundermann. 2007c.

_____. **O programa de transição para a revolução socialista**. São Paulo: Editora Sundermann, 2008.

_____. **Questões do modo de Vida. A moral deles e a nossa**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

_____. **STALIN, o grande organizador de derrotas - A III Internacional depois de Lênin**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

_____. **A teoria da revolução permanente.** São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2011.

_____. **Revolução e contrarrevolução na Alemanha.** São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2011.

_____. **Literatura e Revolução.** Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Edição digital: fevereiro 2013. Disponível em:
<https://gremiojovenspensadores.files.wordpress.com/2017/04/literatura-e-revolucao-leon-trotsky.pdf>. Acesso em: Dez./2018.

_____. **Minha vida.** São Paulo. Editora Sundermann. 2017.

SCHWAB, Klaus Schwab. **A Quarta Revolução Industrial.** São Paulo: Edipro, 2016.